



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**FRANKLIN AUGUSTO SOARES DA SILVA**

**TRAJETÓRIA DE ATIVISTAS DE DIREITA NO ESTADO DO CEARÁ**

**FORTALEZA**

**2023**

FRANKLIN AUGUSTO SOARES DA SILVA

TRAJETÓRIA DE ATIVISTAS DE DIREITA NO ESTADO DO CEARÁ

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Gentile.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S654t Soares da Sila, Franklin Augusto.  
Trajetória de ativistas de direita no estado do Ceará / Franklin Augusto Soares da Sila. – 2023.  
194 f.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. Fabio Gentile.
1. trajetórias. 2. nova direita. 3. bolsonarismo. 4. conservadorismo. 5. liberalismo. I. Título.  
CDD 301
-

FRANKLIN AUGUSTO SOARES DA SILVA

TRAJETÓRIA DE ATIVISTAS DE DIREITA NO ESTADO DO CEARÁ

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Gentile.

Aprovada em 28/04/2023

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Monalisa Soares Lopes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Francisco Josênio Camelo Parente  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. José Raulino Chaves Pessoa Júnior  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Fabio Gentile  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao meu pai,

Vanderlei Soares da Silva

## AGRADECIMENTOS

Foram seis anos entre o início e a finalização do trabalho e uma pandemia no meio de tudo. Agradeço à minha mãe, minha irmã e ao meu falecido pai pelo apoio irrestrito aos meus estudos. Sem eles eu sequer teria chegado na metade do caminho.

Agradeço à Camila Queiroz pela parceria (e pela paciência), e por ter me dado o melhor presente que pude receber nesses anos todos – meus dois gatos, Princesa e Zen, que tentaram colaborar “escrevendo” a tese.

Às amigadas dentro e fora da academia, como Felipe Cardoso, Édson Bessa e Renan Andrade. Ivan de Oliveira, pelas trocas de materiais e de ideias. Foi muito importante ter uma parceria que dialogasse sobre o mesmo tema. Marcos Giovani, pelos insights trazidos à luz da questão racial. À professora Geísa Mattos, muito generosa e acolhedora. Jamais esquecerei das leituras riquíssimas que fizemos durante sua disciplina. Extendo os agradecimentos aos professores Alba Carvalho, Clayton Cunha, Irllys Barreira, Jakson Aquino, Jawdat Abu El Haj e Leonardo Sá.

Destaco o aprendizado obtido pelos “testes” feitos em eventos e grupos de estudos. Agradeço ao Observatório da Extrema Direita (OED) na figura dos professores David Magalhães (PUC/SP) e Odilon Caldeira Neto (UFJF) pelo riquíssimo debate teórico desenvolvido sobre as noções de direita, fascismo e populismo comparando a esfera nacional e internacional. Agradeço aos debatedores presentes no primeiro e segundo Simpósio das Direitas Brasileiras e nos encontros da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

Por fim, quero agradecer aos membros da banca de qualificação e da defesa do texto final. Alba Carvalho sempre muito carinhosa e atenta; Monalisa Soares pelas observações metodológicas que me ajudaram a redirecionar a pesquisa; Raulino Chaves pelas indicações precisas; Josênio Parente pela leitura inspirada e Fabio Gentile pela orientação respeitosa e dedicada.

Não é demais lembrar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“A agenda apresentada a cada geração é sempre, em boa parte, apresentada pelo passado” (THOMPSON, 1981, p. 152)

## RESUMO

Examinaram-se as motivações que levam ativistas de direita a adotarem ideias políticas liberais e conservadoras, bem como a se organizarem em movimentos políticos. Partiu-se do pressuposto de que experiências sociais profundamente enraizadas formam *disposições* de pensar e agir (Lahire, 2004) que posteriormente são mobilizadas politicamente. Para isso, utilizou-se a abordagem de análise de trajetória. O principal método de análise consistiu em entrevistas semi-estruturadas com ativistas bolsonaristas, sendo o material bibliográfico secundário para esse propósito. Questionou-se a pertinência da socialização em pelo menos três esferas sociais: família, escola e campo político. Conclui-se que esses campos foram importantes para formar formas de pensar e agir articuladas com os discursos bolsonaristas. Em um caso, a condição social de classe média, bem como a formação escolar, permitiu o florescimento de uma disposição *individualista* que naturalmente se atrelou a uma matriz discursiva *meritocrática*. No outro, a centralidade da família e a trajetória de vida empobrecida resultaram em uma disposição de *cuidado social* fortemente atrelada a ideologia *familista*. Nos dois casos houve momentos de hibernação dessas *disposições*. Também percebeu-se a presença de contextos favoráveis ao seu aparecimento no campo político, entre os quais a crise econômica e política, atreladas à esquerda e ao PT, e a mediação das redes sociais.

Palavras-chave: trajetórias; nova direita; bolsonarismo; conservadorismo; liberalismo.

## ABSTRACT

The motivations that lead right-wing activists to adopt liberal and conservative political ideas, as well as to organize themselves into political movements, were examined. It was assumed that deeply rooted social experiences form dispositions to think and act (Lahire, 2004) that are later mobilized politically. For this purpose, a trajectory analysis approach was utilized. The main analysis method consisted of semi-structured interviews with Bolsonaro supporters, with secondary bibliographic material serving this purpose. The relevance of socialization in at least three social spheres was questioned: family, school, and political field. It is concluded that these fields were important for shaping ways of thinking and acting aligned with Bolsonaro's discourses. In one case, the middle-class social condition, as well as educational background, allowed the flourishing of an individualistic disposition that naturally linked to a meritocratic discursive matrix. In the other case, the centrality of the family and a impoverished life trajectory resulted in a social care disposition strongly tied to familist ideology. In both cases, there were moments of hibernation of these dispositions. It was also observed the presence of favorable contexts for their emergence in the political field, among which are the economic and political crisis linked to the left and the PT, and the mediation of social networks.

Keywords: trajectories; new right; bolsonarism; conservatism; liberalism.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
1.1 – Introdução à introdução – “quando novos atores entraram em cena” .....	10
1.2 – “Por que novos atores entraram em cena?” .....	11
1.3 – Elementos para a definição do “bolsonarismo” .....	17
1.4 – Abordagens para uma virada à direita .....	23
1.5 – Divisão do trabalho.....	33
2 – Metodologia.....	34
2.1 - Trajetórias de vida.....	34
2.2 - Sobre a ideologia, psicanálise e <i>frames</i> .....	40
2.2.1 – Ideologias .....	40
2.2.2 – Frames .....	58
2.2.3 – O lugar das pulsões na política: a abordagem psicanalítica .....	61
2.2.4 – A teoria disposicional de Bernard Lahire .....	67
2.2.5 – Em busca de referências teóricas.....	73
2.3 – A prática: desenho de pesquisa, instrumentos e percurso metodológico .....	74
2.3.1 – Desenho de pesquisa.....	74
2.3.2 – Percurso .....	78
3. Trajetória de ativistas de direita do Ceará .....	79
3.1. Eleitorado e ativismo pró-Bolsonaro .....	79
3.2 “Quem é quem?”: a direita no Ceará.....	97
3.3 – Marta.....	106
3.3.1 – Disposição individualista: capitalismo e livre mercado .....	106
3.3.2 – Conspiracionismo, pós-verdade .....	115
3.3.3 – Disposições e frames: engajamento, formação política .....	131
3.3.4 – O que podemos aprender com Marta.....	147

3.4 – Gisele.....	149
3.4.1 – Disposições de classe – trabalhadora e de direita.....	150
3.4.2 - Gisele e a disposição “familista” cristã.....	166
3.4.3 – O que podemos aprender com Gisele.....	173
4. Considerações finais.....	176
Referências.....	183

## 1. Introdução

### 1.1 – Introdução à introdução – “quando novos atores entraram em cena”

Em um quadro do programa “Viva o Gordo”, produzido pela TV Globo nos anos 80, o humorista Jô Soares interpretava um general acamado em um hospital que acordava após anos de coma. A cada episódio ele recebia informações sobre a política e a economia de um Brasil que ele desconhecia – incluindo a passagem do poder para os civis. Desesperado, ele soltava o bordão “me tira o tubo!”.<sup>1</sup> Difícil conceber um cenário no qual esse personagem fosse tão relevante quanto hoje. Entendo que os acontecimentos da última década – tomando como ponto de partida as revoltas de Junho de 2013 – foram os mais importantes desde a redemocratização do país. Foi uma espécie de “conjuntura crítica”<sup>2</sup>: um espaço de tempo no qual os eventos precedentes afetam de maneira brutal os eventos seguintes. Além de limitar os futuros acontecimentos, os eventos de uma conjuntura crítica possuem um impacto maior do que aqueles observados em outros momentos. Não por acaso, nos sentimos atordoados pelo constante fluxo de fatos jurídicos, da redefinição de papéis políticos e da ascensão e queda repentina de personagens e de grupos políticos que pareciam sólidos.<sup>3</sup>

Em meio a tudo isso, “descobre-se” uma “nova direita” brasileira. Seja pela ausência de instrumentos metodológicos, pelos poucos estudos sobre as direitas, ou mesmo por seu caráter inovador, houve – e ainda há – uma grande incompreensão a respeito de quem compõe essa “nova direita”: qual o perfil dos ativistas; de quais grupos estamos falando; quais suas lideranças; quais suas ideias, discursos e narrativas; que tipo de estratégias são mobilizadas nas ruas e nos ambientes virtuais. Desta-se uma questão específica que será encaminhada nesse trabalho: o que mobiliza o engajamento desses indivíduos? Por que eles aderem a determinado

---

<sup>1</sup> “ME TIRA O TUBO' Mais um general. Este sofreu um acidente no dia da posse de João Figueiredo, o último presidente da ditadura militar. O general acorda do coma anos mais tarde, durante um governo civil e, ao descobrir como o Brasil mudou, pede para que o seu médico e a enfermeira removam o tubo que o liga aos equipamentos do hospital. "Eles botaram um civil na presidência? Me tira o tubo. Eu não aguento isso." Ver FOLHA DE SÃO PAULO. “Relembre todos os bordões de Jô Soares, de ‘beijo do gordo’ a ‘bota ponta, Telê’”. 5 ago. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/08/relembre-os-bordoes-de-jo-soares-de-beijo-do-gordo-a-muy-amigo.shtml>. Acesso 23 ago. 2025.

<sup>2</sup> “In these formulations, *critical junctures* are periods when a particular option is selected from a range of alternatives, thereby channeling future movement in a specific direction. Through this channeling process, critical junctures narrow the range of possible future outcomes. In essence, then, a new sequence begins with the critical juncture; initial conditions exist prior to the start of this sequence.” (Mahoney e Schensul, 2006, p. 460)

<sup>3</sup> As mobilizações de Junho de 2013; a ascensão de grupos liberais e conservadores antipetistas; ciclo de protestos de 2014 a 2017; processo de impeachment de Dilma Rousseff; a condenação e prisão do ex-presidente Lula; a ascensão e queda da Lava Jato e de Sérgio Moro; a ascensão e eleição de Jair Bolsonaro; sua derrota após dois anos de pandemia e crise econômica; eleição de Lula, outrora preso e possível candidato ao ostracismo.

conjunto de ideias, discursos e pautas políticas? O que leva esses ativistas a se autodenominarem de direita, liberal, conservador ou “bolsonarista”? Entendo que há a formação de novas subjetividades políticas que podem ser explicadas pela trajetória social desses indivíduos conectados com as profundas transformações sociais, econômicas e políticas pelas quais o país vem passando. Entendo que há uma *disposição* (Lahire, 2004) para pensar e agir desse modo formada em uma camada pré-reflexiva dotada de potência política e que fora desenvolvida pelo lento e repetitivo processo de socialização em determinados campos sociais – família, escola, trabalho e organização política. Entendo também que é no campo político que as tensões internas se expressam. A configuração de novos atores políticos, portanto, é uma resultante da incorporação dessas divisões e individuações politicamente constituídas nesses e através desses campos. Por meio da análise da trajetória de ativistas políticos bolsonaristas busca-se compreender o desenvolvimento de *disposições* sociais (Lahire, 2004) cotejando as transformações sociais observadas nesses espaços e os reflexos sobre a individuação e subjetivação que incide no campo político.

Antes de desenvolver melhor o objeto, na próxima seção faço uma breve descrição dos atores da “nova direita”, esboçando o contexto político, econômico e social global que possibilitaram que emergissem.

## 1.2 – “Por que novos atores entraram em cena?”

Um dos principais desafios dos estudiosos de movimentos sociais é compreender a gênese do que vem sendo chamado de “nova direita” brasileira. A produção desse subcampo acadêmico nas últimas décadas voltou-se para movimentos cujas pautas ou estratégias são consideradas progressistas ou de esquerda. Isso geralmente é explicado por duas razões. Primeiro, esses estudos não só buscam analisar, como também promover politicamente esses atores, abrindo espaços de divulgação pública para vocalização de suas demandas. Predominava a escolha de um certo perfil de associativismo, pela proximidade ideológica entre os atores sociais e estudiosos. Em segundo lugar, o baixo número de manifestações e organizações de direita com impacto significativo na agenda pública pós-regime militar contribuíram para uma menor atenção da academia. Houve inclusive quem definisse a sociedade civil brasileira como essencialmente positiva (Alonso, 2009; Gurza-Lavalle, 2003).

As manifestações antipetistas que compuseram o ciclo de 2014-2016<sup>4</sup> revelaram uma gama de atores, pensamentos e formas de expressão que se pensava estar restrita aos guetos virtuais da internet. Dali em diante, a chamada “nova direita” tornou-se tema recorrente em simpósios, conferências, mesas redondas, dossiês e análises políticas em geral.

Cepeda (2018) aponta três do uso da expressão “nova direita” no Brasil. Primeiro, a dificuldade de delimitar teoricamente a raiz ideológica que a separa da esquerda; segundo, identificar o marco temporal que diferencia uma “nova” da “velha” direita; e terceiro, definir a singularidade da direita brasileira diante do contexto internacional. (2018, p. 41).

Para Berlanza (2017), a “nova direita” é uma reapresentação em nova roupagem de ideias liberais e conservadoras que circularam ao longo da história brasileira. Elas foram fundamentais na consolidação da monarquia e submergiram da cena política com o golpe republicano de 1889 e o desenvolvimento de um Estado inchado, populista e autoritário nas mãos do varguismo; ressurgiu no período anterior ao golpe de 64 nas vozes dos representantes udenistas e voltou a ser tragada pelos militares que sufocaram a representação popular. Ressalta, portanto, que sua novidade não se encontra nas ideias, mas “porque ela representa um marco de resistência a uma sucessão de décadas em que essas correntes permaneceram no ostracismo” (Berlanza, 2017, p. 10). A direita ou “nova direita” é representada por uma constelação de ideias que podem se movimentar desde uma raiz continental tradicionalista e religiosa até o liberalismo conservador burkeano próprio da matriz de pensamento anglo-saxão (Berlanza, 2017, 12). É bastante característico que os atores atuais sejam fruto da oposição sistemática a governos de esquerda e que tenham conquistado seu lugar no “mercado de ideias” pelo apreço à leitura e pela circulação de teses no meio digital. Para Miguel (2018), essa multiplicidade quase inesgotável convergem no Brasil atual para três vertentes “cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo em comum” (Miguel, 2018, p. 18). São eles o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo. O libertarianismo é uma corrente política e filosófica originária da chamada Escola Austríaca e que prega a defesa intransigente da liberdade individual e, no seu extremo, na vinculação do poder no direito de propriedade. O fundamentalismo religioso se ancora na representação política e midiática de setores pentecostais e neopentecostais que defendem uma agenda moral tradicionalista e

---

4 “Ciclo de protesto”, segundo Tarrow (2009), consiste em uma erupção de manifestações em um determinado período de tempo, com inovação nos repertórios de protesto, bem como nos instrumentos de difusão e comunicação. O ciclo tende a incorporar setores antes não mobilizados ou organizados, intensificando o confronto e exigindo novas respostas dos poderes confrontados (Tarrow, 2009, p. 182). Para uma caracterização dos ciclos de protestos recentes no Brasil ver Alonso (2017) e Tatagiba (2014).

conservadora. O anticomunismo reacendeu-se após a “onda rosa” na América Latina (Levitsky e Roberts, 2011) e o perigo representado pelo “novo socialismo” Venezuelano.

Assim, é válido pensar que a direita é uma força política e ideológica sólida, que possui uma vasta e complexa produção de ideias e que tem tradição na ocupação de espaços políticos institucionais e sociais. Pensar a “nova direita” brasileira implica em compreender os mecanismos institucionais e de contexto que permitiram o florescimento de uma versão daquilo que já era conhecido em outros tempos. Chaloub e Perlatto (2016) propõem seis hipóteses nesse sentido. Primeiro, a influência de um fenômeno global de redirecionamento da direita após o fracasso do neoconservadorismo de matriz liberal e pragmática; em segundo lugar, o distanciamento temporal da ditadura militar permitiu que os adeptos do antiesquerdismo abraçassem de forma mais confortável esse tipo de identificação sem serem taxados de reacionários ou autoritários; terceiro, a “nova direita” pode ter se beneficiado da ampliação de canais de comunicação fora do *mainstream*, especialmente pela publicação em novas editoras ou pelo espaço obtido nos meios digitais; quarto, o fortalecimento de uma rede de movimentos e *think tanks*; em quinto lugar, a oportunidade política aberta pelo fracasso da esquerda institucional em promover mudanças estruturais na composição de classe no Brasil ou mesmo pela péssima imagem pública de alguns de seus quadros envolvidos em escândalos de corrupção; sexto, a crise do sistema partidário abriu outra oportunidade: a ascensão de atores políticos *outsiders* com práticas e discursos políticos contrários ao próprio “sistema” ao qual estão inseridos.

Rocha (2021) argumenta que a crise do presidencialismo de coalizão e do pacto partidário sustentado pela oposição entre PT e PSDB criou oportunidades para o surgimento de novos atores que demandavam mais espaço de interlocução por meio de fóruns alternativos de comunicação tais como fóruns e canais da internet. Ao mesmo tempo, o novo contexto de estabilidade democrática – cada vez mais distante da realidade do regime militar – e a hegemonia da esquerda nas administrações presidenciais entre 2003 e 2010 fez com que os adeptos da direita perdessem a vergonha de dizer seu nome. Para isso, ganhou êxito uma roupagem que combina o ultraliberalismo nas pautas econômicas e o conservadorismo nas pautas morais (Rocha, 2021, p. 21). É característico dessa nova geração um perfil mais jovem, composto por universitários ou profissionais liberais, o que contrasta com a militância empresarial mais velha que liderava os *think tanks* até então. Ao mesmo tempo, as novas formas de comunicação possibilitaram uma organização mais horizontal e descentralizada, formando uma rede cujos vários pontos regionais possuem relativa autonomia (Rocha, 2017a).

Do mesmo modo, Codato, Bolognesi e Roeder (2015) definem a “nova direita” como um produto renovado da velha direita composta pelo binômio liberalismo econômico e tradicionalismo moral, porém ajustado à realidade política de hegemonia da esquerda em que se aceitam determinadas políticas sociais. “A nova direita” busca-se desvencilhar do regime militar como modelo de governo (idem, p. 121)<sup>5</sup>.

A eleição de Jair Bolsonaro à presidência da república em 2018 – puxando consigo um grande número de “bolsonaristas” na Câmara e no Senado – representou a grande vitória dessa direita. Ela também ajudou a compreender os diversos grupos que a compõe: liberais, intervencionistas, monarquistas, olavistas, conservadores, direita-cristã, lava-jatistas e antipetistas de um modo geral.

Os *liberais* defendem a diminuição do tamanho do estado, o respeito radical aos direitos individuais e da livre-iniciativa. Em três princípios, o direito à vida, liberdade e propriedade. Seguem preceitos da escola austríaca e da escola de Chicago. Diferem-se do que chamo de “liberalismo pragmático”, pois defendem a redução ou extinção do Estado como imperativo moral, não o reduzindo a produção de resultados puramente objetivos. Por isso também são chamados de ultraliberais, super liberais, libertários e libertários de direita. No texto, sempre que chamar por algum desses nomes estarei fazendo referência ao mesmo grupo, a não ser quando especificado. Possuem várias correntes internas, como os autodenominados liberais, minarquistas e anarcocapitalistas.

Os *intervencionistas* são saudosos do regime militar, pregam a intervenção das forças armadas amparando-se em uma interpretação equivocada do artigo 142 da constituição.<sup>6</sup> Os *monarquistas* tem como principal liderança o atual deputado Luiz Philippe de Orléans e Bragança, um dos herdeiros da família imperial. Para eles, a república foi um erro. Defendem a volta da monarquia em bases constitucionais. Os *olavistas* são seguidores de Olavo de Carvalho, filósofo e ensaísta bastante conhecido nos circuitos conservadores da internet. Argumentam que há uma crise cultural histórica provocada pela hegemonia das esquerdas nos

---

<sup>5</sup> “Para resumir o argumento: a velha direita latina pode ser enquadrada em três *statments*: i) ligação com as ditaduras militares; ii) defesa radical da não intervenção do Estado na economia; iii) defesa da moral cívica e da família tradicional. A nova direita, que surge como resposta dupla à velha e à ascensão da esquerda também em três: i) liberalismo econômico, com intervenção limitada do Estado na economia para garantir igualdade de oportunidades; ii) defesa da democracia; iii) defesa radical dos valores da família tradicional.” (Codato, Bolognesi e Roeder, 2015, p. 127)

<sup>6</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. “Câmara emite parecer esclarecendo que artigo 142 da Constituição não autoriza intervenção militar”. 04 jun. 2020. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/667144-camara-emite-parecer-esclarecendo-que-artigo-142-da-constituicao-nao-autoriza-intervencao-militar/>. Acesso em 01 jul. 2024.

meios educacionais, culturais e midiáticos. Compõem aquilo que chamo de *reacionarismo*, uma espécie de “revolucionarismo conservador” que prega um retorno a uma ordem social ocidental que foi tragada pelo avanço da história (Lilla, 2018).

Os *lava-jatistas* são apoiadores da operação Lava-Jato. Têm como principal pauta a “limpeza ética” da política por meio do banimento de políticos corruptos e da introdução de mecanismos legais de prevenção e combate à corrupção. Seu principal ídolo é Sérgio Moro, juiz à frente da operação e ex-ministro da Justiça. A *direita-cristã* é composta de segmentos da igreja católica (sobretudo Renovação Carismática) e, principalmente, igrejas pentecostais e neopentecostais engajadas na política. Consideram que as políticas implementadas pelas esquerdas enfraquecem o modelo de família-cristã interpretado com base na Bíblia. Seguem pautas e diretrizes muito semelhantes à direita-cristã norte-americana (Lacerda, 2018).

Os *conservadores* reúnem diferentes sujeitos dos grupos citados anteriormente (principalmente olavistas, monarquistas e direita-cristã). Atuam principalmente no plano moral, acreditando que há uma degeneração dos valores tradicionais. Assim como os liberais, dividem-se em várias correntes internas ainda não muito bem definidas. Quando se aproximam do pensamento liberal, defendem a liberdade do indivíduo contra o Estado e o realismo político antirrevolucionário. Quando se aproximam do pensamento olavista, tendem a defender posturas mais agressivas de combate à esquerda e pautas mais idealistas.

Conjunturas críticas proporcionam o surgimento de novos atores, novas formas de associação e ideias políticas. Éder Sader escreveu “Quando novos personagens entraram em cena” (1988) pensando sobre a transição da ditadura militar para a democracia com a incorporação de novos atores políticos e novas demandas. Sader (1998) analisou discursos e formas de organização que se tornaram chave para a chamada “nova república”, como o “novo sindicalismo” e o PT, os movimentos comunitários de base e aqueles que saíam de setores progressistas da igreja católica. Como pano de fundo, havia em curso um processo de globalização e explosão das desigualdades sociais proporcionadas pelos saldos das políticas econômicas do regime militar em choque com as crises do período (Stepan, 1988).

Se nessa época assistíamos à desconstrução da sociedade brasileira apoiada no regime militar e a lenta construção da “nova república”, hoje assistimos à brutal desconstrução da “nova república” rumo a um modelo ainda incerto. Assim como antes, fatores internacionais e estruturais se combinam com fenômenos e circunstâncias nacionais.

Há pelo menos três grandes camadas em injunção. Na primeira delas, a crise global do capital enfrentada no fim dos anos 2000 que se agudizou nos mercados periféricos e vem

transformando o mundo do trabalho de forma brutal (Harvey, 2016). No Brasil, vemos um aumento da precarização do trabalho e da dilapidação das pequenas conquistas sociais das últimas décadas (Braga, 2017).

Essa crise impacta diretamente a segunda camada, mais interna, precisamente a que nasce das mediações políticas e institucionais. Embora possamos admitir que a crise da democracia é um lugar comum desde que existe democracia liberal, atualmente os alicerces desse modelo encontram-se mais ameaçados do que nunca, com rachaduras em países com longa tradição democrática. Europa e EUA assistem o avanço do populismo, de novas formas de mediação da política e uma espécie de “crise epistêmica” que se revela na frágil sustentação dos sistemas de verificação dos fatos (Levitsky e Ziblato, 2018; Castels, 2018).

Por fim, ambas as camadas convergiram e provocaram um deslizamento nas bases de sustentação dos governos petistas. A crise alimentou forças de oposição, criando um cenário de instabilidade institucional, com um vazio ideológico e ausência de aderência às forças políticas em torno das quais orbitava a política brasileira (Nobre, 2013; Singer, 2018). Sintoma mais externo, porém bastante visível desse processo, foi a demolição do sistema partidário como nós conhecíamos, estruturado na polarização moderada entre centro-esquerda e centro-direita. A crise de confiança no sistema político por conta da operação Lava-Jato destruiu lideranças políticas tradicionais e elevou *outsiders* ao primeiro plano. A “nova política” e seu discurso de negação das formas institucionais de mediação entre os poderes – falo especificamente do “presidencialismo de coalizão” – gera dúvidas sobre o futuro da democracia brasileira (Abranches, 2018).

Segundo Pinheiro-Machado (2019), devemos pensar as mudanças nas subjetividades políticas em conjunto com transformações globais de rápido alcance. Primeiro, a crise da economia mundial cujo epicentro se deu em Wall Street em 2008. Podemos dizer que foi o efeito da política de prorrogação da expansão fiscal e monetária do Estado em um momento de queda progressiva da taxa de lucro do capital (Streeck, 2013; Streeck, 2016). Seu efeito mais imediato, portanto, foi a retração fiscal e a incapacidade do Estado de continuar promovendo políticas públicas de distribuição de renda e de consumo. Esse processo afetou principalmente as classes populares brasileiras que vinham experimentando uma elevação do seu padrão de vida em decorrência da expansão do crédito, da elevação real do salário mínimo, da oferta de empregos formais e de políticas de redistribuição de renda. Como definirá Pinheiro-Machado (2019), essa receita foi importante para assegurar uma auto-valorização das classes populares, mesmo que em bases precárias, já que não alterou as bases de uma sociedade

historicamente desigual e hierárquica. Vimos o aumento do desemprego, jovens empurrados para ocupações informais ou precarizadas devido a informatização das relações de trabalho (“uberização”), o aumento da desigualdade, da pobreza e da fome. Segundo, uma crise sistêmica da democracia política e suas instituições. Os executivos e parlamentos ao redor do mundo sofreram com a ausência de legitimidade, a crise de representação e a crença de que são comandados por elites econômicas globais que não são responsivas à grande maioria da população. No Brasil, isso foi visto de perto com as condenações tardias do caso Mensalão (2012) e com os desdobramentos da grande Operação Lava Jato (2014). A crise republicana atingiu os principais partidos brasileiros e afetou decisivamente a imagem de lideranças tradicionais. Terceiro, o desenvolvimento de novas e poderosas ferramentas digitais de comunicação que alteraram radicalmente a experiência política do sujeito comum que substituiu as antigas mediações (mídia tradicional impressa, rádio e TV) pelas redes sociais nos seus smartphones (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.). Ainda é cedo para compreender o impacto dessa “nova era” digital, porém é notório perceber que a noção de verdade se esfacela quando um indivíduo constrói sua interpretação dos acontecimentos apenas dentro desses ecossistemas digitais fechados e pouco permeáveis a crítica externa (Cesarino, 2021). O argumento de Pinheiro-Machado (idem), portanto, gira em torno da experiência de trabalho cada vez mais precarizada de amplos segmentos da população, da instabilidade econômica, da perda de otimismo em relação ao futuro, atrelando a piora da suas condições de vida à corrupção endêmica de elites políticas e econômicas. Ao mesmo tempo, o ambiente em redes virtuais, acessíveis e de amplo alcance, constituem um terreno fértil para a mobilização dessas insatisfações pela extrema-direita. Essa junção de elementos ajuda a explicar, por exemplo, como “sujeitos normais” aderiram ao projeto de extrema-direita capitaneado por Bolsonaro.

### 1.3 – Elementos para a definição do “bolsonarismo”

As expressões nativas comumente utilizadas são “direita”, “conservador” ou em menor medida “liberal”. Já representa um avanço diante da “direita envergonhada”, aquela que tinha medo de dizer seu nome nas últimas décadas. Entretanto, é necessário examinar mais de perto a miríade de expressões desse amplo campo que denominamos de “direita”. Se formos levar em consideração que as palavras ditas pelos informantes não podem ser tidas como verdades objetivas sem o exame crítico e objetivo do pesquisador, então devemos efetuar esse procedimento.

Von Beyme (1988) em estudo clássico já apontava para a dificuldade de definição das direitas europeias no pós-guerra. O conservadorismo, inicialmente de matriz liberal, abraçou pautas de movimentos tradicionalistas ou reacionários, borrando essas fronteiras. O próprio nazi-fascismo é a prova da união entre uma volta a um passado nostálgico e mítico com uma ode ao progresso tecnológico e industrial que marcou a entrada no século XX. Beyme descarta chamar os movimentos do pós-guerra de propriamente fascistas ou totalitários, pois tratam-se de formas estatais específicas e historicamente constituídas. Entretanto, enxerga uma profunda continuidade dos ideais dos novos movimentos que apenas se metamorfosearam e se adaptaram a um novo contexto de demandas democráticas e repressão ao nazi-fascismo<sup>7</sup>. Ele prefere utilizar “extrema-direita” como um marcador, já que esses grupos, movimentos e partidos se diferenciam de forças tradicionais de direita que buscavam se desvencilhar do passado sombrio que ainda rondava a Europa.

Ainda segundo Von Beyme (1988), a Europa passou por três ondas de extrema-direita nesse período. A primeira correspondeu exatamente à sobrevivência do nazi-fascismo à repressão dos Aliados no pós-guerra. A Itália obteve mais sucesso devido a um passado menos sangrento e uma ocupação menos rigorosa dos Aliados. Apesar de haver na Alemanha uma forte perseguição aos criminosos de guerra e a tudo que se vinculasse ao passado nazista, muitos dos seus filiados permaneceram ou foram reconduzidos a cargos civis no serviço público. A segunda acompanhou a formação de movimentos populistas como o Poujadismo francês de caráter anti-liberal e que ambicionavam defender o “homem comum” dos problemas sociais provocados pelas elites. A terceira onda ocorreu na crise econômica nos anos 70 e 80 e conquistou muitos adeptos por isso. A Frente Nacional na França é o caso emblemático. Aliado a isso encontramos o nascimento de movimentos intelectuais como as “nova direita” francesa e italiana que disputavam a hegemonia no plano cultural. Também ficou marcado uma progressiva normalização desses grupos pela demonização da extrema-esquerda que ainda praticava ações diretas na Itália e na Alemanha, por exemplo.

Existe um extenso e árido debate sobre o fascismo. Varia entre aqueles que preferem tomá-lo como fenômeno histórico circunscrito ao entre guerras na Europa e aqueles que o consideram uma forma de expressão política que se difundiu pelo mundo no pós-guerra.

---

<sup>7</sup> Esse é o caso para o MSI italiano, que defendia a restauração da República de Saló; o efêmero NPD alemão, uma espécie de reconstituição do partido nazista; e, principalmente, a Frente Nacional francesa amparada pela renovação intelectual do movimento “nova direita” francesa de Alain de Benoist, que como será visto tem semelhanças no modo de se proceder das direitas norte-americanas e das brasileiras.

Mesmo se aceitando sua pertinência nos dias atuais, resta a questão de como defini-lo de maneira precisa para não se cair no risco de ver fascismo em tudo (de passagem, o mesmo mal que afeta o conceito de populismo, por exemplo). Griffin (1993) propõe um conceito mínimo ancorado no tipo ideal weberiano. Para ele, em fórmula bastante conhecida, “Fascism is a genus of political ideology whose mythic core in its various permutations is a palingenetic form of populist ultranationalism” (Griffin, 1993, p. 48). Além de admitir o fascismo como uma ideologia política, isto é, uma forma de transmissão de ideias que atravessa a realidade história de onde surgiu, Griffin define-o como um mito político; uma forma palingenética e por seu ultranacionalismo populista. O problema de aproximar o “bolsonarismo” do fascismo reside na própria inconsistência do primeiro. “Bolsonarismo” é uma definição provisória para todos aqueles que ativamente defendem Bolsonaro. E só. Na prática, temos um conjunto muito amplo de atores que ainda nutre um afeto pelo ex-presidente. Mais problemático ainda é pensar um núcleo ideológico consistente que possa ser definido em poucas linhas. Até que se poderia ver nele, com boa vontade, um “ultranacionalismo populista” ou considerá-lo uma expressão de um “mito político”. Porém a defesa de uma “palingenese” não é extensiva a todos os bolsonaristas. Há os que se dizem liberais-conservadores e se opõem a qualquer mito político de refundação em direção a um passado.

Ao mesmo tempo, o deslocamento do bolsonarismo diante da direita conservadora tradicional – ou liberal-conservadora, que seja – nos coloca diante de um impasse. Alguns buscam relacioná-lo à “direita populista radical”, classificação criada por Mudde (2007) para dar conta das novas configurações da direita não fascista na Europa. Os partidos da “direita populista radical” definem-se ideologicamente pela tríade autoritarismo, nativismo e populismo. Sua verve antidemocrática aparece de maneira retórica e controlada pelo sistema político, já que, ao contrário dos extremistas (partidos de feições neofascistas e neonazistas), costumam participar de eleições e obter resultados relativamente expressivos. Apesar dos fortes vínculos entre o bolsonarismo e as expressões do populismo em escala global – tema tratado adiante – essa definição incorre em riscos quando importada de forma acrítica à nossa realidade latino-americana. Primeiro, a redefinição das ideias-chaves. Nativismo em solo europeu significa um forte nacionalismo com efeitos xenófobos. O Brasil tem um histórico pequeno de conflitos envolvendo imigrantes<sup>8</sup>. O nacionalismo bolsonarista tem uma matriz diferente: apela

---

<sup>8</sup> Nos últimos dez anos são dignos de nota a alocação de imigrantes haitianos por todo o Brasil e de venezuelanos no norte. No primeiro caso estima-se que cerca de 70 mil haitianos passaram pelo Brasil entre 2010 e 2017. Já o segundo caso é mais crítico: até 2022 cerca de 700 mil venezuelanos cruzaram a fronteira. JORNAL DA USP,

para o anticomunismo e à participação cívica cujo objetivo é a transformação radical da nação.<sup>9</sup> Em segundo lugar, devemos pautar de maneira adequada a nossa tradição autoritária. Diferentemente da Europa, para a qual autoritarismo permanece como uma mentalidade e ações isoladas de violações de determinados direitos, no Brasil significa a quebra da ordem democrática como ordem do dia. Bolsonaro é egresso das forças armadas e foi forjado durante a ditadura militar de 64. Não é por acaso que tanto ele, como vários dos seus ex-ministros militares defendem o legado da ditadura, bem como fazem vistas grossas às torturas e arbitrariedades cometidas naquele período.<sup>10</sup> A atitude antissistema do governo vai além quando se insinua uma ruptura contra a própria ordem eleitoral, indo contra as instituições que asseguram a legitimidade do processo como o TSE e o próprio STF.<sup>11</sup> Além disso, deve-se notar que o edifício analítico de Mudde se refere principalmente aos partidos e ao sistema político em si, não tratando especificamente de movimentos e organizações que emergem da sociedade civil, como é o caso do bolsonarismo.

Já Carter (2018) avança nessas proposições. Ela define a direita radical ou extrema pelo seu nacionalismo, postura autoritária e antidemocrática. Xenofobia, racismo e o populismo lhe aparecem como elementos adicionais que podem ou não ser incluídos. Porém é importante

---

“Mesmo com cenário desfavorável, imigrantes haitianos seguem buscando Brasil. Por quê?”. 21 set. 2021. Disponível em <https://jornal.usp.br/ciencias/mesmo-com-cenario-desfavoravel-imigrantes-haitianos-seguem-buscando-o-brasil-por-que/>. Acesso em 03 jun.2022. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. “Em cinco anos, Brasil recebeu mais de 700 mil imigrantes venezuelanos”. 31 mar.2022. Disponível em <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos>. Acesso em 03 jun.2022.

9 No Brasil, a extrema-direita estimula uma forte xenofobia interna contra nordestinos e demais integrantes fora do eixo Sul-Sudeste que se estabelece como o lugar de reprodução de um padrão racial e civilizatório brasileiro. Entretanto, parece claro que isso não aparece como discurso oficial e predominante dentro do bolsonarismo. Há uma forte presença de políticos e ativistas nordestinos que articulam a revalorização das tradições locais como parte desse ideal de nação. Exemplo disso é parte da linguagem e dos trajes utilizados pelo movimento Endireita Fortaleza, entre outros.

10 Ver por exemplo VEJA. “A crueldade do governo Bolsonaro ao relembrar a ditadura militar”. 19 abr.2022. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/a-crueldade-do-governo-bolsonaro-ao-relembrar-a-ditadura-militar/>. Acesso em 03 jun.2022.

11 Várias diatribes cercam essa questão: as repetidas acusações de fraude em 2018; a tentativa de implantação do voto impresso, alegando a pouca transparência das urnas eletrônicas; o esforço em emplacar as forças armadas como parte de uma apuração paralela; e, por fim, as acusações de que as eleições de 2022 serão fraudadas. Ver por exemplo CORREIO BRAZILIENSE. “Bolsonaro volta a acusar fraude nas eleições de 2018 e fala em ‘solidão profunda’”. 14 jan.2022. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4977557-bolsonaro-volta-a-acusar-fraude-nas-eleicoes-de-2018-e-fala-em-solidao-profunda.html>. AGÊNCIA BRASIL. “Presidente defende voto impresso nas eleições durante live”. 29 jul.2021. Disponível em <https://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2021-07/presidente-defende-voto-impresso-nas-eleicoes-durante-live>. BBC BRASIL. “Eleições 2022: o papel e a polêmica dos militares na votação para a presidência.” 11 maio.2022. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61402480>. VEJA. “Eleição de 2022 não terá resultado confiável, diz Bolsonaro”. 11 ago.2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/eleicao-de-2022-nao-tera-resultado-confiavel-diz-bolsonaro/>. Acesso em 23 ago.2025.

frisar os seus significados. Para ela, o nacionalismo pode se apresentar tanto em seu caráter “exclusivista”, isto é, na reafirmação de uma identidade nacional em oposição a outras nacionalidades. Isso costuma trazer implicações desde as representações distorcidas de imigrantes, atos de violência xenofóbicos e políticas anti-imigração. Por outro lado, o nacionalismo pode se apresentar como holístico ou assimilacionista. Isso quer dizer que se refere a um forte sentimento de formação de uma identidade nacional que deve ser naturalmente compartilhada por todos, abrangendo elementos estrangeiros que se adaptarem ao solo nacional. Possivelmente esses elementos de identidade nacional estão fortemente enraizados nas comunidades bolsonaristas. Os símbolos nacionais são frequentes: as cores verde e amarela predominam; a bandeira nacional é vista em inúmeras manifestações<sup>12</sup>; há uma tentativa de retomar lideranças históricas representativas da formação de nossa nacionalidade etc. Por isso, a xenofobia e o racismo praticado contra estrangeiros é limitada ou ausente<sup>13</sup>.

De que forma o autoritarismo e a democracia são características do bolsonarismo se ele se alimenta da inserção nas instituições, participando de eleições, ocupando posições políticas? Ao mesmo tempo, como considerar ativistas e lideranças antidemocráticos se discursam pela ampliação da democracia e da liberdade do “povo” no Brasil? Primeiro, é inerente à direita radical a contradição entre manter-se filiada ao sistema político ao mesmo tempo em que introduz um forte discurso antiliberal. É aqui que situamos a diferença entre democracia em sua versão organicista ou liberal. O fascismo e os regimes corporativos, de modo geral, alimentaram-se da participação popular para defender a redução de direitos de minorias e a mudança de procedimentos de decisão próprios da democracia liberal. Portanto, o que observamos é o ataque a valores próprios da democracia liberal: defesa da pluralidade, dos direitos fundamentais, humanos e sociais das minorias, bem como da lisura procedimental relativa aos processos eleitorais. É esse vetor que se encontra sob ataque desde o início. Ao

---

12 Andar pela cidade é um meio fácil de identificar isso. Bandeiras do Brasil são hasteadas em janelas de condomínios e em automóveis (ambos de consumo da classe média ou de alto padrão).

13 Talvez um dos reais motivos seja simplesmente a ausência de problemas migratórios substantivos no Brasil. Deve-se ressaltar que nos dois casos recentes que presenciamos – venezuelanos em Roraima e haitianos em São Paulo – houve manifestações violentas contra os imigrantes. O próprio ex-presidente Bolsonaro fez uma menção negativa a esses imigrantes. Agradeço às observações de David Magalhães sobre esse tema. Ver por exemplo G1. “Pacaraima (RR) tem protestos contra a entrada de venezuelanos”. 10 fev.2020. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/02/10/pacaraima-rr-tem-protestos-contr-a-entrada-de-venezuelanos.ghtml>. Acesso em 24 jun.2022. EXAME. “Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo””. 22 set.2015. Disponível em <https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>. Acesso em: 24 jun.2022. G1. “Ato anti-imigração na Paulista foi contra a lei, dizem especialistas”. 05 maio.2017. Disponível em <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/ato-anti-imigracao-na-paulista-foi-contr-a-lei-dizem-especialistas.ghtml>. Acesso em 24 jun.2022.

mesmo tempo, os procedimentos encontram-se em jogo pelo ataque constante ao sistema eleitoral e aos atores de controle como o poder judiciário<sup>14</sup>. Em segundo lugar, autoritarismo não se refere somente a uma forma de organização do governo ou das instituições, mas também pela introdução de certas formas de pensar e agir na base do tecido social. Bob Altemeyer (apud Carter, 2018) divide a disposição autoritária em três vertentes. O “convencionalismo” trata da permanência das tradições no cerne da cultura nacional, geralmente vinculadas a um plano moral e de costumes, tais como a família heteronormativa, a divisão e reprodução de papéis de gênero, a postura anti-aborto ou pró-vida. A “submissão” se caracteriza pela aceitação dessa ordem moral e a “agressão” por posturas, atos sociais ou institucionais que visam punir quem as descumpre, notadamente o recrudescimento da lei penal. Portanto vemos que o autoritarismo moral está fortemente associado com o que chamamos de “conservadorismo de costumes” que se encontra largamente na base do bolsonarismo. Já há larga produção em curso sobre a expressão central do bolsonarismo em defender políticas que limitam o direito legal ao aborto; ao ensino de gênero nas escolas, chamado de “ideologia de gênero” e de defesa do modelo heteronormativo nas famílias.

Dito isso, entendo o bolsonarismo como um movimento organizado em uma rede conjunta entre atores partidários e societários formado a partir de três matrizes-discursivas principais: a) matriz *punitivista*, fundada na ideia de que a violência pública se amplia e consome o país em razão da ausência de punições mais severas. Portanto, deve-se ampliar as políticas de encarceramento e aumentar as penas, bem como punir de maneira mais rigorosa os criminosos. Isso também engloba a flexibilização do porte de armas como meio de defesa do cidadão comum; b) matriz *meritocrática*, que defende o abono para os “cidadãos de bem”, eufemismo para pessoas geralmente brancas, de boa classe social e que possuem uma boa percepção diante da sociedade. O sucesso social é derivado da própria competência e esforço individual; o fracasso é o caminho inevitável daqueles que não possuíram os incentivos individuais corretos. Toda política de reparação histórica, portanto, será tomada como um sinal de igualitarismo político que privilegia certos setores e desincentiva o esforço individual; c) matriz *familista*, que implica na defesa de arranjos familiares tradicionais. A crise multifatorial da sociedade brasileira é resultado de uma queda moral que se observa pela inobservância da

---

14 ISTO É. “STF vai investigar em conjunto ataques de Bolsonaro às urnas com atuação de milícias digitais”. 10 maio.2022. Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/stf-vai-investigar-em/>. Acesso em 24 jun.2022.

família tradicional. Ao mesmo tempo, esse discurso atinge diretamente a ampliação de direitos de gênero.

#### 1.4 – Abordagens para uma virada à direita

Correndo o risco de parecer esquemático, pode-se apontar dois caminhos de análise no campo das ciências sociais que ajudam a explicar a virada política à direita no Brasil da última década. Alguns autores destacam as dinâmicas partidárias, as opções eleitorais disponíveis, as mudanças no jogo eleitoral e de estratégia entre os políticos profissionais, a efetividade estatal na produção e execução de políticas públicas, as redes internacionais de apoio e difusão de conteúdos, em resumo, as alterações no campo político-estatal. Chamo isso de abordagem *institucionalista*. Marcos Nobre (2013; 2020 e 2022) compreende a crise de representação como efeito do vácuo de poder gerado pelo desgaste crescente dos principais partidos brasileiros no poder desde os anos 90 – a saber, PT e PSDB. O PMDB surge como fiador do equilíbrio institucional, porém a um preço alto: a ocupação de postos de comando nos ministérios, primeiro e segundo escalão, presidências da Câmara e do Senado, bem como a ampliação do poder nos estados e municípios, tornando-se o maior partido brasileiro mesmo sem disputar uma única eleição presidencial desde 1989<sup>15</sup>. O resultado é um pacto que imobiliza as possibilidades de reforma profunda do Estado e atrasa a produção de políticas públicas de redução das desigualdades e combate à pobreza. Os dois governos FHC conseguiram bons resultados com a estabilidade fiscal e monetária, possibilitando a eliminação da inflação crônica do Brasil. Os governos Lula obtiveram bons índices devido à estabilização econômica em conjunto com às microreformas financiadas pelos dividendos obtidos com a exportação de commodities valorizadas. Os bons resultados ruíram com a impossibilidade de se continuar com esse modelo econômico e com a crise gerada pelos escândalos políticos como Mensalão, Lava Jata e Petrolão. As revoltas de Junho de 2013 ampliaram as dúvidas sobre o modo tradicional de representação e as necessidades de uma população que queria mais – sinalizando para o fim do pacto da Nova República. Bolsonaro e o bolsonarismo foram uma resposta possível que atacavam esses problemas.

---

<sup>15</sup> Ulysses Guimarães fora apenas o sétimo colocado no primeiro turno com menos de 5% dos votos na primeira eleição direta pós-redemocratização em 1989. Orestes Quércia recebeu percentual parecido em 1994. O PMDB (agora MDB) só teria candidato décadas depois: em 2018 com Henrique Meirelles e em 2022 com Simone Tebet. Ver METRÓPOLES. “Tebet tem a terceira maior votação à presidência que MDB já teve”. 2 out. 2022 Disponível em <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/tebet-tem-maior-votacao-do-mdb-a-presidencia-desde-ulysses-guimaraes>. Acesso em 23 ago.2025.

Jairo Nicolau (2020) sinaliza para o impacto das mudanças eleitorais recentes: a redução do horário eleitoral gratuito acompanhado pela expansão do uso político de redes sociais – principalmente o WhatsApp; a proibição do financiamento empresarial de campanhas políticas; e a redução do tempo para filiação partidária, o que beneficia os candidatos que estão sem partido já que eles podem obter um panorama mais fiel da percepção do eleitor (Nicolau, 2020, p. 17). Alterações na demografia do eleitorado brasileiro apontam que a eleição de Bolsonaro em 2018 é o “feito mais impressionante da história das eleições brasileiras” (idem, p. 9) – também fruto de um cenário eleitoral excepcional; da centralidade do antipetismo; e do trabalho inovador com comunicação digital. Dois fatores contribuem para esse diagnóstico preliminar. O mapa de votos pró-Bolsonaro não se distancia muito daqueles que correspondiam aos votos do PSDB em eleições anteriores. Ele se expandiu um pouco; e voltou a retrair-se quando da vitória de Lula em 2022. Quer dizer, observou-se uma mudança no comportamento do eleitorado, *pero no mucho*. As clivagens socioeconômicas que balizam as escolhas do eleitorado para presidente<sup>16</sup> talvez se mantenham como critérios fortes de predição analítica.

Já Lacerda (2018) aponta em sua brilhante tese a similaridade entre a direita parlamentar brasileira e a norte-americana ao comparar pautas, projetos e discursos. Questão chave aqui é um projeto global de articulação entre direitas nacionais envolvendo lideranças políticas relevantes.

Pablo Ortellado (2014) interpreta essa nova configuração das direitas brasileiras à luz das “guerras culturais” (Hunter, 1992). Essa expressão se popularizou nos EUA e recentemente tem ganhado força no Brasil. Hartman (2015) aponta que os anos 70 são um marco na divisão política e social norte-americana. Esse período marca o florescimento de uma tradição liberal-conservadora que se opunha às bases do estado de bem-estar social-democrata e às políticas progressistas. O eixo do debate político se deslocou das questões econômicas e pragmáticas para o debate sobre valores morais e culturais que estavam em profunda alteração, seja em função da contínua secularização da sociedade americana, das transformações no modelo de família, dos papéis de gênero desempenhados pelas mulheres com o avanço do feminismo, do revisionismo da história oficial americana levado a cabo pelos movimentos raciais ou mesmo pelo questionamento do *american way of life* pelos movimentos de contracultura. A reação à reação se deu com a aliança liberal-conservadora formada por intelectuais antimarxistas, religiosos cristãos católicos e evangélicos e de empreendedores

---

<sup>16</sup> Ver por exemplo Singer (2012) e Almeida (2018).

ultraliberais, bem como movimentos tradicionalistas conservadores (idem, 2015). Esse encontro de grupos heterogêneos e conflitantes foi possível graças a uma interpretação conveniente da *New Left* e dos movimentos identitários, considerados apenas novos rótulos para o velho marxismo-leninista revolucionário. Assim, puderam se reunir num mesmo palco os críticos aos programas econômicos socialistas e os religiosos conservadores. Mais recentemente, esse ambiente polarizado foi adaptado para as redes sociais e fóruns de internet. Ali surgiram novas formas de ativismo e performance política conservadora que formaram o que se convencionou chamar de *Alt-Right*. A *Alt-Right* é uma combinação impetuosa, inquietante e volúvel de elementos contraditórios como a defesa de valores tradicionais, nacionalistas e étnicos, com um antifeminismo exarcebado, referências a cultura pop e a hipermodernidade, tudo isso usando o humor ácido e sarcástico como principal registro de linguagem (Nagle, 2017; Hawley, 2017).

No Brasil, os efeitos dessa divisão passaram a ser sentidos a partir das Jornadas de Junho de 2013. A desagregação do consenso político e social promovido pelo lulismo levou a uma polarização dos campos políticos progressistas e conservador, esquerda e direita. Nas redes sociais houve uma cisão em dois pólos distintos: um representado pelos perfis de esquerda-progressistas e de direita-conservadores (Ortellado e Moretto, 2018). Assim como no caso americano, as pautas orbitavam em torno de questões morais ou culturais: papéis de gênero; direitos reprodutivos das mulheres; representações raciais; raça e gênero nas produções culturais; educação de gênero nas escolas etc. Também desenvolvemos nossa própria *Alt-Right*, à semelhança das redes americanas, formada por perfis em plataformas como Twitter ou Youtube, memes, textos ou vídeos atacando a esquerda ou defendendo suas ideias e políticos preferidos, o principal deles, Jair Bolsonaro e família.

O principal ganho de interpretação de Ortellado *et al* é apontar para o poder contingente das redes sociais na formação de grupos liberais-conservadores. Embora não neguem os impactos das alterações estruturais na conformação dessas ideias (transformação dos modelos familiares, secularização da sociedade, crise de masculinidade etc.), bem como o padrão histórico de exclusão, submissão e violência de classe, raça e gênero no Brasil, argumentam que o tipo de interação mediada pelas redes favorece uma polarização imprecisa e homogênea, forçando a fuga do centro político para as extremidades. Isso deve se comprovar pelas pesquisas nas manifestações pró-impeachment que apontaram as múltiplas configurações dos manifestantes antipetistas, muitos deles favoráveis a pautas progressistas e estatistas

defendidas pela esquerda, ao mesmo tempo em que nas redes sociais estimula-se uma coesão forçada no pólo da direita (Ortellado e Gallego, 2016; Ortellado, Gallego, Moretto, 2017).

Já o segundo caminho de análise se coaduna melhor com as transformações socioculturais dos sujeitos de pesquisa. Isto é, considera que existem alterações lentas e profundas nas “placas tectônicas” que conformam as subjetividades políticas no Brasil. Isso retém parte do arcabouço anterior: as mudanças no campo político também afetam a percepção dos sujeitos. Porém, outros campos também passam por processos de mudança: novos arranjos familiares; transição religiosa; aprofundamento da lógica neoliberal no mundo do trabalho etc. Chamarei isso simplesmente de abordagem *sociocultural*, viés de análise com grande entrada nos campos da Sociologia e Antropologia.

Essa abordagem não deve ser confundida com os modelos psicológicos de explicação do comportamento político. Para esta, a “personalidade dos indivíduos” – sistema estável de crenças, visões de mundo e comportamentos - constituída no processo de socialização “torna-se a base para a formação de opiniões, auto-avaliações e propensões para a ação política frente ao ambiente político mais amplo”. As respostas serão previsíveis, “o indivíduo sempre articulará da mesma maneira suas respostas a diferentes contextos”, pois age de acordo com uma “base psicológica formada e com categorias políticas normativas razoavelmente consolidadas” (Figueiredo, 2008, p. 26). Já uma compreensão sociológica do comportamento político preocupa-se com o “contexto no qual as instituições, as práticas, as ideologias e os objetivos políticos se formam e atuam” (idem, p. 48). Os comportamentos políticos individuais se manifestam dentro de grupos sociais. Isso não quer dizer que as atitudes correspondam a uma média das características observadas no coletivo, e sim que as tomadas de ação dos indivíduos particulares devem ser explicadas a luz do ambiente de interação que os envolve, isto é, o modo como ele forma disposições – de forma durável e situacional – interagindo com outros que partilham do mesmo contexto. A partir dessa perspectiva, as mudanças sociais (modos de produção e configurações do trabalho; estratificação social; modelos e relações familiares; novas formas de comunicação etc.) oferecem novos contextos de interação e alteram ideias e atitudes políticas (idem, 2008, p. 56).

Pierucci (1999) abordou os posicionamentos do eleitorado de direita paulistano entrevistando eleitores que fazem campanha, embora não pertençam à militância do partido<sup>17</sup>.

---

17 Interessante que já nessa época Pierucci antecipou o tipo de eleitor engajado que predomina nas redes sociais hoje atualmente: não são militantes no sentido clássico, não participam ativamente de organização social ou partidária, porém são mais ativos politicamente do que um simples eleitor. Fábio Malini chama de “lovers” aqueles

As classes populares votavam nos candidatos de direita defendendo à proteção a família, a moral e a ordem social. Acreditavam em uma hierarquia social que garantiria padrões de respeito e civilidade que haviam sido perdidos nos últimos anos. O saudosismo do regime militar transparecia nas entrevistas. No entanto, esses eleitores eram contrários à liberalização do estado, menor gasto público em políticas sociais, privatizações e desregulamentação da economia. Por critérios práticos, essas classes enxergavam no Estado um pilar importante de garantia de serviços públicos para a população. Não havia proteção e defesa do empreendedorismo, da livre iniciativa. Ao mesmo tempo, esse ideal de Estado intervencionista não se coadunava com uma moral pública progressista de direitos humanos e defesa dos mais necessitados. Os preconceitos de gênero, raça, etnia e origem grassavam entre os eleitores engajados de direita. Havia, portanto, uma combinação da defesa de uma atuação pública do estado, com uma crença em uma sociedade hierárquica e desigual. Pierucci (1999) aponta que esses enquadramentos ideológicos não eram marcados por um *continuum*. Portanto, não haveria uma linha de predisposições binárias (a favor do Estado – contra o Estado; a favor da igualdade de gênero – contra a igualdade de gênero), um espectro que fosse da “direita liberal” à “direita conservadora”, na qual suas gradações comporiam os subtipos de direita. Ele mostra que as múltiplas disposições de pensar da direita correspondem a associações aparentemente contraditórias e complexas. Seria possível adotar posições liberais em certos temas e conservadoras em outros. Pierucci (1999) aponta de modo incidental as causas que levaram a adoção desses discursos. A adoção de uma política de segurança pública violenta e repressiva, ao arrepio da garantia dos direitos humanos, é uma exigência dada pela sensação crescente de insegurança experimentada nas grandes metrópoles, como também pela ligação afetiva com o modelo de polícia instituído no regime militar. Ao mesmo tempo, as mudanças mais profundas trazidas pela modernidade nas relações sociais, nos papéis desempenhados por homens e mulheres, na constituição das famílias, resultaram em um sentimento de vazio significativo para os adultos apegados às tradições. A manutenção desses modelos familiares e de gênero, portanto, é uma forma de preservação de suas próprias identidades em um mundo em mutação. Por fim, a defesa do Estado como indutor de políticas públicas explica-se pela tradição nacionalista e estatizante presente nas classes populares.

---

que promovem o conteúdo de candidatos e políticos usando as próprias ferramentas de mobilização que as redes proporcionam (compartilhamento, likes, comentários, denúncias contra opositores etc.) (Malini, 2018).

A partir de uma etnografia da juventude em uma comunidade da periferia de Porto Alegre, Pinheiro-Machado e Scalco (2018) perceberam uma mudança nas disposições políticas em paralelo à conjuntura crítica política do Brasil. A adesão de muitos desses jovens ao Bolsonarismo explica-se como resposta às insatisfações às oportunidades de ascensão social bloqueadas pela crise econômica e pelas políticas fracassadas dos últimos governos petistas. Sob esses governos houve uma poderosa ascensão social induzida pelas políticas de estímulo ao consumo (programa de transferência de renda, aumento real do salário mínimo e maior oferta de crédito, inclusive para setores populares). A ascensão de tipo individualista, focada no consumo e no aumento do bem-estar individual, não significou necessariamente uma despolitização. Muito pelo contrário, a ostentação de marcas caras, agora de poder dos emergentes, da ocupação de espaços de consumo monopolizados pelas classes mais abastadas - como os *shopping centers* - implicou num reconhecimento das distinções simbólicas de classe.

Jovens que antes votavam com o PT agora não se identificam mais com os governos anteriores. Sentem-se traídos pela maneira como o partido agiu diante da crise e dos escândalos de corrupção. Como ressalta Pinheiro-Machado em entrevistas, os governos petistas desdenharam e subestimaram o impacto das crises exatamente quando a população mais pobre já sentia os seus efeitos.<sup>18</sup> A crise política e econômica vem junto a uma percepção de forte crise moral e de valores. O apoio a Bolsonaro reveste-se do medo, da necessidade de uma política de segurança pública mais ostensiva e punitiva, de uma política que recomponha a ordem que parece estar se perdendo.

A esse ressentimento, soma-se uma forte motivação de gênero. Os garotos, sentindo-se ameaçados pelo protagonismo feminino, aderiram a discursos e práticas conservadoras que oferecem proteção diante da “crise do macho”. Esse discurso vem embalado numa capa antissistêmica conjugado com o desejo juvenil de rebeldia, de se portar como contracultura. Bolsonaro beneficia-se de ser um político *outsider*, fora das cúpulas partidárias e governamentais que definiram parte das nossas políticas nos últimos 30 anos, ao mesmo tempo em que aparecia como um grande crítico do chamado “sistema” ou “*establishment*”, nas suas palavras e de apoiadores. Sua estratégia de comunicação privilegiou os memes, as tiradas de humor e frases politicamente incorretas, um fenômeno viral da internet.

Pinheiro-Machado (2019) identifica elementos importantes para a adesão ao Bolsonarismo: estímulos de afetos de renovação e esperança nas camadas populares; a figura

---

18 Ver por exemplo entrevista ao podcast Viracasacas, “Como chegamos até aqui”. 27 ago.2019.

de Bolsonaro como alguém capaz de superar os desafios múltiplos de ausência de representação e políticas de estado que não chegam às periferias; o sentimento anticorrupção entre as camadas populares; as múltiplas personalidades de Bolsonaro adaptadas a cada tipo de eleitorado.

Em linhas gerais, os trabalhos de Pinheiro-Machado e Scalco (2018) e Pinheiro-Machado (2019) mostram que as metamorfoses sociais recentes afetam o “self individual, a capacidade de aspirar e as formas de fazer política e de compreender o mundo” desses jovens, cuja orientação política é parte desse conjunto (Pinheiro-Machado e Scalco, 2018, p. 1). Essa orientação é mais flexível e menos dogmática, pois ao longo desse processo eleitoral e político há uma modulação da intensidade e agressividade do apoio dos meninos a Bolsonaro (idem, p. 12). Esses trabalhos também apontam para a combinação de elementos e posições complexas e aparentemente contraditórias. Como notado anteriormente por Pierucci (1999), misturam-se juízos progressistas e liberais (apoio a imigração) e conservadores (oposição aos movimentos feministas e LGBT) (Pinheiro-Machado e Scalco, 2018, p. 11). A trajetória desses atores e suas compreensões de mundo, disposições e estratégias são percebidas como efeitos da sobreposição de camadas contextuais (classe, gênero, raça, geração etc.).

Kalil (2018) identifica 16 tipos ideais de eleitores de Bolsonaro. Esse eleitorado corresponde a um cruzamento entre determinantes de raça/etnia, gênero, classe social e filiação religiosa. Essa compreensão fez com que o próprio Bolsonaro utilizasse estratégias de campanha específicas para cada grupo (Kalil, 2018, p. 7). Assim como nos trabalhos de Pinheiro-Machado e Pierucci, Kalil demonstra que os perfis dos atores de direita são multifacetados, instáveis, separados por fronteiras porosas que impedem que sejam distinguidas com facilidade.

Outro entendimento importante de Kalil consiste na redefinição semântica de expressões de uso comum nesse campo como “homem de bem” e de “combate à corrupção”. O “homem de bem” cumpre com seus deveres de forma ordeira e pacífica. O “combate à corrupção” denuncia a podridão interna ao “sistema”, cuja lógica interna de funcionamento vicia os iniciados. Cheio de corruptos e corruptores, a política precisa expulsar seus maus elementos expulsos, e o Estado deve passar por mudanças institucionais para prevenir práticas de corrupção. Kalil mostra que o sentido dessas expressões irão se fundir com sentidos mais engajados ideologicamente. Corrupção também assume o sentido de práticas naturais da esquerda: corrupção dos valores morais, perversão da família tradicional; privilégios de setores que desfrutam de políticas sociais em detrimento da maioria da população, ausência de meritocracia; por fim, a natureza mesma do Estado que deve ser modificada com privatizações ou com sua extinção (Kalil, 2018, p. 10).

Cesarino (2019, 2020, 2021a) argumenta que a ascensão de novas plataformas de comunicação mais do que descentralizar a difusão de informações e conteúdos é parte de uma crise epistêmica mais profunda cujos efeitos ainda não conhecemos completamente. Isso ocorre pela quebra da confiança estabelecida entre sujeitos consumidores de informação e veículos tradicionais de mídia, que funcionavam como mediadores do acesso à “verdade” socialmente estabelecida tomando como parâmetros procedimentos de verificação e controle dos fatos. Como lembra Cesarino, o problema é mais profundo do que a disseminação de *fake news*: o que está em jogo é a própria noção do que deve ser compartilhado como verdade. Ela interpreta o bolsonarismo a luz do tipo de comunicação desenvolvida entre o líder e seus representantes. Mais do que isso: essa nova forma de populismo utiliza-se da capacidade das redes de segmentarem conteúdos para criar representações para atingir os desejos específicos de públicos igualmente específicos. Desse modo, compreende-se como os 16 diferentes tipos estudados por Kalil podem nutrir uma pulsão tão arrebatadora sobre um mesmo sujeito.

Os dois caminhos iluminam partes igualmente importantes desse quebra-cabeça. A abordagem *institucional* considera a elevação de novas elites políticas como resultado mais ou menos circunstancial da abertura de oportunidades políticas em função da mudança das regras eleitorais e do desgaste da dinâmica partidária estabelecida na nova república que levou a uma erosão da confiança do eleitorado. Já a interpretação *sociocultural* está mais interessada em compreender as dinâmicas de longo prazo na estruturação da sociedade brasileira como chave explicativa para o modo se fundam novas mediações políticas e como se (re)ativam ideologias de direita. Vimos como isso é trabalhado de diferentes maneiras pelos autores citados. Ortellado, Gallego e Moretto adotam a perspectiva das “guerras culturais” que enfatizam a adoção de uma disputa moral e cultural que emerge de novas agendas pós-materialistas e da interação desses atores em ambientes de comunicação virtual; Cesarino também centraliza sua análise no impacto das redes digitais na conformação de um novo ambiente de mediação política capaz de gerar novas formas de subjetividade política; Pinheiro-Machado acompanha a política como mobilização de afetos e ressentimentos diante de promessas não cumpridas; Kalil etnografa a tipificação dos apoiadores de Bolsonaro incorporando características sociodemográficas, culturais, ideológicas e discursivas.

Adoto uma proposta um pouco diferente, embora também caudatária dessas contribuições, incontornáveis para o atual debate sobre as direitas brasileiras. Pretendo investigar as razões mais profundas que levaram essas pessoas a aderirem às ideias e discursos de direita disponíveis para explicar o Brasil hoje. Concentro meu foco nos ativistas que se

autodenominam bolsonaristas. Ativistas políticos – que não somente defendem esses princípios de maneira consistente, como também participam de forma organizada de um grupo político específico, reuniões, palestras, atos públicos, protestos etc – possuem uma diferença crucial em relação ao eleitor comum. Eles se engajam de maneira sólida e duradoura, enquanto que os eleitores tendem a arrefecer sua participação após o processo eleitoral. Além do mais, a participação ativa e organizada em um grupo político contribui para que disponham de uma gramática política melhor estruturada. Claro, a própria motivação para o engajamento é algo que será estudado. Em outras palavras, Kalil aborda “o que” acontece; Cesarino e Ortellado, Gallego e Moretto esboçam o “porquê” a partir da formação de aspectos subjetivos amparados pelas mediações tecnológicas; e Pinheiro-Machado adentra no “porquê” sinalizando para a mobilização de afetos diante de transformações políticas, sociais e culturais. Nesse caso, pretendo abordar com mais vagar a formação dessas subjetividades que entendo serem reflexos de *disposições* sociais (Lahire, 2004) profundas incorporadas no processo de socialização determinado pela trajetória em campos sociais específicos estruturados historicamente. Importante ressaltar que busco escapar da tradição psicologizante – expressa inclusive nas abordagens psicanalíticas – informando que estamos diante de um processo de individuação resultando da apreciação e incorporação diferenciada de estruturas sociais. Isto é, é necessário um cotejo entre o modo como a individualidade se contacta com as expressões específicas das estruturas sociais. Esse trabalho tem uma pretensão exploratória e investigativa diante dos tipos de *disposições* sociais (Lahire, idem) que se conectam e são mobilizados pela direita bolsonarista no Brasil hoje.

Destaco a trajetória de vida individual dos sujeitos como forma de compreender os variados fatores que resultaram nessa adesão. Devemos destacar que uma análise comparativa exaustiva seria impossível devido aos intermináveis eventos que marcaram as vidas desses atores. Então nos resta decidir por etapas a serem observadas, não sem antes explicitar as motivações dessa escolha. Adaptando a sugestão de Dela Porta (2014) tomei três grandes momentos da vida dos entrevistados:

a) infância ou vida familiar. Na infância se dá a primeira socialização. Os pais, a família ou reduto mais próximo do indivíduo formam disposições duradouras que inclusive servem de filtro para as etapas seguintes de socialização. Bourdieu nos diz que os esquemas de interpretação e classificação do mundo adquiridos em tenra idade importam porque exercem um efeito inercial, isto é, mesmo que apropriados em um passado distante não são

“desincorporados”. Ao mesmo tempo, eles funcionam como lentes a partir das quais serão incorporados os *habitus* posteriores (Bourdieu, 2009). Peters (2015) resume do seguinte modo:

“Ainda que, a rigor, a socialização, como conjunto cronologicamente ordenado de experiências socialmente situadas a partir das quais a personalidade individual é estruturada, seja um processo que perpassa, em algum grau, toda a biografia de um ator, as primeiras experiências possuem um peso determinante bem mais significativo na configuração de quaisquer *habitus*.” (Peters, 2015, p. 71)

b) vida escolar. Na *socialização secundária* ocorre a aquisição dos conhecimentos formais. Aqui nos importa, sobretudo, o ambiente de leitura de material que formará a base teórica da “nova direita” brasileira. Esses ativistas costumam se referenciar em obras clássicas ou contemporâneas do liberalismo e/ou conservadorismo. O ambiente escolar, principalmente as universidades, são espaços destacados de contato com essas obras. Ainda, é um ambiente de encontro entre pessoas que se descobrem estranhas ao que costumam chamar de “hegemonia da esquerda”. Esse confronto com um tipo de pensamento que lhes parece desconfortável também é um marcador forte de descoberta de si mesmo.

c) entrada no campo político. Não obstante a simpatia por determinada forma de ver os problemas concretos, esses atores ainda não são ativistas. A entrada no campo do ativismo político, participar de alguma organização, ir a manifestações ou outros eventos, militar nas redes sociais etc. é a oportunidade para se socializar com as práticas e formas de pensar exigidas pelos movimentos. A partir dali o ativista passará a pensar de forma mais coesa e ordenada dentro de uma linha teórica mais ou menos uniforme entre seus pares. Agirá de maneira coordenada e se sentirá representante de um grupo que expressa determinada visão política. Além desses três momentos, interessa-nos compreender de forma subsidiária como esses ativistas reagiram à conjuntura da crise brasileira dada pelo ciclo de protesto de 2014-2016. Alguns deles já estavam organizados anteriormente. Muitos, no entanto, vieram a se formar nesse ínterim.

O principal material de análise são as *entrevistas autobiográficas*. Também recorri a material disponibilizado nas redes para compreensão da história desses movimentos e das circunstâncias de sua atuação. Como quase todos os grupos organizados da chamada “nova direita”, os movimentos cearenses são bem ativos no mundo digital, deixando um repositório de informações sobre sua história. Também fiz pesquisa de campo em eventos culturais, palestras e manifestações<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> O material utilizado encontra-se listado no anexo.

## 1.5 – Divisão do trabalho

No próximo capítulo, defino a metodologia empregada. Sua primeira seção trata de uma rápida revisão das abordagens presentes nos estudos sobre trajetórias individuais. A seção seguinte trata da dura missão de questionar as teorias que lidam com a formação de ideias e comportamentos políticos, mais especificamente, das diferenças entre ideologias, *frames*, análise psicanalítica e, por fim, a análise disposicional de Lahire que constituirá o cerne do trabalho – apesar de se utilizarem aspectos das demais contribuições. Por fim, a última seção desse capítulo apresenta o desenho de pesquisa e o percurso metodológico que ajuda a explicar as escolhas – e principalmente as lacunas do texto final quando comparado ao desejo inicial do projeto.

O capítulo três constitui o cerne do trabalho. Início expondo o perfil do eleitorado de Bolsonaro e de seus apoiadores. Para isso utilizo dados de relatórios eleitorais e de pesquisas realizadas em manifestações. Em seguida, faço uma breve introdução à pequena, porém articulada, rede ativista conservadora do Ceará, de onde saíram os entrevistados dessa pesquisa. Por fim, e mais relevante, uma longa seção que apresenta a trajetória de nossas duas entrevistadas, Marta e Gisele.

Como de praxe, no capítulo final apresento as considerações finais.

Antes de continuarmos, vale uma palavra sobre a polêmica em torno da expressão “nova direita”.<sup>20</sup> Compreendo a “nova direita” como um conjunto plural e heterogêneo de atores vinculados frouxamente entre si pelo combate à esquerda no âmbito cultural e político que começou a tomar forma em meados dos anos 2000. Não obstante os diferentes instrumentos utilizados, assemelham-se no uso do humor como registro de comunicação e no uso dos meios de comunicação digitais (redes sociais, fóruns e páginas na rede) como *habitat* natural. O perfil também mudou quando comparamos à organizações tradicionais de direita no Brasil. Parte substancial é bastante jovem. Percebe-se também uma presença maior de ativistas que vem de minorias sociais (camadas mais pobres, mulheres e negros) (Rocha, 2017a). Isso não quer dizer que a “nova direita” não seja caudatária das antigas tradições da direita brasileira.<sup>21</sup> É nítido que os ativistas atuais buscam resgatar intelectuais e lideranças históricas da direita brasileira

---

<sup>20</sup> Costumo colocar o termo entre aspas para indicar as problemáticas envolvidas em sua definição.

<sup>21</sup> Para um debate rápido das principais linhagens de direita da nossa história ver Kaysel (2015).

como Roberto Campos, José Guilherme Merquior etc. Ao mesmo tempo, algumas alas buscam se distanciar de certas tradições. Todos negam, em maior ou menor medida, vinculação a forças de centro-direita tradicionais (PSDB, por exemplo) consideradas fisiológicas ou pertencentes à “velha política”. As alas liberais não se coadunam com as tradições militares saudosas do regime militar, por exemplo.

Em resumo, devemos destacar as especificidades que fazem da “nova direita” aquilo que ela é: um perfil associativo mais abrangente, novas formas de comunicação, bem como o contexto específico em que emergiram. Chamar esse conjunto “nova direita” visa delimitar melhor os atores estudados, aqueles que emergiram como contraponto aos governos petistas em meados dos anos 2000 ou nos ciclos de protestos de 2014-2016.

## 2 – Metodologia

### 2.1 - Trajetórias de vida

Dosse (2009) indica três abordagens biográficas. A abordagem *objetivista* ou *modal* interessa-se por identificar um padrão de propriedades e relações dentro de uma coletividade. Os atores são tomados como tipo médio, uma representação concreta de como é ou como se comporta determinado grupo social (Bertaux, 2010; Ferraroti, 2013); ou então suas propriedades somadas compõem um “mosaico” de elementos possíveis (Becker, 1994). O pesquisador que enxerga o mundo por essa ótica compara as trajetórias individuais de modo mais objetivo, apreendendo as relações comuns dos atores com o contexto que os cerca. Estrutura e sujeito estão imbricados.

Essa abordagem escancar três desafios de análise: a complexidade de trajetórias distintas mesmo diante de influências semelhantes; a correlação entre sujeito e estrutura; e os elementos hermenêuticos presentes no discurso biográfico.

Em primeiro lugar, é importante desviar de certo olhar ortodoxo que impõe ao indivíduo o papel de mero suporte das estruturas. Em metáfora consagrada por Bourdieu (1996), seria impossível analisar as trajetórias de um vagão sem entender as linhas das estações. Acontece que a trajetória individual não se resume a pontos de passagem previamente determinados, muito menos que indivíduos que passam pela mesma “estação” seguirão com o mesmo destino. Olhar somente para as estruturas desvia o olhar das capacidades criativas dos

sujeitos e as variadas interpretações do mesmo cenário. Além disso, é impossível determinar com exatidão os inúmeros contextos a que são submetidos os indivíduos. Como enumerar os perfis gerados por inúmeros fatores? Quais elementos serão utilizados para a definição de padrões?

Lahire (2006) apresenta uma análise de tipos individuais que ao mesmo tempo valoriza sua agregação em categorias e compreende a pluralidade de influências que marcam suas trajetórias. Traz à tona o legado de Bourdieu (2007) na análise das práticas culturais, porém rompendo com sua rigidez na determinação do fenômeno. Para Lahire, o consumo de bens culturais é dado tanto pela “pluralidade de disposições e de competências” adquiridas pelos sujeitos, bem como pela “variedade de contextos” que efetivam e validam suas experiências culturais (Lahire, 2006, p. 18). O propósito de descentrar a classe social ao nível individual corresponde bem ao objetivo de perceber as inúmeras configurações de gostos que vão se construindo, muitas vezes de maneira contraditória e ambivalente, como quando alguém gosta de um estilo musical identificado como alta cultura (ex: música clássica) ao mesmo tempo em que valoriza outro bem visto como pobre intelectualmente (ex: programas de subcelebridades na TV). Esse fenômeno, chamado por Lahire de *dissonância cultural*, será explicado pela socialização individual heterogênea que abarcará campos distintos e processos bastante complexos, tais como: mobilidade social ascendente ou descendente; socialização desigual em campos distintos (como quando alguém se especializa em literatura, mas mantém um desconhecimento em matéria de música); influências conjugais ou de grupos de amigos etc. (Lahire, 2006, p. 19).

Sobre o desafio de apreender estrutura e indivíduo em movimento, enfatiza-se que a unidade individual se constitui sob um conflito de condições externas e impulsos internos, movendo o sujeito em uma trajetória singular, por vezes contraditória ou seguindo direções que não se imaginavam anteriormente. A criação e recriação da coletividade surge desse confronto. Daí resulta uma difícil tarefa, substancial a qualquer trabalho sociológico:

“apreender a estruturação das biografias ao mesmo tempo, como um efeito das estruturas longitudinais que se resumem acima da “instituição biográfica” e como o produto agregado que a ação social dos indivíduos inscreve, abaixo, na manutenção ou transformação dessas estruturas longitudinais” (Passeron, 1995, p. 224)

Elias (1995) aponta o tenso conflito de Mozart entre dois mundos (nobreza e pequena burguesia) e sua hesitante e corajosa oscilação entre a vida pacata e medíocre como criado da corte onde nascera ou a busca de uma carreira artística livre em uma época na qual o mercado de arte burguês não existia. Aqui vemos um desafio, a inserção de uma estrutura mental, suas ambições, e as expectativas e condições criadas pela estrutura social. Mozart fora

criado como um gênio e sabia disso. Sua personalidade fora formada pelo cruzamento de várias origens: familiar (pressão do pai), afetiva (desejo de reconhecimento e afeto por sua obra), cultural (ambiente propício ao aprendizado musical) e social (condições materiais para o desenvolvimento da música como profissão, mesmo que presa à corte). Contudo, ao mesmo tempo em que o campo de ação potencializa e capacita, também exerce o efeito de obstrução, limitação e bloqueio de vias de ação:

“Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente, associados a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos. E nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto o serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social. Quase todos têm desejos claros, passíveis de ser satisfeitos; quase todos têm alguns desejos mais profundos impossíveis de ser satisfeitos, pelo menos no presente estágio de conhecimento.” (Elias, 1995, p 13)

Elias (1995) desvela os principais desafios desse tipo de análise: relação integrativa e gerativa entre indivíduo e campo social; tensão entre os impulsos internos e condições externas; trajetória singular resultante do aprendizado adquirido em vários campos ou estágios formativos e, sobretudo, as práticas desenvolvidas que desvelam as propriedades do social ou inovam em suas margens.

Praticamente toda análise de trajetória que se empreende não está isenta de uma narração discricionária por parte do autor. Isso decorre da própria natureza da investigação, do recorte de âmbitos da vida do ator que são convenientes para a análise (trajetória política) e dos momentos considerados marcantes para o entendimento das questões em foco. Ao mesmo tempo, é inseparável do pesquisador a frustração de não obter relatos de vida em sua totalidade pela dificuldade de entrevistar os pesquisados pessoalmente. Daí a estratégia de obtenção de relatos em segunda mão, muitos deles, infelizmente, fragmentados, imprecisos, lacônicos etc. Cabe ao pesquisador, portanto, preencher lacunas narrativas, tomar conclusões com base nos fragmentos que possui e na investigação do cenário onde estes se inserem. Lembrando novamente Dosse (2009), a biografia é forçosamente uma “vida”, já que reúne fatos reais à narração e interpretação do seu autor.

Uma das tarefas mais delicadas do pesquisador reside na depuração do material, fato esse que não se remete unicamente ao recorte de fatos pertinentes à pesquisa. Esse trabalho lida com a *evocação de sentidos* do próprio ator sobre os fatos narrados, da *autoreflexão crítica* e do modo *como isso é contado* na prática, isto é, as intervenções das convenções sociais do

momento, do contexto social e da interação no momento da entrevista (Kofes, 1994, 2001). Portanto, a compreensão elaborada pelo pesquisador passa pela mediação dos fatos narrados, da interpretação e reflexão dos sujeitos pesquisados e da ambiência da entrevista. Nesse meio surge a voz particular do escritor, que não se confunde com a soma das anteriores, embora se alimente delas.

Peço licença para explicitar minhas motivações pessoais. Como aponta Dosse (2009), a relação entre biógrafo e biografado não é neutra. A escolha do biografado – ou no caso em questão, os sujeitos que produzem seus relatos a partir de uma problemática previamente delimitada – tem seus *objetivos pessoais*, mesmo que não declarados ou não trazidos à luz da reflexão. Sua justificativa acadêmica – relevância da abordagem, método ou resultados produzidos – geralmente costuma proceder a uma motivação intrínseca ao autor e sua formação pessoal. Na biografia propriamente dita, o contato intenso e contínuo com o sujeito estudado - independente de ser real e contemporâneo, podendo se dar por uma extensa consulta de fontes bibliográficas (livros, documentos, relatos) – resulta na afetação extenuante do pesquisador, imerso em uma totalidade estranha que passa a lhe ser íntima, combinando sentimentos ambíguos como repulsa e fascínio. Dosse (2009) explica esse processo que chama de “canibalização” por elos-chaves que nos conectam aos sujeitos pesquisados: Estamos escolhendo o biografado como molde moral para nossas ações? Estamos nos identificando com as ações do biografado? Consideramos analisá-los para reabilitá-los de algum modo do “lixo da história”?

Geralmente, os estudiosos de movimentos sociais e ativistas políticos escolhem esses atores por uma profunda identificação e admiração pelas causas que defendem e pelo desejo de servir como suporte público de denúncia e promoção de suas histórias. Meus trabalhos de conclusão de curso e dissertação de mestrado podem ser explicados por isso. Neles, analisei mecanismos de participação popular que foram introduzidos nas administrações municipais no espírito da redemocratização, sobretudo aqueles que vieram pelas mãos de governos de esquerda. Tive como objetivo não declarado, porém implícito e reconhecido por mim, apoiar a construção de uma democracia ampliada, levada a cabo por partidos, lideranças e ativistas de esquerda.

Como alguém que defende pautas caras a uma esquerda progressista, prestou-se ao estudo de ativistas de direita? Em primeiro lugar, devo lembrar a própria escolha do objeto de tese: ao invés de estudar a trajetória de ativistas de esquerda – projeto com o qual ingressei no doutorado – compreendi que, de algum modo, nosso “tempo histórico” nos impelia a outros

desafios. Pós-2013 marcou uma nova conjuntura política que incluiu a emergência e fortalecimento de ativismos de direita, uma intensa polarização política, extensão e intensidade do debate político provocado, pela penetração das redes sociais e pelo enfoque de agendas morais no debate público. Mas o “tempo histórico” não delimita claramente o porquê da escolha desse objeto em específico, afinal de contas, poderia escolher entre inúmeros temas frutos desse momento (novíssimos ativistas de esquerda, pautas identitárias, a comunicação política mediada pelas redes sociais etc.). Ao mesmo tempo, seria forçoso não reconhecer que a pressão que o “tempo histórico” exerce produz seus efeitos em mediação com as experiências prévias a que fui submetido, gerando outras escolhas dentro das possíveis.

Poderia, portanto, ressaltar que escolhi estudar ativistas de direita para compreender o “inimigo” em suas trincheiras, para denunciá-lo, combatê-lo de forma eficaz. Mas essa não seria a explicação mais precisa. Tive meu primeiro contato com grupos libertários de direita e conservadores em meados dos anos 2000, quando eles surgiam nas redes sociais. Em tempos de Orkut, comunidades<sup>22</sup> difundiam o pensamento liberal e conservador. Ao mesmo tempo, seja por conta da crise do Mensalão<sup>23</sup> ou pelas políticas implementadas pelos governos do PT, havia críticas ao governo considerado de esquerda, abrindo espaço nas redes para o crescimento de teses mais à direita.

Em 2008 ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). Tive contato com as comunidades que tratavam de assuntos internos do curso e da universidade. Nessas comunidades também eram debatidos assuntos da política nacional. Lá pude ler pela primeira vez interpretações da política brasileira pelo viés da escola austríaca. Acompanhei a tentativa de criação de um partido chamado Líber, a atuação do Instituto Mises, do grupo de estudos Dragão do Mar e dos debates acalorados que seus integrantes travavam. Nessa mesma época, ouvi falar pela primeira vez de Olavo de Carvalho, um personagem obscuro que editava seus textos por blogs alternativos como o Mídia Sem Máscara. Impossível permanecer inativo diante de sua figura. Isso se dava em grande medida pela opinião polarizada que se tinha dele. Os fãs consideravam o maior filósofo vivo da América Latina, os detratores argumentavam que não passava de um charlatão - um embate que ainda se mantém.

---

22 Fóruns de discussão sobre determinado assunto.

23 Escândalo político com grande alcance midiático que consistiu no pagamento de propinas – oriundas de desvios de empresas públicas – para parlamentares da base aliada do governo. O núcleo duro da presidência da república foi atingido, e o ministro da Casa Civil e braço direito do presidente Lula, José Dirceu, foi expurgado da vida pública.

Tudo aquilo me fascinava. As interpretações liberais ora pareciam pueris, ora pareciam coerentes e compreensíveis. Elas destoavam do mais aceito e divulgado pelas ciências sociais e econômicas (tanto de matriz marxista, heterodoxa ou pós-estruturalista). Em muitos momentos, descambavam para teorias da conspiração esdrúxulas, especialmente quando envolvia o nome de Olavo. As referências teóricas, de leitura, descortinavam um campo de pensamento em todos os níveis (filosófico, científico, literário, político) muito diferente ao que eu era habituado, seja por força do aprendizado nos meus anos escolares ou na universidade. Eram autores liberais da escola austríaca (Mises, Hayek), de Chicago (Friedman), anarcocapitalistas (Rothbard), conservadores místicos (Voeglin, Évola) e daí por diante.

Esse caráter pretensamente renovador, questionador, inventivo, combativo e de intenso sentimento de comunidade me impressionou – e continua a me impressionar. Geralmente os ativistas de direita tratam-se como desbravadores de uma seara não explorada; como verdadeiros Dom Quixotes que lutam contra seus inimigos de maneira idealista, sonhadora, apaixonada. Costumo lembrar que não é somente o “ódio” que os move, mas sobretudo a “esperança”: esperança de realizar um futuro utópico. A utopia também é uma fantasia da direita – mesmo que se trate de uma refundação do passado idealizado. O que os trouxe até aqui?

Já podemos falar de resultados conquistados pela militância. Políticos foram eleitos, livros estão na lista dos mais vendidos, há muito mais visibilidade na mídia etc. Alguns desses ativistas trabalharam incansavelmente durante anos para chegar nesse ponto. São atores que tem sua importância, que ceifaram parte da sua vida particular ou profissional para defenderem uma causa. Meu fascínio é o mesmo daquele garoto que não se sentia capaz de liderar uma revolução – ou qualquer fato político grandioso – e buscava participar compreendendo os passos daqueles homens.

Resumindo, tomo três princípios de análise. Primeiro, trato os indivíduos como representantes de uma dada coletividade. Os ativistas representam grupos. Suas trajetórias são lidas como tipos médios. As influências que recebem ao longo das suas trajetórias são tidas como exemplificativas do que ocorre com o grupo em si. O olhar atento sobre um indivíduo concreto permite observar empiricamente o que ocorre com o coletivo do qual faz parte. Segundo, compreendo que os ativistas agiram para modificar as circunstâncias. Isso significa que não são sujeitos passivos constituídos e limitados por uma determinada ordem, mas são capazes de interpretá-la e agir sobre ela de maneira criativa. Finalmente, não desprezo as contribuições hermenêuticas na análise das trajetórias. Os ativistas falam sobre si, apontam

significados sobre sua trajetória, relendo momentos do passado a luz do presente e do contexto em que são enunciados.

## 2.2 - Sobre a ideologia, psicanálise e *frames*

Examinar o (re)aparecimento das direitas no Brasil sugere, entre outras coisas, que devemos compreender a produção, circulação e incorporação de ideias que se manifestam de acordo com as condições expressas no percurso individual. Isto é, a escolha em analisar os indivíduos em vez do grupo político do qual participam significa compreender como as particularidades das suas trajetórias sociais influenciam na aquisição e formulação das ideias disponíveis no “mercado”. As ciências sociais se esmeraram ao longo do tempo para dar conta dessas questões. Exemplifico o debate com quatro tipos de abordagem, das quais três considero úteis ao propósito desse trabalho. Destaco de antemão que a teoria *disposicional* de Bernard Lahire é a que melhor se adequa aos objetivos desse trabalho. Sobre ela, destaco a próxima sessão. Antes, pretendo definir as teorias sobre *ideologias* e sobre *frames*. Além disso, precisam-se destacar a psicanálise como fonte de compreensão da mentalidade das direitas.

### 2.2.1 – Ideologias

Pertence a Karl Mannheim em seu *Ideologia e utopia* (1986 [1929]) o esforço mais conhecido de análise dos fundamentos do conhecimento humano. Ele fundou a Sociologia do Conhecimento, um novo ramo dentro das Ciências Sociais cujo objetivo era resolver a tensão dialética entre as formas concretas de vida fornecidas pelo contexto sócio-histórico e as formas mentais assumidas pelos sujeitos (visões de mundo, quadros de referência, ideias, valores etc.). Essa nova ciência deveria reconstruir a epistemologia do conhecimento ao desnudar a forma subterfúcia pela qual se desenvolve as formas de conhecimento produzidas pelo homem.

“O problema é mostrar como, em toda a história do pensamento, certos suportes intelectuais acham-se vinculados a certas formas de experiência, delineando a íntima interação entre as duas no curso da mudança intelectual e social.” (Mannheim, 1986, p. 107)

Para Mannheim, o problema da análise ideológica inicia-se na modernidade. Até esse período, nas sociedades européias, a igreja monopolizava a interpretação do mundo. Essa visão unitária e objetiva, passada por meio de mitos coletivos, fornecia, com pouca contestação, as bases para as ideias e práticas dos diferentes grupos sociais. Esse modelo de sociedade rompeu-se com a introdução de concepções divergentes que vieram a confrontar-se com a

hegemonia confessional. Isso implicou no desenvolvimento de mais de uma concepção e, portanto, liquidou a objetividade na produção de conhecimento em várias esferas.

Mannheim toma como exemplo a política. Antes, as disputas políticas reduziam-se as disputas por espaços de poder, alternância entre elites ou grupos políticos. Agora, os grupos políticos e sociais armam-se de teorias respaldadas pela ciência social da época que justificam suas ações por meio de posições diante da realidade social e de como ela é interpretada.

O cerne da questão reside na controversa ligação entre política e ciência e a geração daquilo que chama de “falsa consciência”. Ao tomar as ferramentas de análise da ciência social, os grupos sociais tendem a se dividir conforme avançam seus dissensos teóricos. É preciso destacar que essa oposição não se dá somente quanto ao conteúdo das ideias, mas atinge um nível mais profundo, a própria base de esquemas mentais e quadros de referência que articulam conceitos, ideias, valores e ações. Esse substrato mental não passa diretamente pela consciência, isto é, não refletimos sobre a base que fundamenta a nossa ação sobre o mundo. Cabe aos grupos em oposição destacar, no outro, a discrepância dos modos de compreensão da realidade diante da própria realidade e suas condições, uma consciência equivocada de suas bases, que se pergunta e interpreta incorretamente, uma “falsa consciência” de si e de sua relação com o mundo.

Para Mannheim, existem duas formas de conhecimento político, o *ideológico* e o *utópico*. A ideologia fornece as bases para a compreensão do mundo dos grupos e estratos sociais em acordo com as experiências concretas de vida. Porém, diferencia-se da utopia, pois mistifica a realidade de modo a manter inalterada a ordem das coisas, seja esse um objetivo conscientemente visado ou não. Esse deslocamento acontece de, pelo menos, três modos: quando um complexo ideológico se mantém em uma realidade sócio-histórica em profunda transformação (ex: a permanência da proibição clerical da usura em contradição com o avanço do capitalismo de livre mercado); interpretação incorreta de si mesmo e do seu papel social (ex: uso de mitos para justificação de atos e entendimento do destino); a inadequação de uma determinada interpretação de mundo após mudanças de trajetórias do sujeito (ex: um grande produtor rural que mantém costumes arcaicos de quando era um pequeno camponês).

“Uma atitude ética não seria válida se estivesse orientada para normas com as quais a ação, em um dado ambiente histórico, ainda que com as melhores intenções, não pudesse concordar. Seria então inválida quando não pudesse mais conceber a ação não eticamente aceita do indivíduo como devida a sua transgressão pessoal, devendo-se antes atribuí-la a compulsão de um conjunto de axiomas morais de bases erradas. A interpretação moral de uma de nossas próprias ações é inválida quando, por força dos modos de pensamento e concepções da vida tradicionais, não permita a adaptação da ação e do pensamento a uma situação nova e cambiante e, afinal, obscureça e entrave realmente esse ajustamento e essa transformação do homem. Uma teoria será

portanto errada se, em uma dada situação prática, usar conceitos e categorias que, utilizados, impediriam o homem de se adaptar aquele estágio histórico. Normas, modos de pensamento e teorias antiquados e inaplicáveis tendem a degenerar em ideologias cuja função consiste em ocultar o real significado da conduta, ao invés de revelá-lo” (Mannheim, 1986, p. 121)

Por outro lado, define as ideias utópicas como aquelas “situacionalmente transcendentais (não apenas projeções de desejos) que, de alguma forma, possuam um efeito de transformação sobre a ordem histórica social existente.” (Mannheim, 1986, p. 229). A irrealidade da utopia consiste em negar a realidade tal como é, porém, seu fim é a transformação da realidade histórica pela afirmação das ideias de como elas deveriam ser. Funciona de modo dialético: o mundo percebido imprime determinada concepção utópica que fundamenta uma ação transformadora que, por sua vez, gera uma nova realidade que irá inspirar uma nova reflexão e ação. A modernidade concebeu quatro grandes matrizes utópicas: o anabatismo ou milenarismo religioso; o liberal-humanismo; o socialismo-comunismo e o conservadorismo.

Surpreende a inclusão do conservadorismo nesse meio. As restantes são facilmente compreensíveis, já que tensionaram algum tipo de revolução (o milenarismo a ascense total; o liberal-humanismo o ataque as instituições feudais e estamentais; o socialismo-comunismo a destruição da sociedade capitalista). Já o conservadorismo seria lido intuitivamente – como a raiz de seu nome sugere - como uma justificação ideológica para a preservação da ordem. A atitude conservadora não implica diretamente em uma reflexão. Porém, o componente ideacional surge quando a realidade é questionada e confrontada pelas ideias liberais. O conservadorismo funcionaria assim como uma *contra-utopia*, uma idealização que racionaliza e justifica o presente, aquilo que “é”, como uma realidade ideal decantada cuidadosamente ao longo do tempo. O passado contém o repositório de costumes, normas e valores que devem inspirar a construção do presente. O conservadorismo se situa em um tenso equilíbrio entre, de um lado, a conservação do presente contra as revoluções que vivem e se projetam no futuro, e de outro, a lenta e progressiva atualização do passado que o afasta de uma atitude propriamente ideológica e mistificadora.

De Mannheim retiramos lições imprescindíveis. Em primeiro lugar, estabelecer o vínculo complexo entre formas de conhecimento as bases materiais e sociais nas quais vivem os seres humanos concretos. Erelação fornece não apenas ideias, conteúdos, mas também os quadros interpretativos sob os quais são abarcados conceitos, valores, classificações etc. Mannheim enxergava mudanças de conhecimento tomando como base grandes transformações históricas. Nosso desafio particular consiste em compreender como *experiências específicas*

conduzem a interpretações e atitudes políticas tão díspares em um *mesmo período histórico*. Afinal de contas, a gênese da “nova direita” brasileira se inicia no pós-república e ganha impulso fundamental na era Lula, um período muito curto de tempo para tratarmos no sentido histórico. Ao mesmo tempo, nos perguntamos como um período tão curto levou a formação de grupos tão distintos como, por exemplo, uma esquerda petista ou um conservadorismo de matriz militar, ou mesmo uma direita liberal. Que momentos específicos da trajetória de um grupo nos permite compreender sua forma de pensar? Porque um mesmo contexto sócio-histórico gerou estímulos diferentes?. Em segundo lugar, como Mannheim sugere quando trata das utopias<sup>24</sup>, devemos perceber a evolução dessas ideias partindo da caracterização dos grupos sociais que em dado momento invista ativamente em sua expansão e consolidação no restante da sociedade. Portanto trabalharemos com os grupos de ativistas políticos que funcionam como espécies de “vanguarda” de difusão de ideias políticas.

Outra fonte incortonável reside na extensa produção marxista. Esse projeto se funda com os escritos de Marx e Engels, embora por vezes fragmentado e até mesmo incoerente (Leopold, 2013). Tal compreensão foi desenvolvida ao longo de alguns trabalhos, entre os quais se destacam *O Capital* (1867-1894), textos políticos como *18 Brumário* (1852) e, sobretudo, na coletânea intitulada *A Ideologia Alemã* (1845-1846). Eles serviram de base para uma árvore de pensadores como Lenin, Gramsci, Lukacs, Althusser, Adorno etc.

É sempre bom ressaltar que não vemos nas obras de Marx e Engels um esforço de pensar uma epistemologia própria que desse conta da definição precisa do conceito ou de sua problematização. Quando se analisam as formas de consciência presentes nesse trabalhos, trata-se de operacionalizá-las para compreender a difusão de ideias e formas de pensar a realidade como um mecanismo não coercitivo de reforço do sistema contraditório do capital.

Vislumram-se três modos de abordar a ideologia numa base marxista (Codato, 2016). A primeira é meramente descritiva e analítica. Busca dar conta de um sistema de crenças, rituais e ideias que governam determinado grupo social. Um segundo sentido, mais positivo, trata a ideologia de maneira performativa: um conjunto de elementos simbólicos e culturais que conferem identidade a um grupo e dá razão a um determinado projeto político. O terceiro é o sentido negativo amplamente reconhecido na tradição marxista, qual seja, ideologia como

---

24 “A chave para a inteligibilidade das utopias consiste na situação estrutural do estrato social que, em um dado tempo, as espose” (Mannheim, 1986, p. 231)

“falsa consciência”, “sistema ilusório de crenças” cujo principal efeito reside na legitimação da dominação social por determinadas classes sociais dominantes.

O compilado de textos de *A ideologia alemã* (2007 [1846]) tornou famosa a concepção negativa de ideologia como falsa consciência. Marx e Engels compreendem a Consciência humana simultaneamente como produto e produtora das condições materiais de existência. Ao contrário do hegelianismo que se praticava à época, a Consciência não é uma qualidade metafísica, porém um resultado do trabalho humano, da atividade necessária realizada por um corpo físico situado em um lugar social. Eles percebem que o homem é um ser do trabalho, já que necessitam agir sobre o ambiente para satisfazer necessidades básicas de sobrevivência:

“...para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. Mesmo que o mundo sensível, como em São Bruno, seja reduzido a um cajado, a um mínimo, ele pressupõe a atividade de produção desse cajado.” (Marx e Engels, 2007, p.33)

O modo como os homens pensam decorre da maneira como se organizam socialmente, e essa, procede da maneira como os homens organizam o trabalho, o agir primordial e fundante da natureza humana. Marx e Engels desenvolvem o conceito de *modo de produção* para dar conta da multiplicidade de elementos dispostos que definem as diferentes disposições de trabalhadores, instrumentos e relações sociais relativas à produção. Não precisamos ir fundo nessa conceituação, apenas compreender as várias formas da divisão do trabalho: cidade e campo; manufatura e artesanato; empresário e trabalhador etc.

“...por meio da divisão do trabalho no interior desses diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. A posição dessas diferentes subdivisões umas em relação às outras é condicionada pelo modo como são exercidos os trabalhos agrícola, industrial e comercial (patriarcalismo, escravidão, estamentos, classes). As mesmas condições mostram-se no desenvolvimento do intercâmbio entre as diferentes nações. As diferentes fases de desenvolvimento da divisão do trabalho significam outras tantas formas diferentes da propriedade; quer dizer, cada nova fase da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos uns com os outros no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho.” (Marx e Engels, 2007, p. 89)

Após uma revisão história que deve demonstrar a evolução das instituições políticas e contextos culturais relacionados ao aparecimento de novos modos de produção (tribal, estamental, feudal, capitalista...), a obra finalmente considera que a consciência sobre as coisas, isto é, as ideias que visam interpretar e valorar determinada realidade, é um produto da época

histórica e da posição específica que os sujeitos ocupam na divisão social na sociedade de classes.

Não é preciso ir muito longe para entender onde se quer chegar. A consequência lógica dessa argumentação reside no fato de que a classe social não é apenas um agrupamento de indivíduos em razão de sua posição no processo de produção, mas também pela formação de uma consciência particular.

“...a classe se autonomiza, por sua vez, em face dos indivíduos, de modo que estes encontram suas condições de vida predestinadas e recebem já pronta da classe a sua posição na vida e, com isso, seu desenvolvimento pessoal; são subsumidos a ela.” (Marx e Engels, 2007, p. 63).

Cada classe desenvolve determinadas ideias políticas ou sociais. Porém, o domínio dos meios de produção pelas classes produtoras lhes garante enorme vantagem também na reprodução de suas ideologias políticas. Assim, Marx e Engels concluem de maneira um tanto mecânica que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante.” (Marx e Engels, 2007, p. 47).

“A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época.” (Marx e Engels, 2007, p. 47)

Não ficam claros os mecanismos de coesão interna, formação das consciências individuais e de consolidação de determinada ideologia como universal. O texto fornece duas respostas. Primeiro, o papel dos intelectuais. Eles aparecem com a função de conduzir o debate público a uma visão favorável a das classes dominantes, o que necessariamente implica em uma falsificação da realidade. Embora existam divergências internas devido a relativa autonomia de seu trabalho, há a tendência de reagrupamento quando as condições de seu domínio forem questionadas:

“A divisão do trabalho, que já encontramos acima (p. [34-5]) como uma das forças principais da história que se deu até aqui, se expressa também na classe dominante como divisão entre trabalho espiritual e trabalho material, de maneira que, no interior dessa classe, uma parte aparece como os pensadores dessa classe, como seus ideólogos ativos, criadores de conceitos, que fazem da atividade de formação da ilusão

dessa classe sobre si mesma o seu meio principal de subsistência, enquanto os outros se comportam diante dessas ideias e ilusões de forma mais passiva e receptiva, pois são, na realidade, os membros ativos dessa classe e têm menos tempo para formar ilusões e ideias sobre si próprios. No interior dessa classe, essa cisão pode evoluir para uma certa oposição e hostilidade entre as duas partes, a qual, no entanto, desaparece por si mesma a cada colisão prática em que a própria classe se vê ameaçada, momento no qual se desfaz também a aparência de que as ideias dominantes não seriam as ideias da classe dominante e de que elas teriam uma força distinta da força dessa classe.” (Marx e Engels, 2007, p. 47/48)

Por outro lado, as ideias dominantes cristalizam-se em instituições jurídico-políticas após um desenvolvimento lento das consciências individuais. Será de grande valia o caráter pretensamente autônomo do Estado, cuja característica básica, na verdade, é representar uma versão condensada dos vários interesses das classes dominantes:

“Como esse desenvolvimento se dá naturalmente, isto é, não está subordinado a um plano geral de indivíduos livremente associados, então ele parte de diferentes localidades, tribos, nações, ramos do trabalho etc., que se desenvolvem, de início, independentemente uns dos outros e somente pouco a pouco entram em contato uns com os outros. Além disso, esse desenvolvimento ocorre muito lentamente; as diferentes fases e [os diversos] interesses jamais são plenamente ultrapassados, mas apenas subordinados ao interesse vencedor, e arrastam-se ao lado deste durante séculos. Segue-se daí que, mesmo no interior de uma nação, os indivíduos têm também desenvolvimentos diferentes, abstraindo-se de suas condições de riqueza, e que um interesse anterior, cuja forma de intercâmbio peculiar já foi suplantada por outra forma correspondente a um interesse ulterior, mantém-se ainda por longo tempo de posse de um poder tradicional na sociedade aparente e autônoma em relação aos indivíduos (Estado, direito), um poder que, em última instância, só se pode quebrar por uma revolução. Isso também explica porque, em relação a determinados pontos que permitem um resumo mais geral, a consciência pode às vezes parecer mais avançada do que as relações empíricas contemporâneas a ela, de modo que nas lutas de uma época posterior possa se apoiar nos teóricos anteriores como autoridades.” (Marx e Engels, 2007, 69)

Seguindo os pressupostos rigorosos do texto, podemos inferir uma visão de certo modo mecanicista e auto-reprodutora: as classes dominantes teriam o poder de infundir suas visões de mundo ao mesmo tempo falsas e previsivelmente oportunas à manutenção do seu poder econômico. No entanto, em uma interpretação posterior em *O Capital*, trata-se a ideologia como um tipo de mentalidade que nasce das fissuras das próprias contradições produzidas pelo capitalismo e que tem por efeito mantê-lo em equilíbrio, certamente um agrado para as classes sociais que lucram com isso (Leopold, 2013).

A própria obra de Marx nos dá pistas para compreendermos a interpretação da ideologia como elemento constitutivo da luta política – símbolos e concepções sobre as quais se assentam a representação do real (Codato, 2016). No famoso prefácio da *Crítica da Economia Política* [1859], Marx sustenta que existem “duas ordens” que operam nas transformações, uma de base material e outra que podemos vincular genericamente à noção de cultura (formas jurídicas, políticas, intelectuais...), expressamente “formas ideológicas, sob as

quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim” (Marx, 2008, p. 48). Disso resulta que as “duas ordens” são relativamente autônomas. A “consciência humana” não é apenas resultado da base material, mas também variável da qual resulta a organização humana e seus efeitos sobre a ordem material.

No *18 Brumário* (2011 [1852]) Marx analisa os desdobramentos da crise política na França que levou à derrubada da segunda república. Calcados nesses eventos práticos da política, qualquer elucubração teórica que façamos será obra do analista que recolhe as pistas deixadas pelo autor. Marx apresenta o resultado imediato e visível da ação humana (frases, discursos, emoções, símbolos, ritos, mitos, tradições...) não como epifenômenos, mas como elementos concretos que mobilizam os sujeitos por meio de representações e avaliações da luta política (qual o objetivo? O que é legítimo ou ilegítimo? Quais métodos devem ser empregados?). É nessa toada que interpreta o apoio das camadas camponesas a Luís Bonaparte como uma reminiscência vívida do mito de Napoleão Bonaparte, uma fantasmagoria que conserva a ordem social transgredindo a ordem política.

A ideologia possui um aspecto funcional: ideias e suas manifestações coletivas organizam a realidade simbolicamente, modificam as percepções dos sujeitos, oferecem ferramentas para avaliação e comparação, e engajam emocionalmente seus participantes:

“A ideologia é assim uma visão ou uma concepção social específica do mundo social, nem falsa, nem verdadeira em si mesma, isto é, correspondente ou não aos fatos da realidade objetiva, ainda que sua gramática, sua forma de arranjar as ideias, possa conter elementos falsos ou elementos verdadeiros, constatações de fato e juízos de valor. A medida para julgar as tradições ideológicas passa então a ser funcional, e não psicológica (já que se trata de um fenômeno social, não individual) e menos ainda intelectual (concepções certas ou erradas em si mesmas). Ou a ideologia é eficaz – como instância de produção, reprodução e transformação da vida social – ou não é. Nunca pode ser, portanto, uma ideia fora do lugar. Daí a função transformadora ou conservadora dos simbolismos ideológicos, como referido no *18 Brumário* de Marx” (Codato, 2016, p. 323)

Nos escritos de Lenin temos exemplos das dimensões críticas e analíticas das ideias políticas. *Estado e Revolução* (2018 [1917]) trata do trabalho de “ideólogos burgueses” que consiste em “escamotear a questão essencial da política de hoje” em “defesa interesseira do capitalismo”<sup>25</sup>. Tal crítica imposta por esses “ideólogos” configura aquilo que Mannheim

---

25 “A defesa interesseira do capitalismo pelos ideólogos burgueses (e sua camarilha, gênero Tseretelli, Tchernov & Cia.) consiste precisamente em escamotear, com discussões e frases sobre um futuro longínquo, a questão essencial da política de hoje: a expropriação dos capitalistas, a transformação de todos os cidadãos em trabalhadores, empregados de um mesmo grande “sindicato de produção”, o Estado, e a inteira subordinação de todo o trabalho desse sindicato a um Estado verdadeiramente democrático, o Estado dos Sovietes dos deputados operários e soldados. No fundo, quando um sábio professor, e atrás dele o bom público, e com eles Tchernov e Tseretelli, denunciam as insensatas utopias e as promessas demagógicas dos bolcheviques, e declaram impossíveis

chamará de conhecimento ideológico, isto é, a defesa da permanência de uma dada realidade em contraposição a um devir utópico (nesse caso, a etapa superior do comunismo).

Já em *O que fazer?* (2020 [1902]) Lenin elabora um libelo sobre a organização da luta da classe trabalhadora russa. Ele considerava que a transformação social almejada só seria alcançada pela soma de esforços práticos de luta política e mobilização social (organização material, trabalho braçal etc.) com uma forte base intelectual<sup>26</sup>. Nesse caso, contribuiriam os intelectuais responsáveis por pensar teoricamente as bases da revolução, mas também a vanguarda partidária com seu trabalho de formação de uma consciência política por meio da propaganda e agitação<sup>27</sup>.

A verdadeira face do capitalismo apresenta-se de imediato através do sofrimento prático enfrentado pelos trabalhadores em sua vida diária (jornadas de trabalho penosas, violência dos patrões, baixos salários etc.). O “denuncismo” predominava no local de trabalho. Porém, esses relatos isolados, bem como as manifestações diretas derivadas deles, não bastavam. Para Lenin, a atividade revolucionária do partido consistiria em trazer à tona a insatisfação latente do trabalhador contra o capital, demonstrando a necessidade de um projeto político-ideológico encampado pela totalidade da classe trabalhadora e centralizado nas mãos de uma organização partidária sólida e profissional<sup>28</sup>. Essa formulação não aborda

---

"instauração" do socialismo, o que eles têm em vista é precisamente essa fase superior do comunismo, que ninguém nunca prometeu, como nunca mesmo sonhou em "instaurar", pela razão de que isso é impossível." (Lenin, 2018, p. 83)

26 “Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário. Nunca se insistirá o bastante nessa ideia num momento em que a pregação da moda do oportunismo abraça a fascinação pelas formas mais estreitas da atividade prática.” (Lenin, 2020, p. 41)

27 “Até agora, achávamos (com Plekhánov e com todos os líderes do movimento operário internacional) que um propagandista, ao tratar, por exemplo, da questão do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, assinalar a causa da sua inevitabilidade na sociedade atual, indicar a necessidade de transformar a sociedade capitalista em socialista etc. Em resumo, deve dar “muitas ideias”, tantas que todas essas ideias, em seu conjunto, só poderão ser assimiladas no momento por (relativamente) poucas pessoas. O agitador, todavia, ao tratar do mesmo problema, tomará o exemplo mais flagrante e mais conhecido de sua audiência – digamos, o caso de uma família de desempregados morta de inanição, a miséria crescente etc. – e, aproveitando esse fato conhecido por todos, fará todos os esforços para inculcar nas “massas” uma só ideia: a ideia do absurdo da contradição entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria, buscará despertar nas massas o descontentamento e a indignação contra essa flagrante injustiça, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. O propagandista atua, portanto, sobretudo por meio da palavra impressa, enquanto o agitador atua pela palavra viva. Do propagandista exigem-se qualidades diferentes das do agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores.” (Lenin, 2020, p. 82/83)

28 “Nesse sentido, o estado crítico, o estado de transição de nosso movimento, pode ser formulado assim: não tem gente e tem uma massa de gente. Tem uma massa de gente porque tanto a classe operária quanto os cada vez mais variados setores da sociedade fornecem, todos os anos, um número sempre maior de descontentes, que querem protestar, que estão dispostos a cooperar com o que puderem na luta contra o absolutismo – cujo caráter insuportável, se não é ainda notado por todos, já é sentido por massas cada vez mais extensas e de forma cada vez mais aguda. Mas, ao mesmo tempo, não tem gente, porque não tem dirigentes, não tem líderes políticos, não tem

explicitamente a produção de uma “falsa consciência” necessária a manutenção do capitalismo, mas se concentra na difusão e organização de uma consciência “verdadeira” por parte da classe operária. Mais do que atacar a lógica das mentiras que os ideólogos do capitalismo contam, Lenin considera que a insatisfação apresentada pelas inúmeras organizações de trabalhadores falam por si. Elas estão ali, basta ao partido elevá-las e coordená-las em um corpus teórico-conceitual necessário à revolução.

Gramsci deixou como legado uma contribuição criativa e influente à análise política. Tomando como base os escritos de Marx, sobretudo a arquitetura dialética proposta entre estrutura e superestrutura reescrita exaustivamente a partir da famosa passagem do “*Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*” (1859)<sup>29</sup>, e de sua ação prática e teórica situada em um momento de profundas transformações na economia e política europeia, ele conferiu uma posição de destaque ao papel desempenhado pelo Estado, pela cultura e pelas ideias na política. Prova disso são as referências contínuas aos projetos de estudar metodicamente os intelectuais e o desenvolvimento de um campo público de formação de ideias encontradas nos cadernos que escreveu na prisão.<sup>30</sup>

---

talentos organizadores capazes de organizar um trabalho simultaneamente amplo e unificado, coordenado, que permita utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes.” (Lenin, 2020, p. 138)

<sup>29</sup> “É o problema das relações entre estrutura e superestrutura que deve ser posto com exatidão e resolvido para que se possa chegar a uma justa análise das forças que atuam na história de um determinado período e determinar a relação entre elas. É necessário mover-se no âmbito de dois princípios: 1) o de que nenhuma sociedade se põe tarefas para cuja solução ainda não existam as condições necessárias e suficientes, ou que pelo menos não estejam em via de aparecer e se desenvolver; 2) e o de que nenhuma sociedade se dissolve e pode ser substituída antes que se tenham desenvolvido todas as formas de vida implícitas em suas relações (verificar a exata enunciação destes princípios). [“Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém, e jamais aparecem relações de produção novas e mais altas antes de amadurecerem no seio da própria sociedade antiga as condições materiais para sua existência. Por isso, a humanidade se propõe sempre apenas os objetivos que pode alcançar, pois, bem vistas as coisas, vemos sempre que estes objetivos só brotam quando já existem ou, pelo menos, estão em gestação as condições materiais para sua realização” (Prefácio à Crítica da economia política)” (Gramsci, 2000b, p. 38).

<sup>30</sup> “Carta a Tatiana Schucht, 19 de março de 1927 [...] Estou atormentado [...] por esta ideia: de que é preciso fazer algo “für ewig”. [...] Em suma, gostaria, segundo um plano preestabelecido, de ocupar-me intensa e sistematicamente de algum tema que me absorvesse e centralizasse minha vida interior. Pensei em quatro temas até agora, e já isso é um indicador de que não consigo me concentrar. São eles: 1) Uma pesquisa sobre a formação do espírito público na Itália no século passado; em outras palavras, *uma pesquisa sobre os intelectuais italianos, suas origens, seus agrupamentos segundo as correntes culturais, seus diversos modos de pensar, etc., etc.* Tema bastante sugestivo, que eu naturalmente poderei apenas esboçar em suas grandes linhas, dada a absoluta impossibilidade de ter à disposição a imensa quantidade de material que seria necessária. Você se lembra do meu rapidíssimo e superficialíssimo escrito sobre a Itália meridional e sobre a importância de B. Croce? [1]. Pois bem: gostaria de desenvolver amplamente a tese que tinha então esboçado, de um ponto de vista desinteressado, “für ewig”. — 2) Um estudo de linguística comparada! Nada menos que isso. Mas o que poderia ser mais “desinteressado” e für ewig do que esse tema? Tratar-se-ia, naturalmente, de abordar apenas a parte metodológica e puramente teórica do assunto, que jamais foi tratado de modo completo e sistemático do novo ponto de vista dos neolinguistas contra os neogramáticos [...]. 3) Um estudo sobre o teatro de Pirandello e sobre a transformação do gosto teatral italiano que Pirandello representou e contribuiu para determinar [...]. 4) Um ensaio sobre os romances de folhetim e o gosto popular na literatura [...]. No fundo, para quem observar bem, entre esses quatro temas existe

Gramsci preocupou-se em definir e relacionar as várias formas de pensamento que “cimentam” a unidade social e conferem sentido e direção à vida comum: senso comum, filosofia, religião, ciência...a ideologia surge aqui como uma “concepção de mundo”, uma “premissa” presente em todas as “manifestações individuais e coletivas” e que conduz a uma “atividade prática” diante do mundo (Gramsci, 1999, p. 107). Embora a ciência ocupe uma posição “privilegiada na superestrutura”, já que as revoluções sociais e tecnológicas do século XVIII deram a ela um prestígio inédito, o conhecimento científico não é “uma noção objetiva” já que “é revestida” de uma ideologia (idem, p. 196). Já a “filosofia” constitui matéria comum a todos – ultrapassando o círculo de “especialistas” e “filósofos profissionais” – e está presente no senso comum e na religião e “em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e agir” próprios do “folclore” ou aquilo que pode ser chamado de “cultura popular” (idem, p. 101). O que diferencia o “senso comum” dos sistemas filosóficos praticados nos ambientes intelectuais é o modo “acrítico como é absorvido” pelo “homem médio” e sua forma de apresentação “desagregada, incoerente, inconsequente” na qual predominam os elementos “realistas, materialistas, produtos de sensações brutas”. (idem, p. 125 a 127). O senso comum não pode ser tomado como “prova de verdade”, a não ser que seja lido como uma cristalização de determinada forma de pensamento que se tornou dominante. Porém, “novas verdades” são difíceis de serem incorporadas ao senso comum devido ao seu caráter naturalmente “conservador”. (idem, p. 130). A relação entre senso comum e religião é “muito mais íntima”

---

homogeneidade: o espírito popular criador, em suas diversas fases e graus de desenvolvimento, está na base deles em igual medida [...].” (Gramsci, 1999, p.85, grifos meus)

Ver também a nota 49 do caderno 12: “§ 49. Temas de cultura. Material ideológico. Um estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica de uma classe dominante: isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a “frente” teórica ou ideológica. A parte mais considerável e mais dinâmica dessa frente é o setor editorial em geral: editoras (que têm um programa implícito e explícito e se apoiam numa determinada corrente), jornais políticos, revistas de todo tipo, científicas, literárias, filológicas, de divulgação etc., periódicos diversos até os boletins paroquiais. Seria mastodôntico um tal estudo, se feito em escala nacional: por isto, poderia ser feita, para uma cidade ou série de cidades, uma série de estudos. Um editor-chefe de um cotidiano deveria ter este estudo como índice geral para seu trabalho; ou, melhor, deveria refazê-lo por conta própria: quantos belíssimos artigos se poderiam escrever sobre a questão! A imprensa é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo o que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa estrutura. Dela fazem parte: as bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variado tipo, até a arquitetura, a disposição e o nome das ruas. Não se explicaria a posição conservada pela Igreja na sociedade moderna se não se conhecessem os esforços diuturnos e pacientes que ela faz para desenvolver continuamente sua seção particular desta estrutura material da ideologia. Um tal estudo, feito com seriedade, teria uma certa importância: além de dar um modelo histórico vivo de uma tal estrutura, formaria o hábito de um cálculo mais cuidadoso e exato das forças ativas na sociedade. O que se pode contrapor, por parte de uma classe inovadora, a este complexo formidável de trincheiras e fortificações da classe dominante? O espírito de cisão, isto é, a conquista progressiva da consciência da própria personalidade histórica, espírito de cisão que deve tender a se ampliar da classe protagonista às classes aliadas potenciais: tudo isto requer um complexo trabalho ideológico, cuja primeira condição é o exato conhecimento do campo a ser esvaziado de seu elemento de massa humana.” (Gramsci, 2000, p.84)

do que a relação com os sistemas filosóficos produzidos entre as camadas de intelectuais leigos ou mesmo das filosofias produzidas no seio da própria igreja. É da religião popular que se retiram os “elementos principais” das crenças e noções populares (idem, p. 126). Porém, os sistemas filosóficos elaborados pelas e em função das “classes dirigentes” exercem efeito

“...como força política externa, como elemento de força coesiva das classes dirigentes, e, portanto, como elemento de subordinação a uma hegemonia exterior, que limita o pensamento original das massas populares de uma maneira negativa, sem influir positivamente sobre elas, como fermento vital de transformação interna do que as massas pensam, embrionária e caoticamente, sobre o mundo e a vida.” (idem, p. 126)

O estudo sério das ideologias deve se prender à sua realidade superestrutural em sua relação com uma determinada estrutura, desviando-se do vício de interpretá-las como “elocubrações arbitrárias de determinados indivíduos” (idem, p. 265). Isso acontece quando se interpreta que uma ideologia é distante a uma estrutura social, incapaz de alterá-la e que trata-se apenas de uma “aparência inútil e estúpida” (idem, p.265). Ao mesmo tempo, recusa-se um certo “materialismo histórico mecânico” ausente da própria riqueza interpretativa presente nas obras de Marx, especialmente seus escritos mais políticos (“*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*” (1852), por exemplo). Esse erro consiste, em resumo, em considerar “qualquer flutuação da política e da ideologia como uma expressão imediata da infraestrutura” (idem, p. 266). Desse modo, as ideologias – enquanto elemento aglutinador e estruturante da própria superestruturura – assume papel central na formação e reprodução de projetos políticos que podem manter ou alterar determinada realidade social.

O principal efeito da ideologia enquanto elemento orgânico – e que representa sua validade para o teórico dos Cadernos do Cárcere – é sua “validade psicológica”: “elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc” (idem, p. 265). Ideologias não são meras reproduções estáticas da estrutura, mas construções humanas com base no conflito dialético entre os homens. A preocupação do sardo se desloca então para o papel dos intelectuais e de suas ferramentas na produção e reprodução de ideologias unindo camadas sociais e propondo projetos políticos capazes de dar certa direção ao Estado. Mais importante do que “descobrir” algo original, cabe aos intelectuais

“difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta, por parte de um “gênio” filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.” (idem, p. 104)

Os intelectuais se definem pelo predomínio das suas habilidades mentais em detrimento do uso puro da força em atividades práticas e, ao mesmo tempo, pela função política e cultural que exercem<sup>31</sup>: os intelectuais constituem a categoria que asseguram a reprodução e produção ideológica por meio do consenso e da força. Os intelectuais não são uma categoria à parte dos conflitos políticos. Pelo contrário, sua existência e formação se deve ao próprio movimento dialético responsável pelo desenvolvimento material da sociedade e de suas forças sociais,

“a relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários”. (idem, 2000a, p. 19)

A partir disso, o pensador sardo irá desenvolver uma proposta muito famosa de classificação e compreensão do papel desempenhado pelos intelectuais. Primeiro, considera que existem dois tipos de intelectuais. O tipo orgânico “nasce no terreno originário de um função essencial no mundo da produção econômica” e tem por função garantir a “homogeneidade e consciência” do papel econômico, político e social desempenhado pela classe mais avançada da sociedade. Embora a classe empresarial seja bastante desenvolvida do ponto de vista material e técnico, ela necessita de um aparato intelectual capaz de garantir a “organização da sociedade

---

<sup>31</sup> “§ 3. Quando se distingue entre intelectuais e não intelectuais, faz-se referência, na realidade, somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não intelectuais, porque não existem não intelectuais. Mas a própria relação entre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso, existem graus diversos de atividade especificamente intelectual. Não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar. O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e fazendo com que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é dado pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas — que acreditam ser literatos, filósofos, artistas — crêem também ser os “verdadeiros” intelectuais. No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual. Neste sentido trabalhou o semanário L’Ordine Nuovo, visando a desenvolver certas formas de novo intelectualismo e a determinar seus novos conceitos; e essa não foi uma das razões menores de seu êxito, pois uma tal colocação correspondia a aspirações latentes e era adequada ao desenvolvimento das formas reais de vida. [13] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanentemente”, já que não apenas orador puro — mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político).” (Gramsci, 2000a, p. 56 a 58)

em geral, em todo seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe” ou escolher os dirigentes capazes de fazê-lo (idem, p. 13). Os intelectuais de tipo tradicional representam categorias históricas que permanecem com relativa autonomia e capacidade de conservação mesmo após passarem pelas “mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas”. Embora busquem permanecer “autônomo e independentes do grupo social dominante”, faz parte do processo de construção hegemônica sua cooptação (idem, p. 14). O trabalho intelectual se divide em camadas, temas e níveis: ao mesmo tempo em que há o topo da pirâmide, onde se encontram “os criadores das várias ciências da filosofia da arte”, existe a base composta por “modestos administradores e divulgadores da riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada” (idem, p. 20).

A relação entre o desenvolvimento social e a produção de uma camada intelectual complexa, sofisticada e diversificada acontece em dois eixos fundamentais. Primeiro, na criação de instrumentos próprios de produção e reprodução dessa camada, por meio do desenvolvimento educacional, universitário e técnico, e na preparação de uma certa camada da pequena burguesia destinada a ocupar essas funções<sup>32</sup>. Em segundo, e até mais importante, na necessidade de obtenção da hegemonia do poder social pela burguesia que passa pela conquista dos espaços de reprodução da cultura e da ideologia em espaços de cultura com forte apelo na sociedade civil.

---

<sup>32</sup> “O enorme desenvolvimento obtido pela atividade e pela organização escolar (em sentido lato) nas sociedades que emergiram do mundo medieval indica a importância assumida no mundo moderno pelas categorias e funções intelectuais: assim como se buscou aprofundar e ampliar a “intelectualidade” de cada indivíduo, buscou-se igualmente multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las. Isso resulta das instituições escolares de graus diversos, até os organismos que visam a promover a chamada “alta cultura”, em todos os campos da ciência e da técnica. (A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a “área” escolar e quanto mais numerosos forem os “graus” “verticais” da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado. Pode-se ter um termo de comparação na esfera da técnica industrial: a industrialização de um país se mede pela sua capacidade de construir máquinas que construam máquinas e pela fabricação de instrumentos cada vez mais precisos para construir máquinas e instrumentos que construam máquinas etc. O país que possui a melhor capacitação para construir instrumentos destinados aos laboratórios dos cientistas e para construir instrumentos que verifiquem estes instrumentos, este país pode ser considerado o mais complexo no campo técnico-industrial, o mais civilizado etc. O mesmo ocorre na preparação dos intelectuais e nas escolas destinadas a tal preparação: escolas e instituições de alta cultura são similares.) (Também nesse campo a quantidade não pode ser destacada da qualidade. A mais refinada especialização tecnicocultural, não pode deixar de corresponder a maior ampliação possível da difusão da instrução primária e o maior empenho no favorecimento do acesso aos graus intermediários do maior número. Naturalmente, esta necessidade de criar a mais ampla base possível para a seleção e elaboração das mais altas qualificações intelectuais — ou seja, de dar à alta cultura e à técnica superior uma estrutura democrática — não deixa de ter inconvenientes: cria-se assim a possibilidade de amplas crises de desemprego nas camadas médias intelectuais, como ocorre efetivamente em todas as sociedades modernas.)” (idem, p. 17/18)

Nas últimas décadas, intelectuais marxistas se debruçaram sobre o consenso neoliberal que, segundo eles, só foi possível pela difusão de ideias em escala global amparado por instituições de pesquisa, lobby político e midiático. Harvey (2008), por exemplo, pensa a hegemonia neoliberal tomando como referência a construção de ideologia em Gramsci. A hegemonia implica em uma representação simbólica da realidade, conferindo significado as ações políticas. Por outro lado, ela também prenuncia que essa construção é problemática na distribuição desigual do poder. Em resumo, a construção da hegemonia, complexa, contraditória, combinando coerção e consentimento, age em benefício de uma determinada classe social, mesmo que de maneira indireta ou não totalmente planejada originalmente. Harvey sinaliza para a importância do caráter ilusório e mistificador da hegemonia neoliberal. Expressões, valores, concepções, ideias e sentimentos são explorados de maneira a construir um repositório de “senso comum”, impedindo uma exata compreensão dos seus sentidos e desviando dos reais problemas a serem tratados.

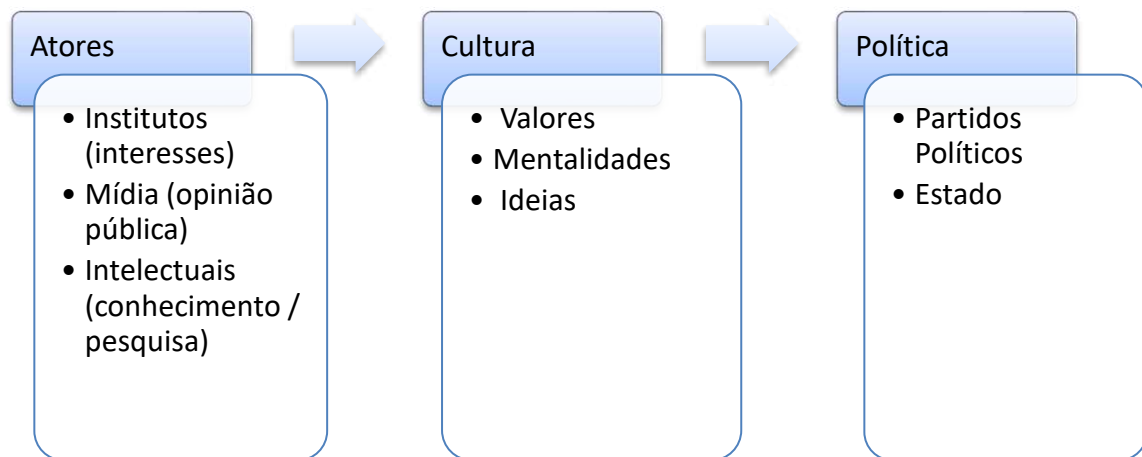
“O senso comum é construído com base em práticas de longa data de socialização cultural que costumam fincar profundas raízes em tradições nacionais ou regionais. Não é o mesmo que bom senso, que pode ser construído a partir do engajamento crítico com as questões do momento. Assim sendo, o senso comum pode ser profundamente enganoso, escamoteando ou obscurecendo problemas reais sob preconceitos culturais. Valores culturais e tradicionais (como a crença em Deus e no país ou concepções da posição das mulheres na sociedade) e temores (de comunistas, imigrantes, estrangeiros ou "outros" em geral) podem ser mobilizados para mascarar outras realidades. Podem-se invocar slogans políticos que mascarem estratégias específicas por trás de vagos artificiais retóricos. A palavra "liberdade" ressoa tão amplamente na compreensão de senso comum que têm os norte-americanos que se tornou "um botão que as elites podem pressionar para abrir a porta às massas" a fim de justificar quase qualquer coisa.” (Harvey, 2008, p. 49)

Mais do que isso, um ideal da modernidade fora corrompido: o da liberdade. O neoliberalismo nas suas correntes doutrinárias – sobretudo escola austríaca – utilizou a liberdade em um sentido bastante específico, as trocas econômicas. Não por acaso que regimes ditatoriais – como o Chile de Pinochet – foram apoiados por ativistas e intelectuais libertários de direita, pois, embora a ditadura chilena cometesse as maiores atrocidades contra os direitos humanos e as liberdades fundamentais, preservou os interesses corporativos do mercado e atacou organizações de esquerda. No entanto, a palavra “liberdade” ganhou imenso poder em uma sociedade pós-moderna que valoriza o individualismo e o empreendedorismo. Harvey provoca ao indagar como a contracultura do fim dos anos 60 – rebelde, anti-coletivista, anti-hierárquica – foi capturada pela lógica individualizante neoliberal. Ele dá pistas de adesão popular ao neoliberalismo em dois casos distintos. Em Nova Iorque, a remodelação da cidade em torno do capitalismo financeiro e do turismo atraiu uma nova economia “hipster” baseada

na inovação e no empreendedorismo, atraindo novos consumidores e expulsando os moradores antigos. Na Inglaterra, a desestruturação dos sindicatos e a introdução de empregos precários e sem regulação ganhou apoio de uma massa de trabalhadores de reserva que não participavam da economia protegida pela legislação trabalhista. Contudo, os maiores adeptos dessa doutrina são as classes mais abastadas (que se beneficiam diretamente da desregulação dos mercados) e das classes médias liberais, que dependem menos do Estado.

Em resumo, podemos pensar a adesão à direita neoliberal como um projeto estratégico de difusão de ideias. Ele começa por institutos, passando pelos meios de comunicação e centros universitários. Assim, temos a influência sobre a produção da cultura (valores, ideias, mentalidades) que servirá de base para a construção de um ambiente político com partidos e políticas públicas favoráveis.

Gráfico 1 – Construção da hegemonia neoliberal



No Brasil, uma literatura recente tem abordado a importância desses institutos e a criação de um novo espaço público de debate para ideias liberais (Gros, 2004; Silveira, 2013; Casimiro, 2016; Dal Pai, 2016; Patschiki, 2016).

Antes de encerrar essa sessão, vale a pena lembrar que a tradição conservadora também tematizou a ideologia como um conjunto de instrumentos organizados pelo Estado na reprodução de valores, ideias, mentalidades disciplinadas e coerentes com o poder dominante. É

importante ressaltar já que, em razão disso, na linguagem reproduzida por ativistas, ideologia possui uma conotação extremamente negativa, depreciativa e fundamentalmente fabricada pelas esquerdas.

A experiência dos regimes nazi-fascistas implicou numa profunda crítica do controle dos meios de produção da cultura para propaganda de Estado. O estremecimento dos paradigmas liberais – crítica feita tanto pelos nacionalistas de direita quanto pelos de esquerda - levou a uma tematização do “homem massa”, o sujeito atomizado que faz parte de uma massa, coletivo de sujeitos indistintos inebriados com o horizonte de transformações que ajudavam a impulsionar (Ortega y Gasset, 2002 [1930]). Para Hayek (2010 [1944]) a correspondência entre objetivos coletivos propostos pelos regimes totalitários e o apoio das massas só foi possível porque o povo passou a considerar os fins coletivos como “seus fins pessoais” (Hayek, 2010, p. 153). Isso se deu graças aos instrumentos ideológicos de propaganda de valores e ideias com o objetivo de “conduzir os indivíduos na mesma direção e a produzir a característica “padronização” de todas as mentes” (idem, p. 153). Entretanto, o efeito mais profundo da “propaganda totalitária” é a destruição de “todas as regras morais” e, sobretudo, do “senso de verdade e o respeito a ela” (idem, p. 154). O regime passa a funcionar por meio de mitos cujo resultado é a suspensão da verdade como resultado último de um processo racional de crítica dos fatos e argumentos. A verdade “torna-se algo a ser estabelecido pela autoridade, em que é preciso crer a bem da unidade e do esforço organizado”, alterada, portanto, de acordo com “as exigências desse mesmo esforço” (idem, p. 160).

É nesse momento em que Hayek introduz o importante papel que a linguagem cumpre nesse mecanismo de fabricação de mitos e verdades. O discurso oficial opera “a completa perversão da linguagem”, alterando o sentido das palavras de modo a expressar os valores coletivos em nova roupagem, condizente com a que os indivíduos supunham legítimas e aceitáveis (idem, p. 156). Aponta como caso emblemático a deturpação da ideia de “liberdade”, apropriada pelos totalitários como necessária defesa da igualdade e da ação comum que, na prática, leva a coletivização. No extremo, essa técnica tem como função esvaziar o sentido das palavras, despojando-as de “qualquer significado preciso, podendo designar tanto uma coisa como o seu oposto e sendo usadas apenas por causa das conotações emocionais que ainda lhe estão vinculadas” (idem, p.157)<sup>33</sup>.

---

33 É notável a semelhança com o icônico e influente *1984* de George Orwell (2009 [1949]), mais ainda pelos dois autores partilharem do mesmo contexto e alvo das suas publicações, a Inglaterra do pós-guerra. No fictício hiperestado da Oceânia o governo introduz um novo idioma, a *Novilingua*, motivado pela natureza estruturante entre

Em síntese, a produção da ideologia consiste na fabricação de “fatos e teorias”, bem como valores aceitos de acordo com a doutrina oficial de governo utilizando-se os meios de produção da cultura a disposição do Estado (mídia, escolas etc.). Assim instituía-se um pensamento hegemônico fundamentado na “concepção unitária de conjunto” imbuído de uma “finalidade única”, concepção essa que excluía e perseguia a minoria dissidente (idem, p. 160). Para Hayek, a maioria aceitava de bom grado o discurso dominante, seja por confluência de ideias ou até mesmo pela dependência, “aceitando em geral as ideias correntes e contentando-se com a ideologia em que nasceu ou para a qual foi levada” (idem, p. 161). Hayek observa que a “liberdade de pensamento” terá “significação imediata para uma pequena minoria” (idem, p. 161). Esse tema será retomado pelos ativistas libertários que identificarão nos governos petistas a força padronizadora e esvaziadora das ideias de liberdade.

Do mesmo modo, o tema do poder e da verdade é essencial para Hannah Arendt (2009 [1951]). Nessa obra seminal, Arendt inicia seu estudo das ideologias afirmando que “podem explicar, a contento dos seus aderentes, toda e qualquer ocorrência a partir de uma única premissa” (idem, p. 624). Impressiona à autora que as ideologias se instituem como explicações a priori do movimento histórico, redefinindo a própria noção de busca empírica e racional da verdade. Pela etimologia da palavra, chega a conclusão de que não é um estudo das ideias: *logia* trata de uma lógica, nesse caso, a lógica de uma ideia, cujo “objeto de estudo é a história, à qual a ideia é aplicada”, porém não se preocupa com o “*que é*”, mas com a “revelação de um processo que está em constante mudança” e “pretendem conhecer os mistérios de todo o processo histórico – em virtude da lógica inerente de suas respectivas ideias” (idem, p. 624). Os movimentos são previstos, calculados e interpretados segundo uma premissa inscrita na própria lógica da ideia original. Evidente que tal ilusionismo é meramente retórico ou simplesmente impossível na prática. Porém interessa a Arendt demonstrar que a ideologia de matriz totalitária não deseja reinterpretar as experiências segundo um debate sobre a verdade, mas admoestar a própria noção de verdade<sup>34</sup>. As ideologias possuiriam três características elementares. Primeiro, o caráter anti-científico e acrítico: analisa-se “não o que é, mas o que vem a ser, o que nasce e passa”. Esse caráter totalizante pretende “esclarecer todos os acontecimentos históricos – a explanação total do passado, o conhecimento total do presente e

---

linguagem e pensamento. A alteração ou esvaziamento de sentidos, bem como a supressão de expressões tinha por efeito conduzir a forma de pensar dos sujeitos comandados pelo *Grande Irmão*.

34 “O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento) (Arendt, 2009, p. 632)

a previsão segura do futuro” (idem, p. 627). Em seguida, a ideologia não se associa a experiência prática ou à realidade empírica propriamente dita, ela “insiste numa realidade “mais verdadeira” que se esconde por trás de todas as coisas perceptíveis, que as domina a partir desse esconderijo e exige um sexto sentido para que possamos percebê-la”, sexto sentido esse que será fornecido pela formação doutrinária inscrita nos pressupostos originais da ideologia totalitária (idem, p. 627). Por fim, já que não obedece ao método empírico, a ideologia se arranja com outro processo de demonstração, dado por um processo lógico que “se inicia a partir de uma premissa aceita axiomáticamente, tudo o mais sendo deduzido dela, isto é, age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade” (idem, p. 628). Em resumo a ideologia opera a partir de uma premissa aceita como válida e prolongada por um entendimento totalizante do mundo social cujo efeito mais pronunciado é a dissociação da busca da verdade de um processo empírico para o referido enclausuramento lógico que permitirá com que as autoridades que controlem a produção doutrinária estabeleça suas “verdades”.

“A argumentação ideológica, sempre uma espécie de dedução lógica, corresponde a dois elementos das ideologias que mencionamos acima – o elemento do movimento e o elemento da emancipação da realidade e da experiência, primeiro, porque o movimento do pensamento não emana da experiência, mas gera-se a si próprio e, depois, porque transforma em premissa axiomática o único ponto que é tomado e aceito da realidade verificada, deixando, daí em diante, o subsequente processo de argumentação inteiramente a salvo de qualquer experiência ulterior. Uma vez que tenha estabelecido a sua premissa, o seu ponto de partida, a experiência já não interfere com o pensamento ideológico, nem este pode aprender com a realidade.” (idem, p. 628)

### 2.2.2 – Frames

Abordagens discursivas, como a análise do discurso e a análise de frames, ganharam espaço em contraposição a abordagem mais organizacional, conhecida como “teoria da mobilização de recursos” (Gohn, 1997, cap. II). A chamada “virada linguística” nas ciências sociais levou os teóricos e estudiosos dos movimentos sociais a prestarem mais atenção aos mecanismos cognitivos e à formação das identidades dos atores empenhados no processo de luta social (Lindekilde, 2014, p. 195).

“Em resposta, também ao giro linguístico em geral, os estudiosos dos movimentos sociais começaram a prestar atenção aos mecanismos cognitivos pelos quais as queixas são interpretadas, dada a direção e o consenso em torno dos objetivos do ativismo político criado (Gamson 1988; Snow et al. 1986; Snow e Benford 1988). Da mesma forma, os estudiosos começaram a investigar sistematicamente como as identidades coletivas foram estabelecidas em torno de objetivos coletivos específicos dentro de “novos movimentos sociais” (por exemplo, Melucci, 1988). Esses avanços teóricos levaram ao surgimento de abordagens metodológicas mais linguísticas,

cognitivas e discursivas para o estudo dos movimentos sociais.” (Lindekilde, 2014, p. 195)

A base teórica dessa empreitada encontra-se na sociologia compreensiva e na fenomenologia que trata os atores como sujeitos de significados, que produzem e relaboram os sentidos do mundo. Nesse sentido, o *frame* assume um caráter mais ou menos *racional* – mais ou menos *estratégico*. Os discursos, narrativas, ideias e emoções têm como finalidade – implícita ou explícita – mobilizar seus adeptos e desmobilizar os adversários. Em suma, é uma batalha de narrativas e de significados. Os atores não são apenas vetores de uma dada ideologia ou modelo de pensamento mais estruturante. Trata-se de como determinados “pedaços” de uma dada ideologia é combinada e envelopada em ferramentas discursivas de mobilização.

“Para usar um slogan de Snow e Benford (1988), a ambição comum é prestar atenção aos atores do movimento como “agentes significantes” que desempenham um papel ativo na interpretação de queixas e objetivos, e não apenas como portadores passivos de idéias e ideologia. **O foco analítico está em como idéias, cultura e ideologia são usadas, interpretadas e combinadas com certas situações ou fenômenos empíricos, a fim de construir padrões ideativos específicos através dos quais o mundo é entendido, e que podem ser usados para mobilizar apoio de determinadas objetivos políticos** (Donati 1992, 137) (...) Não importa a terminologia, a idéia é analisar como os atores do movimento, através de várias práticas discursivas e atividades de enquadramento, tentam encontrar cordões de experiências, narrativas e conhecimentos culturais existentes dentro do cenário cognitivo das audiências-alvo. Além disso, tanto o discurso quanto a análise de quadros estão preocupados em investigar a relação entre os “textos” do movimento e seus contextos mais amplos. **Em termos mais abstratos, o interesse combinado do discurso e da análise de enquadramentos são as batalhas discursivas sobre o significado e a definição da realidade, que se desenrolam dentro e entre os movimentos sociais, e entre seus amigos e inimigos, em geral na esfera pública.** No entanto, a análise do discurso e do quadro difere na maneira como analisam essas questões, no âmbito da ambição analítica e, em alguns casos, no grau de racionalidade estratégica atribuído aos atores.” (Lindekilde, 2014, p. 196, grifos meus)

De acordo com Goffman (apud Lindekilde, 2014) podemos definir *frame* como

“scripts mentais para reconhecer ocorrências e eventos dentro do próprio espaço vital, que organizam / identificam a experiência e guiam a percepção e a ação (Go man 1974, 21). O homem argumentou que os quadros são essenciais para todos os tipos de percepções do mundo e, portanto, para a interação e comunicação cotidianas. Nessa perspectiva, quadros 1) focalizam a atenção - o que “está no quadro” e “fora de enquadramento”; 2) combinam elementos da cena de modo que um conjunto de significados, em vez de outro, seja transmitido; e 3) transformar aspectos da realidade social, por exemplo, de queixas rotineiras ou infortúnios à injustiça que precisa de ação (Snow, 2004).” (Lindekilde, 2014, p. 201)

Segundo Snow e Benford (apud Lindekilde, 2014)

“A análise de quadros apresentada aqui amplia o nível de detalhamento idéias / ideologias são usadas deliberadamente para mobilizar apoiadores e desmobilizar adversários visam um objetivo particular (Snow e Benford, 1988). Foi dito que a análise de quadros desconstrói a ideologia no estudo da ação coletiva – para **abrir a caixa preta de ideologia para explicar a mobilização** (Snow e Byrd 2007). Ele se concentra em como as construções ideológicas mais ou menos estabelecidas são usado estrategicamente para enquadrar um tópico em particular - como um quadro de imagem que acentua certas coisas, esconde outras e limita a realidade de uma determinada maneira. Dentro comparação com a análise do discurso, a análise de

quadros destaca os **aspectos estratégicos e lado deliberativo** do uso da linguagem de atores do movimento (para uma crítica perspectiva estratégica de enquadramento nos estudos dos movimentos sociais, ver Goodwin e Jasper 1999). **Da mesma forma, podemos dizer que onde a análise do discurso parece como um conjunto interrelacionado de textos, e as práticas de sua produção, disseminação e recepção trazem um objeto à vista, a análise de quadros parece como os “objetos” ou “tópicos” existentes são enquadrados por diferentes atores, seu significado em certas direções.** A análise do discurso poderia, por exemplo, ser efetivamente aplicado para entender como a “radicalização” foi estabelecida um fenômeno social relativamente novo e carregado com um significado particular, e análise de quadros poderia ser aplicada de forma mais restrita para investigar como, por exemplo, o “Islã” foi enquadrado por vários atores em debates sobre a radicalização.” (Lindekilde, 2014, p. 200, grifos meus)

Em resumo:

“...podemos dizer que os quadros de ação coletiva são deliberadamente elaborados como "símbolos", o que oferece um pacote completo de significado (Donati, 1992). Ou, de maneira diferente, os quadros de ação coletiva fecham ativamente as ambiguidades da interpretação de fenômenos sociais específicos, ativando discursos ou subconjuntos de propriedades que situam o fenômeno sob uma luz particular. Assim, o enquadramento torna-se uma tentativa estratégica de orientar a ativação de discursos e repertórios particulares de compreensão com o objetivo de mobilizar consensos.” (Lindekilde, 2014, p. 201)

O frame também implica no jogo dialético entre a realidade material (estrutural e institucional) e o mundo das ideias. Os enquadramentos, portanto, também se alteram com as mudanças de contexto:

“Queixas e demandas coletivas não fluem automaticamente das estruturas sociais e tensão, mas passam a existir em parte através de processos de interpretação, práticas discursivas e tomada de significado ativo. Discursos e molduras são em parte constituídos pelo mundo material e social, mas em parte também constituem essas esferas (Jørgensen e Phillips 1999, 29). O foco está na relação dialética entre “atos de fala” concretos e seu contexto sociomaterial. Isso também implica o importante ponto teórico de que, no contexto do discurso e da análise de enquadramentos, o significado é contingente e nunca completamente fixo, embora haja discordância sobre o quão fixo ele é. O significado de um determinado fenômeno empírico varia e se transforma ao longo do tempo e em diferentes contextos.” (Lindekilde, 2014, p. 206)

Em um modelo de análise, Snow e Benford (1988) e Snow e Byrd (2007) resumizam os principais passos de análise do *frame* (Lindekilde, 2014, p. 207). Primeiro, o diagnóstico – identificação de um problema e a atribuição de sua causa; segundo, o prognóstico – solução proposta, bem como estratégias, táticas e objetivos; terceiro, a motivação – indicação de uma motivação racional para agir.

Eles também apontam para o “*alinhamento de frames*”, isto é, quando se obtém a vinculação de frames distintos com o intuito de gerar *ressonância*, aumentar o número de adeptos e a causa ganhar visibilidade e apoio. Existem quatro tipos de alinhamento:

- a) Frame bridging: vinculação de um ou mais frames ideologicamente semelhantes, porém desconectados. Ex: líderes da Al-Qaeda que tentam mostrar aos islâmicos que sofrem ao redor do mundo por causas distintas que existe um inimigo comum (ocidente);

- b) Frame amplification: clareamento ou recuperação de aspectos de um frame interpretativo, valores ou crenças esquecidos. Ex: Al-Qaeda recuperando a jihad e seus valores, situando-a no universo contemporâneo.
- c) Frame extensions: incorporação de novos membros ao atingir seus valores, ideias, sentimentos. Ex: Líderes islâmicos (Al-Qaeda e ISIS) mostram aos fiéis que questões caras a eles como vícios em bebidas e pecados sexuais são abominações promovidas pelo ocidente.
- d) Frame transformation: interpretação que vai no sentido contrário ao que o indivíduo faz de si mesmo. Ocorre quando há, literalmente, uma conversão no modo de pensar e sentir. Ex: conversão em fiéis daqueles que praticam abominações segundo a lei islâmica (bebidas, jogos, roubos, sexo).

Outro ganho analítico importante ocorre quando lidamos com a “*estrutura de oportunidades discursivas* (EOD)” (Koopmans and Olzak, 2004; McCammon et al, 2007) uma alusão a “*estrutura de oportunidades políticas*” (EOP). Essa ideia se baseia na assunção a priori de que o mundo social é estruturado por discursos aceitos e mantidos pela realidade material e institucional. Há uma abertura de oportunidade discursiva quando a estrutura discursiva encontra-se mais próxima ao enquadramento proposto por um grupo político (*frame*), facilitando a elaboração de estratégias e ferramentas discursivas que se aproveitam do discurso hegemônico para alterá-lo.

“Baseando-se no conceito de “*estruturas de oportunidade política*”, sugere que o espaço no qual os atores do movimento operam é estruturado, não apenas em termos de desenho institucional político e distribuições de poder, mas também em termos de discursos predominantes da cultura política e assim por diante. Uma instituição particular ou domínio social abriga, assim, certa estrutura de oportunidade discursiva, que orienta as práticas discursivas dos atores no campo, sugerindo quais quadros podem construir ressonâncias com êxito e quais aparecerão como desafiadoras.” (Lindekilde, 2014, p. 209)

### 2.2.3 – O lugar das pulsões na política: a abordagem psicanalítica

Teorias e conceitos oriundos da psicanálise têm ganhado bastante destaque no debate público brasileiro. Intelectuais como Christian Dunker, Vladimir Safatle e Tales Ab’Saber aparecem em entrevistas e artigos de opinião em revistas, jornais e blogs. Quais são as questões-chaves trabalhadas por eles que permitem uma compreensão da realidade política brasileira? Quais os conceitos e ferramentas sobre a motivação dos sujeitos que podem ajudar

na nossa compreensão? Sigmund Freud e Wilhelm Reich estabeleceram análises pioneiras sobre a atitude conservadora. Eles viam a massificação da sociedade – aglomeração de seres uniformes e indistintos - como um problema.

Segundo (Freud, 2011) a imersão dos indivíduos nas organizações de massa resulta na perda de autonomia e no menor controle de suas pulsões inconscientes. Esse contingente humano é tido como volúvel, pois age acriticamente por excitação mecânica de seus membros, influenciável por emoções irracionais. O reforço grupal permite ao indivíduo manifestar sensação de onipotência, tomar ações imprudentes agindo pela certeza de que nada será impossível de obter. São animadas por uma duplicidade ética, capazes de cometer os atos mais brutais ou heróicos, despreendidos de instintos de auto-preservação. Influenciados pela ilusão, renegam a verdade – são tomados pelo encantamento dos atos de fala, imagens, gestos e tudo mais que dá liberdade às suas pulsões. Aquele que olhar de fora não verá lógica interna, já que se movimentando de modo abrupto, irracional, volátil, desregrado seus atos tornam-se, em algum momento, contraditórios.

Dois elementos são fundamentais para a gestão reacionária das pulsões humanas. Primeiro, a pulsão primitiva que move as massas é o medo. Retomando a análise de *O mal-estar na civilização* (2011), Freud afirma que os homens agem por desconfiança e instinto de proteção quando confrontados. O contato prolongado é gerador tensões que estimulam a violência<sup>35</sup>. Por isso as massas são conservadoras, preservadoras, avessas a transformações do seu mundo. O segundo ponto refere-se à necessária presença de um líder carismático para que este recomponha a ordem e exerça poder de mando, mesmo que à própria massa seja submetida a ele.

Freud se pergunta quais os mecanismos que induzem os sujeitos a esses estágios alterados de liberação do inconsciente. Explica que o poder de contágio ou sugestão é uma consequência do laço libidinal específico que vincula sujeito e líder, no qual o primeiro anula o seu próprio Eu (ego) e o substitui pelo objeto de interesse idealizado (a figura do líder).

“Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (Freud, 2011, p. 59)

---

35 Ilustrativa disso é a metáfora que Freud toma emprestado de Schopenhauer. “Num dia frio de inverno, um grupo de porco-espinhos se aconchegou bastante, para se esquentarem mutuamente e não morrerem de frio. Contudo, logo sentiram os espinhos uns dos outros, o que os fez novamente se afastarem. E quando a necessidade de aquecimento os aproximava de novo, repetia-se o segundo mal, de modo que eram impelidos de um sofrimento para o outro, até acharem uma distância média que lhes permitisse suportar o fato da melhor maneira”. (Schopenhauer apud Freud, 2011, p. 94 )

Mais do que isso, identifica na massa uma reminiscência das comunidades primitivas, substitutos da família. O líder representa o pai, cuja total identificação e atração por substituição do Eu dos seus seguidores os levarão a agir por sugestão direta. Em jogo metafórico, compara à situação de Moisés que ao descer do monte após encontrar-se com Deus trouxe em seus olhos o “mana” sagrado que exercia efeito hipnótico sobre seu povo.

“O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. A hipnose tem direito a ser descrita como uma massa a dois; para a sugestão resta a definição de ser um convencimento que não se baseia na percepção e no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica.” (Freud, 2011, p. 71)

Tal como Freud, Reich (1988) dedicou parte de sua obra ao entendimento dos fenômenos de massa, tomando o nazismo alemão como caso exemplar. Assim como seu mentor, ele minimiza as variáveis organizacionais e institucionais do fascismo, advogando por uma abordagem psicologizante do caráter humano em contradição com as estruturas sociais que moldam suas feições.

“Opondo-se a isso, minhas experiências médicas com homens e mulheres de diferentes classes, raças, nações, credos etc. ensinaram-me que o “fascismo” não é mais do que a expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio, uma estrutura que não é o apanágio de determinadas raças ou nações, ou de determinados partidos, mas que é geral e internacional. Nesse sentido, caracterizar o “fascismo” é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida (...) é o caráter mecanicista e místico que cria os partidos fascistas, e não vice-versa.” (Reich, 1988, p. 11)

A principal questão sobre a qual se debruça é: porque as pessoas aderem ao fascismo? Porque se deixam iludir, apoiando políticas que no fundo serão contrárias ao seu interesse de classe? Ao contrário de Freud, que vê nas massas uma reedição da horda primitiva, Reich aprofunda-se nas análises sobre o recalque/repressão de pulsões libidinais.

Para Reich, o ser humano é dotado de energias vitais, potência ativa dos corpos humanos que, desenvolvidos, levam a um estado de plenitude. O aproveitamento dessas capacidades leva a composição de três princípios positivos fundamentais ao desenvolvimento de uma sociedade livre: amor, conhecimento e trabalho. Seguindo as premissas básicas desenvolvidas por Freud, a psicanálise Reichiana se ancora nas pulsões libidinais e os efeitos gerados por uma mentalidade coercitiva absorvida pelas instituições sociais. É a repressão ao florescimento dessas potências básicas que dá origem a impulsos negativos destruidores como a perversão, o sadismo, a inveja etc. É essa misutra que fornece musculatura às massas. O

fascismo brota da perversão das energias vitais básicas dos seres humanos, como um vampiro que se alimenta de sangue.

Um dos argumentos mais interessantes desenvolvidos por ele diz respeito à importância da formação da família de classe média baixa na composição do fascismo na Alemanha dos anos 30. Esse estrato era composto por pequenos comerciantes, pequenos agricultores e funcionários públicos de níveis inferiores. Com o desenvolvimento do capitalismo alemão, essa classe é pressionada entre a concorrência desleal dos grandes capitalistas monopolistas e o poder de pressão da classe trabalhadora por aumento de salários. Entretanto, não é a estrutura de classe, sua posição no modo de produção e correlação com outras classes que interessa a Reich, e sim os mecanismos psicológicos que formarão o caráter especificamente conservador dessa população.

Primeiro de tudo, a classe média baixa sofre uma dissociação entre suas condições objetivas de classe (precarização e baixo poder de pressão política) e seu caráter psicológico (capitalista e reacionário). A identificação com as classes favorecidas (classe média alta e alta burguesia) vem da família autoritária inerente à sua formação social. O pequeno comércio urbano e a pequena gleba do campo são negócios familiares, portanto um reforço dos laços que prendem seus integrantes a essa instituição. Mas de onde vêm a natureza conservadora da família? Segundo Reich, a correlação entre família e caráter conservador é tão forte que a política de “proteção a família é o princípio básico de toda política cultural reacionária” (Reich, 1988, p. 65). Porquê?

Uma primeira explicação encontra-se na própria gênese da psicanálise. A família é a primeira instituição social a inibir a potência libidinal que emerge naturalmente dos sujeitos desde a infância. Isso é mais pronunciado nas famílias de classe média baixa, que utilizam o escape moral como forma de diferenciação social. O controle sexual exercido funciona como elevação do espírito familiar em direção aos ideais de honra e dever. A inibição desses impulsos produzirá sujeitos dóces, obedientes, tímidos, submissos e medrosos. A família funcionará como um estado em miniatura, e a religião terá importante papel em produzir esse controle moral. Ao líder político corresponde a autoridade paterna. A nação torna-se representação da mãe. Ambas as figuras paternas prenes de significados, do mesmo modo como Freud interpretara o complexo de Édipo, por exemplo. Ao identificar-se com o pai, gera-se também identificação com o líder e as categorias sociais imediatas que são representadas por ele, gerando assim uma aspiração a interesses classistas que não pertencem a classe média baixa:

“A estrutura autoritária do homem é basicamente produzida (...) através da fixação das inibições e medos sexuais na substância viva dos impulsos sexuais (...) A inibição

sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido que ele passa a agir, sentir e pensar contra seus próprios interesses materiais.” (Reich, 1988, p 45-47)

Quem mais tem ocupado o debate público brasileiro com esse tipo de abordagem é Christian Dunker, psicanalista e professor da USP. Dunker recupera parte do referencial de Reich e Freud no intuito de compreender a adesão de amplas camadas da população a um projeto autoritário e conservador.

Em sua interpretação, a sociedade brasileira recalcou seu ethos fundacional patrimonialista, privatista, segregador e violento, tão bem descritos por alguns intérpretes do Brasil como Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*) e Raymundo Faoro (*Os Donos do Poder*), por exemplo. A explosão dessa repressão retorna nos discursos em favor da moralidade pública, defesa da família e de uma religiosidade cristã (Dunker, 2018). O principal sintoma dessa repressão simbólica é o que chama de “forma de condomínio”, um modelo de vida baseado na divisão espacial do urbano, no controle e potenciação dos afetos circunscritos a espaços fechados, instrumentalização do trabalho e da vida etc.

“...em vez de espaço público, incorporação imobiliária, em vez de representantes orientados para fins coletivos, síndicos e gestores interessados apenas na eficácia dos meios, em vez de leis, regulamentos feitos às pressas conforme as contingências, em vez de diferenças e negociação social, muros de segregação, em vez de afetos sociais como a culpa e a vergonha, a soberania política baseada no medo e da segurança. Ou seja, trata-se de uma forma de vida que é um sintoma deste hiato histórico. Ele se exprime na arquitetura, mas também na circulação urbana, nas trocas sociais, na vida no trabalho, como uma espécie de estrutura. Ele se repete de forma variante nas experiências das prisões, das favelas, dos Shopping Centers e obviamente nos condomínios. Ela se repete nos condomínios da saúde, de educação, de cultura e obviamente no condomínio armado pelo governo com os diferentes extratos da sociedade civil e principalmente com agentes econômicos.” (Dunker, 2018, p. 206)

A política observa um (des)reconhecimento do ideal republicano por outras lógicas sociais, familiares e religiosas. Ao mesmo tempo, aprofunda-se e radicaliza-se uma divisão violenta das classes e agrupamentos sociais, cujo diálogo interrompe-se pela negação simbólica do outro.

No esteio desse retorno autoritário, Dunker buscará pistas para entender a adesão a um conservadorismo messiânico na figura de Jair Messias Bolsonaro – o nome do meio é uma feliz coincidência que será comemorada por ativistas conservadores. Retomando a tese de Reich, argumenta que a “nova” classe média brasileira, ou classe C, buscou afiançar sua ascensão social por meio da instituição de uma nova ordem social<sup>36</sup>. Essa será composta por um tripé discursivo, primeiro em defesa de uma ordem moral, preservação da família, base da

---

36 Ver Christian Dunker “Porque o brasileiro tende ao autoritarismo?”. 21 mar.2019 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmXcG--DoBE>. Acesso em 11 set.2019.

construção de valores conservadores; da ordem religiosa cristã e do mérito como meio de legitimação da ascensão social.

A presença necessária de um líder carismático comporta duas explicações complementares. Primeiro, seu papel afetivo como condutor das massas. Como explicara Freud, ele substitui o objeto de desejo no próprio sujeito desejante. Essa identificação total com o líder enseja uma “comunhão de afetos”, uma complementação da figura paterna obedecendo a um “desejo infantil” de ordem<sup>37</sup>. Ao mesmo tempo, o líder incorporará o discurso de ódio que rege a massa, cuja função primordial é assegurar a coesão interna, manter a diferenciação com o “outro” e assegurar sua deslegitimação (Dunker, 2019).

A figura de Bolsonaro, caricata, tosca, desbocada, vulgar, bruta, ignorante, que mostra despreparo para o cargo de presidente, em suma, um sujeito que poderíamos denominar de “ordinário” não escapa a análise de Dunker. Ele remete à noção de “pequeno grande homem” de Adorno, a qual explicaria a vinculação orgânica das massas a alguém que veio do mesmo berço, da mesma base social e, acima de tudo, continua agindo de modo espontâneo, autêntico, como se não houvesse distinção provocada pelo cargo<sup>38</sup>. Esse modo de ação ainda valoriza o vínculo atávico entre o líder e a base, eliminando a possível hierarquia que a ascensão social provocaria e justificando assim o tipo de discurso grosseiro e coloquial do presidente.

A hipersexualização do discurso presidencial e de ativistas conservadores, de um modo geral, implicam numa projeção freudiana:

“aquele impulso que não consigo lidar em mim mesmo, e que provém de minha fantasia, é projetado no outro, de tal forma que a partir de então é o outro que se torna portador desta mensagem e não o próprio sujeito. Por isso, o sujeito passa a ser afetado e a se incomodar com o outro, como se este tivesse atacando-o ou perseguindo-o, quando na verdade é o próprio sujeito que persegue e critica a si mesmo, usando o outro para isso.” (Dunker, 2019, disponível em <https://diplomatie.org.br/sob-o-governo-dos-homens-falo/>)

Esse caráter sexualizado da linguagem também ocorre no sentido contrário: a repressão das pulsões libidinais e a compreensão da ordem social como reflexo da família de tipo autoritária, tal como acreditava Reich.

Outro elemento importante a ser destacado é a liberação de ressentimentos implicada nessa retomada pública do conservadorismo. Em reflexão destinada a Olavo de

---

37 Ver Christian Dunker “A psicanálise e o discurso de Jair Bolsonaro”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7T3sHqUjHtU>. Acesso em 11 set.2019

38 Idem

Carvalho<sup>39</sup>, Dunker sustenta que tais personagens sempre habitaram a margem dos sistemas de recompensa simbólica de nossa sociedade. Tal qual o personagem Rubião de *Quincas Borba*, Olavo age como se tivesse “descoberto a roda” e merecesse a recompensa necessária. Ele e outros seguidores - que se tem na conta de intelectuais – desenvolvem ódio contra os sistemas regulares de ensino, a lógica do pensamento científico e as produções intelectuais por se verem excluídos dos espaços legítimos, não terem suas contribuições intelectuais reconhecidas. Bolsonaro e demais políticos conservadores agiriam do mesmo modo, assim como sua base social.

#### 2.2.4 – A teoria disposicional de Bernard Lahire

Quando queremos compreender um grupo de pessoas por aquilo que eles “são” ou “fazem” geralmente estamos atrás de defini-los por suas atitudes, comportamentos, ideias e crenças. Geralmente se traça uma linha média que define o padrão esperado para aquele conjunto. Ao mesmo tempo, pode ser que certos padrões de comportamentos são objetivamente codificados como legítimos e impostos por meio de normas, valores e discursos. Desse modo, pode-se definir um grupo e compará-lo com os demais.

Isso servirá para quem olha de cima, “observando a floresta”, segundo uma conhecida ilustração didática. Um olhar sobre um agrupamento muito grande de indivíduos tenderá a diminuir as diferenças e se concentrar nas linhas que os aproximam, que formam padrões distintivos que indicam sua proximidade ou distanciamento com outras unidades sociais. Por outro lado, quando examinamos as “árvores”, percebemos discrepâncias, oposições, contradições em relação ao modelo ideal-típico estabelecido para aquele conjunto. A heterogeneidade de uma dada formação social não deve ser novidade a um pesquisador experiente, porém é um empecilho para aqueles que não possuem os instrumentos adequados ou que não definem bem o escopo da investigação. Exige uma elaborada preparação teórica e metodológica, a construção ideal de um objeto concreto. Na prática diária de pesquisa, as realidades são caóticas. Com muita dificuldade podemos efetuar a transformação do real em

---

39 Ver Christian Dunker “Olavo de Carvalho” e “O tosco brasileiro”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iqAYX09chvY&t=598s> e <<https://www.youtube.com/watch?v=S93ZU15ya-U>>. Acesso em 11 set.2019

um construto de pesquisa, ou seja, uma abstração que deriva sua força da materialidade, porém não se confunde com ela.

Início esse segmento com essa discussão – que deve aborrecer quem espera um debate epistemológico de maior valor – para apresentar o principal dilema de pesquisa sobre “quem são” os ativistas que compõem a nova direita e como eles desenvolveram suas crenças. Investigar os grupos ou tratar especificamente dos ativistas que os constituem? A sociologia em “escala individual” de Lahire (2004) vincula os sujeitos às forças sociais que os produzem. Trata-los em separado, ao mesmo tempo em que se questiona suas múltiplas determinações, cria um panorama diverso impossível de ser reduzido às oposições de classe. Essa é a crítica presente em Lahire (2006) que o distancia da obra seminal de Bourdieu (2007). Nesse, as experiências sociais diferenciais de classe determinam a formação de apetências, competências e disposições percebidas por gostos diferentes em âmbitos diferentes – culinária, decoração, esportes, lazer, literatura, cinema etc. “Homologia” é a noção chave. As classes que apresentam gostos legítimos – valorizados e impostos socialmente, cuja posse material e dos meios de sua apreciação constituem sinal de distinção de classe – transferem essa disposição de um campo a outro. Certamente que Bourdieu não desconhece as inúmeras variações de composição do gosto dentro de um determinado grupo ou mesmo tomando um indivíduo em particular. Porém, a imposição simbólica que deriva desse esquema objetivamente incorporado, bem como o olhar macrossociológico de Bourdieu, trata as distorções como resíduos de um padrão consistente. Já a proposta de pesquisa de Lahire (2004) leva em conta a evolução dos sujeitos em campos tão variados quanto importantes por si mesmos. Trata-se de compreender os múltiplos estímulos a que somos submetidos em uma sociedade contemporânea; esferas e campos que não devem ser subsumidos apenas pela divisória de classe. O conceito de “homem plural” que dá título a sua outra obra (Lahire, 2002) corresponde a esse divisamento que opera sobre o próprio indivíduo. Apreendemos e incorporamos as matrizes de pensamento e ação quando passamos pelo reforço contínuo de práticas de educação, imposição, coerção e habilitação em campos sociais – família, igreja, escola, trabalho, clube, agremiação política etc. - que não operam no mesmo nível. Geralmente, interpreta-se que as experiências de ascensão ou rebaixamento de classe fornecem o essencial para compreensão de grandes transformações individuais. Lahire argumenta que a multiplicidade de esferas atravessa a divisória de classe ao mesmo tempo em que passa ao seu lado. Isto é, a experiência de classe é uma das possíveis, não necessariamente aquela que abarcará as outras e definirá a totalidade das disposições do indivíduo tomado em si mesmo.

Esse olhar “microscópico” promete muito mais ênfase nas distorções e contradições, um entendimento menos linear, mais acidentado e fragmentado das ideias e comportamentos. Assim, não só os efeitos de “homologia” são observados, mas também a ativação de disposições contrárias em campos diferentes até mesmo dentro de um campo só. Um exemplo do primeiro caso é a disposição disciplinadora e organizacional que pode funcionar muito bem para uma pessoa no trabalho, mas que é prontamente abandonada quando passa para o ambiente doméstico. No segundo caso, essa disposição organizacional pode ser ativada e desativada dentro de sua própria casa. Poderíamos descobrir, por exemplo, que alguém tem predileção para organizar livros e outros objetos pessoais, mas se resente das outras tarefas domésticas gerais, como por exemplo limpar os móveis de uso comum. Desses exemplos podemos extrair que tipo de injunções foram necessárias para formar essas disposições: organização e disciplina como competência profissional, talvez aprendida em ambiente acadêmico (socialização formal) ou na prática de trabalho (socialização informal); a socialização de gênero que tipifica e destina certas tarefas domésticas às mulheres; gostos e apetências específicas que transformaram o sujeito em bibliófilo e que, portanto, conduzem-no a limpar e organizar sua biblioteca particular etc.

Lahire trata da formação de “gostos dissonantes” (Lahire, 2006). Trata-se da apresentação de gostos legítimos e ilegítimos, às vezes na mesma intensidade, em áreas distintas ou até na mesma área de apreciação. No primeiro caso, alguém pode apreciar a “alta” literatura ao mesmo tempo que no cinema prefere filmes *blockbusters* aos de autoria. No segundo, e ainda mais surpreendente, alguém pode ouvir igualmente música “brega” e jazz clássico; ou então ler com a mesma voracidade romances best-sellers descartados pelo cânone e literatura russa altamente estimada. Isso se explicará tanto pelo impacto relativo dos campos na formação dos gostos e do impacto relativo das interações específicas. Esses gostos são intensificados ou atenuados de acordo com as mudanças de trajetória experimentadas. Assim, um jovem que ingressou no curso de Letras pode experimentar uma forte imposição ao consumo de obras da “alta” literatura, ao mesmo tempo em que não experimenta uma mesma imposição no campo cinematográfico, sendo submetido às mesmas influências de antes que o fazem preferir filmes *blockbusters*. Do mesmo modo, alguém pode experimentar influências diversas, talvez dentro do mesmo campo. Um jovem que tem um círculo de amigos variado dentro da universidade e que por isso está exposto a influências musicais díspares pode ir da música “brega” ao erudito. Em resumo, a homologia perfeita é uma ilusão gerada pela simplificação das complexidades apresentadas no nível microssocial.

Até aqui falamos de disposições, gostos, comportamentos, ideias...quais são as substâncias que movem o indivíduo a pensar e agir em certa direção? O conceito chave é o de *disposição* e que se divide entre *disposição para crer* e *disposição para agir*. Uma *disposição* é a *incorporação* de ideias, discursos, normas, valores, comportamentos, tendências, hábitos, enfim, de *práticas sociais* aprendidas em determinados ambientes e campos de socialização. Esse trabalho de aprendizado pode se dar tanto por treinamento direto, pelo efeito difuso do ambiente (“socialização silenciosa”), quanto por meio da apreensão de um sistema ideológico e simbólico objetivado através de discursos. De qualquer modo, *disposição* não se confunde a um mero ato ou palavra. São discursos e comportamentos duráveis e recorrentes, adquiridas por repetição ao longo de um tempo. A intensidade e ativação dependem, evidentemente, do grau de exposição e da continuidade da socialização. Isso significa que tais *disposições* estão circunscritos a campos específicos e que, portanto, podem sofrer o efeito de inibição e reforço a depender das mudanças efetuadas ao longo da trajetória, bem como aos efeitos de relações específicas e o grau de importância que o ator confere a elas. O leitor atento e bem informado deve perceber que a *teoria disposicional* é parte integrante da *teoria das práticas sociais* de Bourdieu ou, de modo a facilitar a compreensão, *teoria campo-habitus* (Bourdieu, 2009).

Ainda segundo Lahire, *disposições* não devem ser confundidas com *competências* e *apetências*. Uma *competência* diz respeito a uma técnica, saber ou habilidade limitada a uma atividade específica. É muito sedutor extrair dessa capacidade uma disposição correlacionada e, em alguns casos, considerá-la um princípio geral das práticas daquele sujeito. Mas provavelmente não é isso que ocorre. “A competência é uma capacidade, uma potencialidade e não uma inclinação relativamente permanente”. (Lahire, 2004, p. 331) Por exemplo, imagine-se que um excelente jogador de xadrez (competência) prefira escolhas racionais e estrategicamente pensadas em sua vida (disposição), quando na verdade saber jogar xadrez é um sinal de que...você é apenas um ótimo jogador de xadrez.<sup>40</sup>

Do mesmo modo, espera-se que *disposições* reforcem comportamentos que apeteçam os atores sociais. Na verdade, é bem possível e comum que desenvolvamos atitudes ou tendências (disposições) profundamente enraizadas que nos pareçam ruins e desagradáveis. Manias e vícios são exemplos típicos. No fundo, isso pode estar relacionado com a defasagem entre as *disposições de crença* e *disposições para agir* de um lado, e com as tensões entre as *disposições* experimentadas pelo sujeito e o ambiente externo do outro. No primeiro caso,

---

40 Atribui-se a Millor Fernandes a frase “o xadrez é um jogo chinês que aumenta a capacidade de jogar xadrez”.

podem-se desenvolver crenças – valores, opiniões e ideias – que não implicam necessariamente na tomada de posição. Aquilo que o sujeito valoriza não é colocado em prática. Isso ocorre tanto pela ausência de meios materiais para sua realização (forte desejo de consumo sem possuir recursos pra isso, por exemplo) ou mesmo disposições mal desenvolvidas nesse campo (vontade de ser atlético ou esportista sem possuir as disposições ascéticas necessárias) (Lahire, 2004, p. 333). Por outro lado, disposições encontram-se em permanente tensão com as necessidades e imposições do campo. Elas podem ser fortemente inibidas, ensejando estratégias de resolução de seus atores que vão desde a recusa de estar no campo, passando pela sublimação até a acomodação.

“Assiste-se, deste modo, a incessantes e múltiplas suspensões e ativações de disposições, de frustrações ou de desabrochamentos, passageiros ou duradouros, que flutuam em função das pequenas ou grandes mudanças de situação: perda de uma amiga que morre, fim de uma relação, divórcio, decoração da casa, mudança de emprego, convívio com outras pessoas após casamento ou nascimento...” (idem, p. 329)

Esses dois tipos de contradições – entre disposições de crença x disposições para agir e disposições x campo – costumam produzir grande sofrimento, angústia e frustração. Imagine um jovem estudante pobre que sonha em ingressar numa boa faculdade, ter uma boa formação e um bom emprego. Ele está imbuído de um valor que possui grande estima em nossa sociedade (a educação), tanto como efeito de distinção social quanto pelos efeitos práticos que decorrem da transformação de capital cultural em capital econômico. Porém, esse estudante não tem recursos materiais, nem possui as condições de aprendizagem oferecidas por boas escolas e que lhe trarão obstáculos ao longo de sua vida escolar. O abatimento, perda de autoestima e o ressentimento podem vir a se abater sobre esse jovem caso não consiga alcançar seu sonho. As disposições de crença (valor da educação) estão bem estabelecidas, porém entram em desacordo com suas disposições para agir e com as forças do campo a que está submetido.

Desse modo, observamos um duplo processo. De um lado, temos a sedimentação consistente de práticas que irão formar as *disposições*, ativadas e reafirmadas em contextos assim positivados. Do outro, momentos de crises transformadores situadas na descontinuidade entre disposições e contextos. Podem ocorrer de maneira abrupta, sendo lembrados e tematizados pelos próprios sujeitos, episódios de grande poder simbólico representativos de suas identidades; ou então etapas sucessivas, acumulativas, cuja tensão se desenvolve durante um período de crise que se encerra sem que se perceba o momento exato. As disposições operam sobre a *permanência* e a *transformação*; duas marchas que se sobrepõem e, muitas vezes, se confundem, mas que são essenciais para compreender as variações individuais e intra-individuais.

Isso significa que na prática esse tipo de abordagem funciona tanto pela análise *sincrônica* quanto *diacrônica*. No tempo “parado”, podemos comparar as variações entre os atores, ressaltando a importância relativa dos campos de socialização, de momentos e contextos externos na formação de disposições específicas, bem como nas igualmente importantes relações específicas. A análise *diacrônica* se fundamenta na transformação interna das disposições. Assim, podemos analisar a trajetória entre campos distintos, o impacto que isso gera sobre as disposições individuais (consolidação, ativação, tensão, contradição, transformação) e a importância das relações específicas.

*Disposições são incorporadas.* Esse caráter ultrapassa a mera dicotomia entre um ato instintivo e um ato plenamente refletido. Tornar uma tendência comportamental e uma crença em uma fração do seu próprio corpo implica numa apreensão consciente e ao mesmo tempo inconsciente. O ator social é hábil em dizer o que está fazendo (o que está estudando em uma faculdade, por exemplo), mas não deve compreender como esses estímulos se combinam para estruturar essas matrizes de ação e pensamento (disposições ascéticas, disciplinares, organizadoras), muito menos como se formam no campo os múltiplos feixes de imposição e habilitação. Uma pesquisa que leve isso em consideração deve se opor às concepções puramente racionais da ação individual ou mesmo a fenomenologia pura. Poderíamos descartar maiores explicações sobre a incompatibilidade da teoria da escolha racional. Bastaríamos lembrar que é apenas *um* tipo de racionalidade específica que possui validade em campos ou atividades igualmente específicas. Seria otimismo demais imaginar que a formação de concepções ideológicas profundas sejam determinadas pela previsão de resultados cuja avaliação leva em conta todos os fatores ambientais e relacionais. No caso seguinte, a fenomenologia contribui em fornecer elementos para pensarmos as representações que os atores fazem de si mesmos e de suas relações. Porém elas podem falsear aspectos cruciais, seja pela ausência do entendimento geral das relações ou pelo viés fornecido pelo tipo de socialização a que foi submetido. Isso tem efeitos metodológicos importantes. As entrevistas são excelentes balizadores das trajetórias individuais, porém devem ser complementadas por uma análise atenta ao contexto, às forças sociais que imperam, às contradições internas e às lacunas. Como é impossível realizar um estudo de observação direta de tamanha magnitude<sup>41</sup>, resta nos basearmos nas entrevistas analisadas criticamente a luz de outras informações adicionais.

---

41 A reconstituição de aspectos internos tão variados e, ao mesmo tempo, tão sutis, entranhados na constituição do sujeito, deve ter sido tentada apenas na literatura, vide o clássico monumental de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*.

“uma disposição só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes e contraditórios, da atividade do indivíduo estudado, sejam eles produto da observação direta dos comportamentos, do recurso ao arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica. Ao considerar uma série de informações relativas à maneira como o ator se comporta, age, reage em diversas situações, o sociólogo tenta formular o princípio que dá origem a esses comportamentos. Poderíamos, inclusive, dizer que esses se tornam indicadores das disposições que devem ser nomeadas progressivamente. Em todos os casos, embora seja suficientemente consciente para nos descrever o que faz, o ator não tem consciência das determinações internas e externas que o levaram a agir como agiu, a pensar como pensou, a sentir como sentiu...Em suma, não podemos pressupor que o ator possua as chaves (disposicionais e contextuais) do que o faz agir.” (Lahire, 2004, p. 22 – 23)

“Isto sucede porque as representações, em parte, constituem as práticas, porém não contam essas práticas. Se uma ciência do mundo social é possível, isto pode acontecer por meio da interpretação (a objetivação, a comparação, o corte etc.) daquilo que fazem e dizem os atores, o que desemboca obrigatoriamente em um discurso diferente daquele que estes são capazes de fazer de forma espontânea. Nem desprezo, nem opressão, mas a pesquisa de uma verdade para além da evidência.” (Lahire, 2004, p. 25)

#### 2.2.5 – Em busca de referências teóricas

O fato de adotarmos a teoria *disposicional* como principal lente teórica não exclui as contribuições de outros dois enfoques – teorias sobre *ideologias* e *frames* (como já mencionei, a psicanálise foi mencionada apenas para fins de exemplificação). Convém, então, atentarmos para os ganhos que obtemos ao utilizarmos cada um. Em primeiro lugar, seguindo os passos das abordagens ideológicas, precisamos compreender que as ideias, valores e crenças estão vinculadas a uma realidade material constituída social e historicamente, compartilhada por grupos específicos, geradora de esquemas mentais que definem um conjunto de oportunidades e caminhos a serem trilhados. Ao mesmo tempo, uma ideologia não é apenas uma inscrição *ipsis litteris* dessa realidade material sobre o sujeito, mas também envolve uma mistificação possível determinada por relações de poder entre classes sociais. Isso implicará numa análise de trajetória tecida em conjunto com a realidade social da qual participa o sujeito: injunções de gênero, raça e classe; vínculos com o mundo do trabalho; relações com arranjos familiares e expectativas sociais resultantes disso; alterações no campo político etc. Ao mesmo tempo, os entrevistados estão sujeitos a (auto)identificações ideológicas: direita, liberal, conservador, reacionário etc. Aqui, a expressão ideologia é tomada como um sistema racionalizado de interpretação e, principalmente, de transformação da realidade política e social. Identificação essa que dependerá, como veremos, da maneira diferencial como cada ator incorpora essas questões durante sua trajetória.

Em segundo lugar, e em sentido amplamente oposto, os *frames* dão conta de processos mais específicos e exemplificam a tomada de decisão em certas circunstâncias. Eles

serão utilizados quando formos explicar especialmente o enquadramento que nossos entrevistados fazem de determinadas ocorrências políticas – ou, quando é comum, adotam enquadramentos articulados pela rede da qual fazem parte. Em suma, veremos que o enquadramento dá conta de decisões possíveis dentro de um universo ideológico mais amplo, já que se põe em marcha um conjunto de valores e princípios em colisão com dilemas institucionais; escolhas de voto; decisão sobre políticas públicas; decisões morais observando-se o regramento brasileiro etc.

Por fim, reforçar a importância da análise *disposicional*. Ela delimita o modo como forças coletivas são apreendidas pelos sujeitos: por meio de disposições duráveis de ação ou crença que são adquiridas de forma repetida e sistemática. Entendemos que essa inculcação de padrões mentais, de esquemas de interpretação e de valores e crenças é anterior às ideias políticas em si. Ou melhor, elas fundamentam a adesão a determinado conjunto de ideias que correspondem a uma ideologia organizada e coerente. Por isso que decidimos investigar o modo como a trajetória dos indivíduos explica esse tipo de incorporação por meio da análise das relações dentro dos principais campos em que foram socializados.

## 2.3 – A prática: desenho de pesquisa, instrumentos e percurso metodológico

### 2.3.1 – Desenho de pesquisa

A abordagem disposicional nos fornece quatro tipos de processos sobre as trajetórias individuais que, quando comparados, ajudam a iluminá-las e classificá-las.

a) os campos de socialização relevantes em sua formação política. São os espaços sociais – formais ou informais, institucionalizados ou não - de desenvolvimento das disposições de crença ou de ação responsáveis pela identificação política desses sujeitos. Tratam-se, sobretudo, da *família, comunidade, escola, igreja, trabalho, grupo político* etc. Esses espaços são socialmente demarcados e definidos por hierarquias; relações de poder e dominação; normas e valores compartilhados, sejam eles formalizados ou não. O espaço que cada um ocupa e o papel que representa não são os mesmos. Desse modo, esses campos não funcionam apenas *per si*, mas por meio da influência de relações específicas – pai, mãe, avó, professor, chefe, pastor etc.

b) as disposições específicas geradas no cruzamento entre esses campos. As trajetórias específicas são marcadas pelo engendramento de disposições igualmente singulares. As forças

sociais impostas pelo campo estimulam práticas que são moduladas na passagem em outros espaços. Essas disposições se apresentam como tendências incorporadas a *creer* ou *agir* de determinado modo de maneira estável, portanto assumindo transferências e adaptações de um campo a outro.

c) os contextos, momentos e relações que levaram a uma tomada de posição. Todos nós possuímos crenças políticas. Elas envolvem concepções sobre direitos e representações sobre determinados grupos políticos ou sociais. Esse são elementos que impactam, por exemplo, a elaboração e execução de políticas públicas (prioridades de investimento, leis punitivas etc.). Entretanto, nem sempre aqueles que possuem crenças desse tipo tomam partido engajando-se em algum movimento ou grupo político. Muitos permanecem apenas no papel de eleitor. Essa é a fronteira tradicional que separa o eleitor comum do *ativista político* – sujeito que se engaja em partidos, movimentos sociais ou outro grupo político que desenvolva um trabalho organizado. Desse modo, é necessário compreender *quais fatores* motivam o crente político a se engajar em uma causa, levando-se em consideração que isso necessita de um investimento psíquico, social e material. Entendo que ao contrário das disposições de crença, que são formadas lenta e continuamente, a entrada no ativismo costuma ser ritual, cujas fronteiras bem demarcadas oferecem ao sujeito condições para compreensão de sua condição atual. Isso transparece nas entrevistas. Eles têm em mente os momentos que os fizeram ingressar na política – participação de manifestações, atos públicos, reuniões, ingresso formal no grupo a que pertencem etc. Ao mesmo tempo, entendo que é parte da tarefa interpretar o que as condições de entrada dizem respeito às suas trajetórias. Os dois ativistas apresentados aqui tomaram partido em episódios específicos do que poderíamos chamar da *conjuntura de crise* atual. Marta participou das manifestações pró-impeachment de Dilma. Já Gisele tem uma trajetória de reentrada: era militante de esquerda, tornando-se uma direita convicta após um hiato de cinco anos. Seu reingresso se deu nas manifestações pró-governo.

d) o efeito inibidor ou facilitador das disposições provocados pela mudança de contexto. Disposições e campo são inseparáveis. Comportamentos internalizados mudam de acordo com os estímulos a que são submetidos. Os atores ativam estratégias de adaptação, acomodação, confronto e fuga quando estão em conflito em um novo campo social. Por outro lado, uma mudança de rota é capaz de reativar uma *disposição em estado de vigília* ou reforçar determinadas disposições que não eram “estimadas”. Ativistas de direita convivem com o estigma de assumirem posições “polêmicas”. O ativismo *per si* já é motivo de uma quebra

social, tendo em vista o julgamento negativo que recai sobre uma ação política no Brasil que se assume como é. Mais ainda, interpretam que existe uma hegemonia de esquerda nos espaços de reprodução da cultura e do poder: judiciário, burocracia, mídia, indústria do entretenimento, escolas e universidades. Sentem-se isolados, e as brigas com familiares, amigos e colegas que não partilham do mesmo credo político os tornam ainda mais desconfiados disso. Os conflitos relatados tornam-se ilustrativos de como veem as relações dentro desses espaços.

O tratamento das falas apresenta um desafio metodológico que merece consideração. Uma consequência direta da *teoria disposicional* refere-se ao duplo tratamento dispensado ao discurso dos atores competentes. A princípio, os enunciados são a *prima facie* dos passos de uma vida: antecedentes, condicionantes e desdobramentos de ações individuais; descrição dos momentos chaves, crises, bifurcações, grandes mudanças; hierarquização das relações e espaços sociais mais relevantes. Em contrapartida, a descrição subjetiva deve ser matizada pelas ilusões que o ator possui sobre o mundo social e seus efeitos. O próximo nível é a cristalização de narrativas pela prática recorrente de contá-las (entre amigos ou conhecidos ou em condições formalizadas de interpretação de si, como a psicoterapia, entrevistas de emprego, preparação de currículos etc.). Nesse caso, a autorreflexão necessária conduz uma história cujas “arestas” foram “aparadas”. Ela dissimula passos, caminhos, escolhas, interpretações e contradições que não se coadunam com a imagem que o ator pretende construir sobre si<sup>42</sup>. Outro motivo muito mais comum, já que se aplica a atores “não públicos”, é a necessidade de encontrar interpretações lineares para a caótica imposição de fatores diversos e contraditórios que compõem a vida de uma pessoa. Não é tão difícil identificar quando alguém conta uma história preparada sobre si: fluência ao falar; conexão rápida entre partes, hierarquizando e sequenciando momentos de modo “natural”; explicações de causa e efeito pontuadas sem hesitações; ausência de contradições nos passos que o personagem toma; sequência cronológica de acontecimentos etc. Adentrar o universo que se encontra por detrás da fala – e que não é adequadamente explicitado por ela - torna-se um imperativo do pesquisador.<sup>43</sup>

---

42 Biografias de empresários de sucesso costumam dar grande importância às dificuldades enfrentadas e o modo como eles as superaram de maneira incomum ao mesmo tempo em que subestimam as facilidades que obtiveram nessa “dura” caminhada.

43 Tarefa mais ou menos semelhante ao do psicanalista. Esse tem por função desvendar as pistas do subconsciente que escapam ao discurso consciente experimentado pelo sujeito. As provocações e questionamento visam explorar esse redescoberto das próprias certezas que o sujeito toma para si. A grande diferença para o sociológico está na ordem dessa descoberta. Não exploramos a inconsciência formada nos “porões” do pensamento, mas na parcialidade do entendimento da objetividade do mundo social.

Ingressar na análise de trajetória a partir dessa abordagem pode incorrer em dois erros comuns: 1) negligenciar traços disposicionais que não são evidenciados pelo discurso; 2) negligenciar partes do discurso que o próprio entrevistado não se dá conta, mas que servem para nuançar ou contradizer a narrativa geral que ele se propõe a contar (Lahire, 2004, p. 315). A fala é a matéria-prima desse tipo de análise. Porém o discurso apresentado pelo entrevistado deve ser questionado. Até que ponto fora fabricado para compor uma imagem ideal? As condições da entrevista os constroem a evidenciar determinados pontos em detrimento de outros? “Respeitar o entrevistado é levar em conta todas as palavras e não apenas aquelas que ele acentua para seu interlocutor” (Lahire, 2004, p. 316).

Dito isso, alguns procedimentos podem ser adotados para enfrentar esses obstáculos. Primeiro, reunir bastante material para evitar pontos cegos e elos frágeis. É comum que certas relações fiquem obscurecidas pela falta de elementos que permitam explicá-las corretamente. Muitas vezes é tendência do pesquisador e do próprio entrevistado fornecer uma análise provisória – seja uma explicação de causa ou consequência ou uma simples interpretação do que aquilo significou para a trajetória do sujeito de maneira geral. Mais do que provocar um erro no discurso do entrevistado para que ele “revele” as verdadeiras causas ou sentidos da ação – afinal, ele sabe mesmo o “real” sentido? - é tarefa do pesquisador reunir material suficiente para especificar bem as questões levantadas. Novas entrevistas após análise preliminar são importantes. Assim, diminuem-se os “buracos” da história contada.

Segundo, atentar-se para as contradições e pontos ocultos. Parte das vezes o próprio entrevistado rejeita, sem saber, o sentido que pretende atribuir a sua história. É comum que apresente pistas que contradigam informações anteriormente prestadas. Gisele, por exemplo, prestou muita ênfase sobre como a crise moral e econômica do governo Dilma vislumbrada por meio do processo de impeachment a fez rejeitar completamente tudo que veio da esquerda. Porém, mais à frente na conversa diz que nessa época ainda achava que “era golpe”. Quer dizer, o sentido que almeja se sobrepõe ao evento em si. A linearidade não é tão clara, embora possamos aceitar que a crise do governo Dilma seja um dos condicionantes de sua mudança de posicionamento. Mas como interpretar isso? Isso deve fazer parte de um entendimento bastante complexo da formação de crenças e posicionamentos políticos que, geralmente, são interpretados posteriormente de modo a fazer sentido com uma cadeia de eventos. Marta, por outro lado, repetiu várias vezes que sua defesa de Bolsonaro não estava condicionada a um projeto político. O essencial era sua vinculação com concepções e pautas específicas. Acontece que em dado momento disse que torcia para que toda a família se elegeisse presidente, ele e

todos os filhos, incluindo a mais nova, Laurinha. Podemos interpretar isso como uma birra momentânea contra a esquerda ou mesmo que o discurso da defesa condicional do presidente tenha sido feito para ganhar respeito e evitar a pecha de seguidores fanáticos do presidente.

Terceiro, utilizar mecanismos para “desarmar” o entrevistado, pegá-lo de surpresa e obter respostas mais “espontâneas”.

Quarto, utilizar outras fontes de informação que possam descrever e explicar as disposições dos entrevistados.

### 2.3.2 – Percurso

A fase de análise dos dados e elaboração do texto apresenta outra situação embaraçosa. A minha interpretação crítica dos fatos certamente deve se contrapor à leitura dos próprios atores, seja porque não detenho o manancial de informações acumulado ao longo de uma única vida, mas também porque meu olhar está orientado para “fora” e não se mistura com as formas pelas quais aqueles experienciam os fatos e lhes atribuem significados. Como nos afastamos da *etnometodologia* pura – isto é, compreendemos que a análise social é ordenada pelo pesquisador *a partir* das interpretações dos atores e não um *vetor* dessas, assumidas como as únicas formas possíveis já que aqueles são os únicos capazes de elucubrar os sentidos sociais contidos em suas ações – há um conflito inerente entre a dissonância entre o texto final e aquilo que os entrevistados consideram uma interpretação válida sobre seu universo. Parte desse conflito decorre da óbvia divergência política; a outra, da natureza do trabalho sociológico que não pretende ser um conjunto de exposições que visa apenas reproduzir e ampliar o alcance das ideias dos atores pesquisados. Mesmo a abordagem da *pesquisa participativa* ou de projetos de intervenção política, seja pelo potencial crítico dos seus resultados, seja pela exposição pública de atores políticos que se quer evidenciar, não devem prescindir de uma abordagem crítica que se diferencie da mera reprodução de discursos dos atores pesquisados. Esse também é o perigo que se corre quando lidamos com atores engajados na produção e reprodução de seus próprios discursos. Como lembram Latour e Woolgar (1997) há um sentimento perverso de proteção quando o pesquisador lida com sujeitos subalternizados ou inferiorizados de modo que há a certeza de que não terão acesso ao trabalho ou, se conseguirem tê-lo em mãos, não possuirão as ferramentas cognitivas para compreendê-lo ou capital social ou político para confrontá-lo. Pesquisar gente “rica” ou “poderosa” têm seus problemas; “ativistas políticos” também.

Certamente esses fatores contribuíram para que não houvesse um grande engajamento dos pesquisados nesse projeto. O desenho de pesquisa alterou-se bastante desde sua concepção original. De início, pensava-se em comparar ativistas que faziam parte da rede bolsonarista com aqueles que compõem a rede liberal, todos do estado do Ceará. Entrei em contato – por meio de um amigo em comum – com duas lideranças importantes de um grupo liberal renomado no estado. Expliquei-lhes o motivo do contato e descrevi rapidamente as linhas da pesquisa. Porém as tratativas não foram adiante<sup>44</sup>, e tive que abandonar o grupo já que não havia conseguido voluntários para as entrevistas. Com dificuldade de encontrar pontes entre ativistas bolsonaristas, resolvi adotar uma estratégia mais direta: disparei emails e mensagens nas redes sociais de três dezenas de grupos e lideranças de direita do estado (conservadores e liberais). Apenas dois retornaram o contato. Novamente, uma ativista deixou de responder as mensagens após algum tempo. Já um dos grupos contactados aceitou gentilmente o desafio de se apresentarem a um completo desconhecido estudante de pós-graduação. Serei eternamente grato a eles por abrirem as portas de encontros e reuniões, bem como por se disponibilizarem a conversar pessoalmente sobre vários assuntos. A partir do que foi me contado, três deles se dispuseram a conversar comigo: as duas entrevistadas que compõem essa tese, e um jovem rapaz que chamarei de Thiago, cuja história seria publicada nessa tese, mas acabou ficando de fora por motivos de tempo e pouco material. Enfim, tive que abandonar o esforço de comparação pela ausência de material<sup>45</sup>.

### **3. Trajetória de ativistas de direita do Ceará**

#### **3.1. Eleitorado e ativismo pró-Bolsonaro**

O eleitor padrão de Bolsonaro é homem, evangélico, de escolaridade média ou alta, morador de grande cidade do Sul ou Sudeste (Nicolau, 2020). Uma característica marcante da candidatura de Bolsonaro está na sua capacidade de se tornar mais representativa do eleitorado brasileiro. As primeiras pesquisas de intenções de voto indicavam forte rejeição em alguns

---

<sup>44</sup> Elas demonstraram pouca disposição, possivelmente desconfiança e desconforto. Com o tempo, pararam de responder as mensagens.

<sup>45</sup> Foi aventada a possibilidade de se trabalhar com entrevistas e demais registros disponíveis em redes sociais e podcasts. Porém, eles apresentam lacunas que comprometem uma formulação mais densa e consistente das trajetórias analisadas. Ao mesmo tempo, poderiam comprometer a integridade da comparação já que se tratam de instrumentos de pesquisa bastante distintos.

segmentos sociais, especialmente entre as mulheres e os eleitores mais pobres e menos escolarizados, sobretudo do Nordeste<sup>46</sup>. Apesar da esperada derrota nessa região, Bolsonaro venceu nas outras quatro, incluindo na região Norte onde o PT não era derrotado. O mesmo ineditismo ocorreu entre os estratos de menor escolaridade, incluindo uma ampla diferença entre aqueles de escolaridade média (Nicolau, 2020). Ainda por cima, venceu entre as mulheres, apesar da composição do seu eleitorado ser majoritariamente masculina.<sup>47</sup> Bolsonaro também reverteu tendência histórica de vitória de Dilma nos fortes e populosos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, além de superar o partido rival nas cidades que possuem de 50 mil a 150 mil habitantes (idem, 2020). A diferença assustadora de votos válidos que quase o leva a vitória no primeiro turno se explica também pela ampliação da margem de votos do eleitorado com ensino superior, dos residentes do Sul e Sudeste, entre as cidades com mais de 150 mil habitantes. Para se ter uma ideia, Bolsonaro perdeu apenas em oito das 38 cidades com mais de 500 mil habitantes.<sup>48</sup> Por exclusão, compreendemos que o perfil do eleitorado é formado por mulheres, pobres e pouco escolarizadas que moram em pequenas cidades do Nordeste.

Eleitor é uma coisa, ativista é outra. Uma pequena parcela do eleitorado se engaja em atividades partidárias ou de algum movimento específico. O mais comum é que o momento do voto represente a principal ação política de um cidadão. Por isso, o enquadramento do eleitorado de Bolsonaro é apenas o primeiro passo na tentativa de definir o perfil daqueles que participam de grupos conservadores que o apoiam. Como não existem, pelo que eu saiba, levantamentos confiáveis com dados de ativistas, duas alternativas são viáveis para nos aproximarmos de uma definição. Podemos lançar mão da análise das pesquisas de intenção de voto buscando identificar que segmentos oferecem mais apoio a Bolsonaro. É comum que analistas e comentaristas políticos falem do “núcleo duro” de Bolsonaro, referindo-se a um grupo do eleitorado que oferece apoio sólido e consistente. Isso mantém um percentual estável de aprovação apesar das oscilações.<sup>49</sup> Amaral (2018) utiliza análise de regressão multivariada

---

46 O GLOBO. “Queda na rejeição de Bolsonaro foi maior entre pobres, nordestinos e mulheres”. 16 out. 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/queda-na-rejeicao-bolsonaro-foi-maior-entre-pobres-nordestinos-mulheres-23160175>. Acesso em 24 ago. 2021.

47 “De acordo com pesquisa do Eseb-2018, Bolsonaro recebeu no segundo turno cerca de 53% dos votos das mulheres e 64% dos homens, enquanto Haddad obteve cerca de 47% entre as mulheres e apenas 36% entre os homens”. (Nicolau, 2020, p. 51)

48 Não por acaso as oito estão no Nordeste: Salvador (BA), Feira de Santana (BA), Teresina (PI), São Luís (MA), Fortaleza (CE), Jaboatão dos Guararapes (PE), Aracaju (SE) e Recife (PE). Ver Nicolau (2020, p. 109)

49 FOLHA DE SÃO PAULO. “Núcleo duro de apoio a Bolsonaro é de 12% da população, aponta Datafolha”. 14 set.2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/nucleo-duro-de-apoio-a-bolsonaro-e-de-12-da-populacao-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em 24 ago. 2021.

para concluir que o eleitorado convicto de Bolsonaro é melhor representado por homens, brancos, com ensino médio ou superior, que moram no Sul ou Sudeste e se declaram evangélicos.<sup>50</sup> Paulino e Janoni (2019) combinam o “voto declarado no segundo turno da eleição do ano passado, a avaliação que o eleitor faz da atual administração e o grau de confiança nas palavras do presidente” para concluir que o núcleo duro dos apoiadores de Bolsonaro corresponde a 12% da população, e é composto por uma maioria de homens brancos, mais velhos do que a média (“metade tem mais de 35 anos e quase um terço possui 60 anos ou mais”), escolarizados e com renda mais alta do que a média. No extremo oposto existe um perfil formado prioritariamente por mulheres, “moradores do Nordeste e negros acima da média da população. A grande maioria tem renda de até três salários mínimos”.<sup>51</sup>

Outra alternativa igualmente insuficiente é se basear nas poucas pesquisas de opinião realizadas com manifestantes. Reuni dados sociodemográficos de seis pesquisas. As três primeiras são de manifestações pró-impeachment realizadas em 2015, 2016 e 2017<sup>52</sup>. As outras são manifestações que tem Bolsonaro no centro. A nomeada de “PT Nunca Mais” aconteceu em outubro de 2018, às vésperas da eleição, e foi uma mistura de ato de campanha com manifestação antipetista<sup>53</sup>. A outra aconteceu já no governo Bolsonaro, em maio de 2019, e teve como pautas oficiais o apoio às reformas pretendidas pelo governo (sobretudo a reforma da previdência), a aprovação do pacote anticrime e a manutenção do COAF no ministério da justiça sob o comando do então ministro da justiça Sérgio Moro, e um desagravo ao centrão, tido como uma trava aos projetos do poder executivo. Ela foi chamada convenientemente de

---

50 “Os dados mostram que as características dos bolsonaristas convictos são mais marcadas do que as dos que não têm tanta firmeza sobre o voto no candidato com relação ao restante do eleitorado. Ser homem amplia em 2,7 vezes a chance de declarar um voto firme no capitão. Ter frequentado o Ensino Médio e o Ensino Superior amplia em cerca de duas vezes a chance de ser um bolsonarista convicto com relação aos que frequentaram até o quinto ano (antigo primário). Ser branco (segundo autodeclaração) amplia em 69% a probabilidade de ter firmeza na escolha. Com relação aos que vivem no Sudeste (categoria de referência), viver no Nordeste reduz em 68% a chance de declarar firmeza no voto em Bolsonaro. Viver no Sul amplia em cerca de 70%. Por fim, ser evangélico amplia em cerca de 65% a chance de escolher o ex-militar com relação aos católicos (categoria de referência).” Ver EL PAÍS. “Quem são os bolsonaristas convictos, segundo o Ibope”. 18 set. 2018. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/opinion/1537287943\\_517482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/opinion/1537287943_517482.html). Acesso em 24 ago.2021.

51 FOLHA DE SÃO PAULO. “Núcleo duro de apoio a Bolsonaro é de 12% da população, aponta Datafolha”. 14 set.2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/nucleo-duro-de-apoio-a-bolsonaro-e-de-12-da-populacao-aponta-datafolha.shtml>>. Acesso em 28 ago. 2021.

52 A Fundação Perseu Abramo compilou e comparou os dados das três manifestações. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/manifestacoes-marco-comparativo-201520162017/>. Acesso em 25/08/2021.

53 Essa pesquisa foi organizada pelo Núcleo de Etnografia Urbana da FESPSP e pelo Monitor do Debate Político Digital da USP. Uma reprodução do relatório está disponível em <http://dagobah.com.br/pesquisa-no-ato-pt-nunca-mais-na-paulista-em-21-de-outubro-de-2018/>. Acesso em 25/08/2021.

“Juntos contra o centrão”.<sup>54</sup> A última da qual disponho de dados ocorreu no dia 07 de Setembro de 2021<sup>55</sup>. Ela ocorreu em função de um forte acirramento entre o presidente e o STF, sobretudo na figura do ministro Alexandre de Moraes, após a derrubada do projeto que previa a inclusão do voto impresso<sup>56</sup>. Esses protestos ocorreram em várias cidades, porém infelizmente só possui os dados dos atos de São Paulo. Na manifestação “Juntos contra o centrão” houve uma tentativa de replicar o questionário em várias capitais, incluindo Fortaleza. Tristemente esses atos foram marcados pela violência contra os aplicadores. Houve relatos de cerceamento da atividade de pesquisa – alguns manifestantes rasgaram questionários – e ameaças de violência física, incluindo de estupro.<sup>57</sup> Os pesquisadores que conduziram o questionário em Fortaleza não consideraram o resultado representativo. Apenas 46 questionários foram respondidos.<sup>58</sup> Mesmo assim retornarei com algumas respostas no intuito de compará-las com o resultado obtido em São Paulo. Também tentarei compará-los com aquilo que observei nessa e nas outras manifestações do mesmo ano. Pelo que eu saiba, essas não receberam tentativas de pesquisa, possivelmente devido ao receio de abordagens violentas. A pandemia de Covid-19 impediu os trabalhos nas manifestações de 2020. Em 2021 houve novo levantamento na importante manifestação do dia 07 de Setembro.<sup>59</sup>

---

54 Pesquisa conduzida pelo Monitor do Debate Política no Meio Digital da USP. Disponível em <https://www.monitordigital.org/wp-content/uploads/2020/04/juntos-contr-o-centr%C3%A3o-26-05-19.pdf>. Acesso em 25 ago. 2021.

55 Pesquisa conduzida pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP. Disponível em <https://www.monitordigital.org/2021/09/08/manifestacao-em-apoio-ao-presidente-bolsonaro-07-09-21/>. Último acesso em 28 jul. 2022.

56 Bolsonaro discursou durante o ato: “Aqui na Praça dos Três Poderes juramos respeitar a nossa Constituição. Quem age fora dela se enquadra ou pede pra sair” (...) “Dizer a vocês, que qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou, ele tem tempo ainda de pedir o seu boné e ir cuidar da sua vida. Ele, para nós, não existe mais”. OGLOBO. “7 de Setembro tem protestos a favor e contra o governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/07/7-de-setembro-tem-protestos-a-favor-e-contr-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2022.

57 O POVO. “Pesquisadores são hostilizados na manifestação pró-Bolsonaro em Fortaleza”. 26 maio. 2019. Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2019/05/26/pesquisadores-sao-hostilizados-na-manifestacao-pro-bolsonaro-em-fortaleza.html>. Último acesso em 25 ago. 2021.

58 Ver a publicação do coordenador Jakson Aquino em seu blog Dados e Teorias. Disponível em [dadoseteorias.blogspot.com/2019/06/tentativa-de-pesquisa-na-manifestacao.html](http://dadoseteorias.blogspot.com/2019/06/tentativa-de-pesquisa-na-manifestacao.html). Acesso em 25 ago. 2021.

59 As manifestações aconteceram em um momento de forte conflito entre Bolsonaro e o STF. Embora com aprovação em queda, Bolsonaro contou com uma elaborada e antecipada organização para demonstrar força. Foram organizados translados de ativistas de outras cidades para São Paulo e Brasília, onde o presidente discursou. Ao mesmo tempo, o ministro do STF Alexandre de Moraes continuou expedindo ordens de prisão contra apoiadores que estariam participando de atividades antidemocráticas. Esperava-se uma greve de caminhoneiros, puxadas por entidades patronais, com impactos imprevisíveis. As expectativas variavam entre uma nova e potente manifestação de popularidade do presidente ou até mesmo a ocorrência de eventos violentos que descambassem em um golpe de estado. INFOMONEY. “7 de Setembro: o que está em jogo nas manifestações pró-Bolsonaro”. 5 set. 2021. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/politica/7-de-setembro-o-que-esta-em-jogo-nas-manifestacoes-pro-bolsonaro/>. Acesso em 08 set. 2021. Para o levantamento consultar a pesquisa realizada pelo Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação da EACH/USP. PODER 360. “Impeachment do STF é a

Nas manifestações pró-impeachment entre 42% e 44% dos presentes se definiram como de direita. Mas o dado que mais chama atenção é a preferência entre as prováveis candidaturas. A primeira manifestação ocorreu cinco meses após a eleição na qual Aécio Neves (PSDB) foi o rival da candidatura petista de Dilma Rousseff. O PSDB pediu a recontagem de votos no TSE, argumentando que algum erro ou fraude pudesse ter relação com a pequena margem de votos que deu a vitória para a petista<sup>60</sup>. Isso contribuiu para que a tensão eleitoral permanecesse, mantendo o protagonismo do partido e do seu candidato derrotado. Nesses dois anos Aécio e o PSDB também seriam implicados na Lava Jato, dilapidando a confiança recebida dos antipetistas.<sup>61</sup> É possível inferir que suas intenções de voto passaram a ser distribuídas entre outros candidatos e entre votos brancos e nulos. Entre eles destaca-se Jair Bolsonaro, com impressionantes 27% ainda em 2016. Pra se ter uma ideia, em agosto do ano eleitoral Bolsonaro marcava cerca de 20% percentuais nas pesquisas de intenções de voto.<sup>62</sup>

Gráfico 2 – Preferência eleitoral dos manifestantes pró-impeachment<sup>63</sup>

---

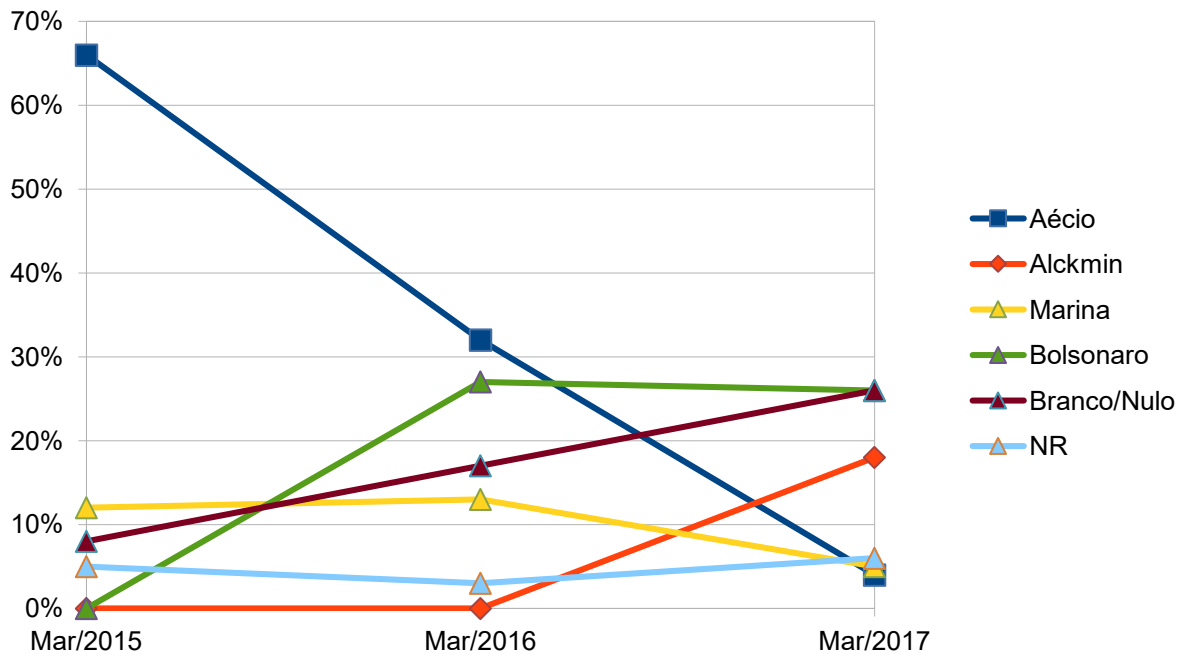
principal pauta de atos bolsonaristas, diz pesquisa”. 08 set.2021. Disponível em <https://www.poder360.com.br/brasil/impeachment-no-stf-e-a-principal-pauta-de-atos-bolsonaristas-diz-pesquisa/>. Acesso em 08 set. 2021.

60 G1. “PSDB pede ao TSE auditoria para verificar lisura da eleição”. 30 out.2014. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>. Acesso em 26 ago. 2021.

61 EXAME. “Lista de denúncias contra Aécio Neves”. 18 maio. 2017. Disponível em <https://exame.com/brasil/lista-denuncias-contr-aecio-neves/>. Acesso em 26 ago. 2021.

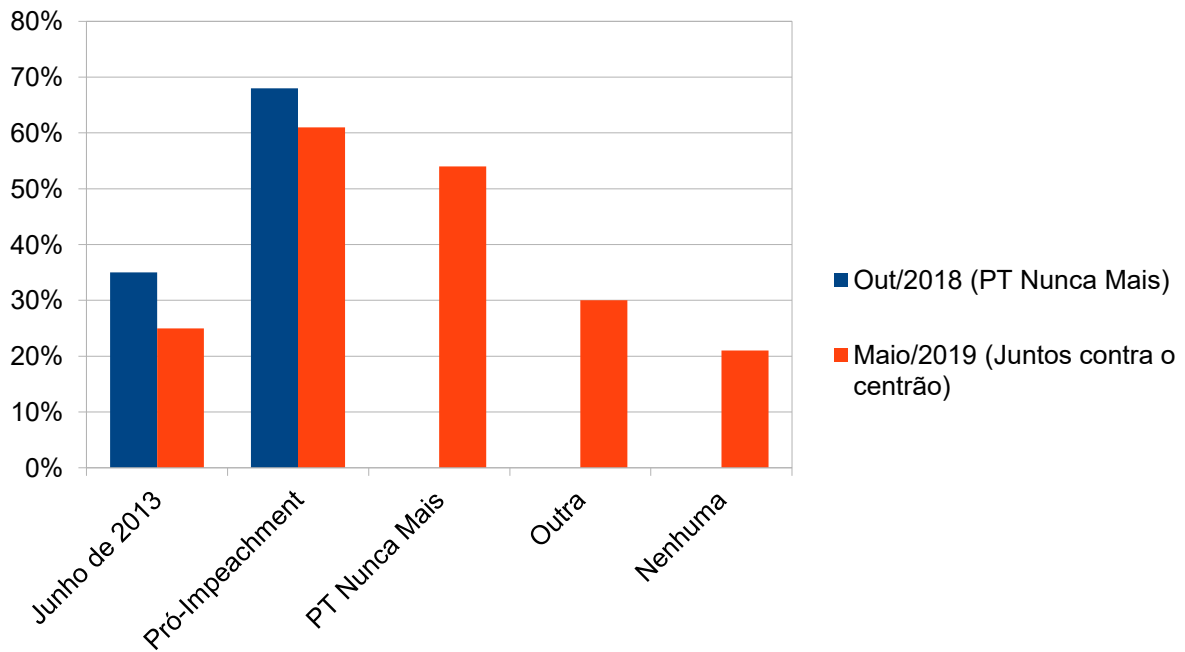
62 INFOMONEY. “Bolsonaro sobre na pesquisa espontânea, mas rejeição chega ao maior patamar”. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-sobe-na-pesquisa-espontanea-mas-rejeicao-chega-ao-maior-patamar-mostra-xp-ipespe/>. Acesso em 26 ago. 2021.

63 Seleccionei apenas os candidatos que aparecem com as maiores intenções de voto, excluindo nomes como Ciro Gomes, João Dória, Luciana Genro entre outros.



A análise do histórico de participação dos manifestantes também indica uma forte correspondência entre aqueles que participaram dos atos pró-Bolsonaro e das manifestações propriamente pró-impeachment e antipetistas. Cerca de 61% dos que estiveram no ato “Juntos contra o Centrão” também estavam em alguma das manifestações pró-impeachment.

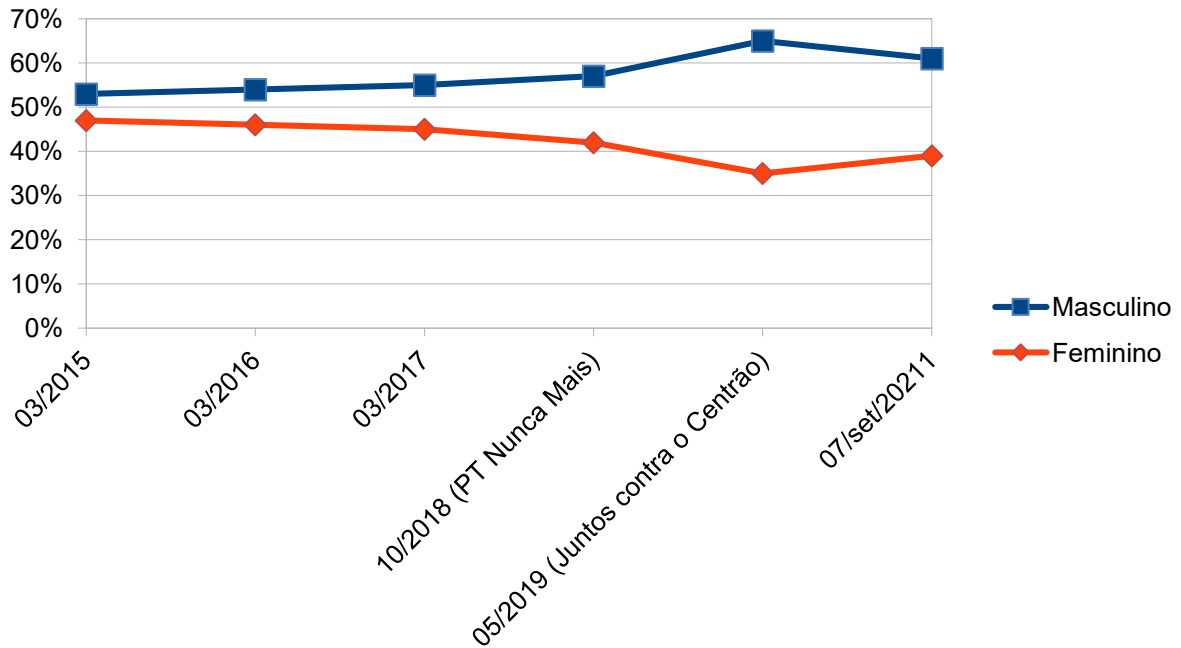
Gráfico 3 – Histórico de participação dos manifestantes de atos pró-Bolsonaro



Nos atos pró-impeachment entre 42% a 44% dos manifestantes declararam-se de direita. Já nos dois atos nitidamente bolsonaristas esse número salta para 72% e 76% respectivamente. Não é possível explicar se a causa é uma mudança no perfil do público participante ou se houve uma nova identificação política por parte das mesmas pessoas. De qualquer modo, os indícios são fortes para suspeitarmos de que se trata do mesmo perfil sociodemográfico e que, portanto, podemos utilizá-lo para nos dar pistas sobre o perfil do ativista bolsonarista.

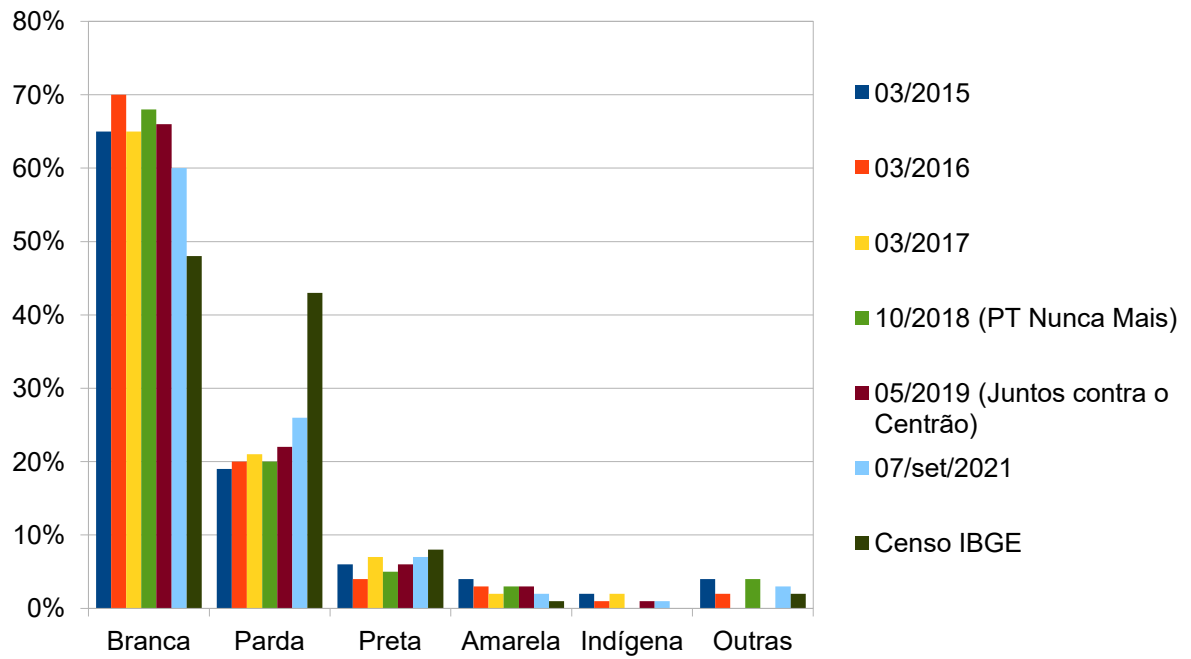
O público predominante do último ato para o qual temos dados, “Juntos contra o centrão”, é predominantemente masculino. Segundo os dados dos questionários em São Paulo, houve um aumento da participação do público masculino, embora minha percepção durante pesquisa de campo dos atos em Fortaleza é de certa paridade, incluindo de lideranças. Essa diferença se mantém nas manifestações do dia 07 de Setembro de 2021, porém os próprios coordenadores da pesquisa comentam que houve uma possível baixa notificação do público feminino presente já que muitas mulheres quando abordadas chamavam os companheiros para responder a pesquisa.

Gráfico 4 – Gênero nas manifestações



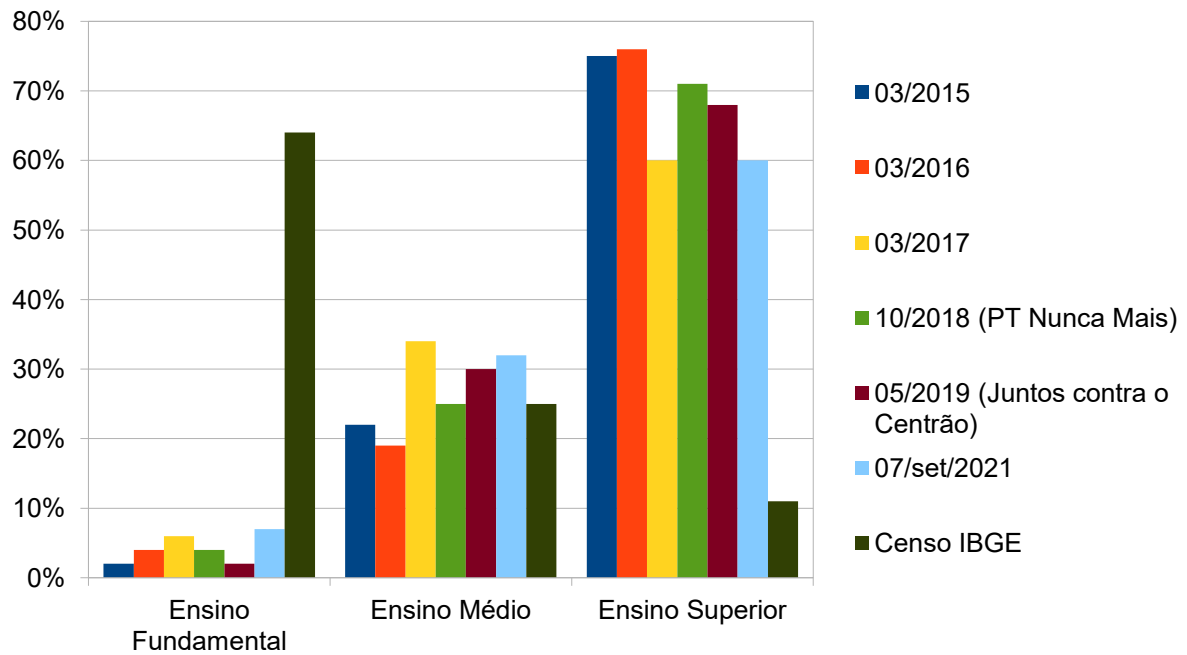
Nos quesitos raça, escolaridade e renda, os dados apresentados se coadunam com o que foi inferido por Amaral (2018) como “bolsonarismo raiz”. Há uma forte sobrerrepresentação de brancos nas manifestações sobre o percentual que compõe a população brasileira aferido pelo IBGE. Não há variação substantiva entre os atos. De modo inverso, há uma subrepresentação da população parda e negra.

Gráfico 5 – Distribuição racial dos participantes dos atos



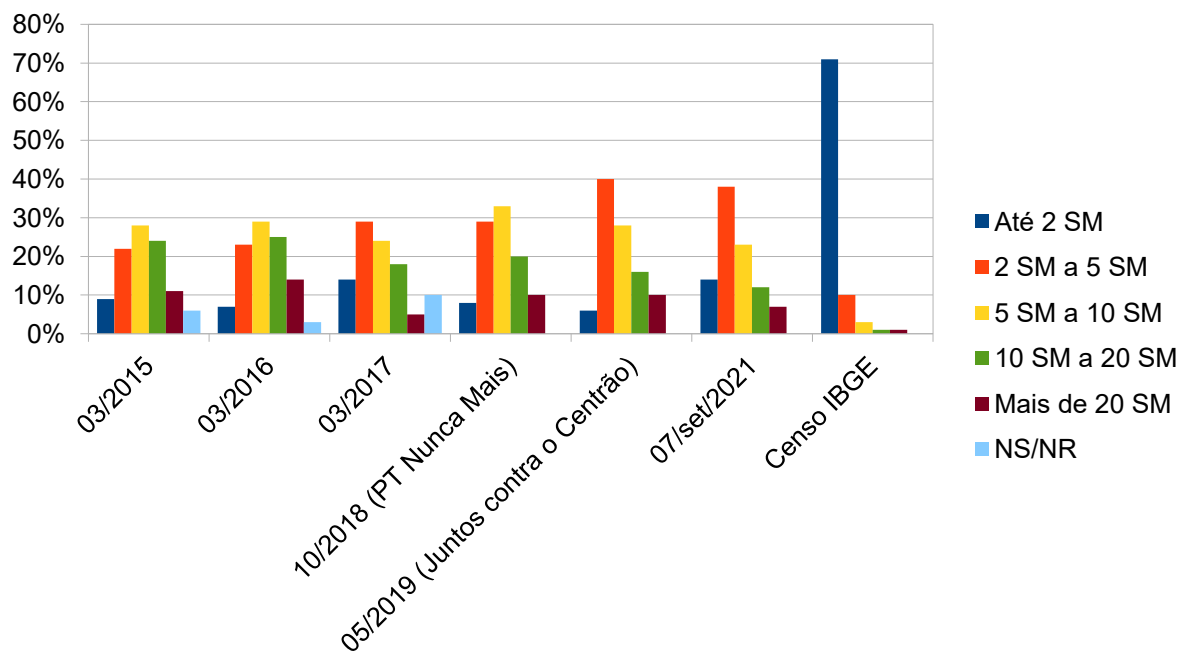
Há variações relevantes de escolaridade entre os atos, porém a nítida tendência de sobrerrepresentação dos segmentos mais escolarizados permanece. Predominam pessoas de ensino superior em uma proporção bem maior do que o observado na população em geral.

Gráfico 6 – escolaridade dos manifestantes



A análise da renda é mais confusa e menos linear, talvez pela pouca confiabilidade dos dados e do número de não respostas. Observa-se uma tendência de concentração nas faixas médias entre 2 a 10 salários mínimos. Impressiona o percentual de respostas na faixa de 10 a 20 salários mínimos ou mesmo entre aqueles que possuem mais de 20 salários mínimos – na manifestação “Juntos contra o centrão” essa soma representou 20% da amostra. Não é demais lembrar que, segundo censo do IBGE de 2010, 71% da população brasileira vive com menos de 2 salários mínimos, e 10% com 2 a 5 salários mínimos. Mais uma vez, o formato do gráfico indica uma sobrerrepresentação de camadas médias e, principalmente, da população mais rica (apenas 2% da população brasileira possui renda maior do que 10 salários mínimos).

Gráfico 7 – Renda dos manifestantes



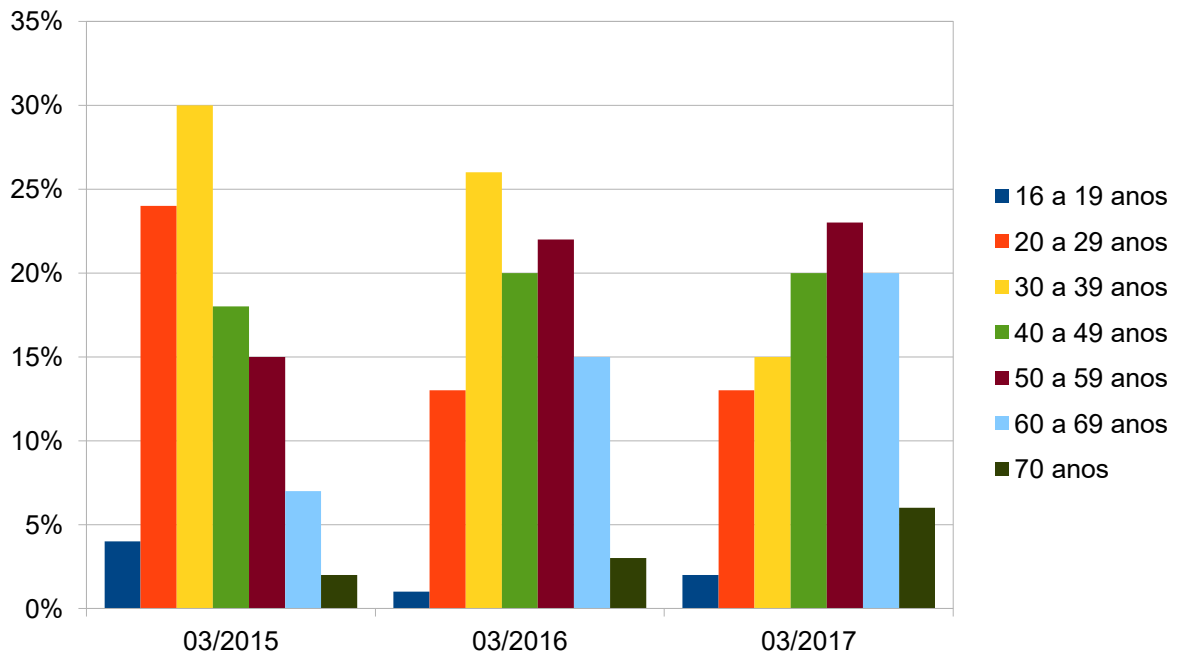
Por um lado, tendemos a suportar a concentração de pessoas brancas, escolarizadas e de renda média e alta com o argumento de que a participação cívica costuma se correlacionar positivamente com essas variáveis. Prova disso seria a demografia dos atos #EleNão. Mesmo com um viés de esquerda e/ou progressista, com tendência de apoio à candidatura de Haddad e rejeição a Bolsonaro, o perfil dos manifestantes não difere do que apresentamos das manifestações pró-impeachment ou pró-bolsonaro.<sup>64</sup> Porém, existem diferenças importantes quando comparamos os dados com aqueles apresentados nas manifestações contra o impeachment. O público que compareceu àqueles atos era mais padre/negro, menos escolarizado e com renda relativamente menor.<sup>65</sup>

64 Com a evidente exceção da presença feminina em função da própria concepção dos atos. Eles foram marcados por grupos independentes, liderados por mulheres, via plataformas sociais para se contraporem ao crescimento de Bolsonaro. Esperava-se que as pautas feministas pusessem a nu o discurso machista e homofóbico de Bolsonaro ampliando a rejeição do eleitorado feminino. Porém viu-se o contrário. Bolsonaro cresceu nas intenções de voto entre as mulheres. Apesar de sermos seduzidos a interpretar esse resultado como um *backlash* do segmento conservador, não existem elementos concretos para garantirmos tal correlação (Nicolau, 2020). Para uma análise dos dados do #EleNão em São Paulo ver relatório de pesquisa do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da USP. BBC. “Eleições 2018: elite de esquerda era maioria em protesto #EleNão contra Bolsonaro em São Paulo, apresenta pesquisa da USP”. 01 out. 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45702409>. Acesso em 26 ago. 2021.

65 Os dados estão dispostos na mesma pesquisa conduzida pela Fundação Perseu Abramo. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/manifestacoes-marco-comparativo-201520162017/>. Acesso em 25 ago. 2021.

Quando observamos a idade dos manifestantes, vemos uma tendência de concentração nas faixas etárias acima de 35 anos<sup>66</sup>. Embora a assertiva de que o bolsonarismo raiz é mais velho padeça de certo preconceito – o de que o comportamento conservador está relacionado com o envelhecimento – é comum que pesquisadores com acesso a manifestações ou diretamente aos grupos bolsonaristas admitam que é nessa faixa etária que encontram seu público. Há uma tendência a interpretar o bolsonarismo como um fenômeno que envelheceu, isto é, diminuiu seu potencial de engajamento memético dos jovens, e tornou-se mais *boomer*<sup>67</sup>.

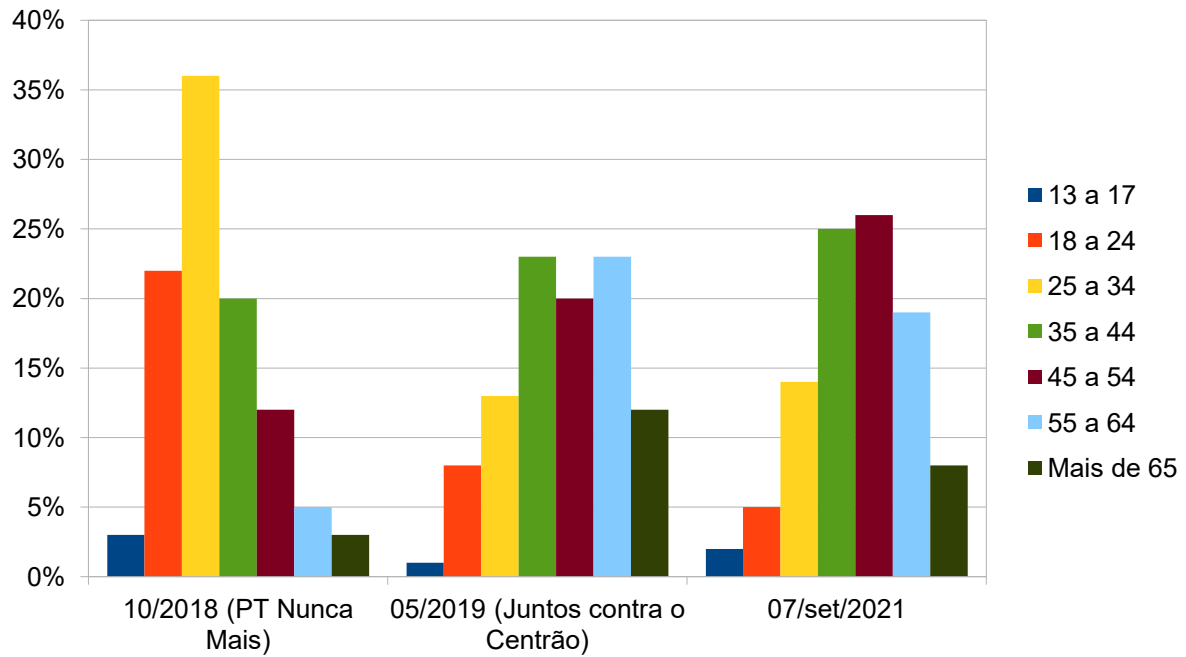
Gráfico 8 – idade nas manifestações pró-impeachment



66 Os dados estão dispostos em dois gráficos pois usam faixas etárias diferentes nos questionários.

67 Termo geracional. Refere-se aos *baby boomers* nascidos no pós-segunda guerra, período de grande fertilidade inclusive dos países em desenvolvimento. Na prática, é uma expressão depreciativa utilizada por jovens que foram educados digitalmente na infância ou adolescência para se referir a pessoas mais velhas que estão aderindo agora ao uso de redes sociais no período de sua maior expansão. GALILEU. “Boomers, millenials e zoomers: estamos vivendo um conflito de gerações?”. 07 out. 2020. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2020/10/boomers-millenials-zoomers-estamos-vivendo-um-conflito-de-geracoes.html>. Acesso 21 ago. 2021.

Gráfico 9 – idade nas manifestações “PT Nunca Mais”, “Juntos contra o centrão” e do 07/Setembro de 2021

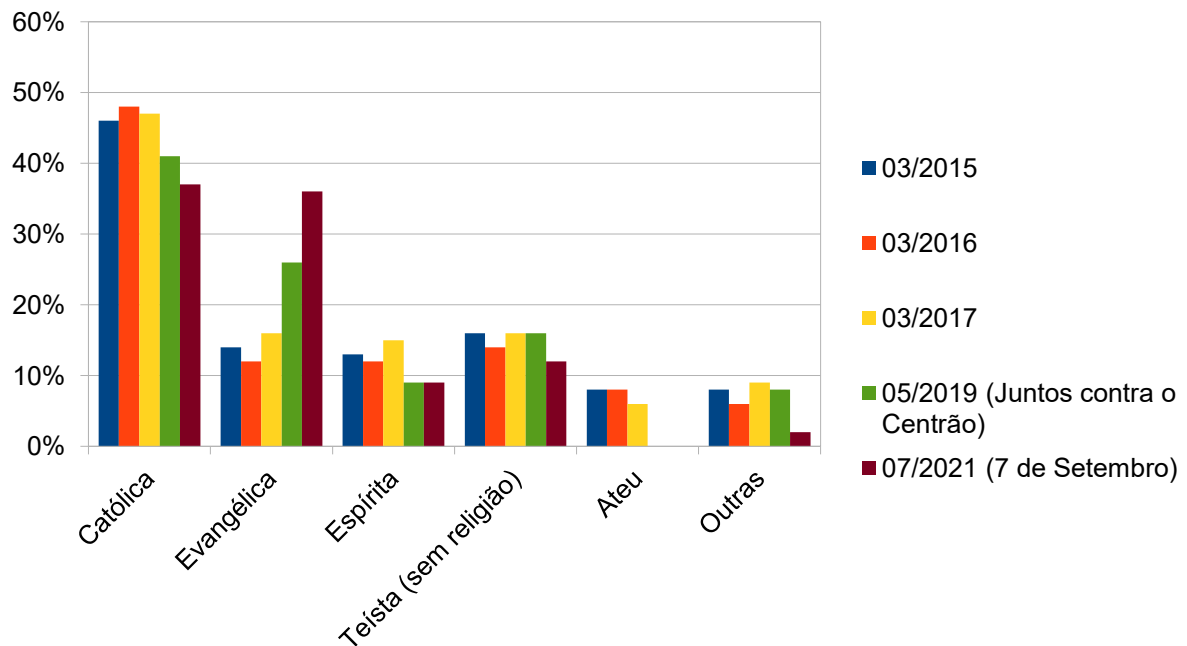


Sobre a religião, vemos que o número de evangélicos declarados subiu até a última manifestação enquanto que o percentual de católicos permaneceu alto desde o princípio. Surpreende que na última eles estejam emparelhados. O que explica? Talvez o apoio declarado e organizado de algumas importantes lideranças evangélicas?<sup>68</sup>

Gráfico 10 – religião dos manifestantes

---

68 FOLHA DE SÃO PAULO. “Liderados por Malafaia, pastores convocam evangélicos para apoiar Bolsonaro no 7 de Setembro”. 25 ago. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/liderados-por-malafaia-pastores-convocam-evangelicos-para-apoiar-bolsonaro-no-7-de-setembro.shtml>. Acesso em 08 set. 2021.



Na malfadada pesquisa realizada no ato “Juntos contra o centrão” em Fortaleza 35 questionários foram respondidos por homens e 11 por mulheres. Das 46 respostas, 11 responderam que residem em bairros de IDH altíssimo, enquanto que 7 residiam em bairros de IDH alto.<sup>69</sup> A maior parte das respostas (29 questionários) se concentra entre aqueles que possuem mais de 35 anos. Entre 35 a 44 anos houve 14 respostas, entre 45 a 54 anos houve 8 respostas e 7 delas vieram entre aqueles que tinham 55 anos ou mais. Pelo menos 23 respostas indicam nível escolar acima do ensino médio, enquanto que 15 pessoas responderam que tinham ensino médio completo. Apenas 4 tinham ensino fundamental incompleto. Dos 46 questionários, 12 responderam que possuem mais de 5 salários mínimos e 14 situam-se na faixa entre 2 a 5 salários mínimos. Em relação a religião, 22 declararam-se católicos e 10 se disseram evangélicos. A maioria (28 respostas) se definiram como pardos, 7 como brancos e 4 como

---

69 Dos 119 bairros listados até então 28 estão classificados na faixa de IDH mais baixo, 34 tem IDH baixo, 28 IDH médio, 21 IDH alto e apenas 8 estão no segmento de maior IDH. Interessante notar que havia representantes de 5 dos 8 bairros desse segmento, 3 manifestantes moravam no Meireles e 5 na Aldeota, os dois bairros mais ricos da cidade. Ver estudo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza chamado “Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza” (2014). Disponível em <https://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>. Acesso em 28 ago. 2021.

pretos.<sup>70</sup> Desses dados devemos destacar o número de respostas para bairros de origem e escolaridade que apontam para uma estratificação de renda e escolaridade mais alta.

Consultei meus diários de campo para cotejar os resultados observados nas duas cidades (embora, como já dissemos aqui, os resultados de Fortaleza não são representativos). Comparei as manifestações de 2018/2019 com os pequenos atos conservadores e/ou pró-Bolsonaro que se deram antes disso. A principal conclusão é que o público se tornou mais heterogêneo. Com exceção das mulheres mais jovens, que parecem ser o público que mais rejeita Bolsonaro, todas as faixas de idade e gênero estavam presentes. A impressão é que ao longo dos três atos que acompanhei ao longo de 2019 – 23 de Maio, 30 de Junho e 25 de Agosto – os manifestantes “envelheceram”. Visualmente predomina a faixa etária acima dos 35 anos, com bastante presença de pessoas mais velhas, possivelmente acima dos 50 anos. A divisão clássica de gênero não faz tanto sentido. Muitas mulheres se faziam presentes, incluindo entre as lideranças de grupos locais. Pelo que me recorde, todos os grupos possuem lideranças femininas ao lado das masculinas. Também tratava-se de uma camada social predominantemente branca, e que se supõe com maior poder aquisitivo. Na manifestação de 30 de Junho fui e voltei de ônibus. Na ida dividi o transporte abarrotado com uma turma que iria para a parada LGBT com jovens periféricos que curtiriam a praia. Os dois perfis se distinguiram claramente, porém nenhum deles se aproximava do observado na manifestação pró-Bolsonaro. Fui o único dos ocupantes que se encaminhou para a Praça Portugal, lugar da manifestação. Na volta, observei que a maioria dos manifestantes se encaminhava para seus automóveis estacionados nos arredores. Dividi a parada de ônibus com poucas pessoas. O ônibus que peguei fazia o trajeto em direção ao terminal da Parangaba. A viagem foi tranquila, o ônibus possuía bastante espaço. Não preciso dizer que o perfil racial destoava do padrão observado na praça. Era formado basicamente por pessoas pardas e negras. Deixando claro: parto do pressuposto de que raça e classe são inseparáveis no Brasil. Os corpos possuem certos tipos de investimento que não escondem – e talvez seja essa a intenção – o padrão de consumo estético de certa classe social abastada: peles bem tratadas, dentes brancos, cabelos impecáveis. Não só no corpo, o consumo se objetifica nas posses por meio de cachorros caros de raça, roupas e adereços, carros importados estacionados nos arredores etc. Como descrevi brevemente no diário de campo:

---

70 Ver relatório completo em [dadoseteorias.blogspot.com/2019/06/tentativa-de-pesquisa-na-manifestacao.html](https://dadoseteorias.blogspot.com/2019/06/tentativa-de-pesquisa-na-manifestacao.html). Acesso em 28 ago. 2021.

Muitas senhoras passeando com cachorrinhos, e senhores acompanhando as esposas. De modo geral, repete-se o perfil classe média alta - classe alta: pessoas brancas, muitas mulheres com claros procedimentos estéticos e cabelos loiros; homens com cabelos tingidos, expressões faciais e corporais de “gente rica” etc.

Portanto, os elementos precedentes – a análise das pesquisas eleitorais e de comportamento político; os dados coletados em manifestações e as observações pessoais observadas no diário de campo – permitem realizar certo tipo de aproximação sobre o perfil típico do ativista bolsonarista. De modo geral, falamos de pessoas brancas, escolarizadas e com renda acima da média da população. Também supomos que a idade média afunilou entre as faixas acima de 35 anos. Em relação ao gênero não observamos mais a predominância de homens como se via antes. Trata-se de uma composição mais heterogênea nesse sentido. Lidamos com pessoas que se declaram cristãs, com predominância de católicos. De qualquer modo, pretendo destacar um ponto fundamental: quando comparamos com o ativismo marcadamente “liberal”, o ativismo conservador e/ou bolsonarista é muito mais representativo da população brasileira. Minha observação dos eventos do campo liberal aponta para uma composição mais jovem, masculina, ainda mais branca e, certamente, escolarizada e de alta renda. É geralmente composta por profissionais liberais e empresários, o que se coaduna com o discurso focado em pautas pró-mercado.<sup>71</sup> Esse aspecto é crucial: a diferença mais notável reside na ausência de uma linguagem tipicamente religiosa entre os liberais. Ela se constitui numa espécie de matriz discursiva que invade cada aspecto do imaginário conservador e/ou bolsonarista, enquanto que para os liberais constitui apenas um dos elementos dispostos em uma matriz individualista anticomunista. Estabelecer que tipo de relação estamos falando abre margem para uma discussão interminável, mas por ora essa informação nos basta.<sup>72</sup>

Antes de continuar, gostaria de abrir um breve parêntese para esclarecer como se compreende a ampla categoria de classe social nesse trabalho, já que o pertencimento a uma classe social constitui um importante repositório de propriedades e disposições acumuladas. Da abordagem marxista clássica retiro duas características importantes. Primeiro, os indivíduos agrupam-se em uma classe devido ao lugar que ocupam no modo de produção capitalista. Na famosa passagem de *O Capital* (2011 [1867]) “a assim chamada acumulação primitiva” Marx descreve como proprietários fundiários se apoderaram de terras comunais, àquelas pertencentes

---

71 Diário de campo das palestras de Hélio Beltrão (Mises Brasil) organizada pelo grupo Dragão do Mar em 20/09/2018 e o evento “Perspectivas do movimento liberal brasileiro” organizado pelo mesmo grupo e com as presenças de Rodrigo Marinho, Renan Santos (MBL) além do próprio Hélio Beltrão.

72 Ver por exemplo a discussão de Brown (2019) principalmente “teorizando o tradicionalismo moral como elemento do neoliberalismo” presente no cap. 3.

ao Estado ou à igreja, que foram direcionadas à produção de lã para às indústrias têxteis. A acumulação desse capital permitiu também que se viabilizasse a própria produção industrial em si, sendo os camponeses expulsos de suas terras a outra parte da equação. O movimento de alienação dos meios de produção e a concentração de capitais nas mãos da classe proprietária fez com que a emergente classe trabalhadora das cidades utilizasse apenas do seu trabalho como forma de garantir o sustento por meio de um dividendo fixado de acordo com as horas trabalhadas (o salário). O movimento de acumulação do capital como resultado da soma de trabalho social necessita de uma contínua exploração da força de trabalho não paga e o controle do rebaixamento das condições de vida da classe trabalhadora. Essa análise, ao mesmo tempo, estática e dinâmica enfatiza as condições objetivas de imposição da classe social. Outra contribuição diferente, porém igualmente importante, é extraída de *O 18 Brumário...*(2011[1852]). Aqui, classe é ao mesmo tempo uma condição como uma construção política que depende do reconhecimento mútuo dos seus membros. Geralmente essa noção é extraída de uma famosa passagem na qual Marx analisa o comportamento político dos camponeses franceses durante a segunda república francesa:

“Os camponeses parceiros constituem uma gigantesca massa, cujos membros vivem na mesma situação, mas não estabelecem relações diversificadas entre si. O seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de levá-los a um intercâmbio recíproco. O isolamento é favorecido pelos péssimos meios de comunicação franceses e pela pobreza dos camponeses. A sua unidade de produção, a parcela, não permite nenhuma divisão de trabalho no seu cultivo, nenhuma aplicação da ciência, portanto, nenhuma multiplicidade no seu desenvolvimento, nenhuma diversidade de talentos, nenhuma profusão de condições sociais. Cada família camponesa é praticamente autossuficiente, produzindo diretamente a maior parte do que consome e obtendo, assim, os seus meios de subsistência mais da troca com a natureza do que do intercâmbio com a sociedade. Há a parcela, o camponês e a família; mais adiante, outra parcela, outro camponês e outra família. Sessenta conjuntos desse tipo constituem um povoado; e sessenta povoados, um departamento. Assim, a grande massa da nação francesa se compõe por simples adição de grandezas homônimas, como batatas dentro de um saco constituem um saco de batatas. Milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam o seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas, formam uma classe. Mas na medida em que existe um vínculo apenas local entre os parceiros, na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não constituem classe nenhuma. Por conseguinte, são incapazes de fazer valer os interesses da sua classe no seu próprio nome, seja por meio de um Parlamento, seja por meio de uma convenção. Eles não são capazes de representar a si mesmos, necessitando, portanto, ser representados. O seu representante precisa entrar em cena ao mesmo tempo como o seu senhor, como uma autoridade acima deles, como um poder governamental irrestrito, que os proteja das demais classes e lhes mande chuva e sol lá de cima. A expressão última da influência política dos camponeses parceiros consiste, portanto, no fato de o Poder Executivo submeter a sociedade a si próprio.” (Marx, 2011, p. 142/143)

Embora os camponeses estejam submetidos às mesmas condições objetivas de vida, o reconhecimento de uma realidade comum fica impossibilitado pela distância física e pelo

trabalho individual das famílias sobre a terra. Assim, a classe permanece como um agregador de condições materiais comuns, porém seus efeitos políticos são condicionados pela construção de uma ação coletiva que depende desse reconhecimento. Ela não é apenas um repositório que espera ser acessado, como também uma identificação que precisa ser desenvolvida na prática política.

Com as mudanças nas configurações do mundo do trabalho e o desenvolvimento de uma sociedade de consumo as classes sociais ganharam novas nuances. Bourdieu (2007[1979]) identifica no acúmulo de capital cultural um importante marcador de classe. O capital cultural aparece de três formas. O “objetivado” está nas obras de arte, nos livros, nas coleções, isto é, nos materiais de suporte à circulação da informação e do conhecimento considerado legítimo. O “simbólico” constitui-se em certificados, diplomas, ou vestimentais, anéis ou qualquer ornamentos que simbolize o grau de formação que o seu portador possui. Já o “incorporado” determina o mais profundo grau de sua apreensão. São conhecimentos, habilidades e competências adquiridas por intensa repetição de práticas educativas e formativas, como por exemplo a fluência na leitura, o aprendizado de idiomas, a sofisticação vocabular etc. Nas sociedades contemporâneas de economia industriais ou financeirizadas o acesso a bom postos de trabalho ou a cargos de prestígio na máquina pública dependem de uma boa formação escolar. Ao mesmo tempo, permanece em discussão o quanto a instituição escolar reproduz às desigualdades de classe já que ela tende a privilegiar os modos de vida da burguesia ou pequena-burguesia (isto é, intensificando o aprendizado pelo tempo livre, na introdução de conteúdos que refletem a realidade dessas classes ou com um tipo de aprendizado abstrato, lógico-formal que depende de uma correta base adquirida na infância e reforçada dentro de casa) (Bourdieu e Passeron, 2014). De qualquer modo, o acúmulo de capital cultural via escolar torna-se uma importante ferramenta de ascensão social das camadas trabalhadoras e, principalmente, de diferenciação social entre os estratos médios da população. É esse tipo de capital que permitirá algum nível de distinção entre aqueles que não se notabilizam pela posse de capitais econômicos como a grande burguesia.

Desse modo, temos três concepções básicas de classe. A primeira, compreende que o modo de produção ajuda a delimitar modos objetivos de existência. A segunda, que essas experiências precisam ser reconhecidas, identificadas e desenvolvidas politicamente para fazer sentido a uma determinada coletividade. Terceiro, que formas de acumulação de capitais culturais ajudam a diferenciar certos estratos médios para além das concepções econômicas e políticas.

Quadros (apud Singer, 2018) divide a classe média entre os níveis altos, médio e baixo. Abaixo, temos o que chama de massa trabalhadora e miseráveis. Essa definição leva em conta os ganhos salariais, o lugar no modo de produção e padrões profissionais.

“O padrão de vida de Alta Classe Média é aquele que toma como referência os profissionais de nível superior, microempresários, dirigentes etc.; na Média Classe Média, os técnicos de nível médio, supervisores, professores do nível médio etc.; e, na Baixa Classe Média, os auxiliares de escritório, professores de nível fundamental, balconistas, auxiliares de enfermagem etc. Em seguida, estabeleceu-se que o recorte para os Miseráveis é o valor real do salário mínimo de janeiro de 2004 (arredondado para 250 reais). Por fim, a Massa Trabalhadora (pobres) situa-se entre a Baixa Classe Média e os Miseráveis” (Quadros apud Singer, 2018, p. 80)

Souza e Lamounier (apud Singer, 2018) identificam na fração alta da classe média o seu segmento mais tradicional, em oposição às frações médias e baixas que buscam ascensão. Segundo eles, ela:

“realizou suas conquistas no passado e hoje tem seus ganhos estabilizados. A geração anterior já nasceu na classe média, possui casa própria, colocou os filhos em escolas privadas, fez poupança e investimentos, e conta com ampla rede de relações a que pode recorrer em caso de necessidade” (Souza e Lamounier apud Singer, 2018, p. 81)

Como orientava Bourdieu (2007), as classes médias possuem como diferencial tanto uma soma global de capital econômico quanto capital cultural maiores do que as classes ditas trabalhadoras. Porém é a posse relativamente maior de capital cultural sobre as classes burguesas que determinam sua singularidade. Novamente, esses estratos altos da classe média no Brasil vivem do seu trabalho. Entretanto, diferenciam-se dos estratos inferiores por possuírem um ponto de partida material melhor (posses familiares, pequena propriedade, pequeno comércio ou casa própria) e, principalmente, pela garantia das boas condições de reprodução de seu capital cultural: disposição de tempo livre para ele e seus filhos, possibilidade de boa educação formal, rede social de apoio etc.

### 3.2 “Quem é quem?”: a direita no Ceará

Três problemas circundam a delimitação das direitas no Ceará. O primeiro deles diz respeito à natureza da mobilização desses atores na intersecção entre os campos movimentistas e institucionais. Segundo, quais ideias, discursos e programas políticos os diferenciam do campo de esquerda. Terceiro, quais são os marcadores temporais que diferenciam a “velha” da “nova” direita.

Codato, Bolognesi e Roeder (2015) definem a “nova direita” como um produto renovado da velha direita que se definia pelo binômio liberalismo econômico e tradicionalismo moral, e se assentou na defesa do regime militar. A “nova direita” ajustou-se à realidade política

de hegemonia da esquerda modulando seu discurso em relação às políticas sociais ao mesmo tempo em que buscava se distanciar do passado autoritário (idem, p. 121).<sup>73</sup> Observando a arena eleitoral, os autores desenvolveram uma classificação dos partidos da “nova direita” tomando como pano de fundo critérios como auto definição ideológica; classificações feitas por especialistas da área; leitura dos programas oficiais e comportamento legislativo (idem, p. 125).

O resultado é o seguinte:

Tabela 1 – Divisão de partidos entre Velha e Nova Direita

<b>Ideologia</b>	<b>Velha Direita</b>	<b>Nova Direita</b>	<b>Outros</b>
<b>Sigla</b>	DEM (2007)	PEN (2011)	PC do B (1962)
	PAN (1998-2006)	PRB (2005)	PCB (1922)
	PFL (1985-2007)	PSD (2011)	PCO (1995)
	PGT (1995-2003)	PSDC (1997)	PDT (1979)
	PHS (1997)	PSL (1994)	PMDB (1980)
	PL (1985-2006)	PST (1996-2003)	PMN (1984)
	PP (2006)	PT do B (1989)	PPL (2009)
	PPB (1993-2006)	PTC (1990)	PPS (1992)
	PR (2006)	PTN (1995)	PROS (2010)
	PRN (1989-1990)	SD (2013)	PSB (1985)
	PRONA (1989-2006)		PSDB (1988)
	PRP (1991)		PSOL (2004)
	PRTB (1994)		PSTU (1993)
	PSC (1985)		PT (1980)
	PSD (1987-2003)		PV (1986)
	PSN (1996)		
	PTB (1981)		
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>10</b>	<b>15</b>

Fonte: Adaptado de Codato, Bolognesi e Roeder (2015)

<sup>73</sup> “Para resumir o argumento: a velha direita latina pode ser enquadrada em três *statments*: i) ligação com as ditaduras militares; ii) defesa radical da não intervenção do Estado na economia; iii) defesa da moral cívica e da família tradicional. A nova direita, que surge como resposta dupla à velha e à ascensão da esquerda também em três: i) liberalismo econômico, com intervenção limitada do Estado na economia para garantir igualdade de oportunidades; ii) defesa da democracia; iii) defesa radical dos valores da família tradicional.” (Codato, Bolognesi e Roeder, 2015, p. 127)

Esse tipo de análise, no entanto, impõe alguns problemas. Codato, Bolognesi e Roeder (2015) apontam para a dificuldade de analisar os micro e pequenos partidos, frequentemente tidos como agremiações de “aluguel” ou cuja existência é instável. Além disso, deve-se notar a inconsistência interna dos programas e ações dos partidos, frequentemente afetados por divisões internas, mudanças de coalizações que dependem de questões específicas ou estratégias políticas situadas em contextos determinados, bem como a relação com movimentos sociais e organizações da sociedade civil (idem, p. 126). O maior exemplo desses problemas é a definição dos atores políticos que compõem o chamado “bolsonarismo”. A relação dessa força política com os partidos políticos sempre foi problemática, a começar pelo próprio trânsito de Jair Bolsonaro por nove partidos políticos até o fechamento desse texto.<sup>74</sup> Usando uma definição mínima, pode-se dizer que o “bolsonarismo” constitui-se pelo apoio relativo ou absoluto ao seu líder maior. Se o tempo decorrido entre o impeachment de Dilma Rousseff e a ascensão de Bolsonaro ajudou a embaralhar algumas posições, por outro lado foi importante para clarear as diferenças entre o campo “bolsonarista” e o campo liberal ou libertário. Associações e partidos dessa matriz entraram em conflito com o governo Bolsonaro ainda em seu início e buscaram independência.<sup>75</sup>

Tomando o exposto como pano de fundo, proponho dois procedimentos para identificar os atores de direita do estado do Ceará. Primeiro, a autodefinição. Organizações sociais e movimentos políticos tendem a apresentar de maneira mais clara suas credenciais. Quando não explicitadas em manifestos ou outros documentos aparecem por meio dos discursos de suas lideranças ou em manifestações públicas de seus participantes. Em segundo lugar, tento identificar grupos e organizações que são os nós centrais de uma rede – é na sua órbita e nas linhas de contato que os seus vários atores participam e se definem mutuamente como pertencentes a um campo discursivo e prático.

Divido a direita no Ceará entre conservadores (bolsonaristas) e liberais. Sendo uma classificação típica-ideal, serve como exemplificação do modelo, sem pretender ser exaustiva em relação às subcategorias. Existem pelo menos dois motivos para esse enquadramento. Primeiro, uma conformação de ideias, concepções de política e sociedade que são específicas a cada agrupamento. Os conservadores privilegiam o que chamo de “defesa de uma ordem

---

<sup>74</sup> UOL. “PL é o nono partido de Jair Bolsonaro”. 30 nov.2021. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/11/30/partidos-que-jair-bolsonaro-passou.htm>. Acesso em 23 ago.2025

<sup>75</sup> PIAUI. “As direitas em choque”. Out.2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-direitas-em-choque/>. Acesso em 23 ago.2025.

moral”, o que inclui tanto uma ética pública compatível com o tipo “cidadão de bem”, como a manutenção de papéis de gênero e demais elementos familiares dados pelo tradicionalismo. Combate-se principalmente o projeto de esquerda cultural, aquela interessada em construir uma mentalidade hegemônica progressista, representada pelo feminismo, movimentos raciais e LGBT, ou mesmo ambientalista, que destruirão os pilares de uma sociedade brasileira tradicional. O Estado é a última fronteira de combate, pois é posto avançado na transformação da cultura via sistema educacional ou de propaganda. Embora os liberais ataquem o consenso esquerdista-progressista, eles interpretam a hegemonia no campo das ideias como um instrumento de construção de uma nova economia política. O fundamento de suas lutas é a redução – ou mesmo fim – do Estado, a defesa da tríade de liberdades a que os sujeitos têm direito – vida, liberdade e propriedade – que serão tolhidos pelo coletivismo revolucionário da esquerda.

Segundo, uma divisão inscrita na rede de relações entre os movimentos que compõem esses grupos. Uma análise das interações nas redes sociais digitais mostra o distanciamento entre eles. As estratégias de inserção política também se diferenciam. Conservadores e liberais tiveram suas próprias candidaturas preferenciais a deputados e senadoras nas últimas eleições, não se confundindo em seus apoios. Mesmo no segundo turno da eleição presidencial, o voto dos liberais a Jair Bolsonaro foi cético, um caminho para derrotar o mal maior representado pelo PT. Após a vitória de Bolsonaro, temos a ampliação das rugas existentes entre os dois lados. Isso foi evidenciado pela disputa da hegemonia nas ruas nas primeiras manifestações a favor do governo.<sup>76</sup>

A rede ativista bolsonarista estabeleceu-se na conjuntura crítica do impeachment de Dilma Rousseff. Foram nas manifestações pró-impeachment que se formaram grupos e redes de pequenos movimentos que desenvolveram uma matriz de pensamento conservador para além do antipetismo genérico. Em relação ao protagonismo político-partidário temos o seguinte cenário:

Tabela 2 – Deputados Federais bolsonaristas (2018-2022)

	<b>Deputados Federais bolsonaristas eleitos no Ceará</b>	
<b>Ano</b>	<b>2018</b>	<b>2022</b>
	Capitão Wagner (PROS)	André Fernandes (PL)

76 Ver por exemplo Estadão. “Atos no domingo expõem ‘racha’ na direita”. 23 abril.2019. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/05/23/atos-no-domingo-expoem-racha-na-direita.htm>. Acesso em 16 out.2019.

	Heitor Freire (PSL) Dr. Jaziel (PR)	Dr. Jaziel (PL)
<b>Total</b>	3	2
<b>Cadeiras disponíveis</b>	22	22

Fonte: TRE/CE. Elaboração própria.

Tabela 3 – Deputados Estaduais bolsonaristas (2018 – 2022)

	<b>Deputados estaduais bolsonaristas eleitos no Ceará</b>	
<b>Ano</b>	<b>2018</b>	<b>2022</b>
	André Fernandes (PSL) Vitor Valim (PROS) Dra. Silvana (PR) Apóstolo Luiz Henrique (Patriotas) Delegado Cavalcante (PSL) Soldado Noelio (PROS)	Carmelo Neto (PL) Dra. Silvana (PL) Pr. Alcides Fernandes (PL) Sargento Reginauro (União) Apóstolo Luiz Henrique (Republicanos)
<b>Total</b>	6	5
<b>Cadeiras disponíveis</b>	46	46

Fonte: TRE/CE. Elaboração própria.

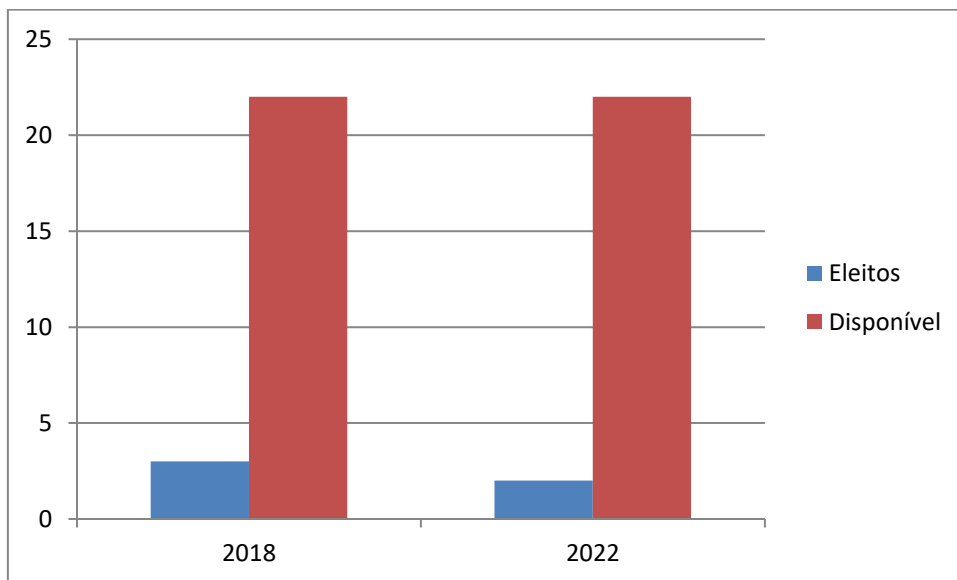
Tabela 4 – Vereadores de Fortaleza bolsonaristas (2020)

	<b>Vereadores bolsonaristas eleitos em Fortaleza</b>
<b>Ano</b>	<b>2020</b>
	Ronaldo Martins (Republicanos) Priscila Costa (PSC) Carmelo Neto (Republicanos) Jorge Pinheiro (PSDB) PPCELL (PSD)

	Inspetor Alberto (PROS) Julierme Sena (PROS) Márcio Martins (PROS) Sargento Reginauro (PROS)
<b>Total</b>	9
<b>Cadeiras disponíveis</b>	43

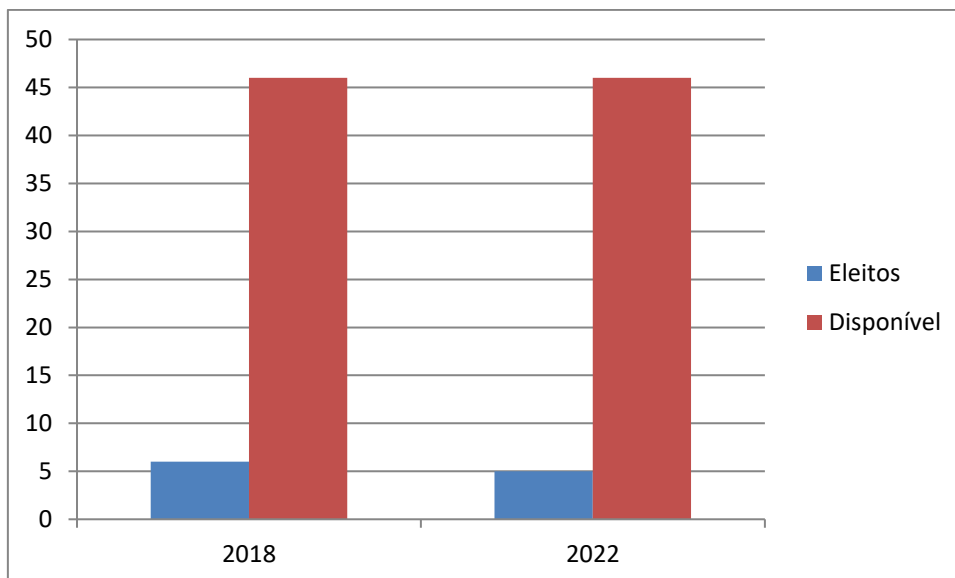
Fonte: TRE/CE. Elaboração própria.

Gráfico 11 – Deputados federais bolsonaristas entre 2018 e 2022



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 12 – Deputados estaduais bolsonaristas eleitos entre 2018 e 2022



Fonte: Elaboração própria

Verifica-se que a representação tipicamente bolsonarista não ultrapassa os 15% da bancada cearense na Câmara Federal e na Assembleia Legislativa do estado. Os parlamentares mais votados em 2018 foram Heitor Freire e André Fernandes, ambos do partido do então presidente. Em 2022, Fernandes obteve votação recorde para a Câmara, e Carmelo foi o deputado estadual mais votado. Destaca-se que a base de direita encontrou dificuldades de estabelecer candidaturas vitoriosas no campo majoritário. Em 2018, os candidatos de oposição General Teophilo (PSDB) e Hélio Góis (PSL) viram o governador Camilo Santana (PT) se reeleger no primeiro turno com 79,96% dos votos. Em 2022, o apoio do governador ajudou na eleição de Elmano de Freitas (PT) com 54,02% dos votos contra Capitão Wágner (União). No Senado destaca-se a eleição de Eduardo Girão (PROS) que teve atuação destacada em defesa do então governo Bolsonaro.

Essa representação melhora um pouco quando se trata das eleições municipais em Fortaleza. Vimos acima que cerca de 20% dos vereadores fortalezenses manifestam proximidade com o bolsonarismo. Ainda assim, o maior destaque daquela eleição foi a vitória de Vitor Valim (PROS) à prefeitura de Caucaia.

Em relação à Sociedade Civil, o movimento mais representativo é o Endireita Fortaleza. Sua página no *Facebook*, principal fonte de comunicação do grupo, foi criada em Outubro de 2015 e hoje, final de 2019, conta com pouco mais de 60 mil seguidores. Na descrição, define-se como um grupo “suprapartidário de posicionamento ideológico de direita, conservador e que atua no âmbito político, cultural e social de maneira responsável e

compromissada”.<sup>77</sup> As principais referências do movimento são Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e Sérgio Moro. Os três representam faces simbólicas determinantes, quais sejam, o conservadorismo intelectual, voltado para o combate no campo da cultura; o conservadorismo político, com inserção no comando do Estado; e o combate à corrupção e a violência urbana. Em um dos eventos que observei, um *banner* apresentava cinco personalidades: além desses três, o padre “reaça” Paulo Ricardo e Clodovil Hernandes, estilista e apresentador de TV falecido que é patrono de evento cultural do movimento destinado a exaltar o bom LGBT. Interessante que Olavo de Carvalho, cujo desenho era maior que os demais, estava centralizado, demonstrando sua importância das estratégias de difusão cultural do movimento.<sup>78</sup>

Segundo um de seus fundadores o Endireita Fortaleza nasceu defendendo uma intervenção militar. Depois o grupo abraçou as brincadeiras pró-Bolsonaro que vicejavam nas redes sociais. A consolidação veio com as manifestações pró-impeachment de Dilma, quando o grupo assumiu um viés abertamente conservador e anti-petista. Conservadorismo para o Endireita é definido pelos pilares Deus, Pátria e Família, certamente uma base para outras agremiações. Defendem o uso do humor, da sátira, do deboche, ressaltando o formato *meme*. O politicamente incorreto é ferramenta não só de combate à correção política em si, mas como instrumento de chocar e chamar atenção para as ações do grupo. Além do ativismo digital “24 horas por dia”, as principais ações políticas são: manifestações; “rolezinhos opressores” na casa do “inimigo” - no Centro de Humanidades da UFC, por exemplo; blitz e adesivações em cruzamentos; produção de eventos culturais; caravanas intermunicipais (como a que os levou na posse de Bolsonaro); formação e treinamento de novos quadros de liderança.<sup>79</sup>

Outros grupos menores se aglutinam em conjunto ao Endireita Fortaleza. O Consciência Patriótica, formado por jovens católicos, tornou-se conhecido nacionalmente por fazerem a dancinha do impeachment e demais coreografias executadas em outras

---

77 “Endireita Fortaleza é um grupo SUPRAPARTIDÁRIO de posicionamento ideológico de direita, conservador e que atua no âmbito político, cultural e social de maneira responsável e compromissada. O grupo Endireita Fortaleza norteia-se com base em três figuras públicas brasileiras, o juiz Sérgio Moro (nosso referencial de Justiça), o professor Olavo de Carvalho (como referencial intelectual) e o Deputado Jair Messias Bolsonaro (como referencial político). Nosso propósito é evidenciar verdadeiros heróis vivos, exemplos a serem seguidos neste momento em que todos os setores da sociedade brasileira estão corrompidos e que nossa história não é mais, verdadeiramente, contada nos livros escolares. O grupo Endireita Fortaleza visa atuar ativamente na sociedade através do apoio daqueles que realmente tem o poder: o Povo. Defendemos a conservação e a permanência de valores familiares, cristãos e a reconstrução cultural. Seja membro do Endireita Fortaleza! A direita tem voz e tem vez, faça parte dessa força.”. Disponível em [https://www.facebook.com/pg/endireitafortaleza/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/endireitafortaleza/about/?ref=page_internal). Acesso em 16 out.2019

78 Diário de campo 08.mar.2019. Evento “Clodovil Presente” realizado no Café Patriota.

79 Informações desse parágrafo foram retiradas da fala de Adriano Duarte, liderança do Endireita Fortaleza no evento “Clodovil Presente” promovido no Café Patriota, 08 de março de 2019.

manifestações. O Movimento Brasil Conservador (MBC), criado em 2018, é uma tentativa de emular um movimento nacional com várias seções locais, tal qual o MBL (Movimento Brasil Livre). Podemos citar também grupos menores como o Conexão Patriota, Movimento Ordem e Progresso, Movimento Brasil Indignado, Acons seção Ceará (Associação Nacional dos Conservadores) e Movimento Pró-Vida (contra o aborto).

Outro movimento importante é o Direita Ceará. Sua página do *Facebook* foi criada em Março de 2016 e hoje conta com pouco menos de 30 mil seguidores. Tornou-se conhecido por coordenar a campanha oficial de Bolsonaro no Ceará, tendo elaborado chapas locais para concorrer às eleições de 2018 pelo PSL (Partido Social Liberal). Tem como liderança Heitor Freire (PSL-CE), deputado federal eleito, além de dois deputados estaduais eleitos, André Fernandes (PSL-CE) e Delegado Cavalcante (PSL-CE).

Foi visível durante o período eleitoral que as duas redes conservadoras tinham eventos disintos de campanha para Jair Bolsonaro: duas carreatas, dois panfletos, dois adesivos etc. Mesmo após a eleição, organizaram manifestações separadas na mesma praça, o que inclusive gerou conflitos.<sup>80</sup>

Excetuando o Consciência Patriótica, pode-se dizer que esses ativistas são mais velhos, acima dos 35 anos pelo menos, geralmente homens e brancos (com presença feminina importante nas posições de liderança). Em *performances* públicas utilizam símbolos que remetem à pátria e ao cristianismo. Essa combinação resulta em um ideal romântico de sociedade tradicional a ser defendida. É muito comum que vistam camisas com temas com as cores da bandeira verde, amarelo e azul<sup>81</sup>; recitem versos bíblicos ou adaptações conhecidas fazendo referência a Deus ou a Jesus<sup>82</sup>; orem Pais Nosso e cantem o hino nacional em cada manifestação; usem apetrechos ou vestimentas parecidas com as dos militares etc.

---

80 Diário de campo 30.jul.2019. Manifestação na Praça Portugal pela reforma da previdência, pacote anti-crime de Sérgio Moro, a favor da Lava-Jato, pela liberação do porte de armas e contra a criminalização da homofobia pelo STF.

81 O melhor exemplo, prenhe de significados, é a camisa “Meu partido é o Brasil”, em fundo amarelo com a representação geográfica do mapa Brasileiro na cor verde. Em versões posteriores, ganhou uma mancha vermelha sinalizando o sangue derramado pela facada que Bolsonaro levou quando vestia essa camisa.

82 A mais conhecida é o lema oficial da campanha de Bolsonaro “Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos!”. Mas também abundam analogias com o sobrenome de Bolsonaro – Messias.

### 3.3 – Marta

Marta tem 60 anos no momento da entrevista. É mãe de três filhos adultos, cuja criação recaiu totalmente sobre ela após ficar viúva. Foi servidora pública por trinta anos, cargo que exerceu em paralelo à docência em instituições privadas de ensino superior.

#### 3.3.1 – Disposição individualista: capitalismo e livre mercado

A principal disposição de Marta é a *individualista*. Embora possa parecer contraditório já que essa disposição apareça no campo conservador, o entendimento dos contextos de atualização desse dispositivo e da sua aplicação pela entrevistada são reveladoras do conservadorismo de que tratamos aqui – ver também a seção anterior para uma apreciação teórica entre liberalismo e conservadorismo.

A disposição individualista funciona em contraponto à organização coletivista da sociedade. A apresentação do problema feita por Hayek (2010 [1944]) exerceu influência basilar sobre o ativismo conservador e liberal. Nessa elaboração a ordem natural deve assegurar a livre iniciativa dos indivíduos em busca de suas necessidades e desejos<sup>83</sup>. O coletivismo é a redução do indivíduo a um grupo que deverá ter suas aspirações condicionadas por valores estabelecidos por um planejamento central. Porém, argumenta Hayek, é impossível uma coordenação que preserve e acomode todos os interesses difusos presentes na sociedade. Um estado cujo principal objetivo é o planejamento central – mesmo que no campo econômica e de maneira sutil – tenderá naturalmente ao autoritarismo, pois os responsáveis pela direção da sociedade usurpam o direito de origem dos indivíduos de decidirem livremente seu futuro<sup>84</sup>.

---

83 “Este é o fato fundamental em que se baseia toda a filosofia do individualismo. Ela não parte do pressuposto de que o homem seja egoísta ou deva sê-lo, como muitas vezes se afirma. Parte apenas do fato incontestável de que os limites dos nossos poderes de imaginação nos impedem de incluir em nossa escala de valores mais que uma parcela das necessidades da sociedade inteira; e como, em sentido estrito, tal escala só pode existir na mente de cada um, segue-se que só existem escalas parciais de valores, as quais são inevitavelmente distintas entre si e mesmo conflitantes. Daí concluem os individualistas que se deve permitir ao indivíduo, dentro de certos limites, seguir seus próprios valores e preferências em vez dos de outrem; e que, nesse contexto, o sistema de objetivos do indivíduo deve ser soberano, não estando sujeito aos ditames alheios. É esse reconhecimento do indivíduo como juiz supremo dos próprios objetivos, é a convicção de que suas idéias deveriam governar-lhe tanto quanto possível a conduta que constitui a essência da visão individualista.” (idem, p. 77)

84 “A questão suscitada pela planificação econômica não consiste, portanto, apenas em determinar se teremos condições de satisfazer o que consideramos nossas necessidades mais (ou menos) importantes segundo nossas preferências. Consiste em determinar se cabe a *nós* decidir o que nos é de maior ou menor importância ou se essa decisão será tomada pelo planejador. A planificação econômica não atingiria apenas as necessidades “marginais” que temos em mente quando nos referimos com desdém aos aspectos puramente econômicos. Ela significaria, com efeito, que nós, como indivíduos, já não poderíamos decidir o que consideramos marginal. A autoridade que dirigisse toda a atividade econômica controlaria não só o aspecto da nossa existência que envolve as questões inferiores; controlaria também a alocação dos meios escassos e os fins a que seriam destinados. Quem controla

Um dos pontos centrais desse tipo de disposição é o ceticismo – quando não a pura aversão – às ideias de justiça social, igualdade social ou distribuição de bens ou serviços que visam mitigar a desigualdade. Hayek até se preocupa com os desvalidos, admitindo que o Estado possa garantir políticas mínimas de bem-estar, assistência social, previdência social e proteção contra desastres (idem, p. 128). E só. A intervenção no mercado para garantir proteção do trabalho devido a perda de renda ou desemprego – flutuações comuns em tempos de crise – é essencialmente ruim, por mais que seja de bom coração ajudar aqueles que mais precisam. Isso porque altera-se o equilíbrio do mercado atingindo-se na outra ponta segmentos que perderão com esses incentivos seletivos.<sup>85</sup> Os indivíduos teriam apenas uma “segurança limitada” (idem, p. 127) que corresponderiam a alguns bens mínimos para sobrevivência. Os efeitos brutais gerados pelas dinâmicas de mercado livre – desemprego estrutural causado pela substituição tecnológica ou por eliminação de setores inteiros; perda de poder de consumo devido a flutuação de preços; inadequação ao trabalho devido à idade ou falta de capacitação etc. - são inegavelmente ruins do ponto de vista moral, mas inevitáveis diante de um sistema social que é naturalmente desigual, porém ainda sim o melhor (ou menos ruim...). Aqui vemos o caráter profundamente cético e antiutópico dessa formulação. Não é possível uma organização social capaz de resolver todos os problemas econômicos. O capitalismo é naturalmente um sistema desigual, pois se fundamenta no direito de herança e no lucro produzido pela propriedade. Porém existe um flanco aberto que permite a ascensão social pelo esforço individual e alcance livre de ocupações.<sup>86</sup> Quando a decadência ocorre, não é raro tomar o indivíduo como culpado

---

toda a atividade econômica também controla os meios que deverão servir a todos os nossos fins; decide, assim, quais deles serão satisfeitos e quais não o serão. É este o ponto crucial da questão. O controle econômico não é apenas o controle de um setor da vida humana, distinto dos demais. É o controle dos meios que contribuirão para a realização de todos os nossos fins. Pois quem detém o controle exclusivo dos meios também determinará a que fins nos dedicaremos, a que valores atribuiremos maior ou menor importância - em suma, determinará aquilo em que os homens deverão crer e por cuja obtenção deverão esforçar-se. Planejamento central significa que o problema econômico será resolvido pela comunidade e não pelo indivíduo; isso, porém, implica que caberá à comunidade, ou melhor, aos seus representantes, decidir sobre a importância relativa das diferentes necessidades.” (idem, p. 103/104)

85 “O planejamento que exerce efeito tão insidioso sobre a liberdade é aquele que visa a uma segurança de outra espécie. É o planejamento que se destina a proteger indivíduos ou grupos contra a redução de suas rendas (redução que, embora imerecida, ocorre diariamente numa sociedade competitiva), contra perdas que impõem duras privações, sem justificação moral, e que, contudo, são inseparáveis do sistema de concorrência. A reivindicação desse tipo de segurança é, pois, um outro aspecto da exigência de uma justa remuneração, proporcional aos méritos subjetivos e não aos resultados objetivos do esforço individual. Essa espécie de segurança ou justiça não parece conciliável com a livre escolha da ocupação.” (idem, p. 129)

86 “Sem dúvida, no regime de concorrência, as oportunidades ao alcance dos pobres são muito mais limitadas que as acessíveis aos ricos. Mas mesmo assim em tal regime o pobre tem uma liberdade maior do que um indivíduo que goze de muito mais conforto material numa sociedade de outro gênero. No regime de concorrência, as probabilidades de um homem pobre conquistar grande fortuna são muito menores que as daquele que herdou sua riqueza. Nele, porém, tal coisa é possível, visto ser o sistema de concorrência o único em que o enriquecimento

de sua sina, sendo a dinâmica do capital e sua organização um mero contexto que se esconde no fundo da tela. O capitalismo livre de amarras pressupõe um jogo entre risco e lucro ao qual tanto o empreendedor quanto o trabalhador livre estão submetidos.

A naturalização da instabilidade, do risco social inerente as flutuações do mercado; a recusa a equiparações efetuadas pelo Estado em nome da justiça social ou simplesmente da proteção dos mais fracos; a conversão dos sujeitos pela lógica produtiva do mercado – aquilo que se produz torna-se o valor assumido pelo indivíduo – são os elementos que caracterizam a disposição individualista.

Quando questionada sobre as raízes da sua visão política, Marta demonstra uma disposição individualista, anti coletivista e capitalista.

“Eu tenho uma visão muito clara na minha cabeça que é o que me sustenta. É o indivíduo. Todo poder emana do indivíduo, é ele quem determina tudo. Você não pode pegar todo mundo e jogar no coletivismo. Se eu tenho uma empresa e botar pra funcionar, ela não funciona nos moldes socialistas, porque ela quebra. Por mais que todo socialista diz que não gosta do capitalismo, todos usufruem dele.”

Como na interpretação de Hayek, o capitalismo é visto por Marta como o único sistema econômico e social viável. Ela interpreta que a diferença de posses de bens e recursos se dá pela ausência de oportunidades. Políticas que visam equilibrar distorções históricas como as cotas – seja pela discriminação de gênero ou raça – geram, por si só, desequilíbrios que distorcem a concorrência do livre do mercado. Ajudar esses grupos tem o efeito de inferiorizá-los, já que subestimaria suas capacidades de atingir os objetivos pelo próprio esforço individual.<sup>87</sup>

“O caminho é o capitalismo, a única coisa que gera riqueza, gera renda. O que precisa é uma educação de base boa, educação média boa, pra dar oportunidade pras pessoas e não esmola. Sou contra esmola. Sou contra cotas, porque acho um desrespeito a essas pessoas, o negro não é diferente de mim, eu valho tanto quanto ele. Homem e mulher tem suas diferenças, mas a mulher sabe usar suas diferenças muito bem, eu usei a vida toda, nunca fui vítima.” (...) “E a história do negro, racismo, pra mim todo mundo é humano, todo mundo tem que ser tratado com dignidade e com respeito. Então não vai ser a cor da sua pele que vai me definir, pra mim isso está muito claro.”

Essa disposição se constrói em oposição a disposição igualitarista – a “condenação do lucro” de que fala Hayek - que impera na maioria dos espaços sociais. Marta comenta que teve um projeto de pós-graduação sobre gestão e consumo que não foi aceito em um programa

depende exclusivamente do indivíduo e não do favor dos poderosos, e em que ninguém pode impedir que alguém tente alcançar esse resultado.” (idem, p. 113/114)

87 É preciso lembrar que os direitos sociais como os vinculados ao trabalho e assistência social - quiçá aqueles destinados a identidades raciais ou de gênero – são historicamente desabonados por representarem a desclassificação desses sujeitos, em alguns casos visto até como incapazes de participarem ativamente da comunidade política. Ver por exemplo o texto clássico de Marshall (1967) que aponta o esforço para retirar os direitos políticos daqueles que recebiam benefícios sociais do Estado na Inglaterra moderna.

de humanas porque “capitalismo é cão lá. É satânas. Desisti. Não é pra mim.”. Os empresários são aqueles criam empregos, “e pessoa empregada tem dinheiro, auto-estima. Pessoa desempregada é horrível”. Arremata: “Porque [então] estimulam o ódio aos empresários?”. Apresenta duas explicações. Primeiro, faz parte da estratégia da esquerda de “dividir para conquistar”. Criar divisões – entre homens e mulheres, héteros e gays, brancos e negros, empresários e trabalhadores etc – para vender soluções. A segunda é mais reveladora. É a própria disposição avessa ao risco assumido pelo sujeito empreendedor do capitalismo hayekiano, disposição essa que chama de “comodismo”. Essa disposição está incorporada em uma parcela dos colegas de serviço público.<sup>88</sup>

Esse comportamento casa-se com estratégias de sobrevivência do capitalismo flexível<sup>89</sup> em uma crise que se desdobra desde os anos 70 (Streeck, 2016). Essa crise notabiliza pela incapacidade do Estado de prover as condições de desenvolvimento do capital, por um lado, e do trabalho e consumo do outro<sup>90</sup>. Vivenciamos uma combinação de fatores absolutamente perversa e destrutiva: estagnação econômica, com baixíssimo crescimento dos países do centro do capitalismo global, com políticas de controle de gasto público. Um dos

---

88 Divide os servidores em três categorias: os acomodados “que não querem nada”, os “mediócras”; os comprometidos com suas funções (na qual se encaixa); e os “concurseiros”, que aproveitam a estabilidade e o tempo disponível para estudar para concursos cada vez maiores. Emenda que todos irão “se aquietar”, pois haverá limitações de concursos públicos pela política de enxugamento do Estado, medida que considera acertada.

89 Sennett (2015) define o capitalismo flexível como um sistema de reordenação das formas de poder do capital a partir de três características fundamentais: a *reinvenção descontínua das instituições* por meio da afamada “reengenharia institucional” que promove fusões, incorporações e transformações brutais na cadeia de comando empresarial. Na prática, significa eliminação de postos de trabalho e a insegurança permanente do trabalhador. A *especialização flexível* trata da flexibilidade dos processos, funções e empregos de acordo com as necessidades imediatas de consumo, produção de novos bens e variações de mercado. A *concentração de poder sem centralização* substitui a hierarquia tradicional de comando piramidal por redes de controle e vigilância que simulam a desconcentração das responsabilidades, tais como a auto-vigilância dos trabalhadores (cujos rendimentos variam de acordo com a produção), controle mútuo e ferramentas remotas de vigilância do trabalho não presencial. Empresas que terceirizam e descentralizam processos produtivos delegam a responsabilidade de controle na ponta livrando-se dos conflitos imediatos do trabalho ao mesmo tempo em que pressionam as subsidiárias pela manutenção da produção e das taxas de lucro. Esses três elementos alteram a expectativa do tempo social atrelado ao tempo de trabalho. O *caráter* – definido por ele como “valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros” – é atingido pela dificuldade de estabelecer “metas de longo prazo” ou de construir laços de “lealdade” ou “compromisso mútuo” (idem, p. 10). Para mais detalhes ver Sennett (2015, “cap. 3 – Flexível: a reestruturação do tempo”).

90 Para Streeck (2013 e 2016) a virada neoliberal dos 70 – em substituição ao pacto keynesiano que alimentou os países desenvolvidos no pós-guerra com uma combinação de crescimento econômico, lucros ao capital, proteção ao trabalho e consumo – ocorreu pela ação dos capitalistas incomodados com os ganhos obtidos pelos trabalhadores em detrimento da diminuição relativa das suas taxas de lucro. Isso se contrapõe fortemente à explicação neoliberal para a crise como produto da sobrecarga de demandas de investimento popular por parte do Estado. Pelo contrário, as políticas posteriormente adotadas para “adiar” a crise do capital e manter a legitimação do sistema – quais sejam, a inflação em função da expansão da base monetária; o endividamento público; a permissividade diante do endividamento privado; e o financiamento pelo Estado do endividamento privado – ocorrem em paralelo a intervenções de agências multilaterais pressionando pelo contingenciamento fiscal e reformas estatais reduzindo políticas de investimento público e benefícios sociais.

resultados que se aprofunda desde os anos 70 é a sensível transformação do mundo do trabalho para pior – remoção da estabilidade; redução ou eliminação de postos de trabalho; diminuição de salários; precarização das condições de trabalho; terceirização e “uberização”; enfraquecimento da proteção sindical e redução de benefícios trabalhistas e previdenciários. Esse estado de coisas abala a própria legitimação do sistema. Em outras palavras, como o trabalhador/eleitor mantém-se confiante no modelo de comunidade política associado à ordem capitalista? Dos quatro comportamentos explicados por Streeck (*idem*), dois estão estreitamente ligados à disposição “individualista” de que tratamos aqui.<sup>91</sup> O *coping*<sup>92</sup> é uma atitude ao mesmo tempo resignada e otimista de enfrentamento de condições consideradas “normais” – mesmo que isso signifique mudanças bruscas e imprevisíveis. Aprende-se a “lutar contra a adversidade por conta própria e de bom espírito”, o que muitas vezes significa “esforço individual extremo”, porém sem a construção de um projeto de luta coletiva contra esse estado de coisas, geralmente considerado “inútil” ou para “perdedores” (*idem*, p. 42, tradução própria). Já *hoping*<sup>93</sup> refere-se ao “esforço mental individual de imaginar e acreditar em uma vida melhor” esperando “em um futuro não tão distante”. A chave aqui é o otimismo em uma vida melhor, um estado de espírito permanente que bloqueia o pessimismo como “uma deficiência pessoal socialmente prejudicial”. Evidente que o tratamento da questão é puramente individual, o esforço originado do trabalho, evitando-se “ações coletivas” ou a “radicalização política” (*idem*, p. 42/43). Em resumo:

“The behavioral programme of the post-social society during the post-capitalist interregnum is governed by a neoliberal ethos of competitive self-improvement, of untiring cultivation of one’s marketable human capital, enthusiastic dedication to work, and cheerfully optimistic, playful acceptance of the risks inherent in a world that has outgrown government. That this programme is dutifully implemented is essential, as the reproduction of the post-capitalist society lite hangs on the thin thread of an accommodating repertoire of individual action filling the widening gaps in the society’s systemic architecture.” (Streeck, 2016, p. 38)

O caráter de *coping* associado à disposição que chamamos aqui de “individualista” atravessa o campo político e se manifesta no exemplo pessoal de enfrentamento das questões de vida e do trabalho de Marta. Ela se classifica como “muito empreendedora”. Começou a trabalhar jovem, ainda aos 18 anos. Aos 27, grávida do terceiro filho, se viu viúva. Conciliava dois trabalhos. Reforça que “estudou muito a vida toda”. Depois, acumulou as funções no

---

91 Os outros dois são simplesmente o uso de drogas (recreativas ou de performance) e o consumismo. Para a discussão completa, ver Streeck (2016, Introduction: An age of entropy)

92 Expressão que vem de *cope*. Segundo o dicionário cambridge uma possível tradução seria “dar conta”, “aguentar”, “suportar”.

93 Expressão que vem de *hope*. Segundo o dicionário cambridge dá sentido de “espera”, “esperança”. Streeck também associa ao forte sentimento americano de “sonhar” (*dreaming*).

serviço público durante o dia e dava aulas em faculdades privadas durante à noite. Independente das suas condições, nunca “aceitou vitimismo”. Estar sozinha é bastante natural. Reage negativamente quando fora interpelada sobre a “necessidade” de ter outro parceiro, um ataque a sua capacidade de “se virar” sozinha ou ao seu espaço pessoal:

“Não sei...uma coisa posso dizer: eu nunca aceitei vitimismo. Fiquei viúva, com três filhos, o pessoal “ah, tadinha...vai voltar pra casa do seu pai?”. “Não, vou continuar na minha casa, tenho minha família, vou cuidar da minha família.”. “Você não vai casar de novo?”. “Porque eu vou casar de novo? Posso ter muitos namorados na minha vida sem precisar casar de novo.” “Ah, pra ter um canto...”. “Não sou andorinha que anda em bando, eu ando só, eu faço as coisas só, eu passeio só, vou ao cinema só...”.

No que se refere ao ambiente de trabalho, já conhecemos sua desconfiança em relação ao servidor público. Quando olhamos para sua relação com a docência, vemos uma aceitação otimista do trabalho em si, do tempo investido na atividade, das condições de pagamento:

“Porque eu fui dar aula à noite? Porque eu ia ganhar um fixo e me divertir. Porque pra mim dar aula nunca foi um trabalho. Tinha prazer em dar aula. Eu me mantinha dentro do mercado, me mantinha informada, eu estudava, eu sabia de tudo que estava acontecendo...então pra mim era a melhor coisa do mundo. E não o fato de eu ganhar. O pessoal perguntava “o quanto tu tá ganhando” e eu dizia “eu não sei!”. Porque o dinheiro era depositado e entrava na minha renda. “Quantas turmas tu tem?”. Eu sabia dizer, os créditos. “Ah, então tá ganhando tanto”. “Ah, legal, eu não sabia”. Eu não ligava, porque pra mim era uma diversão.”

Vemos que considera a docência um “prazer”, uma “diversão”, uma oportunidade para “se manter dentro do mercado” e “informada”. O dinheiro é um acessório que está sempre ali, não importando sua flutuação de acordo com a carga horária trabalhada – geralmente fonte de disputas entre professores horistas.

Essa aceitação se estende aos riscos envolvidos nos famosos “cortes” na equipe de professores. Marta disse nunca temer as demissões, pois “sempre trabalhou direito”. Mais uma vez vê correlação entre problemas enfrentados pelo trabalhador com a disposição desenvolvida para o trabalho (“o povo não quer trabalhar direito, quer brincar”).<sup>94</sup>

---

94 A pressão a que o trabalhador ocupado é submetido em função da possibilidade do desemprego fora desenvolvida por Marx na famosa passagem sobre o exército industrial de reserva contida no primeiro livro do *Capital*. O capital opera contraditoriamente absorvendo continuamente mais força de trabalho ao tempo em que dispense outro tanto. A camada trabalhadora que permanece desempregada força a que está ocupada a trabalhar por mais tempo e mais intensamente, dispensando assim o empregador de contratar mais trabalhadores. Esse equilíbrio precário mantém os salários regulados ao mesmo tempo em que força o aumento do esforço dos trabalhadores ocupados, gerando a sensação de precariedade nas condições e pagamentos. Em sua linguagem ferina Marx critica o credo liberal que vê esse estado de coisas como “natural”: “...o mecanismo da produção capitalista vela para que o aumento absoluto de capital não seja acompanhado de um aumento correspondente da demanda geral de trabalho. E a isso o apologista chama de uma compensação pela miséria, sofrimentos e possível morte dos trabalhadores deslocados durante o período de transição, que os expulsa para as fileiras do exército industrial de reserva! A demanda de trabalho não é idêntica ao crescimento do capital, e a oferta de trabalho não é idêntica ao crescimento da classe trabalhadora, como se fossem duas potências independentes a se influenciar mutuamente. *Les dés sont pipés* [os dados estão viciados]. O capital age sobre os dois lados ao mesmo tempo. Se,

Diante do que expomos, distinguimos duas questões candentes associadas ao modo como Marta guia suas ações e como os indivíduos se relacionam com seu trabalho. Primeiro, ao se classificar como “empreendedora” expõe a própria mutação da economia política e sua compreensão das causas estruturais e conjunturais subjacentes aos impactos causados pelo mercado sobre os agentes sociais em direção ao neoliberalismo<sup>95</sup> que adotará o individualismo não como método de análise, mas como pressuposto moral último do entendimento das operações de causa e efeito. Nesse sentido que as teorias de capital humano alteram a própria concepção central da economia política: aquele deixa de desempenhar o papel de mero fator de produção a depender da interação com os demais fatores, e passa a constituir ele mesmo um capital cuja valorização se dá por melhorias físicas/biológicas e principalmente pela aquisição de competências via educação formal, experiências de trabalho ou de vida etc. (Foucault, 2008). O “empreendedor de si mesmo” é aquele sujeito cuja sobrevivência e sucesso dependem da sua valorização obtida quase que exclusivamente pelo próprio esforço. Grosso modo, ele é sua própria “empresa”, o seu trabalho, o seu “produto”<sup>96</sup>. Com efeito, o trabalhador percebe-se e é percebido tal qual um empreendedor capitalista.

Por outro lado, e apresentando-se como consequência disso, aqueles que são alijados do sistema ou permanecem à margem são culpados por seu próprio fracasso. Isso

---

por um lado, sua acumulação aumenta a demanda de trabalho, por outro, sua “liberação” aumenta a oferta de trabalhadores, ao mesmo tempo que a pressão dos desocupados obriga os ocupados a pôr mais trabalho em movimento, fazendo com que, até certo ponto, a oferta de trabalho seja independente da oferta de trabalhadores. O movimento da lei da demanda e oferta de trabalho completa, sobre essa base, o despotismo do capital.” (Marx, 2011, p. 869)

<sup>95</sup> Neoliberalismo é um dos conceitos mais utilizados por seus críticos e ao mesmo tempo rejeitado pelos que se dizem liberais e/ou conservadores. Concordo com Brown (2019) quando afirma que o caráter “amorfo, proteiforme e polêmico” do conceito não deve nos redimir de compreendê-lo em sua realidade, pois abdicar dessa tarefa por esses motivos significaria abandonar a discussão sobre uma porção de processos que apesar da alta complexidade envolvida não se pode negar que representam processos reais que exercem efeito sobre nós (Brown, 2019, p. 28). A alcunha do termo cabe às discussões no Colóquio Walter Lipmann em 1938, e posteriormente ao mais conhecido projeto intelectual do liberalismo do século XX, a Sociedade Mont Pelérin fundada em 1947 (idem, p. 28). Por não ser uma escola de pensamento, o neoliberalismo possui diferentes propostas teóricas que se agruparão sobre esse conceito: a abordagem econômica e social da Escola de Chicago de Friedman; a abordagem filosófica da Escola Austríaca de Mises, Hayek e outros; a teoria moral e jurídica do Estado de Nozick; a teoria da escolha pública de Buchanam entre outros (Gamble, 2013). Em termos de definição, duas correntes competem entre si pela compreensão das facetas desse fenômeno. De um lado, aqueles que se ocupam das transformações do capital, do papel ativo dos agentes econômicos, dos projetos de modelação institucional do Estado e da sociedade, bem como a reordenação global com base na liberalização do Estado e introdução de agências internacionais (Harvey, 2008; Slobodian, 2018; Streeck, 2013 por exemplo). Do outro, a compreensão do neoliberalismo como uma racionalidade política, uma cultura política que fomenta um tipo de subjetividade que transforma a interação individual em vários níveis (Foucault, 2008; Dardot e Laval, 2016; Sennet, 2015 etc.).

<sup>96</sup> Em um conhecido episódio do *reality show* de empreendedorismo *O Aprendiz* um dos participantes “cavando” sua saída alfineta o apresentador-chefe: “Eu só tive uma empresa até hoje — e ela se chama 'Minha Vida' (...) Me considero presidente da minha vida, e te falo de coração: você como CEO tá demitido da minha vida”. Ver por exemplo Rodrigues (2012).

desobriga de percebermos a triste realidade de certos mercados, como o do ensino superior privado no Brasil onde ocorrem perda de empregos devido a fusões ou aquisições por grandes conglomerados e a precarização do trabalho com a adoção do modelo *just in time*. A pressão sobre esses profissionais ainda é maior devido ao refluxo de investimentos no setor público provocado entre outras coisas pelo baixo crescimento econômico e perda de consumo das famílias. As duas pontas do problema se conectam perfeitamente. Práticas assistenciais emulam indivíduos dependentes, condição geralmente exposta como “vítimas da sociedade”, descartáveis ao ambiente de trabalho e, portanto, sustentados por aqueles que continuam a trabalhar<sup>97</sup>. A disposição individualista é um rompimento com as redes de solidariedade territorializadas com os mais fracos e dependentes (Sennett, 2015)

Interessante notar que Marta não é uma “trabalhadora-empreadora” modelar do capitalismo flexível. Apesar de trabalhar no ramo privado de ensino, aposentou-se no serviço público após três décadas, logo um emprego conhecido pela estabilidade e por seus relativos ganhos de benefícios trabalhistas, condições essas opostas ao encurtamento temporal e ausência de planejamento à longo prazo devido a perda da rotinização das condições de vida, como bem aponta Sennett (2015). Acontece que ocupar uma posição no serviço público não presume a contestação à lógica do trabalho flexível, da imposição do risco e da individualização das perdas. O esforço individual de horas de estudo, o investimento em cursos e materiais e a dedicação em tempo integral sem a garantia de retorno – optando-se frequentemente pelo abandono do emprego ou outra atividade que esteja exercendo – assemelha o “concurseiro” ao empreendedor típico do capitalismo flexível ao invés do funcionário público de carreira estável em meia-idade prestes a se aposentar. A chave desse entendimento encontra-se no prêmio obtido por mérito individual, visto aqui como um conjunto de capacidades próprias diferenciais desvinculado das suas condições sociais de produção. Outro elemento importante a ser levantado aqui remete às reformas pelas quais a administração pública brasileira vem passando há décadas para adequar-se ao modelo gerencial cuja apreensão dos princípios de mercado introduziram a relativização da estabilidade; métricas de avaliação de produtividade;

---

97 “A destruição das redes assistenciais e dos direitos é por sua vez justificada como libertando a economia política para agir com mais flexibilidade, como se os parasitas puxassem para baixo os membros mais dinâmicos da sociedade. Vêem-se também os parasitas sociais como profundamente alojados no corpo produtivo – ou pelo menos isso é o que passa o desprezo pelos trabalhadores aos quais se precisa dizer o que fazer, que não tomam iniciativa por conta própria. A ideologia do parasitismo social é um poderoso instrumento no local de trabalho; o trabalhador precisa mostrar que não está aproveitando do trabalho dos outros.” (Sennett, 2015, p. 167)

concorrência entre setores ou instituições; além de reduzir o escopo e o tamanho do Estado por meio das privatizações, terceirizações e delegação de competências (Behring, 2003).<sup>98</sup>

Sendo a origem ou reforço dessa disposição – causa ou uma escolha programada pela disposição primária que lhe é anterior – temos a passagem de Marta pelos cursos de administração e *marketing*. É nessa área que ela atuará durante sua carreira profissional, inclusive na função que exerce junto ao setor público. Esse campo lhe fornecerá, inclusive, algumas ferramentas para compreensão das suas disposições comportamentais no âmbito da vida cotidiana. “Não sei como você não percebeu, eu sou a organização em pessoa. Eu sou do  $2 + 2 = 4$  e não tem como sair do 4” me disse quando perguntei sobre sua formação. *Organização e disciplina* são comportamentos associados a essa disposição mais ampla e que funcionam como vetores de auto-definição. Em um exemplo, Marta exhibe o índice de um dos livros que está lendo e que leva a tiracolo (*Transevolução: a era da iminente desconstrução da humanidade* de Daniel Estulin). Há marcações em cada capítulo marcando os prazos estipulados de leitura. “Como administradora eu tenho metas de leitura, posso mostrar aqui... Todos os meus livros eu estabeleço a minha leitura, eu tenho que terminar até dia X”. Organizou uma prateleira com pelo menos 45 títulos que se programou para ler.<sup>99</sup>

Esse campo de absorção de competências e conhecimentos servirá de suporte auto-narrativo para que Marta compreenda suas disposições políticas. Tanto a administração quanto o marketing cuidam dos processos organizativos voltados para o mercado. Esse então é ainda mais inserido na lógica capitalista. Enquanto o primeiro ainda provê determinada capacitação para o setor público, o segundo associa-se organicamente ao desenvolvimento de novas formas de consumo experimentadas pelo capitalismo nas últimas décadas. É da estratégia de sobrevivência do capitalismo flexível criar novas necessidades, desejos, sonhos que serão preenchidos pelo consumo imediato (Streck, 2016). Desse modo é improvável que um grande marqueteiro “raiz” seja um crítico substancial das formas de produção e reprodução do capital.<sup>100</sup>

---

98 Para uma perspectiva positiva desse processo ver Bresser-Pereira e Spink (1998).

99 “Os que eu li eu passo pra minha biblioteca da sala, esses estão na prateleira do quarto, pra me forçar”.

100 Dissemina-se no campo da direita o argumento de que as agências de marketing estão lotadas de esquerdistas, cujos resultados podem ser vistos a olho nu em projetos “politicamente corretos” que abraçam pautas identitárias (raciais e de gênero) e ambientais. Isso seria parte da conversão da esquerda das pautas econômicas ou de classe às pautas culturais, geralmente um processo identificado com a formação de uma “nova esquerda” ou rotulada simplesmente de “marxismo cultural”. Ver por exemplo a retrospectiva de 2018 feita pelo podcast Ninguém se Importa (NSI) disponível em <https://soundcloud.com/jass-da-silva/retrospectiva-2018-feat-loen-ninguem-se-importa-podcast>. Acesso em 04 fev.2021. Da minha parte, destaco que as agências convertem a potência de mudança social em desejo de consumo quando colocam no mercado produtos com uma linguagem que esvazia as

“Os administradores são muito focados, na administração, na gestão, é uma incoerência um administrador ser de esquerda. A gente apreende a gerenciar organizações, aprende a trabalhar pra ter lucro, mercado...e a área do Marketing, que era minha especialidade, então, é totalmente focada. Não tem como ser de esquerda e ser do Marketing.”

### 3.3.2 – Conspiracionismo, pós-verdade

A crescente literatura sobre o tema tem prestado bastante atenção ao papel que as redes sociais tem desempenhado. Geralmente, costumamos pensá-las em alguns de seus efeitos: nas redes fechadas, como *whatsapp* e *telegram*, vemos espaços de organização interna, preparação de atividades internas e táticas de “combate” (estímulos para que se impulsionem determinado conteúdo ou organização de comboios para atacar adversários nas redes); redes de compartilhamentos de conteúdos específicos fora da grande mídia em formato de vídeo, áudio ou texto; ou oportunidades de fortalecimento de identidades compartilhadas. Gostaria de ressaltar um outro aspecto. As *disposições* que venho tratando aqui são atualizadas e fortalecidas pela restrição e direcionamento de conteúdo afeito às concepções correntes dentro da direita. Possivelmente isso começa pela escolha consciente dos ativistas em seguir um conjunto de páginas e perfis de direita passando pela arquitetura da plataforma que favorece o afunilamento de conteúdo de acordo com seu perfil, dividindo a plataforma em sub-redes politicamente engajadas, o famoso *filtro bolha*. Esse alijamento informacional dos veículos tradicionais é amplamente estimulado por grandes produtores de conteúdo (textos em blogs, vídeos no youtube e listas de transmissão no *telegram* são formas comuns). São comuns *posts* divulgando ostensivamente os números dos canais telefônicos nos quais se cancelam as assinaturas de grandes jornais. Também são frequentes as campanhas para ignorar a Globo e sua rede de canais. Ora, sabe-se que crenças políticas encontram abrigo em núcleos que se isolam da crítica externa: a vivência nas redes fechadas que produzem conteúdos mais ou menos alinhados com as diretrizes que vem das assessorias políticas, youtubers e produtores de conteúdo em geral. Pode-se pensar numa *epistemologia fraturada*, um ambiente de legitimação da verdade que não passa pelo crivo de *autoridades epistemológicas* e, não sendo o bastante,

---

questões - problemas mencionadas acima do seu sentido social e vendem a solução por meios puramente individuais – o “empoderamento” pelo consumo de produtos estéticos como enfrentamento do preconceito racial ou de gênero constitui um bom exemplo. É possível que isso ocorra pela concepção pós-ideológica que nos aprisiona a considerarmos o capitalismo como único sistema social viável, a tal ponto que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2009). Estaríamos fadados a disputar os efeitos opressivos do capital “por dentro” de sua lógica, sem de fato tentar rompê-la em nenhum momento.

ainda passam pelo filtro do *viés de confirmação* dos receptores altamente engajados (Uscinski, 2020). A visão política e interpretação dos fatos – ou a introdução de novos fatos “alternativos” – ambos reputados no mínimo como excêntricos, no máximo como estrambólicos, precisam ser compreendidos a luz desse tratamento antropológico de aproximação não só dos modos de pensar e de viver, mas de como essas ideias permanecem circulando e afetando a percepção desses sujeitos. “Como” e “quando” isso acontece estão fora da minha alçada, afinal de contas não realizei um mergulho netnográfico. Porém existem algumas pistas importantes. Primeiro, Marta se dignifica como “tia do zap”, uma identidade percebida e auto atribuída que trata os eleitores como partes constitutivas de uma rede que cinde e ataca os dispositivos tradicionais e são capazes de alcançar um eleitorado mais amplo.

[Pergunto se antes de entrar no atual grupo fazia parte de algum outro]. De nenhum grupo, só tia do zap, trabalhei terrivelmente, continuo trabalhando, é um trabalho orgânico, não tem essa de robô, tudo isso é mentira. É gente mesmo fazendo.”

A organicidade *versus* a robotização é uma polarização comum em forma de queixa por parte dos ativistas. Se for pensada a princípio daremos razão aos *nós* finais dessa rede, afinal de contas é óbvio que uma orientação popular dessa envergadura não se produziria se não houvessem pessoas reais de carne e osso – as conhecemos e costumamos encontrá-las por aí todos os dias entre parentes, amigos, colegas e conhecidos. Porém isso esconde a robotização das atitudes humanas geradas pela hierarquia funcional dessas redes e os atos limitados pelos quais os *nós* são vistos (compartilhar posts, engajar-se em hashtags, descurtir e denunciar páginas, posts ou vídeos etc.).

Em seguida, as formas de entrada são mais ou menos dadas nesse caso. Marta acessou via Twitter os principais veículos de comunicação para se informar enquanto ainda dava aulas – o seu *feed* de *posts* funcionava perfeitamente como um *feed* de notícias. Com o tempo, passou a seguir os comunicadores, e de algum modo restringiu-se aos comentaristas e produtores de conteúdo da direita.

“Eu comecei no twitter seguindo os grandes veículos de comunicação. Então eu lia as manchetes e depois ia pesquisar os conteúdos. E quando começou a história da política – isso dando aula, porque eu precisava dar aula embasada com as últimas coisas que estavam acontecendo no mundo, pro jornalismo e pessoal da administração também – e acabei pinçando também essas figuras que são os maiores formadores de opinião. Allan dos Santos [fala de como querem calar os conservadores, *sleeping giants*...], nós estamos sabendo de tudo, acompanhando tudo.”

Atualmente sua única fonte de informação reside nessa rede restrita, porém com musculatura suficiente para abastecer os seus membros.

“Isso aqui é a imprensa hoje [mostra o celular] Eu não sei desde quando eu não leio jornal, jornal eu nunca gostei porque sujava as mãos...mas jornal Nacional, Bandeirantes...eu não assisto nada disso. Toda a minha base de informação é no twitter, que eu pego as manchetes, daí eu vou no Youtube. Ou em outras redes sociais.

[pergunto quais canais acessa...]. No youtube eu assisto o Kim Paim, o Bernardo Kuster, o Pingo nos Is (Augusto Nunes, Zé Maria Trindade, e antes o Felipe Moura Brasil, pisou na bola feio, Empiricus, porque é o Empiricus que tá pagando o salário dele, junto com o Antagonista tá fazendo a maior sujeira, porque joga informação que impacta na economia).”

Como os veículos tradicionais – sobretudo no campo do jornal impresso – vem fazendo uma cobertura mais crítica ao governo ou distanciada das concepções que afetam esse recém formado campo conservador, há uma polarização no consumo de notícias por esses veículos, tal qual a observada durante a era Trump nos EUA . O observador menos afoito fará uma objeção ao argumento geral sabendo que é praticamente impossível que os participantes desse campo não tenham contato com a mídia dita “tradicional”. Porém, devemos lembrar que uma das características mais comuns é a canibalização de notícias, isto é, a reinterpretação dos fatos noticiosos divulgados pelos canais que possuem recursos, *know-how* e capilaridade para municiar o noticiário com informações de primeira mão. Além disso, nesse ponto atua o *viés de confirmação* que afasta ou aproxima os eventos narrados de acordo com a posição política empunhada.

Já aludi brevemente ao gosto pela leitura. Pelas páginas precedentes deve ter ficado claro que o seu contato com os livros não é um *hobby* despreocupado, senão uma atividade cuidadosamente planejada de formação intelectual. Além de organizar os livros e estipular as metas de leitura, essa cisão entre *trabalho* e *diversão* fica demonstrada pelo modo como se refere às leituras mais “pesadas” de pensadores políticos:

“Depois eu conheci o grupo e comecei a me interessar por coisas que eu nunca li, porque eu não tenho facilidade de ler filósofos, eu acho que é uma arte a leitura de filósofos. Eu acho *bored*, chato, mas eu me obriguei a ler Hayek, Mises, o Scuton, pelo menos essa formaçãozinha básica a gente tem.”

Como todo bom externo estudante, combina leituras de obras de análise política com literatura geral. A disciplina se reserva às leituras das “temáticas”, as outras constituem o seu hobby, leituras “leves” para “desanuviar”.

Em vários momentos da entrevista, apresentava os temas que estudara ao comentar questões políticas, esforçando-se para lembrar nome e autor das obras em que se baseava. É reputada como uma das intelectuais do grupo, em função de sua experiência como professora e pelas indicações de leitura. Também coordena o núcleo de estudos cuja função primordial é debater obras e estimular os demais membros a absorverem parte dos seus conteúdos. Imagino que funcione como uma formação intelectual complementar aos eventos tradicionais de formação do grupo, embora não receba essa alcunha. Esse acúmulo de capital cultural nos três níveis – simbolizado pela formação acadêmica e sua carreira no ensino superior, objetivado nas

obras culturais que possui e incorporado em si mesma pelos temas que adquiriu e repassa aos demais – alimenta uma notável confiança diante do entrevistador. Por não ser estranha ao ambiente acadêmico, portou-se com naturalidade diante das perguntas. Por mais que nosso contato tenha sido gentil, e Marta teve prazer em colaborar, em alguns momentos questionou de maneira direta e sem rodeios qual o destino do material, preocupada com eventuais distorções de interpretação sobre os propósitos dela e do grupo. É relevante realçar que nenhum dos outros contatos portou-se de modo a quebrar a barricada imaginária que separa – e desnivela – o mundo do pesquisador e do interlocutor.

Marta fez questão de apresentar sua lista de livros a serem lidos em breve. Enviou a foto de uma estante, específica para essas obras, que conserva em seu quarto, próxima de si, para forçá-la a cumprir o cronograma. Conteí 51 livros que poderiam ser enquadrados em prateleiras distintas se fossem separados por temas e tipos de obra. Vão desde clássicos do pensamento liberal conservador (*Ação Humana* de Mises e *A rebelião das massas* de Ortega y Gasset), ficções que reverberam o estado atual (*O homem do castelo alto* de Philip K Dick e *A revolta de Atlas* de Ayn Rand), obras de análise política ou relatos da condição atual bastante lidos no campo conservador brasileiro (*Direitos máximos e deveres mínimos* de Bruno Garschagen e *A corrupção da inteligência* de Flávio Gordon) além de alguns livros de claro viés esquerdista (*A classe média no espelho* de Jessé Souza e *Jesus Cristo libertador* de Leonardo Boff). As quatro obras de Olavo de Carvalho o tornam o autor com maior presença ali. No início da conversa Marta esclareceu que existe uma grande redução dos grupos conservadores a meros seguidores cegos da obra de Olavo. Mesmo fazendo essa ressalva, ela é uma grande admiradora. Tanto que aguarda para ler os seus livros por último para “quando estiver preparada”. Também tem planos de visitá-lo em Richmond, cidade localizada no estado norte-americano da Virgínia onde o filósofo reside desde 2005<sup>101</sup>. Em poucas linhas ela resume a importância de Olavo em dois pontos fulcrais, acredito que responsáveis pela disseminação do que poderíamos chamar de “quase” um culto a sua: a capacidade de vislumbrar as verdadeiras forças que atuam ocultamente sob a esfera da política e do social; apresentar esses achados combinando um registro de linguagem corrente e filosófico que afeta os sujeitos desorientados diante das questões críticas do Brasil atual.

“o Olavo diz o que muita gente quer ouvir. Ele enxerga muita coisa que a gente não estava vendo. Ele translitera isso pra gente. É uma língua que a gente nem tinha noção que existia. Na hora que ele expõe aquilo você “puxa, e era isso?”.”

---

101 Ainda no Brasil Olavo de Carvalho tinha o costume de receber seus alunos como um sábio professor da antiguidade. Com sua mudança, essas visitas ganharam ares de peregrinação.

Os livros que mais se destacam em um primeiro olhar, no entanto, são aqueles que buscam desvendar tramas *conspiratórias* – ou pouco críveis, pra dizer o mínimo. São obras como *A verdadeira história do Clube de Bildberg*<sup>102</sup>; *Instituto Tavistock*<sup>103</sup> de Daniel Estulin<sup>104</sup>, passando por *Escola de Frankfurt*<sup>105</sup> de Michael Walsh até *Libido dominandi*<sup>106</sup> de Michael Jones. Os resumos indicados nas notas de rodapé atestam os atributos definitivos de uma *teoria da conspiração*, qual sejam, a avaliação de eventos ou circunstâncias cujas causas remetem a “um pequeno grupo de poderosos indivíduos agindo em segredo em seu próprio benefício e contra o bem comum” (Uscinski, 2020, p. 22). Durante a entrevista comentou que

102 Segundo o resumo que consta no site da Amazon, “Após treze anos de investigação, o jornalista Daniel Estulin conseguiu compor uma lista de participantes do lobby formado pelos homens mais ricos, poderosos e influentes do Ocidente, que se reúnem secretamente todo ano para lançar as estratégias de dominação no mundo. Ganhador do prêmio The Kingston Eye Opener de melhor livro estrangeiro de não-ficção”. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Verdadeira-Historia-Do-Clube-Bilderberg/dp/8576651696>.

103 “Vuelve Daniel Estulin en estado puro: descubre la peor y más temible conspiración mundial de control mental jamás contada. Instituto Tavistock: organismo real situado en Essex, Inglaterra, creado para controlar el destino de todo el planeta y cambiar el paradigma de la sociedad contemporánea. Después de vender tres millones de ejemplares en todo el mundo con *La verdadera historia del Club Bilderberg*, Daniel Estulin destapa ahora la existencia del Instituto Tavistock, un organismo real considerado el máximo centro mundial de control mental, una sofisticada organización creada para controlar el destino de todo el planeta y cambiar el paradigma de la sociedad contemporánea. En este libro revolucionario, Estulin revela los orígenes y el del Instituto, quién está detrás del mismo, cuáles son sus objetivos y cómo nos afecta a nosotros, las víctimas, en nuestra vida cotidiana. Pero también aprenderemos a combatir sus métodos. Desde la música, pasando por la contrainsurgencia, las drogas, la televisión. A fin de cuenta, todos estamos expuestos a los oscuros mecanismos creados por un grupo de psicólogos, psiquiatras y antropólogos pagados por la oligarquía internacional que controla el mundo a fin de favorecer sus propios intereses.” Resumo disponível em [https://www.amazon.com.br/El-instituto-Tavistock-Instituto/dp/8498727863/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=el+tavistock&qid=1617918071&s=books&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/El-instituto-Tavistock-Instituto/dp/8498727863/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=el+tavistock&qid=1617918071&s=books&sr=1-1).

104 Descrito no site da Amazon como “jornalista e escritor de referência nos assuntos relacionados à Nova Ordem Mundial, ao Clube Bilderberg e às operações discretas da elite global e suas organizações internacionais”. Disponível em [https://www.amazon.com.br/Transevolu%C3%A7%C3%A3o-Era-Iminente-Desconstru%C3%A7%C3%A3o-Humanidade/dp/8595070717/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=transevolu%C3%A7%C3%A3o&qid=1617918270&s=books&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/Transevolu%C3%A7%C3%A3o-Era-Iminente-Desconstru%C3%A7%C3%A3o-Humanidade/dp/8595070717/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=transevolu%C3%A7%C3%A3o&qid=1617918270&s=books&sr=1-1).

105 “Esta obra busca mostrar qual foi - e ainda é - a influência exercida pela Escola de Frankfurt sobre a cultura ocidental, em geral, e a cultura americana, em particular. O livro, entretanto, não se limita a esquadrihar a “teoria crítica” frankfurtiana, mas discorre sobre o bem e o mal, sobre a Queda do homem, sobre a vida cotidiana, sobre a idéia de que é a arte - e não a ciência - o farol para o caminho da redenção.” Disponível em [https://www.amazon.com.br/Escola-Frankfurt-Michael-Walsh/dp/6587138039/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=escola+de+frankfurt+michael&qid=1617918465&s=books&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/Escola-Frankfurt-Michael-Walsh/dp/6587138039/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=escola+de+frankfurt+michael&qid=1617918465&s=books&sr=1-1).

106 O site da Vide Editorial descreve seu livro assim: “Em *Libido Dominandi*, E. Michael Jones não reconta a versão comum da revolução sexual, mas demonstra como essa subversão funcionou, desde o germe, como um mecanismo de controle social. Assim que conseguiram o que pretendiam, aqueles que desejavam libertar o homem da ordem moral tiveram de impor novas formas de controle social às pessoas, porque a libido, quando libertada, conduz inevitavelmente à anarquia. Ao longo de duzentos anos, essas novas formas de controle social tornaram-se mais e mais refinadas, resultando num mundo em que as pessoas são controladas não por forças militares, mas pelo manejo sutil e habilidoso de suas paixões. O livro expõe o modo como a retórica da liberdade sexual foi usada para fabricar um sistema de controle político e social. Um sistema cujas tecnologias de comunicação, reprodução e controle corporal — no que se inclui a psicoterapia, o behaviorismo, a propaganda e a pornografia — se desenvolveram ao ponto de permitir que os herdeiros do iluminismo, em nome da liberdade, transformassem os vícios dos homens em seus piores algozes.” Disponível em <https://videeditorial.com.br/libido-dominandi>.

se iniciou na literatura conservadora com estudos sobre geopolítica, sobretudo sobre o Islã e o impacto da entrada de imigrantes na Europa. Importante salientar que geopolítica para Marta não quer dizer o mesmo para os acadêmicos das relações internacionais. Ou melhor: trata-se do mesmo campo, porém com abordagens e métodos completamente distintos. Antes de entrarmos nessa querela, apresento algumas *crenças conspiratórias*<sup>107</sup> levantadas durante a conversa:

- A China tem controle sobre meios de comunicação mesmo fora de seu território

“(...) a gente não usa mais o Zoom, a gente usa o Meeting...porque o Zoom a China vê tudo. Então é nessa linha.”

- Houve fraude na eleição vencida por Bolsonaro

“pra mim ele ganhou no primeiro turno, eu duvido que ali não houve algum tipo de fraude [quis dizer “dúvido que não houve algum tipo de fraude?”], e aí no segundo turno ele ganha.”

- Os meios de comunicação no Brasil são dominados por poucos grupos e orientados à esquerda. Eles manipulam a percepção das pessoas sobre o noticiário para manter narrativas hegemônicas.

“Porque a mídia é outra, a mídia é totalmente de esquerda. A mídia é comprometida. E tá afundando, os Marinho, mandaram lavar o dinheiro fora e não saiu na mídia, mandaram lavar dinheiro. E fora as outras coisas que a gente sabe.”

“Começaram a atrapalhar, a inventar coisas, a mentir na imprensa...coisa que a gente sabia porque tinha outras fontes. O vídeo que você assistia na imprensa, eu não assistia, mas sempre o povo mandava pra mim. E eu dizia “não foi isso que aconteceu” e eu mandava o original do vídeo. [nessa época a senhora já acompanhava esses canais?] Já, foi logo, eu sempre achei – como eu venho de uma área da publicidade, que é o marketing – eu sempre escutava essa coisa da manipulação. Eu não lidava diretamente com isso, não era material das minhas aulas, mas eu tinha que tomar conhecimento do que era feito porque era pergunta dos alunos. Eu sei manipulação de cores, sei manipulação de mensagem subliminar, eu tava sabendo onde eu tava entrando.”

- Existem escândalos sexuais não reportados envolvendo grandes autoridades

“Essa história da pedofilia agora, que é outra coisa que a gente tem estudado bastante, ideologia de gênero, pedofilia, tem gente no STF que é pedófilo. Já foram divulgadas informações, inclusive de fora do Brasil, e ninguém faz nada. Toda essa cobertura é no mínimo criminosa. Porque não era pra estar acontecendo isso.”

- A esquerda tem um projeto bem sucedido de doutrinação política nas escolas

“Eu conheço essa dinâmica do “defendo isso, defendo aquilo”, mas na verdade eles querem ganhar o deles. A população continua pobre, miserável, a educação tá uma porcaria, ninguém dá educação porque todo mundo fica lá doutrinando, da criança até a universidade.”

---

<sup>107</sup> Uscinski (2020) define como simplesmente a aceitação de elementos específicos de teorias conspiratórias. Na prática, alguém pode concordar com alguns argumentos de determinada teoria sem necessariamente desposá-la em sua totalidade. Já quem crê piamente em uma teoria possui, por pressuposto, fortes crenças conspiratórias. Esse parece ser o caso de Marta.

- A alternância de poder entre PT e PSDB escondia o mesmo projeto político e um acordo tácito de controle (o “teatro das tesouras”)<sup>108</sup>

“O PDSB é a história das tesouras, embora na época eu achava que não era, achava que era de direita.”

- Sérgio Moro possui laços com forças políticas ocultas

“Ela disse que começaram a pesquisar e descobrir que a mulher tinha relações com George Soros, com o pessoal do PSDB, tem muito dinheiro na fundação que ela criou”

- A China age de maneira dissimulada para ampliar o seu controle econômico e político sobre o Brasil – e sobre o mundo.

“Eu não compro produto da China. Eu não vou me vacinar com a vacina da China. Porque? Porque os estudos da geopolítica são assustadores, o que eles estão fazendo aqui. A esquerda sabe o que eles estão fazendo? Que eles já compraram pelo menos sete hidrelétricas aqui no Brasil? Que eles trabalham dessa forma se apropriando da infraestrutura do país? E que a gente fica na mão dos globalistas, fica na mão dos chineses...mas eu tenho mais medo de chinês do que de globalista. Porque o globalista eu entendo a linguagem dele. O chinês escraviza as pessoas. Pode ser até que o globalista escravize, mas ela escraviza de outra forma, não como o chinês. É impressionante, mas a gente tem que brigar. Nosso prefeito aqui [Roberto Cláudio] é filhote de chinês, o Ciro Gomes também porque a candidatura dele a presidente da república foi discutida desde a China, com esse...não sei dizer o nome, esse embaixador (...) eu fui uma, botei #viruschines, muita gente em cima de mim “racista, racista, racista!”. Racista o que, menino! Não veio da China, é de onde? Qual a origem, me diz aí?”

- Existem institutos poderosos que agem para manipular a opinião pública

“Esse do Daniel Stulin, “instituto Tavistock”, instituto em Sussex, Londres, que trabalha com comportamento. Dizem que é responsável pelo projeto MK Ultra, já ouviu falar? Menino onde é que tu tá? Já assistiu Teoria da Conspiração, o filme? Aquilo ali não é piada. Aquilo existe. [falo do chapéu de alumínio, que virou meme]. É, a gente brinca com isso. Quando vai ter as reuniões, “cadê o chapéu de alumínio” [risos]. Não é uma teoria da conspiração, o instituto existe. E ele começou a trabalhar muito com análise de comportamento para o consumo, para o marketing. E depois ele começou a ver outras coisas.”

- Há um complô de organizações internacionais para impedir o crescimento populacional com o estímulo ao uso de métodos contraceptivos e a facilitação do aborto

“A questão não é o aborto em si, mas o ato político. Ele [outro ativista que faria uma palestra sobre o tema] fala dos globalistas, dos EUA, nessa luta, porque lá tem a Planet Parenthood, que é do Rockefeller. Isso vem de muito tempo. Leia “libido dominandi”, controle político pelo sexo. Os WASP começaram a perceber que seriam engolidos pela população hispânica e negra porque eles não reproduzem na mesma velocidade que eles. Ou seja, hoje o europeu tem um filho, e o muçulmano tem quatro mulheres, e os WASP americanos começaram a perceber, pensar em formas, pra modificar a natalidade desses grupos. Daí evoluindo, porque tem um monte de coisa no meio,

---

108 “Assim, pois, todos já se esqueceram de que o PT e o PSDB foram essencialmente criações de um mesmo grupo de intelectuais esquerdistas empenhados em aplicar no Brasil o que Lenin chamava “estratégia das tesouras”: a partilha do espaço político entre dois partidos de esquerda, um moderado, outro radical, de modo a eliminar toda resistência conservadora ao avanço da hegemonia esquerdista e a desviar para a esquerda o quadro inteiro das possibilidades em disputa. Tendo-se esquecido disso, interpretam o predomínio temporário da esquerda moderada, que eles próprios instauraram para fins de transição, como um efetivo império do “conservadorismo”, e então se sentem — sinceramente — oprimidos e jogados para escanteio no momento mesmo em que sua estratégia triunfa por completo” (Carvalho, 2013, p. 248)

chegaram nesse Planet Parenthood. Daí esse controle de natalidade se estende. Porque? Porque esses globalistas querem diminuir a população. Isso não é teoria da conspiração, é fato. Não só os Rockefeller, mas o Clube de Bildeberg reúne as famílias dinásticas, as mais ricas, os Rotschild, Carnegie, Rockefeller, e muitos outros. Não é só americanos. O Consil Foundation é sulamericano. Mas o Bildeberg engloba muito mais gente. O filho da rainha Elizabeth participa das reuniões. Hoje é o Charlie, o que vai ficar. Ele que participava. A última reunião marcada pra julho não aconteceu por causa da pandemia. Mas todo final de ano em julho eles se reúnem. Os relatórios é que não são divulgados. É um negócio tão encrencado, que fez para nós dois grandes inimigos, que são os globalistas e são os chineses.”

- Os globalistas ambicionam implantar um chip nas pessoas para controlá-las

“O pessoal que estuda os globalista tá alertando: o que quer Bill Gates produzindo vacina? Caridade? Mentira..A fundação Bill e Melinda Gates está assim ó [faz gesto com a mão indicando que estão próximos aos globalistas]. Você vai tomar vacina? Eu não. Cara que mexe com computação, que mexe com programas, que mexe com algoritmo, que diabo que ele quer com vacina? (...) Bill Gates dizer que está fazendo caridade? Não acredito...a guerra é saber quem vai primeiro implantar o chip. Se é o chinês ou o Bill Gates”

Dessa reunião de crenças podemos encontrar recorrências e padrões. Primeiro, temos três vilões preferenciais. Os globalistas e os chineses atuam no campo global. No Brasil, a esquerda é um fantasma difuso, porém resistente, confundindo-se até com os dois primeiros<sup>109</sup>. O objetivo é o domínio total – econômica, política e cultural – que se efetiva pela ocupação sorrateira de espaços de poder e, principalmente, pela disseminação quase subliminar ou massiva de valores culturais, precisamente o método *gramscista* inspirado na cantilena do importante filósofo marxista Antonio Gramsci<sup>110</sup>. A manipulação mental é um método constantemente empregado, segundo essas teorias, na produção do conformismo às práticas nefastas da esquerda. As técnicas propriamente ditas variam da disseminação de um único conteúdo pelo controle hegemônico dos meios culturais até reprogramação neurolinguística. O *marxismo cultural* é uma alcunha de rara felicidade porque ajuda a evidenciar o interesse da esquerda em tomar o domínio pelas mentes ao invés da força (estratégia atribuída a Lenin).

No Brasil vemos essa linguagem surgindo de baixo pra cima e de cima pra baixo. Bolsonaro e o círculo político que lhe é próximo – família, políticos etc. - costumam identificar dois grandes inimigos. No plano externo, acusa os chineses de atacarem a soberania nacional,

---

<sup>109</sup> Aqueles que não estão habituados com a mixórdia expositiva devem estranhar que globalismo esteja associado com socialismo. Acontece que nesse tipo de abordagem há uma diferença entre globalização e globalismo. Aquele é um processo natural e até benéfico que indica abertura comercial e livre negociação entre os estados. Esse trata do domínio dos recursos globais por parte de uma pequena casta de poderosos cujo modus operandi consiste em disseminar o programa socialista internacionalmente. Não fica clara qual a conexão, porém de modo geral surgem os argumentos de que o caos – identificado nos resultados das políticas socialistas – seria lhes benéfico. Consultar por exemplo Carvalho (2013), sobretudo o subcapítulo “Globalismo” no capítulo “Revolução”.

<sup>110</sup> Essa aferição é uma distorção grosseira da teoria da hegemonia de Gramsci. Para uma inspiração lapidar e praticamente definitiva ver Carvalho (2016), sobretudo Cap. II “Sto. Antonio Gramsci e a salvação do Brasil”.

atributo esse que gerou atritos incontáveis com a diplomacia chinesa<sup>111</sup>. Por outro lado, e ainda mais presente, acusa-se a esquerda – um campo político alargado demais cuja indeterminação é crucial para que se possa acrescentar com o tempo mais inimigos internos – de golpear o governo das mais diversas formas: fraude eleitoral; sabotagem das atividades governamentais por elementos infiltrados; oposição sistemática nos poderes legislativo e judiciário; ataques coordenados através da imprensa etc. A luta contra o *establishment* e o *deep state* constitui um elo comum entre Trump e Bolsonaro que, associada a defesa do solo nacional contra “forças poderosas”, fazem parte de teorias conspiratórias que costumam ser levantadas por governantes de estados fracos (Radnitz, 2019).

Não é de se estranhar, portanto, que essas teorias conspiratórias façam parte do léxico de Marta. Não é de nosso interesse remontar toda a rede informacional responsável por isso, nem considerar que há um projeto oculto de elaboração e difusão dessas teorias (até porque poderíamos cair em teoria conspiratórias de sinal trocado), mas apenas constatar o óbvio: essa linguagem faz parte do caldo de informações a que um frequentador desse tipo de rede está habituado a consumir. No caso de Marta, resta saber porque tais teorias a afetam e em qual intensidade. A segunda questão é mais fácil de responder. Pensando na *pirâmide conspiracionista* de Goertzel (2019) pode-se colocá-la no segundo nível entre a base de pessoas que incorporam crenças conspiratórias para resolverem questões problemáticas e o topo composto por formuladores dessas teses. O meio é composto por aqueles que, possuindo um entendimento mais profundo dessas teorias, se tornam responsáveis por reforçar o pensamento conspiratório dos outros utilizando para isso uma argumentação mais apurada.

A outra questão admite três tipos de abordagem: a psicológica, sociológica e política/institucional. Já tratamos aqui dessa última quando nos referimos ao efeito causado pelo discurso político de Bolsonaro e de demais lideranças políticas com poderes e as decisões governamentais propriamente. No caso da pandemia, por exemplo, o discurso de Marta corresponde ao ceticismo científico de Bolsonaro em relação a eficácia das vacinas especialmente aos produtos originados da China. A relativa baixa aderência por parte da população dos protocolos sanitários pode ser creditado a uma ausência de programas massivos por parte do governo e, até mesmo, ao descumprimento explícito e provocativo por parte de

---

111 O age se deu quando se pediu a cabeça do embaixador chinês no Brasil, uma atitude considerada gravíssima no meio diplomático. FOLHA “China ignora pedidos de Bolsonaro por troca de embaixador no Brasil”. 14 fev. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/02/china-ignora-pedidos-de-bolsonaro-por-troca-de-embaixador-no-brasil.shtml>. Acesso em 23 ago. 2025.

Bolsonaro dos itens mais básicos desse protocolo como o uso de máscaras<sup>112</sup>. As abordagens psicológicas geralmente buscam correlacionar determinados traços de personalidade e traços cognitivos à adesão a crenças conspiratórias. Entretanto, os métodos mais comuns de aferição – aplicação de questionários e experimentos sociais controlados – são criticados porque falham em aferir de maneira precisa essa relação.<sup>113</sup> É sedutor pressupor que quanto mais nos aproximamos das crenças conspiratórias mais caricatas ou paranóicas estaremos lidando com pessoas que possuam algum tipo de desordem psíquica. Esse não é o caso das pessoas que com quem cruzei, muito menos de Marta, e certamente não explica porque o número de pessoas que se recusam a tomar vacinas aumentou em pouco tempo, afinal até onde se sabe não é possível tratar coletivamente a esquizofrenia e comportamentos paranoicos em tão pouco tempo.<sup>114</sup> Também não é o caso de explicarmos o caso de Marta pela baixa escolaridade e pouco acesso à informação. Endereçando o elefante na sala: quais as razões pelas quais alguém plenamente saudável, culta e articulada acredita em teorias que nos parecem tão estapafúrdias? O primeiro passo é questionarmos o próprio *status* de legitimidade das interpretações oficiais, coisa que já é feita por esses atores politicamente engajados. Define-se que uma teoria da conspiração está equivocada quando *autoridades epistemológicas*, isto é, uma rede de atores que detém conhecimentos e métodos de avaliação pertinentes ao tema em questão ofertam o seu crivo (Uscinski, 2020). Tratar o conhecimento científico como a construção de objetos reais que estão a procura de serem descobertos esconde o poder que os cientistas possuem de determinar os objetos abstraídos do mundo real que, depois de passar por esse processo de recorte, interpretação e teste, exercem efeitos sobre nossa experiência concreta e, portanto, definem aquilo que consideramos “real” (Latour e Woolgar, 1997). A definição do “real” torna-se disputada entre os que brandem suas armas epistemológicas e aqueles que expõem brutalmente as condições políticas e sociais de sua produção. Essa indefinição é própria da ciência e dos cientistas. Os que possuem “fé” na ciência esquecem que a “fé” devem guiar o método científico, pois os resultados são sempre contingentes. Dentro da rede conservadora viceja uma

---

112 Ver por exemplo matéria do UOL “No dia mais letal da covid-19, Bolsonaro questiona máscara e isolamento”. 25 fev. 2021. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/25/no-dia-mais-letal-da-covid-19-bolsonaro-questiona-mascara-e-isolamento.htm>. Acesso em 23 ago.2025.

113 Uscinski (2020) argumenta que existem múltiplas correlações – comportamentos que se associam a determinada teoria e não a outras - que dificultam o entendimento de como esses mecanismos cognitivos operam. Ao mesmo tempo critica a dificuldade que estudos experimentais têm de obter validade externa. Ver “The psychology and sociology of conspiracy theories” em Uscinski (2020).

114 Ver em O Globo “Parcela da população que quer tomar vacina contra covid-19 sobe e atinge 84%”. 21 mar. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/parcela-da-populacao-que-quer-tomar-vacina-contracovid-19-sobe-atinge-84-diz-datafolha-24935067>. Acesso em 23 ago.2025.

desconfiança dupla: por um lado na própria lógica científica, considerando-a circunstancial e limitada a resolução de questões pragmáticas<sup>115</sup>; de outro modo recai sobre a qualidade dos cientistas e suas produções incapazes de produzir um conhecimento verdadeiramente científico<sup>116</sup>. Essa talvez seja a perspectiva mais comum. A retórica *pseudocientífica* – emulação dos ritos discursivos da ciência, mas com graves deficiências internas - é visível quando se utilizam de relatórios, pesquisas e o discurso de autoridades científicas para defender seus pontos de vista. Basta observar por exemplo o que foi a defesa do chamado kit “tratamento precoce” para a covid-19.

Outro elemento fundamental é o próprio processo de desencaixe e diferenciação dos *sistemas de especialização*, processo esse atado ao aprofundamento da modernidade (Giddens, 2002). Estamos falando de disciplinas de conhecimento e áreas de atuação técnica que funcionam independente dos seus praticantes, portanto sistemas impessoais e racionalizados. Giddens comenta da necessidade de confiança que deriva desse desprendimento de tempo e espaço. De forma mais simples: os peritos ocupam-se de tarefas ou operam com instrumentos tão distantes da nossa capacidade de compreensão que nos resta apenas “confiar” na credibilidade. Mesmo que essa credibilidade seja atestada por algum órgão oficial ainda lidamos com a desconfiança que recai sobre ele. Esse espaço pode ser ocupado por nossa própria compreensão advinda de nossas experiências imediatas – o que vemos, sentimos, ouvimos - e por aquilo que nos é relatado por pessoas de nossa confiança. As redes sociais ajudam a fomentar essa validação quando eliminam a instância de produção dos conteúdos e geram a sensação de que recebemos o conteúdo de primeira mão de alguém autorizado a falar (um vídeo de alguém “revelando” algum esquema, por exemplo) (Cesarino, 2021). Quando essa

---

<sup>115</sup> Olavo de Carvalho deplora que o chamado conhecimento científico não seja capaz de responder as questões fundamentais de nossa existência. É apenas parte de uma forma de entendimento humano mais amplo e profundo, de cunho filosófico e religioso. A ciência pragmática responde apenas pelo entendimento de causa e consequência entre as coisas, os objetos mundanos. Mesmo isso não é seguro. As relações mudam, e somos incapazes de mapear o mundo, de conhecer verdadeiramente todas as coisas. Sempre que retomo esse debate me vem a cabeça à imagem de um muro infinitamente incompleto a ser preenchido lentamente por tijolinhos (as descobertas científicas). Para uma ilustração disso ver “Ciência” em Carvalho (2013). O leitor que considerar esse entendimento reacionário – ou antimoderno, se preferir – não estará errado. Naphta em *A Montanha Mágica* retoma a importância do pensamento escolástico, que parece ter retomado sua atualidade assim como tivera de forma inesperada no início do século passado. “A fé é o órgão do conhecimento, e o intelecto é secundário. A sua ciência incondicional não passa de mito. Há sempre uma fé, um conceito do mundo, uma ideia, numa palavra: uma vontade, e cabe à razão explicá-la e comprová-la (...) uma humanidade que não reconhecesse que nas ciências naturais não pode ser verdade o que é falso perante a filosofia não seria humanidade” (Mann, 2016, p. 471)

<sup>116</sup> Burke é tido entre os conservadores como um defensor do equilíbrio entre a racionalidade e a fé. Ouvi de um ativista conservador durante um encontro do grupo a qual tive acesso que “não existe nada mais científico do que um conservador”. A verdade é única e será alcançada por meio da experiência, do entendimento de coisas palpáveis. Diário de campo, 23/09/2020.

rede é privativa e não possui ferramentas mais rígidas de controle pelo desenvolvedor, como é o caso do *Whatsapp* ou *Telegram*, arma-se uma bomba difícil de desativar.

A emergência e/ou surpreendente evolução das pseudociências lado a lado com o desenvolvimento de teorias e métodos científicos e tecnológicos cada vez mais avançados longe de serem paradoxais podem representar um desenrolar de processos que contraditoriamente se reforçam. O aumento de instâncias cada vez mais específicas e sofisticadas de conhecimento, bem como de forças sociais e tecnológicas que parecem condicionar e controlar aspectos mínimos de nossa existência sem a devida transparência - vide o gigantesco acervo de dados pessoais obtidos por plataformas digitais utilizados para fins de propaganda – confunde a percepção do “sujeito comum” que passa a assimilar formas de raciocínio absurdos e irracionais para lidar com a irracionalidade absurda desse tempo.<sup>117</sup> Ao mesmo tempo, acessar o “verdadeiro” conhecimento, aquele que não está disponível aos “leigos”, produz forte gratificação psicológica. Adorno (2008) chama atenção para o “semi-erudito”, aquele que tem “uma vontade vaga de entender”, porém “não está em uma posição tal que lhe permita empreender operações intelectuais complicadas e distanciadas”. No entanto, o que define mesmo a pseudo-erudição, continua, é o “desejo narcísico de se mostrar superior às pessoas simples” (idem, p. 51). Em vários momentos da entrevista, Marta trata as teorias que lê nos livros como grandes revelações. Não por acaso compreender a escassez de algumas dessas obras como tentativas de encobri-las ou pela profunda e triste ausência de interesse de conhecer as verdadeiras formas de conhecimento sobre os poderes ocultos que nos governam. Quando me pergunta se eu conheço a *Planned Parenthood*, e eu respondo com o conhecimento comum de que se trata de uma ONG norte americana que cuida de direitos reprodutivos, ela meneia levemente a cabeça e diz que fui “bobinho”, porque é isso que eles querem que nós pensemos. Em seguida comenta que existe por trás um interesse no controle reprodutivo da população,

---

<sup>117</sup> Adorno comenta que o sucesso da astrologia, por exemplo, refere-se, entre outras coisas, a uma necessidade de um autocontrole racionalizado cuja fonte provém de uma autoridade abstrata – as colunas de astrologia dos jornais distanciam o leitor do verdadeiro método de obtenção desses resultados – que é aceita pela própria condição abstrata e particular com que se obtém o conhecimento das sociedades contemporâneas: “Esse aspecto “despersonalizado” e impiedoso da fonte supostamente transcendente tem forte relação com a ameaça latente assinalada pela astrologia. A fonte permanece inteiramente abstrata, inalcançável e anônima. Isso reflete o tipo de irracionalidade segundo o qual a ordem total de nossa vida se apresenta para a maioria dos indivíduos: a irracionalidade do opaco e do inescrutável. // Não é possível para pessoas ingênuas enxergar através das complexidades de uma sociedade altamente organizada e institucionalizada, e até os indivíduos sofisticados não podem entendê-la em termos claros, racionais e consistentes, defrontando-se com antagonismos e absurdos, dos quais o mais patente de todos é a ameaça trazida para a humanidade pela mesma tecnologia desenvolvida para tornar a vida mais fácil. Quem quer sobreviver sob as condições atuais é tentado a “aceitar” tais absurdos, como o veredicto das estrelas, em vez de penetrá-los por meio de um pensamento que, em diversos sentidos, será causa de desconforto.” (Adorno, 2008, p. 45/46)”

teoria que já fiz alusão aqui. As várias teorias pseudocientíficas ou conspiratórias são tratadas com grande fervor, que só pode resultar da satisfação da descoberta e de ser possuidor dela. Acrescento a isso a hipótese – não desenvolvida aqui - de que podemos estar diante de um poderoso afeto resultante do “reencantamento do mundo”, isto é, um retorno às concepções mágicas que se dissociam das rotinas burocráticas, previsíveis e impessoais de que Max Weber lembrava. 118 O “semi-erudito”, como já se deve imaginar, é um “indivíduo que se sente excluído dos privilégios educacionais” e que agindo assim pode “pertencer a uma minoria que está ‘por dentro’” (idem, p. 51). Utilizando o caso de Marta para refinar o ensaio de Adorno, creio que se trata muito mais de como nos especializamos com conhecimentos e formas de compreensão que são específicas a determinadas áreas e não somos capazes de dar conta do todo. Marta é formada em administração e marketing, porém tem muito pouca formação na área de humanas necessárias ao entendimento das questões sociais e políticas (filosofia, ciências sociais, história...). Prova disso é sua dificuldade de adentrar em leituras de filosofia política mais densa (Hayek, por exemplo). Portanto não se trata de simplesmente contrapor pessoas com escolaridade baixa e alta, mas entender como as pseudociências amparadas pelas redes sociais implicam na expansão de uma camada “douta” que comete as maiores barbaridades em determinada área do conhecimento.119

As fontes de informação se amontoam. As linguagens se assemelham; as cópias se camuflam e se vendem como originais: blogs de disseminação de conteúdo político se fazem passar de sites jornalísticos; livros de conteúdos conspiracionistas repetem algum estilo de obras científicas e informações que chegam até nós pelas redes simulam furos jornalísticos. Essa ausência de hierarquia entre meios faz com que Marta tenha uma biblioteca com obras tão diversas, misturando leituras clássicas com as de gosto duvidoso e um tanto quanto obscuras.120 O mercado editorial acompanhou e estimulou o desenvolvimento de uma nova

---

118 A melhor ilustração que eu conheço desse tipo de fenômeno está no romance *O pêndulo de Foucault* de Umberto Eco. Ele descreve como a desiludida geração do Maio de 68 descambou da política para o misticismo, teorias conspiratórias e pseudociências. A esperança de transformação sociopolítica radical – mobilizada a partir das interpretações científicas do social - deslizou para uma combinação de milenarismo, seitas radicais e individualismo burguês. Ver Eco (2009).

119 Isso pode acontecer dentro de uma área de formação ou de um campo mais geral. No primeiro caso temos os médicos de várias especialidades não afins com as necessárias ao tratamento da Covid-19 que cometeram as maiores barbaridades ao arrepio dos estudos mais recentes recomendados por epidemiologistas. No segundo caso temos colegas cientistas sociais que defendem a lógica científica como fórmula de salvação, porém acreditam na astrologia para compreender estruturas de personalidades e comportamentos humanos, arrepiano, dessa vez, abordagens e conhecimentos acumulados da psicologia.

120 Revoluções nos suportes de comunicação e nas formas de se comunicar correspondem a uma absorção heterodoxa por parte do público consumidor? Impossível não lembrar de Ginzburg (2006) e do impacto da

esfera pública de direita (Rocha, 2021). Novas e velhas editoras aproveitaram o embalo para relançar clássicos liberais e conservadores ao mesmo tempo em que traziam à baila escritores como Felipe Pondé, Flávio Morgestern, Flávio Gordon, Bruno Garschagen, Olavo de Carvalho entre outros. Alguns deles figuraram na lista de mais vendidos e se tornaram novos clássicos da direita.<sup>121</sup> Como bem lembra Cesarino (2021), a arquitetura das redes faz com que as “bolha” politicamente engajadas se transformem em um espaço profícuo para a promoção de produtos pelos “mercadores de ideias”<sup>122</sup> evidenciando um colapso de contexto entre as lógicas políticas e dialógicas da lógica propriamente mercantil.

Importante ressaltar: nessa abordagem sociotécnica, a formação de um viés conspiracionista não é específico de uma posição política, mas um efeito da *crise epistêmica* do *sistema de peritos* em reduzir as incertezas e produzir conhecimentos considerados válidos pelo grande público. A multiplicação de fontes de informação – desde as profissionais até as fraudulentas que emulam o fazer jornalístico – e o desnível provocado pelo modo como se acomodam nas redes provocam um ambiente caótico incapaz de assegurar uma direção. Nesse ambiente, os indivíduos buscarão se situar com o auxílio da experiência pessoal imediata e do que seu grupo de afinidade, seja de amigos ou da rede engajada a qual pertence. Essas “realidades encantadas” são produzidas, portanto, pela necessidade de impor uma lógica narrativa a um ambiente caótico onde predominam “informações esparsas” (Cesarino, 2021).

Ouvindo Marta falar percebe-se que os seus pontos de contato com o mundo são as redes: o grupo se organiza por aplicativos de mensagem e redes sociais; ela atuou nas eleições difundindo informações e convencendo pessoas pelas redes; continua trabalhando “terrivelmente” nesse sentido; quase “morreu” no dia da facada lendo as informações que chegavam pelo Twitter etc. Admite que se aproximou dessas ferramentas como parte da sua formação acadêmica e profissional:

“A minha vantagem é que eu tinha feito um curso de comunicação e marketing, mídia digital, uma especialização, um pouco antes de me aposentar, então eu tinha um certo domínio dessas coisinhas aqui, desses brinquedinhos [mostra o celular].”

---

introdução da imprensa na elaboração das consciências daqueles pouco letrados que combinavam leituras “cultas” e “popularescas”.

<sup>121</sup> Estima-se que a coletânea *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (2013) e a reedição de *O imbecil coletivo* (2018) de Olavo tenham vendido 400 mil cópias até meados de 2019. Disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/quanto-venderam-os-livros-de-olavo-de-carvalho.html>. Acesso em 23 ago. 2025.

<sup>122</sup> Expressão bastante utilizada pelo professor de Comunicação Social e pesquisador das redes Wilson Gomes (UFBA).

“Um pouco antes de me aposentar”. Marta não é nativa digital. Ela revela, inclusive, que aprendeu a usar computadores quando eles surgiram quando já trabalhava como servidora, por conta de uma especialização, e que teve bastante dificuldades no início (“tinha dia que tinha vontade de jogar pela janela”).

Justifica o seu entendimento com base na sua formação dentro do *marketing*. Os conteúdos que circulam nas redes têm por finalidade manipular, por meio de mensagens subliminares, e se sente na obrigação de desvendar a verdade desbancando as *fake news* da esquerda:

“Começaram a atrapalhar, a inventar coisas, a mentir na imprensa...coisa que a gente sabia porque tinha outras fontes. O vídeo que você assistia na imprensa, eu não assistia, mas sempre o povo mandava pra mim. E eu dizia “não foi isso que aconteceu” e eu mandava o original do vídeo. [nessa época a senhora já acompanhava esses canais?] Já, foi logo, eu sempre achei – como eu venho de uma área da publicidade, que é o marketing – eu sempre escutava essa coisa da manipulação. Eu não lidava diretamente com isso, não era material das minhas aulas, mas eu tinha que tomar conhecimento do que era feito porque era pergunta dos alunos. Eu sei manipulação de cores, sei manipulação de mensagem subliminar, eu tava sabendo onde eu tava entrando.”

Curioso que não percebe que essa arquitetura funciona pros dois lados: do mesmo modo que existe um recorte e interpretação politicamente interessadas de um lado, existe do outro; que a manipulação que atua nas camadas pré-conscientes é efeito da arquitetura das redes e não um *modus operandi* que se limita às discussões políticas (Cesarino, 2021).

A disposição de busca pelo conhecimento desenvolvida por Marta durante sua formação acadêmica e anos de trabalho no ensino superior não está em desacordo com o que apresentamos. Como já citamos aqui, ela apresenta práticas objetivas de obtenção de capital cultural. Isso coincide com a representação que os colegas fazem de si, uma pessoa “cult”, uma “intelectual”. Ela defende a “verdadeira” produção do conhecimento ao pesquisar e se aprofundar nessas temáticas. Talvez esteja aí uma das explicações para certos peritos que “viram a casaca”: eles possuem os determinantes da ação que os conduzem pelo aprofundamento de análise mesmo quando essa parece contar com pouca credibilidade diante dos seus pares. Novamente: é um erro tomar a nova direita como um conjunto de fundamentalistas ou céticos da ciência e do conhecimento humano. Pelo contrário, cria-se uma “nova” esfera pública calcada na busca por respostas para os problemas políticos (Rocha, 2021). Essas respostas vêm da consolidação de uma nova literatura, de uma gramática obtida pelos debates e produções que, embora não estejam incrustadas no campo acadêmico, reverberam não só por fontes alternativas: livros, debates em universidades, espaços em jornais, palestras etc.

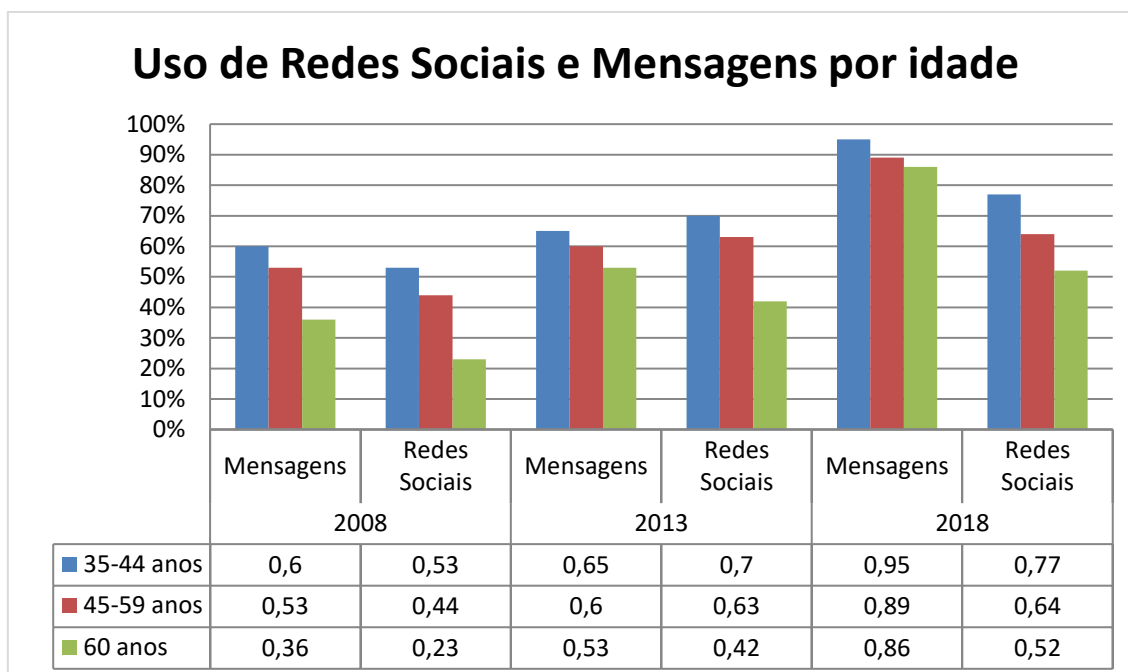
A lenta conversão ao ativismo conservador só foi possível graças às profundas transformações no uso de tecnologias de informação e comunicação pelas quais passou o Brasil recentemente.<sup>123</sup> O número de domicílios com acesso a internet saltou, de 2008 para 2018, de 18% para 67%. Em 2013 - ano das “jornadas de junho”, momento emblemático no uso de internet para fins políticos - 43% dos domicílios tinham acesso. Em 2018 estima-se que 70% da população brasileira tem acesso à internet, próximo dos 81% dos países desenvolvidos. Há dois usos prioritários: redes sociais e envios de mensagens. Entre 2013 e 2018, o número de usuários que utilizam redes sociais manteve-se no mesmo patamar, de 77% para 75%, enquanto que o número de usuários de mensagens instantâneas aumentou de 74% a 92%. Em resumo, temos que as duas primeiras ferramentas de comunicação política na internet, quiçá a principal forma de comunicação política que temos hoje, alcançam pelo menos  $\frac{3}{4}$  da população brasileira.

Esse uso não é uniforme entre os vários segmentos populacionais. Recortei os dados em faixas de renda, idade e escolaridade, buscando repetir o perfil observado nos ativistas estudados. A classe social, prioritariamente, as A, B e C; a faixa etária abrange 35 anos ou mais; e escolaridade é pelo menos o ensino médio. Em todos os estratos há um aumento sensível no número de usuários. Gostaria de chamar atenção para o aumento nas faixas etárias mais avançadas, onde é mais representativo. O uso dessas ferramentas na faixa dos 60 anos ou mais aumentou cerca de 50% de 2013 para 2018. Mesmo nas faixas moderadas (entre 35 e 60 anos) o aumento foi substancial desde 2008, permanecendo num nível alto em 2018.

Gráfico 12 – Uso de redes sociais e mensagens por idade

---

123 Os dados foram retirados dos relatórios produzidos pelo Cetic (Centro de Estudos Sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação) nos anos de 2008, 2013 e 2018.



Fonte: Elaboração própria

Outro dado relevante é o aumento do uso de internet pelo celular, proporcionado pelo barateamento dos *smartphones* e dos planos de internet móvel. Em 2018, 56% das pessoas acessam a internet apenas via celular, contra 20% em 2014. Redes sociais e aplicativos de mensagem instânaea, principalmente *Whatsapp*, têm sido as principais ferramentas de comunicação política utilizadas pela direita. Contribui para isso o fato das operadoras que vendem pacotes de dados móveis não cobrarem pelo uso desses aplicativos. Essa política beneficiou parte das classes C, D e E, as que mais utilizam internet via celular, e as que, proporcionalmente, mais utilizam redes sociais e aplicativos de mensagens. A direita encontra, portanto, um terreno fértil para solidificar sua presença nas classes A e B, mas também avançar nas classes C, D e E, bem como nas faixas etárias mais avançadas.

### 3.3.3 – Disposições e frames: engajamento, formação política

Para Marta, reconhecer-se de direita vem junto com o ativismo político. São duas descobertas que ocorreram ao mesmo tempo. Sua formação como ativista é mais fácil de demarcar. Marta não titubeia em descrever como começou a participar da política e a se engajar no grupo do qual faz parte hoje. Já o primeiro problema reserva grande parte da energia do analista. Interesses, ideias e valores devem ser subsumidos como disposições duradouras geradas em contextos específicos. Esse traçado é extremamente difícil de ser realizado e possivelmente ficará incompleto devido à ausência de uma malha de informações mais densa

do que a confeccionada aqui. A compreensão do primeiro problema levará sem maiores problemas ao entendimento do segundo.

Muitas expressões surgiram para dar conta do *endireitamento* da sociedade e da política brasileira. Fala-se em “nova direita” ou “guinada” à direita, por exemplo. Elas guardam um sentido original, peculiar ou curioso que tomou de assalto as mentes e corações dos brasileiros de maneira inesperada e um pouco assustadora até. Como já mencionado na introdução, a “nova” direita é uma (re)composição de ideias antigas. Tem entre seus adeptos velhas figuras que encontraram uma referência política para ideias e valores que sempre estiveram por aqui – ou mesmo que reformuladas diante de novos desafios. Daí que pra muita gente entender a “nova direita” significa compreender a emergência de jovens atores ou dos “vira-casacas”, aqueles que construíram novos afetos tamanha a decepção e ira com o PT. Marta não pertence a nenhuma dessas categorias. Ela sempre esteve ali. O seu “direitismo” é uma construção recente, mas as disposições que o embasaram não são de agora.

Ela se definia como apolítica. Repete três vezes que esse era um assunto que não lhe interessava.<sup>124</sup> O primeiro momento em que se lembra de ter participado foi na campanha de Tasso Jereissati ao governo do estado do Ceará em 1986.<sup>125</sup> Depois disso deixou de lado, implicitamente dando a entender que fora motivada por problemas familiares que ocorreram ainda durante a campanha. Fez questão de ressaltar que nunca votou na esquerda, sempre anulou seu voto, achava os políticos de direita tão ruim quanto os da esquerda.<sup>126</sup> Acompanha seu desapareço pela política com orações adversativas. Isso sinaliza um ato introdutório de amortecimento das opiniões como se quisesse torná-las mais legítimas. Possivelmente temos aqui um caso de desprezo ou, melhor dizendo, um cuidado nas palavras que remete ao desprezo que se tem em conta pela política no Brasil. “Política”, frisa-se, que é tomada na acepção de um conjunto de atividades e organizações tomadas com esse fim, como partidos, governos e movimentos sociais, e não como tomadas de posições que são políticas no sentido amplo da

---

124 “Eu nunca fui política, nunca me meti em política...” / “...eu nunca me interessei por política” / “...eu não quis saber mais de política”.

125 A campanha do jovem empresário foi um marco na política local. Foi uma resposta a chamada “política dos coronéis”, dos caciques locais apoiados pelo regime militar. Esses eram identificados com o atraso econômico e a política de compadrio. Tasso prometia um governo empenhado na modernização produtiva e na revolução administrativas adotando medidas de gestão mais eficientes. Ao mesmo tempo, sua campanha foi marcada pela introdução de um padrão mais profissional que contribuía para a representação de modernidade que queria passar. Não ficou claro se naquele momento houve alguma ativação disposicional de Marta que podemos comparar com o momento atual. Ela mesma não deu muita atenção a esse episódio. Ver Carvalho (1999) e Parente (2000).

126 Depois diz entender que o PSDB – que tanto dividira as disputas presidenciais com o PT – na verdade também é um partido de esquerda, ao contrário do que pensava na época.

expressão. Os três trechos onde se obtém essa leitura são os seguintes. Grifei as frases que sinalizam para esse sentido da política:

“Eu nunca fui política, nunca me meti em política, mas...quando a Dilma saiu, **eu participei da saída da Dilma, eu fui pra praça** [possivelmente Praça Portugal] eu fiz confusão, depois disso, a gente entendia, eu entendia pessoalmente, que precisava ter um basta! [repetia outras vezes o “Basta”]. Um basta para essa bagunça em que está o país. A partir disso, aí começou.”

“Então, eu nunca me interessei por política. Agora, **eu nunca votei na esquerda. Eu sempre anulei meu voto, porque eu achava que não merecia meu voto.** O PDSB é a história das tesouras, embora na época eu achava que não era, achava que era de direita. Mas na época eu achava tão ruim quanto os da esquerda. Então eu não votava era em nenhum. Depois de anos, eu cheguei a votar em alguém. **Eu votei por exemplo no Tasso Jereissati em 1986. Eu fiz campanha pro Tasso.** Pronto, parou aí.”

“Eu não quis saber mais de política, mas tem uma hora que você diz “rapaz...as coisas estão rumando prum lado que eu não to gostando, **tenho que fazer alguma coisa**”. E foi exatamente quando não deixaram o Bolsonaro trabalhar.”

Marta desvincula política como tomada de posição e engajamento. “Não foi política” significa dizer que não participava ativamente de organizações políticas, porém tomava “partido” das questões públicas. Não votar porque considera os candidatos ruins significa crer em alguma coisa. São ruins porque? O que é ser bom? Ao mesmo tempo, quando perguntada de onde e como surgiu sua concepção política atual dirá que não tinha uma visão ideológica, mas já tinha suas posições: “Eu não tinha [visão ideológica]. Eu não concordava com algumas coisas, algumas coisas assim que são desnecessárias”. Antes de uma auto-identificação política definida e orientada, Marta já apresenta um olhar que se juntou a uma macro definição dos ideólogos e políticos da direita. Três concepções sobre questões políticas chave exemplificam isso. Em primeiro lugar, temos a crítica da compreensão atual sobre o racismo no Brasil.

“Eu sou Morgan Freeman na história, Deus pra ele tem que ser palpável, pra mim também. E a história do negro, racismo, pra mim todo mundo é humano, todo mundo tem que ser tratado com dignidade e com respeito. Então não vai ser a cor da sua pele que vai me definir, pra mim isso está muito claro. Mas...alguém acha que não. Que é trabalho daquela galera lá de Frankfurt, eu queria saber onde havia se originado isso. Não é o politicamente correto, é a ideia...”

Ao mesmo tempo, como vimos anteriormente a naturalização da desigualdade racial está incluída na sua concepção de livre mercado e sociedade livre. Liberais e libertários argumentam que nos EUA o desenvolvimento socioeconômico da população negra é caudatária do desenvolvimento do mercado livre. Essa interpretação ataca a tese mais aceita de que tal ascensão foi provocada principalmente pelas políticas afirmativas e pelo ataque às estruturas jurídicas de *apartheid* racial. A posição liberal camufla as violências simbólicas que estruturam a desigualdade ao acesso de bens materiais e sociais da população negra. No Brasil isso se alia perversamente com o mito da *democracia racial* para o qual no Brasil predomina uma gente indiferenciada racialmente, somos todos “mestiços” devido à intensa mistura de raças durante

nossa colonização. Por isso que, nessa posição, tomar a cor de pele como um indicativo de marcador social é um absurdo, pois cria diferenças em vez de desvendá-las. Como diz Marta, “quem negrifica o negro? O próprio negro”. A solução é mais mercado e oportunidade.

“O caminho é o capitalismo, a única coisa que gera riqueza, gera renda. O que precisa é uma educação de base boa, educação média boa, pra dar oportunidade pras pessoas e não esmola. Sou contra esmola. Sou contra cotas, porque acho um desrespeito a essas pessoas, o negro não é diferente de mim, eu valho tanto quanto ele.”

Em seguida, Marta comenta rapidamente sobre a ideologia de gênero.

“Não [estava engajada], eu já era contra, não estava engajada, mas já era contra. Era preciso ter censura. Não tenho neto, nenhum ainda. Meu filho mais novo tem 34 anos, minha filha mais velha tem 37, mas nenhum ainda quis ter filho. E eu não sei como lidar com crianças no sentido de bloquear determinadas coisas que eu não sei como os pais estão fazendo, o apelo é muito grande. Você vê essa história do Felipe Neto. É muito complicado. E nós temos no grupo muitas mães. E é uma pauta deles. É uma pauta das mulheres conservadoras essa barreira. Bater de frente o tempo todo.”

Por fim, basta mencionarmos sua profunda identificação com o capitalismo e os valores de livre mercado, tema já tratado aqui na primeira seção. Mais do que um tratamento que pode se adaptar a qualquer corrente ideológica, Marta compreenderá que capitalismo e direita são indissociáveis.

Posicionamentos anteriores originados de disposições que já apresentamos no início são um gatilho que disparado pelo contexto favorável a levou a buscar fontes de informação disseminadas nas redes nas quais estava se engajando. Seu discurso passa a ser orientado conceitualmente em uma esfera ideológica para combater outra ideologia que dá sentido aos problemas que ele vê no mundo. São ideias, valores e sentimentos que se elevaram a um novo nível de organização e sistematização. A ideologia política se vincula a práticas discursivas mais específicas ativadas por uma ambientação favorável. Daí surgem opiniões mais especificamente políticas relacionadas a posturas anteriormente desenvolvidas por ela.

Um exemplo disso é quando remonta a discussões com um grupo de amigos e colegas de trabalho na faculdade onde lecionava. Ela trouxe esse assunto à baila quando lhe perguntei de onde surgiu sua visão política. “A minha visão é nesse grupo...”. Ela comenta que saía após o trabalho para conversar com essa turma sobre o impeachment da Dilma. Comenta que não tinha muito conhecimento, que “aprendeu demais” com os seus amigos. Comenta com bastante carinho, os chamam de “caríssimos amigos”. “E a gente se reunia pra falar da Dilma. Pronto. Dilma foi impechmada. Quem é o candidato a presidente? Eu quase apanho, porque eu disse “é o Bolsonaro”. Minutos depois:

““Nenhum me fez pensar desse jeito [visão conservadora]. Era o contrário. Era eu sozinha contra eles [grupo de amigos] pra achar que o Bolsonaro ia vender o peixe que todo mundo queria comprar. Eles achavam que a política era definida nos programas de televisão, naqueles debates...”Gente, vocês estão antigos, pelo amor de Deus!”.”

Embora diga que sua visão deva muito ao contato com seus amigos nessas reuniões após o expediente de trabalho, demonstra que já nutria interesse pela candidatura de Bolsonaro e que isso não era aceito pelos demais. “Concepção política” aqui se refere a um entendimento da política como jogo eleitoral ou institucional, o que poderíamos renomear como “concepção da política”. Sua concepção sobre os efeitos da política e suas injunções no mundo social já estavam sendo elaboradas de outros modos, o que explica a desconcertante diferença em relação aos demais. Certamente pessoas bem-educadas, possivelmente mais à esquerda, não entendiam como uma colega apoiava um candidato extremista tão desconectado das questões públicas concretas.

Marta possui disposições sociais que foram ativadas politicamente quando as circunstâncias foram dadas e quando encontrou uma articulação política capaz de ordenar as questões dispersas que lhe afetavam. O ativismo político foi capaz de racionalizar opiniões em assuntos dispersos em uma posição coordenada e agrupada que se opunha a outras. Assim, passou a se identificar com o conservadorismo, liberalismo e, principalmente, com a direita.

Acontece que Marta não aponta essas disposições como liberais ou conservadoras. Ela só se identifica com essas posições quando trata da política institucional. Como vimos, no máximo essas disposições aparecem em opiniões diante de certas questões – defesa do mérito, crítica ao vitimismo etc. Essa base é fundamental para explicar sua identificação política, porém não é suficiente. Podemos ter uma *disposição liberal* e anticientífica identificada com correntes à esquerda, por exemplo. No caso de Marta, observamos um (re)enquadramento das questões em direção a interpretações mais abrangentes da política, história e sociedade brasileira em função da dicotomia esquerda e direita. Mais precisamente, aquilo que ela se opunha é visto como um projeto racional, pensado e orientado pela esquerda, à qual deve se criar uma força contrária de direita.

A questão é que tipos de *frames*<sup>127</sup> estamos falando. Como já mencionamos, os *frames* delimitam para onde devemos olhar e, ao combinar elementos e transmitir determinados significados, estimula a ação e o engajamento político (Lindekilde, 2014, p. 201).

“ To use a catch phrase from Snow and Benford (1988), the common ambition is to pay attention to movement actors as “signifying agents” who play an active role in interpreting grievances and defining goals, and not just as passive carriers of ideas and ideology. The analytical focus is on how ideas, culture, and ideology are used, interpreted, and spliced together with certain situations or empirical phenomena in order to construct particular ideative patterns through which the world is understood,

---

127 “mental scripts for recognizing occurrences and events within one’s life space, which organize/identify experience and guide perception and action” (Goffman apud Lindekilde, 2014)

and which can be used to mobilize support of particular political goals (Donati 1992, 137). (...) under the headings of “consensus mobilization” and “resonance” (Snow et al. 1986). No matter the terminology, the idea is to analyze how movement actors through various discursive practices and framing activities attempt to strike cords of existing cultural experiences, narratives, and knowledge within the cognitive landscape of targeted audiences. Thus, both discourse and frame analysis are preoccupied with investigating the relationship between movement “texts” and their broader contexts. In more abstract terms, the combined interest of discourse and frame analysis is the discursive battles over meaning and definition of reality, which play out within and among social movements, and among their friends and foes, often in the public sphere.” (Lindekilde, 2014, p. 196)

Entendo que houve uma *vinculação de frames (frame bridging)* ou *extensão de frames (frame extensions)*. No primeiro caso ocorre a vinculação de frames semelhantes, porém descoordenados e desjuntados. No outro, temos a incorporação de novos membros ao movimento quando seus discursos são capazes de afetar seus valores, ideias e sentimentos previamente estabelecidos.

Já foi referido aqui que Marta compreende a sua entrada na política como sinônimo da sua formação política e ideológica. Portanto devemos compreender como isso se deu para sermos fiéis à interlocutora. Embora tenha participado das manifestações pró-impeachment de Dilma, ela considera que sua entrada efetiva se deu após sua saída. Pelo que entendi, as incertezas políticas em um ambiente caótico despertavam a curiosidade de aprender e de agir. É nesse momento em que ela reorienta suas leituras para a literatura política.

“Eu nunca fui política, nunca me meti em política, mas...quando a Dilma saiu, eu participei da saída da Dilma, eu fui pra praça [possivelmente Praça Portugal] eu fiz confusão, depois disso, a gente entendia, eu entendia pessoalmente, que precisava ter um basta! [repetia outras vezes o “Basta”]. Um basta para essa bagunça em que está o país. A partir disso, aí começou. Eu comecei primeiramente a ler tudo que tinha a ver com Islã, como eu lhe disse eu gosto muito da geopolítica, e aí era Europa, a entrada desses imigrantes, como a Europa ia ficar, o que isso ia trazer pra gente, como ia ser. Depois eu conheci o grupo e comecei a me interessar por coisas que eu nunca li (...).”

A sua entrada no grupo da qual participava no momento da pesquisa se dá no segundo semestre de 2019 atendendo a um convite de um amigo. Ela participou da reunião, gostou e passou a compor uma parte bastante ativa da organização. Duas condições materiais – um pessoal e outra política – foram determinantes para isso. Primeiro, sua aposentadoria dos dois empregos, em 2015 e 2018. Sentia necessidade de preencher o tempo com alguma atividade.

“Sempre tem aquele pânico do “o que eu vou fazer?”. Eu sou agitada, acelerada, pra estudar, ler, pra criar, então ficava muito difícil saber o que eu ia fazer. Daí surgiu a hipótese de eu estar envolvida na política. Nunca quis cargo, não quero, abomino essa possibilidade, mas eu gosto de ser Rasputin, ficar por trás, e dar as pinceladas.”

É fácil imaginar que durante todo esse tempo os dois trabalhos e os cuidados da família não lhe davam muito tempo para participar ativamente de um tipo de atividade como a

política. Ela já sinalizara seu abandono após a campanha de Tasso em 1986. Também supõe-se que suas *disposições* de comportamento para organização, disciplina e trabalho devem tê-la tornado uma pessoa que valoriza o tempo produtivo. Uma sociedade voltada para o trabalho tende a identificar os sujeitos por suas carreiras profissionais ou funções produtivas. O período pós aposentadoria para muitos trabalhadores carrega um vazio que pode comprometer a própria representação que o trabalhador faz de si. Outra suposição que podemos fazer é de que dificilmente esse tipo de evento – o engajamento após aposentadoria – se processa dessa maneira refletida e instrumentalizada. É possível que tenhamos aqui uma racionalização posterior ao fato, que o engajamento tenha se processado gradualmente e que posteriormente tenha entendido essa nova atividade como uma ocupação válida. Até porque, embora 2019 seja um ano chave, ela já participava nas manifestações pró-impeachment e foi uma eleitora bastante engajada em 2018. Nesse ponto devemos perceber que há uma equivalência de investimentos entre suas ocupações no serviço público e no ensino (trabalho) e no ativismo conservador (trabalho). Novamente vemos a passagem das disposições de disciplina e organização voltadas para o trabalho se direcionando para o trabalho político.<sup>128</sup>

Por outro lado, a pressão que Bolsonaro sofreu já no primeiro ano de mandato foi o fator político material. É como se houvesse uma guerra travada pelo presidente, e seus apoiadores fazem parte desse exército de apoio. As mensagens de cunho bélico e patriótico são bastante comuns nas redes conservadoras. É importante notar que exploram diversas sensações: de urgência de algo muito importante ir acontecer; de que sua participação é fundamental, coisa que as redes tornaram palpáveis e acessíveis; da vitimização forçada pela hegemonia de esquerda etc<sup>129</sup>.

“Então houve a saída da Dilma, e quando o Bolsonaro entrou, se ele pudesse fazer um governo tranquilo, que seria o certo, houve toda essa batalha em torno da condição dele como presidente. Foi uma coisa absurda o que aconteceu. Daí nós chegamos a uma mesma conclusão: se é pra bater de frente, vamo bater de frente. E nós fizemos a defensiva dele esse tempo todo. Eu posso falar por mim, de noites que eu passei acordada até de madrugada, brigando, puxando informação de um canto pra outro canto, fui bloqueada no facebook, fui bloqueada no twitter, tudo.”

---

128 “Até então a gente se conhecia, alguns se conheciam por conta das manifestações, mas a gente não tinha engajamento nenhum. **Eu pelo menos era freelancer**, não mexia com nada”. *Freelancer* contribui para ampliar a gramática do mundo do trabalho adaptada ao mundo político.

129 Parte disso tem a ver com a necessidade dos perfis e canais em obter relevância dentro das redes. A *economia de atenção* obriga aqueles que desejam sobreviver e crescer nesse ambiente a obterem sinais de engajamento virtual (compartilhamento, curtidas, comentários, inscrições pagas etc.) para que seu conteúdo ganhe visibilidade. Percebe-se, como bem nota Cesarino (2021), que há uma fronteira movediça entre política e negócio, já que esses influenciadores lucram com a produção de conteúdos políticos que são vendidos para esse público engajado.

A amplificação do discurso conservador anti-esquerdista agora na presidência e ancorado numa rede de divulgação operada por jornalistas e comentaristas políticas pode-se constituir numa *estrutura de oportunidades discursivas*. Isso ocorre quando certos discursos ganham aceitação e se mantêm pela realidade material e institucional. Os atores engajados elaboram estratégias e ferramentas para aproveitar o discurso hegemônico. Nesse caso houve uma aproximação dos enquadramentos discursivos propostos pelos movimentos conservadores e pela política institucional. Paradoxalmente à ocupação do cargo mais importante do país e do controle da máquina burocrática do estado, houve uma intensificação – e não uma atenuação – do sentido de dominância da esquerda em todas as esferas sociais, sentido esse que afetou profundamente certa parcela do eleitorado bolsonarista firmemente ancorada em seu projeto de governo. Essa estratégia narrativa de Bolsonaro visa edificar a imagem do “sistema” agora corporificado nas instituições (o chamado *deep state*), nas organizações midiáticas, nos partidos e instituições do terceiro setor, todos amplamente engendrados num projeto de esquerda. Ele, Bolsonaro, é o elemento a ser combatido. Tem por finalidade justificar as críticas e objeções que vem sofrendo. Ao mesmo tempo, coloca-o num equilíbrio ténue entre a posição “frágil” (suas realizações são limitadas devido ao poder do “sistema”) e “forte” (ele é o que possui vontade e força para resolver os problemas). Esse equilíbrio instável e até mesmo contraditório<sup>130</sup> é o combustível para a organização<sup>131</sup> de seu eleitorado.

Essa atuação defensiva mistura-se com sua identificação política. A primeira questão de pesquisa é definir a posição política ideológica. Marta poucas vezes falou especificamente de si. Geralmente ela busca se definir junto ao grupo, o que basicamente leva uma definição bem ampla. O grupo promete ser inclusivo. De modo geral, o que os une é a posição antiesquerda.

“Porque a característica é que nós somos um grupo de DIREITA [ênfatisa separando as sílabas]. Nós somos conservadores e liberais clássicos na economia.”

---

130 Se ele acredita sua inoperância pela força do “adversário” ou do “sistema”, portanto demonstrando sua inoperância, como acreditar que ele ainda poderá fazer alguma coisa? Em alguns perfis e sub-redes conservadores Bolsonaro é chamado de “Frouxonaro”. Uma colocação forte que endereça algumas questões ao mesmo tempo: Bolsonaro promete muito e cumpre pouco; instiga a radicalização, mas tem recuos estratégicos para manter a governabilidade; chama a participação, mas não tem se mostrado próximo daqueles que são presos ou perseguidos pela justiça (caso de Oswaldo Eustáquio, Sara Winter, Daniel Silveira entre outros).

131 O blogueiro Allan dos Santos, inspirado em fala de Olavo de Carvalho, iniciou um levantamento para organizar a militância bolsonarista. Olavo se referia, como de costume, a ausência de organização e práticas estratégicas por parte dos apoiadores do presidente. Essa iniciativa coincide com a criação do grupo a qual Marta pertence. Ver Estadão, “Militância pró-Bolsonaro quer criar cadastro nas redes para evitar racha”. 16 set.2019. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaristas-querem-cadastrar-militantes-para-tentar-conter-racha,70003012487>. Acesso em 23 ago.2025

“Nós não somos fundamentalistas (...) Nós apoiamos o que é tradicional. A gente não trabalha com base no cristianismo fundamentalista cristão. A gente evangélico, tem católico. Tem eu que não sou nada. Tem outras meia dúzia que é nada também. Mas a gente aceita, cada um tem sua liberdade.”

“...Tem gente [de fora do grupo] que acha que de jeito nenhum pode ter gente fora daquele padrão, conservador, tem que se vestir de um jeito, falar de um jeito, gostar de certas coisas...pra nós não tem isso, pra nós tem que ser de direita. É contra a esquerda? “sou”, então venha cá. É a nossa diferença, é essa, você vai ver.”

Quando busca se definir, falando especificamente de si, trata-se como pessoa de direita. Essa é sua posição primordial. Conte quantas vezes os radicais das palavras conservadorismo, liberalismo e direita aparecem. Expressões que remetem ao radical “conservador” somam dezesseis aparições, sendo apenas duas uma referência ao comportamento e ideologia do grupo a qual pertence. As outras tratam do conservadorismo como doutrina ou comportamento alheio, bem como uma expressão inclusa nos nomes de grupos ou eventos. Já as que derivam de “liberal” aparecem onze vezes, sendo três para definir o grupo. Já “direita” têm quinze expressões derivadas, sendo três do grupo e, a novidade, três definições puramente pessoais. Outro levantamento curioso aponta de que modo essas palavras aparecem. “Conservador” e “direita” se dividem em compreensões ora positivas, ora neutras. Já “liberal” têm destacada três enunciações negativas, todas na mesma questão, transcrita no mesmo parágrafo. Perguntei sobre a diferença com os liberais e/ou libertários. A resposta foi a seguinte:

“A gente entende que eles [liberais e/ou libertários] tem uma visão. A gente sabe que muitos deles estão ligados aos Globalistas. A gente evita ter qualquer entrosamento maior, não pelas pessoas, mas para não estar ligado as pautas deles. Nós temos o liberalismo, mas nos negócios, no mercado. Nessa visão, mas nós não estamos próximos dos libertários. Estamos longe dos libertários. E os liberais estão a um passo do libertário. Mas a gente respeita. Desde que eles não vão para a esquerda e continuem apoiando o Bolsonaro, pra mim tá 100%. Eles apoiam todas as pautas, pelo menos a grande maioria.”

Liberalismo e libertarianismo são tratados de maneira distinta. O liberalismo possui fundamentos que são adotados pelo grupo, principalmente na esfera das relações econômicas. O libertarianismo representa um passo além, aproximando-se do globalismo. Marta não deu maiores detalhes sobre o que entende por liberalismo e libertarianismo e o porquê das diferenças. Desconfio que sua visão tenha sido influenciada pela formação do grupo. Em uma das que participei, falou-se sobre o liberalismo. A doutrina foi tratada em sua origem histórica como propulsora das revoluções e antitética à monarquia, cuja base encontra grande acolhida entre os participantes do grupo. Ainda assim, os liberais clássicos se aproximam dos conservadores, possivelmente porque essa conjunção está na base do conservadorismo anglo-saxão, uma grande referência para o grupo e para a nova direita brasileira, de modo geral. Ao mesmo tempo, já o libertarianismo persegue a liberdade pura do indivíduo, atacando as

tradições ou convenções coletivas como a proibição do aborto e do uso de drogas.<sup>132</sup> Foram citadas passagens de Murray Rothbard defendendo a total liberdade sobre a vida dos filhos<sup>133</sup> e o pleno direito ao aborto<sup>134</sup>. Essa escolha mostra um entendimento parcial da doutrina. Na seção em que comparamos o pensamento liberal e o conservador, o libertarianismo possui ideias similares aos conservadores. Hans-Hermann Hoppe, por exemplo, é um libertário contemporâneo busca aproximar os dois campos ideológicos.

Tabela 5 – Utilização dos radicais políticos por Marta

Relação/Radical	Conservador	Liberal	Direita
Instituição	5	3	1
Nós	2	3	3
Eu	0	0	3
Doutrina ou comportamento político	9	5	8
Total	16	11	15

Tabela 6 – Sentido dos radicais políticos para Marta

Sentido/Radical	Conservador	Liberal	Direita
Positivo	7	4	13

132 Ainda nessa formação, destacam-se a oposição em outras esferas: liberais são internacionalistas por excelência (daí a tendência ao globalismo?), os conservadores admiram o nacionalismo; liberais defendem a propriedade privada como bem individual, enquanto que para os conservadores esta é um bem familiar; os liberais defendem a tolerância quase absoluta, já os conservadores compreendem que certas doutrinas ou formas de pensar não devem ser toleradas. Diário de Campo 30/09/2020.

133 “Aplicando nossa teoria ao relacionamento entre pais e filhos, o que já foi dito significa que os pais não têm o direito de agredir seus filhos, *mas também* que os pais não deveriam ter a *obrigação legal* de alimentar, de vestir ou de educar seus filhos, já que estas obrigações acarretariam em ações positivas compelidas aos pais, privando-os de seus direitos. Os pais, portanto, não podem assassinar ou mutilar seu filho, e a lei adequadamente proíbe um pai de fazer isso. Mas os pais deveriam ter o direito legal de *não* alimentar o filho, i.e., de deixá-lo morrer. A lei, portanto, não pode compelir justamente os pais a alimentar um filho ou a sustentar sua vida.” (Rothbard, 2010, p. 163)

134 “A fundamentação apropriada para analisar o aborto está no absoluto direito de autopropriedade de cada homem. Isto imediatamente implica que toda mulher tem o absoluto direito ao seu próprio corpo, que ela tem o domínio absoluto sobre seu corpo e sobre tudo que estiver dentro dele. Isto inclui o feto. A maioria dos fetos está no útero da mãe porque a mãe consentiu a esta situação, porém o feto está lá pelo livre e espontâneo consentimento da mãe. Mas, se a mãe decidir que ela não deseja mais o feto ali, então o feto se torna um invasor parasitário de sua pessoa, e a mãe tem o pleno direito de expulsar o invasor de seu domínio. O aborto não deveria ser considerado o “assassinato” de uma pessoa, mas sim a expulsão de um invasor não desejado do corpo da mãe. Quaisquer leis restringindo ou proibindo o aborto são portanto invasões dos direitos das mães.” (Rothbard, 2010, p. 160)

Neutro	9	4	2
Negativo	0	3	0
Total	16	11	15

Tabela 7 – Significado dos radicais políticos para Marta

Relação/Radical	Esquerda	Socialismo	Comunismo	Direita (liberal, conservador...)
<b>Instituição (neutra)</b>	1	0	1	9
<b>Doutrina ou comportamento (positivo ou negativo)</b>	36	11	1	33
<b>Total</b>	37	11	2	42

O que Marta defende, afinal? O que significa ser de direita? Antes de mais nada, defender Bolsonaro. Ele personifica a direita de tal modo que sua defesa torna-se uma luta que parece se bastar. Observamos pelo menos três sentidos do apoio que é oferecido à Bolsonaro entre seus eleitores engajados. Há um *continuum* que vai da interpretação do presidente como um instrumento para realização de certas políticas até o messianismo de sua figura que encarna a própria direita e o conservadorismo em si<sup>135</sup>; passando por seu intermediário que é a racionalização das posições tomadas pelo presidente que, mesmo que pareçam equivocadas em um primeiro momento, são aceitas e reinterpretadas como corretas por fatores que são estranhos e até mesmo paradoxais quando tomados em conjunto.<sup>136</sup> Marta transita entre os dois primeiros tipos de engajamento. Ela repete algumas vezes que considera Bolsonaro como um

135 Na manifestação da Praça Portugal no dia 25 de Agosto de 2019 ocupantes de um dos carros de som se revezavam em referências de fundo religioso. Tratavam Bolsonaro como um “ungido de Deus, quase um Messias que livraria o país do caos”. Diário de campo dia 25/08/2019.

136 Tornou-se notória, no *twitter*, a qualificação das ações de Bolsonaro como se estivesse jogando um “xadrez 4D”. As múltiplas posições que toma diante das questões concretas contribui para que seja visto como um jogador que sempre ganha (Cesarino, 2021b). O exemplo mais conhecido é a deliberação sobre a vacina. Bolsonaro deu inúmeras declarações descredibilizando imunizantes e, principalmente, atacando a China e João Dória, ambos engajados com a *Coronovac*. Ao mesmo tempo não negava a política de imunização que se avizinhava. Quando o atraso da vacinação tornou-se um fato consumado que atingia sua reputação fez questão de negar que tenha dificultado o processo e agora a defende publicamente enquanto ataca os governadores e prefeitos pelo atraso. Ver por exemplo PIAUÍ, “O sabotador: como Bolsonaro agiu, nos bastidores e em público, para boicotar a vacina”. Fev.2021. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-sabotador/>.

“instrumento”. “E eu não sou fanática, não. Pra mim ele é um instrumento. Nós precisamos dele como ele precisa da gente”. Partilha da mesma opinião quando se trata do ex-ministro Sérgio Moro. “É mais instrumento. O instrumento quebrou, substitui por outro.”. No entanto, em outros momentos considera que Bolsonaro merece se perpetuar no cargo. “E nós vamos até o fim. Até 2022 e quem sabe até 2045 elegendo a Laurinha [filha do Bolsonaro], porque tem que passar pelos meninos tudinho.”. Nesse caso ele não é mais um instrumento, mas o ponto sob o qual se agrupam.

“Já tinha pessoas engajadas [quando o movimento foi criado], tinha os defensores do Bolsonaro, porque ele foi o grande aglutinador. Ninguém entrou na política pela política, ou contra a esquerda, era pra defender o Bolsonaro, defender o governo dele. Eu, pelo menos, pensei, vou tomar isso como missão, me aposentei de tudo, vou ficar desocupada, tenho que dar um norte pra minha vida e o caminho vai ser esse.”

O apoio que dá a Bolsonaro merece uma reflexão mais profunda sobre sua natureza.

Marta repete duas vezes que Bolsonaro foi eleito não apenas porque a população “queria”, mas porque “precisava”. “Eu falei “olha, ele tem o discurso que a gente quer, que a gente precisa, que a população quer”. Bolsonaro é tido como um novo político, alguém diferente. Tornou-se opinião comum entre analistas políticos de que o politicamente incorreto é uma marca pessoal de Bolsonaro que atrai parcela do eleitorado.

É tanto que o apelido dele é Tramontina. Sabia não? A Tramontina participava dos vídeos dele? No final, mostrava “Tramontina” e a faca [risos]. Marketing é isso, é criar condições e ser lembrado sem a sua presença. Ter imagens e sons...como aquela frase que diz “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. **É isso. A história do “mito”...era o que todo mundo queria, todo mundo precisava.**”

É de se esperar que uma leitura atenta desse fenômeno elimine a interpretação já defasada de que esse tipo de linguagem e postura pública faça mal a Bolsonaro. Ele não conquistou apoio popular *apesar* disso, mas *em razão* disso. A política feita nas redes, tornada cada vez mais presente, confunde as formalidades cerimoniais que a política assume quando investida de seu caráter público. Essa distensão entre público e privado pode ser uma chave para compreender o porquê de um engajamento inesperado em torno da figura de Bolsonaro. As redes embaralham as fronteiras entre a “esfera político-eleitoral e outros domínios da vida” como o engajamento nos esportes, religião, indústria do entretenimento e “a linguagem e as dinâmicas identitárias e de sociabilidade próprias das redes sociais” (Cesarino, 2020, p. 112). A simplicidade tida como autêntica; os atos públicos tornados transparentes via rede social; a mutualidade das relações que estabelece com seu eleitorado também nas redes são marcas que aproximam Bolsonaro de um “novo” modo de fazer política. Tomado desse modo, não é de se

estancar que ele tenha conquistado um apoio massivo inclusive nas classes populares<sup>137</sup>. Marta também confirma a admiração pela linguagem franca, debochada e agressiva de Bolsonaro. A agressividade assume diversos sentidos. Um deles é falar a verdade sem circunlóquios, um modo de expressão que encontra acolhida no ambiente violento e sem “mimimi” da comunicação cotidiana do “povo”. Ela comenta sobre os relatos de tortura da jornalista Miriam Leitão mesmo estando grávida. “Quem vai pra chuva é pra se molhar. Bolsonaro: “era pra ser recebida com florzinha?”. É pra botar debaixo do braço e dizer: briga armada é errada, é feio...não, pô!”. O outro é responder a acusações infundadas, à perseguição da mídia, do judiciário, enfim, dos considerados aparelhos de esquerda. A comunicação pública de Bolsonaro tem os traços de um *troll*.<sup>138</sup> Isso é ainda mais evidenciado quando retomamos a gênese de sua ascensão mais ou menos no início da década passada: adotado por comunidades da internet; ênfase na guerra cultural pela linguagem, contra o politicamente correto etc.

Até por falar em nome do grupo, divide-se entre as apreciações coletivas e as pessoais. Coletivamente, o grupo preza pela defesa dos ideais da direita. Embora defendem a tradição judaico-cristã, nega que o grupo ou ela mesma sejam fundamentalistas religiosos. Lembremos que Marta já falou de sua parca formação religiosa.

“Nós não somos fundamentalistas. Eu por exemplo sou batizada e casei na igreja, porque meu pai queria. Mas eu não sou cristã fervorosa, eu não frequento igreja, e a maioria do grupo também não. Interessante porque é um mito dizer que nós somos fundamentalistas. Não, nós não somos. Nós apoiamos o que é tradicional. A gente não trabalha com base no cristianismo fundamentalista cristão. A gente evangélico, tem católico. Tem eu que não sou nada. Tem outras meia dúzia que é nada também. Mas a gente aceita, cada um tem sua liberdade.”

---

137 “É frequente ouvir de eleitores de Jair Bolsonaro que eles não se interessavam por política até ele se candidatar à presidência – mas isso porque sua estratégia de campanha digital transformou radicalmente o que se entendia por política até então. O carisma digital e a simplicidade discursiva tanto da memética quanto do discurso populista, que foram a marca da sua campanha, fizeram com que qualquer um se sentisse à vontade e encorajado a participar da política nesses novos termos. O que era até então considerado a normatividade político-eleitoral foi ou relegado ao domínio do inimigo (a “velha política”) ou descontado como irrelevante ou obsoleto (debates enfadonhos com outros candidatos, planos de governo longos e em jargão burocrático, opiniões incompreensíveis de especialistas).” (Cesarino, 2020, p. 112/113 )

138 “Seu perfil pessoal – como o de outros como Trump, Nigel Farage e Olavo de Carvalho – encontra afinidades importantes com o que se conhece na cultura da internet como o “troll”: figuras que adquirem influência e engajamentos através de declarações tabu, absurdas e ultrajantes. A influência digital do troll vem tanto da fascinação que a quebra de tabus exerce sobre parte dos usuários – pela qual Bolsonaro ganhou a alcunha de “mito” – quanto dos engajamentos negativos por parte daqueles que se sentem ofendidos: nas mídias sociais, o velho adágio “falem mal, mas falem de mim” adquire uma outra dimensão, inclusive algorítmica. Este ponto é importante, pois a cismogênese simétrica entre direita e esquerda disparada pelas “trollagens” de Bolsonaro, que foi essencial para a sua ascensão na esfera pública nacional, continuou sendo ativamente alimentada por ele (e pela esquerda) durante a campanha – e, ao que tudo indica, também após a posse (Cesarino, 2019, p. 541)

No mais, repete em vários momentos que a principal pauta é se opor à esquerda. Isso pode caracterizá-lo como contramovimento. Como já foi ressaltado, a revolta aumenta quando se percebe o predomínio da esquerda.

“E a proposta, à medida em que foi andando, eu fui me apaixonando. Porque eu disse: é isso que eu quero. Mudar essa realidade. Eu quero fazer com que as coisas tenham um equilíbrio. Daí a gente tenta, mas a esquerda é muito difícil conseguir equilíbrio. Ela quer dominar e acabou-se. Ela não permite que você entre, tenha voz, reclame. Então se é assim...vamos partir pras mesmas armas.”

“Então assim...essa polarização não é culpa nossa. É culpa da esquerda, porque ninguém fez isso quando ele ganhou, ninguém fez isso com a Dilma quando ela ganhou, a gente fez quando as porcarias que eles fizeram começaram a aflorar. Então há um ódio tão grande, uma agressividade tão grande...eu entendo, é o medo de perder, porque vão perder, do mesmo jeito que eu disse que o Bolsonaro ia ganhar, eu tô dizendo que eles vão perder, eles não vão conseguir...porque a população tá com muita clareza.”

“Se o cara errar, fizer besteira no governo, a gente seria o primeiro a não aceitar. O que aconteceu. Olha como a coisa foi tão burra. Deixasse ele fazer o governo dele. À medida que ele fosse errando, ia juntando material e pressionando. Mas não. Quanto mais bate, mais ele cresce, é bolo. Porque a população está revoltada com a atitude da esquerda. De querer omitir enganar, subverter uma situação que todo mundo tá sabendo.”

Um dos aspectos *disposicionais* que opõem direita e esquerda são as representações que esses fazem do dinheiro e as mercadorias que esse pode comprar. Em dois momentos cita o livro “Esquerda Caviar” de Rodrigo Constantino. Essa representação é muito forte e também foi atualizada na expressão “socialista de iphone”.

“Rodrigo Constantino, o primeiro livro que eu li na vida que falava sobre esquerdista, e eu achei o máximo, “Esquerda Caviar”. Eu conheço uma centena de pessoas que se dizem de esquerda, mas que adoram um Ballantines, um Grants, um Chivas...eu morei no Rio, morei no Rio, morei no Leblon (...) Eu conheço essa dinâmica do “defendo isso, defendo aquilo”, mas na verdade eles querem ganhar o deles.”

Ela atua sobre as supostas contradições entre atacar o capitalismo e o fetiche do consumo que é um dos responsáveis por sua manutenção (Streeck, 2013). A esquerda possui esse DNA crítico, porém não abandona certas formas de consumo. Independente das confusões que esse argumento pode trazer diante da argumentação marxista original<sup>139</sup>, devemos ressaltar

---

139 Segundo Marx, o capitalista não é aquele que consome o dinheiro na compra de produtos em seu valor de uso. É justamente o inverso, aquele que movimenta dinheiro e mercadoria tendo em vista os seus valores de troca. Seu objetivo evidente é a ampliação dos lucros. “Como portador consciente desse movimento, o possuidor de dinheiro se torna capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e de retorno do dinheiro. O conteúdo objetivo daquela circulação – a valorização do valor – é sua finalidade subjetiva, e é somente enquanto a apropriação crescente da riqueza abstrata é o único motivo de suas operações que ele funciona como capitalista ou capital personificado, dotado de vontade e consciência. Assim, o valor de uso jamais pode ser considerado como finalidade imediata do capitalista. Tampouco pode sê-lo o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do lucro. Esse impulso absoluto de enriquecimento, essa caça apaixonada ao valor é comum ao capitalista e ao entesourador, mas, enquanto o entesourador é apenas o capitalista ensandecido, o capitalista é o entesourador racional. O aumento incessante do valor, objetivo que o entesourador procura atingir conservando seu dinheiro fora da circulação, é atingido pelo capitalista, que, mais inteligente, lança sempre o dinheiro de novo em circulação” (Marx, 2011, p. 296/297). Evidente que somos “capitalistas” no sentido de que partilhamos do mesmo modo de produção e consumo, do mesmo modo que são alemães os que nasceram na Alemanha.

que essa exposição detona diversos esteriótipos de classe: classe média/alta intelectual que se afasta das verdadeiras carências do “povo”. Novamente, caímos na aceção anti-elitista que tem vigorado internacionalmente e que foi adaptada à realidade nacional (Vasques, 2019). Ao mesmo tempo, a direita liberal-conservadora passa incólume a esse rótulo, pois aceita a desigualdade como característica inerente e aceitável do capitalismo. Marta, por exemplo, chega ao limite de rapidamente considerar o consumo de produtos caros um “mimo, luxos da direita”. Portanto, a defesa do capitalismo é uma posição tão natural no campo direitista que praticamente se equivalem.

Marta desenvolveu uma *disposição política* que torna anti-hegemônico quem a desposa. Seja pela própria natureza do discurso conservador, pela dominância do PT nessas duas décadas, ou pela soma das duas coisas, podemos dizer que os ativistas de direita sentem que são perseguidos pela justiça, que não possuem voz, que os partidos beneficiam elites tradicionais vinculadas à esquerda e que a mídia e a indústria do entretenimento disseminam valores culturais progressistas. Diante disso, Marta toma atitudes que contrastam entre si. Por um lado, ele luta incansavelmente para estabelecer suas posições frente aos contatos de esquerda que ainda possui.

“Então houve a saída da Dilma, e quando o Bolsonaro entrou, se ele pudesse fazer um governo tranquilo, que seria o certo, houve toda essa batalha em torno da condição dele como presidente. Foi uma coisa absurda o que aconteceu. Daí nós chegamos a uma mesma conclusão: se é pra bater de frente, vamo bater de frente. E nós fizemos a defensiva dele esse tempo todo. **Eu posso falar por mim, de noites que eu passei acordada até de madrugada, brigando, puxando informação de um canto pra outro canto, fui bloqueada no facebook, fui bloqueada no twitter, tudo.**”

Junto com o grupo do qual participa define como estratégia o convencimento das pessoas. Amparam-se na certeza de que parcela substantiva da população é enganada pela esquerda que se aproveita do seu poderio midiático. Por isso os membros são estimulados a conversar, a espalhar informação. De modo geral, percebe-se uma estratégia política que deriva de um entendimento superficial da teoria da hegemonia de Gramsci.

“Todo mundo tem isso daqui [mostra o celular]. Eu tenho o da minha secretária e do marido dela que é zelador em um prédio. E eu mando tudo pra eles, todas as informações que eu posso. E assim a orientação do nosso pessoal é essa. Conversa com motorista de ônibus, conversa com taxista, o cara do Uber, a menina que vende o café...conversa com as pessoas, pergunta o que eles acham e explore a importância da informação pra eles e continue.”

Marta se define como democrática, pois consegue “conversar com o pessoal de esquerda, eles que não conseguem conversar comigo”. Ao mesmo tempo, já disse ser muito “ansiosa” para obter resultados e aprendeu que eles demoram.

““Então é isso, nossa luta é mais demorada, já fui mais ansiosa, eu já entrei em várias crises...não vou dizer que é crise, mas de você querer forçar uma velocidade que as pessoas não estão preparadas, eu já tentei, e eu já vi que não dá. E a sorte que um dos

membros do nosso grupo é uma pessoa muito ponderada. Sempre ele que dizia “calma, calma”. Daí diminuí o ritmo, e entender que os nossos frutos não virão em curto prazo.”

Por outro lado, desenvolveu táticas de acomodação, de ajuste, até mesmo de encobrimento das disposições a depender do contexto da interação. Existem espaços desfavoráveis e aqueles em que se sente à vontade para ver aflorar suas posições. Existem indícios de que essa *disposição política* foi moldada pelo tempo atual, mas também que suas posições políticas que ajudaram a formulá-la – portanto disposições anteriores a ela – foram mantidas em *estado de vigília* até aqui. Por exemplo, Marta comenta que em seu trabalho no serviço pública jamais tomou partido de ninguém, nem se posicionou politicamente. “Durante os meus 30 anos eu sempre fui muito profissional, nunca fiz nada que definisse, sempre [?] porque não era necessário, era uma época em que a gente era enganado, a gente não sabia o que tava acontecendo.”

Uma pequena coincidência demonstra a estratégia de acomodação de Marta. Durante uma das entrevistas uma conhecida a cumprimentou duas vezes, uma quando entrou na praça de alimentação e outra quando saiu. Marta confidenciou que é uma antiga colega de trabalho que não tem conhecimento de seu posicionamento atual.

“Eu não tenho problema [em conversar]. Só evito mesmo quando eu sei que a pessoa vai ficar chateada. Essa mulher que passou, por exemplo. Foi minha colega (...) Nem sei se ela sabe, porque eu só entrei mesmo depois que me aposentei. E não foi logo. Foi em 2015 que me aposentei. Foi um ano antes da saída da Dilma. Daí eu não quero magoar as pessoas, tenho esse cuidado. Mas...começa assim... “tu de direita? Queria entender porque?”. Daí a gente conta a história e a pessoa fica “é, realmente...”

Marta possui vínculos com familiares e amigos que se dizem de esquerda. Ela não se isola numa bolha, muito menos demonstra uma tendência à desumanização de sujeitos concretos. Quando fala da violência da esquerda, faz de modo abstrato ou citando nomes públicos. Na entrevista ela não comenta sobre desafetos pessoais<sup>140</sup>. Esquerdistas conhecidos são citados para demonstrar que ela sabe conviver com as diferenças.

“Sou democrática, tenho dois filhos que são de esquerda. O mais novo não quer saber de política, em cima do muro e eu de direita. Eu sou democrática, eu tenho um irmão que é jornalista e é de esquerda. Outro irmão que a mulher é de esquerda e ele em cima do muro porque não quer confusão. E eu e minha irmã somos de direita. Não há essa confusão.”

---

140 Sua relação com o pai é uma exceção, embora fica claro que não houve rompimentos, apenas desavenças. No entanto, essa desavença assume-se pela disposição pessoal adotada pelo pai. Marta o chama de “esquerda caviar” por apreciar itens de consumo considerados caros. “Meu pai depois de velho virou socialista. Mas ele é um cara que gosta dos mimos, dos luxos da direita. Gostava do uísque escocês...mas foi cair na besteira de defender a Dilma numa roda de amigos e os amigos detonaram ele. Ele ficou possesso. Eu falei, “pai, você é o autêntico esquerda-caviar. Ó, veja aqui o livro”. E chegou a conclusão de que era mesmo.”

### 3.3.4 – O que podemos aprender com Marta

A história que Marta nos conta deve ser suficiente para nos lembrar que a formação de um ativista conservador não é um ato imediato em um momento de crise, muito menos o desvelamento de uma personalidade que já estava ali e não sabíamos. Esse processo é mais complexo e depende de ambas as coisas: disposições anteriormente incorporadas e seus contextos de atualização; opiniões já instaladas e suas adaptações a enquadramentos que se tornaram visíveis recentemente. Antes de se engajar politicamente, de entrar na organização na qual faz parte para defender Bolsonaro, Marta possuía disposições que a levaram a manifestar certas ideias comuns ao campo da direita. A principal delas é a *disposição individualista* possivelmente fruto de sua formação acadêmica. Essa disposição foi reforçada e atualizada pelos desafios que enfrentou: teve que cuidar da família sozinha muito cedo; acumulou dois trabalhos em dois períodos; enfrentou a precarização do trabalho docente no setor privado. Essas experiências poderiam tê-la formado em outros moldes. Porém, Marta os enfrentou sem “vitimismo”. Reclamar das “margens” impostas pelo capitalismo flexível significa aceitar a própria incapacidade de seguir em frente. Reivindicar ajuda governamental é adquirir privilégios, sem os quais a única solução possível é por meio do trabalho. Manifestações coletivas como greves são vistas com ceticismo, quando não repulsa. Outra consequência direta dessa disposição é a crença de que não existe racismo estrutural, pois seria impossível que indivíduos sofressem com injunções sociais que não as consequências puramente individuais de seus atos.

Capitalismo e livre mercado são indissociáveis da direita. Essa crença escapa quando Marta antagoniza o gosto pelo consumo e as disposições de esquerda ilustradas no livro “Esquerda caviar”. A negação da livre iniciativa, da responsabilização dos sujeitos por suas condutas, do tratamento das questões sociais sem apelo ao mérito constitui um princípio coletivista que integra disposições naturalmente à esquerda. Essas condutas e ideias estavam lá antes de Marta começar a ler autores clássicos do liberalismo como Hayek e Mises. Esse princípio geral que norteava sua visão das relações sociais e da política de direitos foi adquirido na socialização nos campos previamente citados, escola e trabalho. Pode-se dizer que a *nova direita* agiu de modo a articular representações, símbolos, concepções, sentidos e emoções que pairavam entre as frestas que conectam a aparente civilidade do político (inscrito, por exemplo, na Constituição de 88) com a normalização da violência do cotidiano. Essa nova racionalidade política se destacou no pólo contrário a tudo aquilo que passou a representar a esquerda: direitos

sociais, projetos igualitários, estado forte, ideais progressistas nos costumes, laicidade etc. Não é por acaso que Marta defende a tradição judaico-cristã e suas pautas de costumes mesmo sem ter nenhuma pretensão de ver o mundo sob a ótica dos dogmas religiosos. Mesmo sem frequentar a igreja, defende a reabertura das mesmas diante da pandemia. Porque esses não são atos puramente religioso, mas também “políticos”. A pauta de costumes não se defende pelo apego a dogmas cristãos, mas porque sua radicalização obedece a um plano político do globalismo progressista. Mais uma vez, quem quiser compreender o liberalismo de Marta pelo viés pragmático de políticas públicas ou instrumentalizado pelo ganho financeiro dará com os burros nágua. Cultura e política se combinam na atualização da racionalidade neoliberal subjetivada no contexto brasileiro atual. Por isso sua ojeriza aos libertários e alguns liberais do lado de lá da rede de direita que tangencia o bolsonarismo. Esses perseguem o individualismo como uma pregação que vai total abnegação em coisas cotidianas até a política econômica que terá por finalidade privatizar, descentralizar e conceder. Essa concepção não observa a rotina cultural perseguida pelos conservadores. Pelo menos não na opinião de Marta.

Porém, não devemos compreender a tomada de posição política de Marta apenas pelo lento reforço e acomodação dessas disposições. Deve-se levar em conta também os momentos de *crise* ou de *virada* que suspendem a ordem das coisas, param o tempo, despertam a busca pelo entendimento das relações e encorajam ou inibem profundamente a tomada de posições. Marta passou por uma aguda mudança no plano de sua vida íntima quase ao mesmo tempo em que encarava um conjunto de eventos no plano político e social. Sua aposentadoria a impeliu a transferir suas energias que despendia no trabalho. As movimentações frenéticas no campo político compunham o cenário em que essa mudança pessoal ocorria: mobilizações pelo *impachment* de Dilma Rousseff; operação Lava Jato e condenações de Lula; eleições de Jair Bolsonaro em 2018. Temos a impressão de que a cobertura midiática preencheu um grande espaço no cotidiano de pessoas comuns que antes não acompanhavam a política nacional. Talvez seja reflexo da ampliação do uso das redes sociais que podem ter sido tomadas – ingenuamente, diga-se de passagem – por uma “esfera pública” de discussão e difusão de informações. De posse de concepções previamente estruturadas, Marta construiu um entendimento político com base nas interações com amigos que faziam parte do seu ambiente de trabalho e na recepção de informações que chegavam na sua zona protegida via rede social. A eleição de Bolsonaro e o enfrentamento que a oposição e a esquerda lhe impunha fez com que se mobilizasse para defendê-lo. O sentimento de injustiça e a certeza de que sua ação é importante são os motores da participação política.

Organização, disciplina, planejamento compõem o léxico que Marta levou de sua formação profissional ao campo do ativismo político. Ela redirecionou seu investimento intelectual para obras de cunho político, sobretudo as da cepa que vicejou no mercado editorial da *nova direita*, leituras essas com objetivos: assimilar e difundir ideias sobre o mundo político e social e utilizá-las para sua transformação. É uma atividade disciplinada, uma profissão de fé, um investimento de tempo permitido pela ociosidade da aposentadoria.

Essa “conversão” de Marta – que como vimos não é instantânea, muito menos radical, mas fruto do acúmulo de processos sucessivos e da atualização e transformação em situações específicas de grande relevância – provocou conflitos em função de novas posições em sua vida pública e privada. Marta precisou elaborar novas estratégias para *acomodar* o desenvolvimento dessas novas *disposições políticas*. Isso inclui desenhar de maneira criativa as fronteiras entre atuação política e vida pessoal. Por um lado, parece claro que seu investimento pessoal volta-se profundamente para a atuação política. Ao mesmo tempo, precisa manter uma relação amigável com pessoas que partilham do seu círculo íntimo (familiares, amigos etc.). Faz isso quando se assume “uma pessoa democrática”, capaz de dialogar com atitudes e opiniões divergentes. Considera que a esquerda é incapaz disso. Nos casos de colegas ou conhecidos que não participam do seu círculo pessoal, evita entrar em discussões políticas para evitar complicações. É visível, portanto, que não se afasta das antigas relações, não vive em uma bolha, porém necessita desse tipo de racionalização para mantê-la conectada a pessoas que comungam de outros ideais.

### 3.4 – Gisele

Gisele tinha 46 anos no momento da entrevista. Começou a trabalhar após perder a mãe aos dezoito anos de idade. Embora mantenha boas relações com o pai, ele não participou diretamente de sua criação. Acumulou diversos empregos associados à classe trabalhadora: babá, costureira e assistente administrativa. Atualmente trabalha como cuidadora de idosos, profissão que, como veremos, está profundamente relacionada às disposições ascéticas e afetivas que desenvolveu. Reside num bairro da periferia de Fortaleza.

### 3.4.1 – Disposições de classe – trabalhadora e de direita

O principal marcador objetivo que irá distinguir Gisele de Marta é a posição objetiva de classe que elas ocupam. Como vimos, Marta tem uma trajetória típica de classe média-média ou classe média-alta. Obteve diploma de ensino superior, incluindo pós-graduação ou especialização. Acumulou cargo no serviço público (obtido por meio de concurso, um dos principais marcadores de classe) com a carreira docente em faculdades privadas. Goza de aposentadoria e reside em área nobre da capital. Apesar de não citar a mãe parece ter tido vida familiar estável. Mantém boas relações com o pai. Possui três filhos que criou sozinha após o falecimento do marido. Já Gisele passou pelas dificuldades típicas de alguém da classe trabalhadora. Aos dezoito anos descobriu que precisava ganhar a vida após perder a mãe. Seria difícil obter ajuda do pai já que ele se dedicava a outra família que havia constituído em paralelo. Sonhava em estudar computação, mas não tinha tempo e dinheiro para os estudos. Mudou para uma cidade próxima para trabalhar em casa de família como babá. Morava na casa dos patrões, como é comum nesse tipo de trabalho. Depois mudou-se para Fortaleza para morar com a irmã. Juntas trabalharam como costureiras em facções. Mesmo não gostando no início, Gisele pegou o jeito e continuou no mesmo ramo em outras duas empresas. Cumpriu essas funções até se casar e dedicar-se exclusivamente ao tratamento do marido e compartilhar com ele sua luta política. Ele possuía problemas de mobilidade devido a uma grave condição neurológica que causava distrofia muscular progressiva. Destacou-se na causa pelas pessoas com deficiência e levou a então esposa junto. Por conta do envolvimento político-partidário obteve uma função comissionada em posto de saúde. Em dado momento passou a se dedicar exclusivamente ao tratamento do marido que piorara. Após seu falecimento tornou-se cuidadora de idosos, função que a define, juntamente com a militância em prol das pautas conservadoras.

As rápidas passagens de sua trajetória descritas logo acima evidenciam sua condição de classe. Primeiro, o abandono familiar. A morte mãe relaciona-se com a menor expectativa de vida e as dificuldades de tratamento de saúde comuns à classe trabalhadora. O pai já tinha outra família e não cumpriu com seu papel de provedor da casa. Em segundo lugar, a prática da “viração”, que consiste no acúmulo de empregos em áreas diferentes, mal pagos e caracterizados por funções tipicamente destinadas aos trabalhadores não qualificados – serviços mecanizados, braçais, repetitivos, ou que exigem pouco conhecimento especializado. Adquirir um diploma superior, significando tanto uma competência técnica quanto um símbolo de distinção social, é uma opção distante obtida, nesses casos, por meio de muito esforço, geralmente combinando-se trabalho com estudo. Essa trajetória tornou-se mais comum em

meados dos anos 2000 quando o aumento do emprego, a elevação real do salário mínimo e a expansão do ensino superior público e privado possibilitaram que jovens da classe trabalhadora “consumissem” educação (Souza, 2012). Nos anos 90 essa realidade era mais difícil pelas condições econômicas e em função da baixa capilaridade do ensino superior público e privado. Novamente é importante destacar que a formação superior não confere ao seu portador apenas as condições objetivas de execução de tal atividade, mas também um marcador distintivo pelo qual ele se reconhece e é reconhecido. Assim, funda-se uma coerência narrativa, um *ethos*, exemplificados pela trajetória profissional dentro de um mesmo ramo ou área de formação (como no caso de Marta, que se definirá por sua atividade docente e pelos conhecimentos que obteve na administração e no marketing). A terceira observação refere-se ao papel que desempenha de acordo com seu gênero. Teremos oportunidade de comentar esse ponto a fundo logo mais, mas adiantamos que Gisele internaliza uma disposição ascética que se apresenta no cuidado médico, afetivo e social que desempenha. Ele aparece primeiro de forma retrospectiva quando cuida de sua mãe enferma. Logo em seguida assume a função como babá, e depois surge com mais força quando passa a cuidar em tempo integral do marido cadeirante. Esse é o momento em que se percebe e se rotula desse modo, tornando essa prática social um ideal político. Hoje trabalha como cuidadora de idosos. Acontece que a exclusividade do trabalho doméstico atinge principalmente mulheres pobres ou da classe trabalhadora, para as quais o estudo e a própria carreira ficam em segundo plano. Vimos que no caso de Marta a perda do marido e a necessidade de cuidar dos filhos não a impediu de progredir em sua carreira. Especializou-se e pôde manter-se trabalhando em paralelo à educação dos filhos. O mesmo não ocorreu com Gisele, que dedicou-se a cuidar da mãe e do marido enfermos. Possivelmente isso acontece porque o valor do trabalho de Marta é maior que o valor do trabalho pago àqueles ou àquelas que cuidaram de casa (trabalhadores domésticos e babás). E esse valor trabalho só é possível devido aos resultados financeiros da educação formal que obteve. O caso de Gisele é o oposto. Sem formação superior exerceu as funções típicas de moças jovens (trabalhar em casa de família). Também cumpriu com as tarefas familiares e domésticas historicamente destinadas às mulheres – limpeza, cuidados de saúde e afetivos. Elas são funcionais porque aparecem como trabalho não pago (Davis, 2016). Isso ocorre tanto no âmbito doméstico, como no trabalho externo, já que as condições a que as empregadas domésticas e babás estão acostumadas misturam local de moradia e trabalho, tornando a jornada de trabalho elástica. Desse ponto de vista, percebemos que o trabalho doméstico não apenas recai sobre as mulheres, mas sobretudo sobre as mulheres mais pobres.

Gisele já militou pela esquerda ao lado do ex-marido. Hoje define-se como “conservadora” ou “liberal-conservadora”, rótulos que problematizaremos adiante. Por enquanto cabe compreender que a sua identificação dentro de uma determinada classe social fazia com que se engajasse pelo lado da esquerda. “Mais pra esquerda, justamente por ver essa questão de lutar pelas classes [quando perguntada se tinha uma visão mais à esquerda]”. *Acreditava* que o PT era um partido para o “povo”. Mudou de opinião quando viu os escândalos de corrupção do governo Dilma. O dilema de nossa investigação reside em saber se ela sempre possuiu as disposições identificadas com ideologias conservadoras ou se os novos esquemas de apreciação obtidos pela socialização nesses grupos a que atualmente pertence fizeram com que revisitasse suas antigas formas de pensar. Talvez um pouco das duas coisas. De qualquer modo, cinde o PT (e a esquerda) em duas pautas: materialmente falando, apoiavam políticas sociais e de direitos para os pobres e minorias sociais; do ponto de vista simbólico, defendem pautas morais (aborto e legalização das drogas) totalmente contrárias ao credo conservador.

**“Sempre fui pela esquerda, porque eu tinha aquela visão de...por exemplo, o PT, sempre foi o partido que eu defendia, que era o partido do trabalhador, do pobre, para o povo...mas eu já era conservadora, mas eu não entendia sobre isso. Não entendia sobre política, não era envolvida...[perguntei o que significava ser conservadora] conservadora no sentido de conservar mesmo, de ter essa visão de conservadorismo sobre a questão da família, sobre não ser a favor do aborto, não ser a favor da legalização das drogas. Pasmee, pode ficar pasmo. Eu tinha esses princípios conservadores, mas eu apoiava a esquerda! Era só pela questão do analfabetismo intelectual mesmo, cultural eu acho...Eu acreditava que era um partido para o povo, povão, entendeu? Para o pobre, partido que ia pensar no pobre. E eu era o povão, eu sou o povão, eu sou do povão.”**

Deve-se ressaltar também que a militância conservadora da qual participa elimina a distinção de classes e grupos. O objetivo é trabalhar para todos os segmentos. Essa organicidade é característica elementar do pensamento conservador (O’Sullivan, 2013). Mais do que isso, indica uma ruptura com a principal categoria social de análise produtora de um “efeito de teoria” sobre o mundo social, isto é, geradora do conflito social resultante da contradição entre capital e trabalho. Além disso, permite-se uma abolição de divisões e tensões que definem minorias e seus direitos.

“Mas a gente não defende só as bandeiras do idoso, os cuidados com o idoso, o respeito com as crianças, pessoas com deficiência...então é um respeito com todos. **Acaba não sendo uma luta só de classes** [provavelmente querendo dizer que não é uma luta corporativa], mas de direito pra todos.”

Gisele é um exemplo incorporado de como o bolsonarismo é capaz de atingir as camadas populares. Podemos dizer que desde muito não vemos uma direita que dialoga com as camadas populares. Geralmente costumamos nos referir à linguagem moral que permeia o discurso conservador e sua predileção por pautas como defesa à vida (contra o aborto) e da

família tradicional. Esse discurso se acopla e ao mesmo tempo estimula uma forte base evangélica de cunho popular. Entretanto, outra face menos aparente é ambiguidade em relação à política econômica, tão necessária para agradar a gregos (empresariado e classes médias liberais desejosas de menos regulamentação estatal) e troianos (classes trabalhadores que preferem mais investimentos em políticas sociais). Vemos isso na prática com a política vacilante do governo que ora sinaliza para o “mercado” com a privatização de uma estatal<sup>141</sup>, alguma reforma que atinja o sistema previdenciário<sup>142</sup> ou direitos trabalhistas<sup>143</sup>, ora investe em políticas de distribuição de renda<sup>144</sup> ou subsídios para determinadas categorias<sup>145</sup>.

Em uma primeira leitura dos marcadores de classe de Gisele somos tentados a vê-la como o perfil de eleitora típica do petismo, uma estranha no ninho no bolsonarismo: mulher, pobre, moradora da periferia de uma grande capital do Nordeste. Entretanto, uma leitura mais atenta dos dados é capaz de matizar essa visão<sup>146</sup>. Primeiro, Bolsonaro venceu mesmo entre os eleitores de baixa escolaridade, apesar de ser mais bem votado entre os de escolaridade alta. Isso quebrou o predomínio do PT nessa faixa nas últimas eleições. Segundo, apesar da divisão inédita entre os eleitorados masculino e feminino, sendo aquele a ponta de lança do bolsonarismo, percebe-se uma divisão etária importante. As mulheres jovens rejeitaram fortemente a candidatura de Bolsonaro, enquanto que as mulheres mais velhas tinham uma adesão melhor. Geralmente, tende-se a aplicar algumas explicações. Uma delas refere-se ao tradicional alto número de indecisos nesse segmento que poderiam ter surfado na onda. Outra

141 UOL. “Câmara autoriza privatização dos Correios em vitória do governo Bolsonaro”. 05 ago.2021. Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/08/05/camara-autoriza-privatizacao-dos-correios-mudancas-ainda-serao-votadas.htm>. Acesso em 11 ago. 2021

142 G1. “Saiba o que muda com a reforma da previdência”. 12 nov. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/11/12/saiba-o-que-muda-com-a-reforma-da-previdencia.ghtml>. Acesso em 11 ago. 2021.

143 FOLHA DE SÃO PAULO. “Câmara aprova texto-base de projeto que cria uma minirreforma trabalhista”. 10 ago. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/camara-aprova-texto-base-de-projeto-que-cria-uma-minirreforma-trabalhista.shtml>. Acesso em 11 ago. 2021.

144 G1. “Governo publica MP do novo Bolsa Família: entenda os principais pontos”. 10 ago. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/10/governo-publica-mp-do-novo-bolsa-familia-entenda-os-principais-pontos.ghtml>. Acesso em 11 ago. 2021.

145 CNT. “Governo desembolsa R\$ 4,8 bilhões com programa de subsídio ao óleo diesel”. 08 jan. 2019. Disponível em <https://cnt.org.br/agencia-cnt/governo-gasta-programa-subsidio-oleo-diesel>. Acesso em 11 ago. 2021. Ainda sob esse ponto cabe lembrar a polêmica intervenção na diretoria da Petrobrás quando Bolsonaro utilizou-se de uma retórica francamente getulista para criticar as sucessivas elevações do preço dos combustíveis. Ver por exemplo O GLOBO “‘O petróleo é nosso ou é de um pequeno grupo do Brasil?’ diz Bolsonaro ao criticar política de preços da Petrobrás”. 22 fev. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/economia/o-petroleo-nosso-ou-de-um-pequeno-grupo-no-brasil-diz-bolsonaro-ao-criticar-politica-de-precos-da-petrobras-24892683>. Acesso em 11 ago. 2021.

146 Todos os dados e análises quando não especificados sobre as eleições de 2018 foram retirados de Nicolau (2020).

explicação nos conduz ao terceiro ponto de nossa explicação. Podemos falar de mulheres que participam de igrejas evangélicas e que são mais receptivas a candidaturas conservadoras por valorizarem os temas morais pró-família. O eleitorado evangélico (70%) votou em peso em Bolsonaro. Mais uma vez, um padrão que não existia em eleições anteriores nas quais os eleitores se distribuía de maneira mais ou menos uniforme entre as candidaturas. Por fim, devemos destacar que apesar do Nordeste representar a fortaleza petista, o voto em Bolsonaro cresce nas grandes cidades. Ele venceu em 30 dos 38 municípios com mais de 500 mil habitantes. Os oito se concentram no Nordeste, sendo Fortaleza a quinta melhor vitória de Haddad apesar do aperto (foram pouco mais de 50% dos votos para o petista).

Ao final da entrevista, já com o gravador desligado, comentei uma provocação bem-vinda de Gisele argumentando que a direita conservadora não se resumia a leitores de Olavo de Carvalho. Ela concordou de imediato. Disse que não leu nenhuma de suas obras e que não era uma pessoa da “teoria”, era da “prática”. Ao longo da entrevista Gisele demonstrou admiração por Marta, uma “intelectual”. A trajetória política das duas diferencia-se pela soma absoluta e relativa de capital cultural, o que não se dará sem efeitos sobre o modo como cada uma incorpora os efeitos do mundo político e age sobre ele. Marta formou suas disposições no âmbito da escola e do trabalho. Desenvolveu uma leitura política mais específica dos acontecimentos recentes com base nas discussões com amigos professores. É leitora assídua de obras teóricas e analíticas sobre questões políticas candentes ao universo conservador e liberal. Portanto, possui “estoque” de capital cultural em suas três formas, objetivada (livros), incorporada (conhecimento e esquemas de interpretação que obteve a partir de suas leituras e experiência universitária, como aluna e professora) e simbólica (diplomas e certificados escolares, bem como a nomeação distintiva de “professora” que carrega até hoje mesmo após sua aposentadoria). Já Gisele se dedica muito pouco a explicar sobre sua trajetória escolar, pois justamente não exerce influência sobre sua formação política. Ela se inicia estimulada pelo ex-marido, ativista política pela causa dos deficientes físicos. Participou de eventos, manifestações, conferências...atuando sobre questões que poderíamos chamar de “concretas” ou, em termos mais precisos, sobre política pública. Durante nossa conversa fez várias referências a ações “concretas”, uma leitura da política pautada por aquilo que se faz, que se “entrega”: prestação de serviços a pessoas com deficiência; luta por direitos dos deficientes como a gratuidade em transportes coletivos; participação na Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência em 2012 em Brasília; implantação e funcionamento do Sara Kubitschek e equipamentos da ABCR (Associação Beneficente Cearense de Reabilitação).

“Então ficou só nesse negócio de lutar pelas pessoas com deficiência, porque era o meio em que eu estava vivendo, era aquilo ali, meu marido era presidente da associação dos deficientes e a gente prestava serviço pra sociedade, empregando pessoas com deficiência, inserindo no mercado de trabalho.”

“[Perguntei se ela participava de campanhas políticas] Muito! Aqui pra prefeito, meu marido brincava, porque eu nunca tinha me envolvido tanto em política. Mas eu peguei gosto. E aí na época da campanha da prefeitura da Luizianne, ela como deputada, nessa época a gente tava lutando pelo passe-livre, pra gratuidade das pessoas com deficiência nos ônibus. Ela como deputada ia com a gente no Cambé, onde ia fazer manifestação pelo passe-livre ela tava lá com a gente. Ela é muito sensível. Quando ela se candidatou a prefeita, ela arrastou essa classe, de pessoas com deficiência, por conta dessa sensibilidade dela ser voltada para pessoas com deficiência. Isso foi 2004.”

“...em 2012 eu fui pra Brasília, eu estive lá com a Dilma, com a Maria do Rosário [faz cara de decepção]. Em 2012, quando teve Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, eu tava lá. Pensando bem, hoje de fora, quais direitos que a gente adquiriu nessas conferências. Uma simples liberação da pílula contra o câncer. Anos e anos para liberar. A questão do imposto pra medicação pra quem tem doença rara como a AME, agora o Bolsonaro fez isso. Esses anos todos...porque a gente tinha um partido que era tão voltado pras causas sociais, porque não liberava essas medicações”

“Nessas conferências tinha tanta coisa que a gente podia ter conquistado, saía de Brasília com tantos direitos adquiridos, não custava mudar. E muito movimento pra pouca coisa. Por exemplo, o Sara [Kubitschek, hospital de referência] daqui. Meu marido tinha uma distrofia muscular progressiva, uma doença neurológica que ainda não tem cura. Então o Sara não atendia pessoa com distrofia muscular progressiva. Hoje já atende. Porque não se investe num hospital como esse de reabilitação. Nós tínhamos aqui há muitos anos atrás uma clínica popular chamada ABCR...era um atendimento sem igual, acessível à população. Em vários bairros tinha ABCR. Só que, por trás, só tinha jogada política. Tinha uma deputada que defendia a ABCR que era a Gorete Pereira. A bandeira dela era a ABCR, e ela se elegia por isso, junto com o vereador Machadinho. ABCR quebrou com todo escândalo de não pagamentos...as coisas bem típicas do PT também. O PT tem essa história de terceirizar os serviços e depois abre falência. Isso foi depois de 2007 por aí. Então porque esse povo que defende as próprias pessoas com deficiência e tudo, porque eles não levantam essa bandeira. Porque não temos nenhum político no Ceará, nenhum que se engaje e levante essa bandeira com seriedade. Que não seja só troca de voto.”

Segundo Bourdieu (2007, cap. 8) a política se constitui como um campo específico ordenado sob uma lógica igualmente específica de produção ideológica. O discurso político produzido sob esse prisma – abstrato, conceitual – é absorvido por aqueles que possuem as competências necessárias para adentrar esse domínio. Geralmente pensamos unicamente em termos de regramento formal – por exemplo, quais são as condições para votar e ser votado? - ou então em termos de conhecimentos técnicos para operar a máquina pública – administração pública, orçamento, funcionamento do sistema político brasileiro, dos partidos etc. Como se isso não bastasse, Bourdieu (idem) chama atenção para o fato de que o capital cultural obtido por meio da educação permite que o agente social acesse os esquemas interpretativos capazes de interpretar a política de um ponto de vista ideológico. Além disso, refere-se a capacidade distintiva de tal processo, delimitando os agentes legítimos e aptos a se posicionarem politicamente. Aos “incompetentes” nesse campo - isto é, o conjunto mais pobre da população

cuja escolarização deficiente não possibilitou um acúmulo de capital cultural e que não são legitimados a participar – resta uma apropriação da política em termos pessoais, concretos à sua realidade imediata, ou, simplesmente, a redução da política a termos de validação moral dos políticos e das políticas. Ou repetem discursos prontos, frases feitas, que compõem o repositório do senso comum sobre o assunto repetido pelos “especialistas” ou pela influência intelectual mais próxima de si resultante da sua integração a algum grupo específico. Ou simplesmente se abstém da política, um universo cuja lógica não se compreende e seus resultados não são vistos diretamente.<sup>147</sup>

Podemos ver como Gisele reduz à política a uma dimensão prática e moral, afastando-se da impessoalidade das discussões conceituais e ideológicas. Quando a questionava sobre seu posicionamento político e ideológico – uma forma abstrata de se abordar o problema – ela respondia de forma rápida, geralmente demonstrando certo desconforto. Em seguida, costumava apontar para questões mais concretas ou repetia frases prontas ou triviais.

**“Na questão de ser liberal ou conservadora? Eu me defino conservadora. E politizada. Me envolvi tanto...e eu gosto, gosto de política, de falar de política, me dá paixão. Sabe porque? Porque o momento que a gente tá passando aqui é tão sério, que não tem como não falar disso. A gente tá passando por uma fase muito séria, acredito que a gente vai dar uma respirada, toda essa barulhada se acabe. Tá morrendo, tá agonizando, mas não se entrega por que sabe que perderam. Mas acredito que a gente vai dar uma respirada, o Brasil vai ficar aliviado um pouco, embora eu considere que a gente vai ter muito trabalho nessas eleições aqui municipais. Preciso muito acabar com esse curral eleitoral, esse sistema, coronelismo que existe no Ceará. Mas é aquele trabalho de step by step.”**

[perguntei o que significava ser conservadora] conservadora **no sentido de conservar mesmo, de ter essa visão de conservadorismo sobre a questão da família, sobre não ser a favor do aborto, não ser a favor da legalização das drogas.**

Na primeira resposta Gisele não se aprofunda sobre o significado de ser conservadora. Considera que seu posicionamento é necessário porque estamos “passando por uma fase muito séria”. A citação não apresenta uma análise efetiva do cenário, inclusive atores e processos não são devidamente nomeados. Em “toda essa barulhada se acabe” não fica claro a que se refere “barulhada”. “Tá morrendo, tá agonizando” e “sabe que perderam” trazem sujeitos indefinidos que apontam para a esquerda, oposição a Bolsonaro (não só atores políticos, mas todos aqueles que são vistos como efetivamente contrários ao presidente como STF, mídia etc.), porém não é claro a que se referem. Em seguida fala-se do “coronelismo”, tema recorrente nas análises dos conservadores sobre o domínio dos Ferreira Gomes no estado, bem como de

---

147 Percebe-se que com isso Bourdieu naturalmente se opõe à teoria da participação cívica que explica a correlação positiva entre escolaridade e participação pela incorporação de ideais cívicos por meio da educação formal. Ver por exemplo Nicolau (2020, Cap. 2)

um trabalho de passo a passo, descrito na sua variante em inglês “step by step”, que foi repetido em outra oportunidade. Na segunda citação Gisele não adentro no universo do discurso simbólico e ideológico sobre o que é o conservadorismo. Tenta explicá-lo por meio de um comportamento (“sentido de conservar mesmo”), porém só se sente confortável quando elenca as questões concretas a que os conservadores devem se dedicar, “questão da família, sobre não ser a favor do aborto, não ser a favor da legalização das drogas”. Como apontam Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998) “conservadorismo” e “liberalismo” referem-se tanto a doutrinas políticas e ideológicas que visam interpretar e reordenar a realidade social quanto a comportamentos e condutas morais que podem ou não ser sistemáticas. Gisele apreende o sentido de conservador a partir de questões morais de cunho pessoal (veremos sua noção de “cuidado” logo mais) e aquelas que possuem reflexos políticos (proibição do aborto, legalização das drogas etc.). Quando se rotula, Gisele procede mais a um aprendizado que obteve no grupo a que pertence do que a um processo de autoanálise. Porque ela perguntou “na questão de ser liberal ou conservadora?” quando a indaguei sobre sua posição política? Além de ser um tema relativamente caro ao campo da direita, é uma questão que se apresenta nas formações do próprio grupo de que participa. Como lembra Lahire (2004, cap. IV, “disposições e identidades”), as identidades sociais e políticas são construções objetivas que fazem sentido em determinado contexto e possuem um sentido determinado. Isso quer dizer que existe um trabalho de significação política conduzida por atores externos e que os próprios atores denominados que “pertencem” a determinada identidade podem não fazer sentido – ou quando fazem, fazem de modo específico. Assim, ser liberal e/ou conservador carrega uma “objetivação” de propriedades com um sentido político. Quando o ator se identifica desse modo, coloca-se dentro de um campo de posições objetivas a que se submete e ao qual interpreta com os esquemas que possui ou que lhe são oferecidos.

<b>Relação/Radical</b>	<b>Conservador</b>	<b>Liberal</b>	<b>Direita</b>
<b>Instituição</b>	1	7	
<b>Nós</b>	0	0	0
<b>Eu</b>	2	0	0
<b>Doutrina ou comportamento político</b>	13	1	1
<b>Total</b>	16	8	1

<b>Relação/Radical</b>	<b>Esquerda (socialismo, comunismo...)</b>	<b>Direita (liberal, conservador...)</b>
<b>Instituição (neutra)</b>	0	8
<b>Doutrina ou comportamento (positivo ou negativo)</b>	19	17
<b>Total</b>	19	25
	Obs: não aparecem socialismo, comunismo nem progressismo	

O mais interesse desse quadro reside na ausência de termos que definam a “esquerda” para além da “esquerda”. Gisele cita a oposição aos conservadores como “esquerda” por 19 vezes. Não há menções a socialismo, comunismo como ocorreu no caso de Marta. Do mesmo modo, o “conservadorismo” aparece como estrutura capilar da “direita”. Excetuando-se a presença desses termos em nomes de instituições e grupos, “conservadorismo” aparece 15 vezes. “Liberalismo” e “direita” apenas uma vez cada.

A dominância de uma certa “elite” competente a discutir os assuntos do campo político em uma linguagem específica em função da posse de capital cultural suficiente tem como efeito o redimensionamento das questões políticas quando tratados pelas classes “subalternas”. Despojadas dos esquemas interpretativos abstratos – lidos pela classe política como debates ideológicos ou programáticos – preferem uma leitura atenta às categorias morais de que dispõem. Geralmente isso significa uma avaliação das qualidades pessoais de um político como carisma, honradez, coragem, honestidade, bondade etc. Esses critérios são próximos daqueles que utilizam no dia a dia. A “mudança de chave” de Gisele com o governo Dilma ocorreu por uma reavaliação da representação que se tinha da ex-presidente e da virtude do governo em si, representado por suas figuras proeminentes. Para ela, Dilma “era uma diva!”. “Na minha mente, eu pensava, foi uma jovem, que foi torturada, sofreu muito, mas nunca entregou seus companheiros, era uma heroína!”. Em seguida, decepcionou-se porque viu “todo mundo envolvido em escândalos”, “não dava mais pra votar no PT”. O mais curioso é a repetição da metáfora do relacionamento amoroso tão utilizada por Bolsonaro em várias ocasiões.<sup>148</sup> No caso, compara-se a decepção com o PT com um ato de traição conjugal, figura

---

148 O GLOBO. “Dez metáforas de Bolsonaro sobre política e o amor”. 31 maio.2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/epoca/dez-metaforas-de-bolsonaro-sobre-politica-o-amor-23708994>. Acesso em 01 set. 2021.

de linguagem que abunda nas redes sociais, possivelmente um modo de acolher os ex-petistas e desobrigá-los de fazer uma autocrítica da cegueira em apoiar o partido (afinal de contas a oposição conservadora ao PT sempre existiu, embora tenha aumentado nos últimos anos). Desvelar a personalidade real, a história por trás do mito de Dilma, é parte dessa “traição”. Desse modo a Dilma não é mais a “diva”, uma “heroína”, mas uma “terrorista”.

“Minha decepção foi grande, foi tipo...uma mulher que é traída pelo marido é muito frustrante [a mesma metáfora foi utilizada por Marta], foi assim que eu me senti quando descobri que a Dilma era terrorista, não a minha heroína, diva...”

Conta que ficou perdida e precisou reavaliar sua percepção dos candidatos disponíveis quando viu todos envolvidos em escândalos.

“Mas quando comecei a ver todo mundo envolvido em escândalos...daí veio as eleições de 2018, e eu comecei a ver todos os candidatos. Eu queria ver em quem eu ia votar agora, porque não dava mais pra votar no PT. Eu fiquei perdida. Daí eu comecei a fuçar a vida de cada candidato.”

Sua percepção do então candidato Bolsonaro também era moral, pois era enquadrada nas denúncias feitas contra o tipo de personalidade e comportamento que ele demonstrara durante sua carreira.

“Eu vi o Bolsonaro, aquele homem asqueroso, grosso...eu vi aquele homem, e todo mundo só falava “ah, ele é misógino, homofóbico”. Tinha aquela visão dele grosso, e fui pesquisar a vida dele.”

Após pesquisar a vida, Gisele diz que se deparou com os “vídeos dele sem cortes”, e se “apaixonou pelo cara”. “Falei ‘eu me identifico com esse homem’”. A “facada”<sup>149</sup> possibilitou que enxergasse que se tratava de uma luta contra um “sistema”, “onde se brigava só pelo poder, onde quem tem uma visão de fazer algo pelo país é uma ameaça a esse sistema”. Os ataques constantes a Bolsonaro só fortaleceram essa ideia, pois “não se atira pedra em árvore que não dá fruto”. A citação completa é a que segue:

“Fui a fundo. E comecei a me questionar “porque todos os candidatos atacam ele?”. Não ficava ninguém atacando o outro, eles unanimemente atacavam o Bolsonaro. Eu fiquei com muito pé atrás em relação a isso. Aí foi que me aprofundi mesmo, até então eu não conhecia. Fui ver todos os vídeos dele, sem cortes, porque ele tinha todas essas falas grossas...quando eu pesquisei tudo isso eu me apaixonei pelo cara. Falei

---

149 Assim ficou conhecido o famoso episódio da campanha na qual Bolsonaro foi vítima de um atentado à faca quando cumpria compromisso político em Juiz de Fora (MG) no dia 06 de Setembro. O crime ajudou a reforçar o argumento comum entre bolsonaristas de que havia um complô do sistema para retirá-lo da disputa. Um homem chamado Adélio Bispo foi preso e condenado. Mesmo que as investigações tenham apontado que ele agiu sozinho, perturbado por sérios problemas mentais, a militância bolsonarista costuma reavivar teorias de que ele agiu a mando de forças políticas. Como efeito rebote, circulam nos ambientes à esquerda teorias conspiratórias no sentido oposto dando conta de que a facada nunca existiu, sendo uma maquinação da própria campanha de Bolsonaro visando sua martirização. Por isso chamam o episódio de *fakeada*. Ressalta-se que, embora exista um sentimento de que a “facada” permitiu uma ascensão vertiginosa de Bolsonaro, a tendência de crescimento já existia, e não existem elementos para provar que a repercussão do atentado ampliou suas intenções de voto (Nicolau, 2020). Ver por exemplo VALOR. “Dois anos depois da facada bolsonaristas fomentam teses conspiratórias”. 06 set. 2020. Disponível em <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/09/06/dois-anos-depois-da-facada-bolsonaristas-fomentam-teses-conspiratrias.ghtml>. Acesso em 01 set. 2021.

“eu me identifico com esse homem”. E a facada foi a virada da chave. “Não se atira pedra em árvore que não dá fruto”. Eu me lembrei do Eduardo Campos [falecido em acidente de avião antes das eleições de 2014]. Falei “cara, é muito parecido com essa história”. Eu comecei a entender que era um sistema. Foi daí que tudo se abriu pra mim. Eu comecei a entender que tudo era um sistema, onde se brigava só pelo poder, onde quem tem uma visão de fazer algo pelo país é uma ameaça a esse sistema. Minha decepção foi grande, foi tipo...uma mulher que é traída pelo marido é muito frustrante [a mesma metáfora foi utilizada por Marta], foi assim que eu me senti quando descobri que a Dilma era terrorista, não a minha heroína, diva...”

Devemos ter um pé atrás e reavaliar os passos dessa história. Primeiro, nos parece muito racionalizada para fazer sentido após os acontecimentos. Percebe-se que a desilusão com o PT veio somente em 2018, porque antes disso ainda considerava que o *impeachment* de Dilma se tratava na verdade de um golpe. Depois procura racionalizar em cima de elementos “irracionais”, isto é, pesquisar sobre a vida de alguém que se tem em péssima conta tendo em vista os atributos pessoais que possui e demonstra publicamente – “homem asqueroso, grosso”. Há uma separação entre os dois momentos. De um lado, a recepção dessas representações negativas. De outro, a busca pela verdade. É difícil imaginar que eles tenham ocorrido em separado. Ainda, essa busca conduzirá a um entendimento de um estado de coisas que ultrapassa a mera avaliação pessoal e política – trata-se de um sistema, de uma conjunção de forças que impedem transformações. É possível que estejamos diante de uma tentativa de justificação, como alguém que se faz a pergunta “porque votar em um candidato que adota atitudes no mínimo polêmicas?”. Mesmo de posse dessas indagações e questionamentos sobre o preciso curto circuito de estímulos que fomentou uma mudança tão radical – coisa que nunca saberemos exatamente – é nítida a abordagem moral. Tanto Dilma e Bolsonaro são avaliados por atributos pessoais de conduta. A principal reclamação do governo é seu caráter improbo, que aparecerá como pauta ainda nas manifestações de Junho de 2013. “Na Copa nós fomos pras ruas, pra reivindicar [contra] o superfaturamento...eu tava reivindicando uma coisa muito justa, porque foi realmente um absurdo tudo aquilo (...)”

Gisele portanto passou por empregos “informais tradicionais” (Antunes, 2018). Geralmente, definem-se pela imposição de atividades que requerem baixa qualificação e que necessitam situar-se às margens da formalidade. Podem ser empregos estáveis ou instáveis, temporários ou ocasionais (idem, 2018). Podemos observá-los nos comerciantes ambulantes, ou serviços gerais como pedreiros, sapateiros etc. A categoria na qual se enquadra Gisele é a mais tradicional e numerosa, a de trabalhadoras domésticas (babás, faxineiras, cuidadoras...). Ela representa elementos que fundem o Brasil tradicional, pós-colonial, ao moderno. Em 1900, as ocupações domésticas representavam pouco mais de 50% entre os empregos urbanos, número impressionante que em 2009 caiu para 7,8% (Pochmann, 2009, p. 51). A modernização

da economia taylorista-fordista acentuada a partir de 1930, dada pela industrialização do pólo urbano e conexão deste com a produção agropecuária, impactada pelo investimento estatal em infra-estrutura, redirecionou os ganhos econômicos para determinada região do país, exigindo redistribuição de mão de obra necessária para a mobilização não somente da indústria, como para a execução de serviços de manutenção das condições de vida (Braga, 2012). Em 2009, no auge do lulismo, Pochmann (2012) constrói um quadro aproximado do trabalho doméstico no Brasil. Ele é composto majoritariamente por mulheres. Menos de 10% era composta por homens. Esse setor chega a absorver cerca de 20% do trabalho feminino total no Centro-Oeste e no Nordeste do país. Dois terços das trabalhadoras se declararam como não brancas. Houve mudanças importantes na faixa etária e escolaridade das trabalhadoras, acompanhando tendência da sociedade brasileira. Até os anos 70 a maioria das trabalhadoras tinham menos de 24 anos. Em 2009 o trabalho se concentra entre aquelas que possuem entre 25-44 anos. O progressivo envelhecimento da população, alargando o núcleo da pirâmide etária também aumentou o número de idosos que necessitam de cuidados, ampliando o mercado de cuidadores de idosos, exatamente aquele no qual Gisele se encaixa. Além disso, a escolaridade média segue a tendência de universalização do ensino básico no país. Em 2009 a maioria já possuía entre 5 a 9 anos de estudo, rompendo com o padrão de analfabetismo que vigorava até os anos 70. Apesar disso, a evolução salarial é praticamente nula: desde os anos 70 mantém-se o padrão em que cerca de 95% das trabalhadoras domésticas recebem até 1,5 salário mínimo. Novamente, a informalidade é a regra. Embora nova legislação pressione pela formalização do trabalho, dois terços permanecem na obscuridade total da informalidade, sejam como mensalistas ou horistas.<sup>150</sup> Desse modo, temos uma radiografia não apenas da composição desse trabalho, mas do rendimento médio que ele representava para a população trabalhadora, que devido à elevação do poder de consumo recebeu a alcunha de uma “nova classe média”. Essa discussão – hoje natimorta, à época uma febre entre analistas sociais e políticos – se baseava no crescimento do consumo das famílias estimulados por alguns fatores chaves entre outros: ampliação do emprego formal no setor terciário, aumento real do salário-mínimo, crédito farto e barato no mercado, e, finalmente, políticas assistenciais de redistribuição de renda direcionadas para a população em condições de extrema vulnerabilidade (Singer, cap. 1, 2012). Tanto os governos petistas quanto analistas comprometidos com aquele projeto – ou fascinados pelo crescimento

---

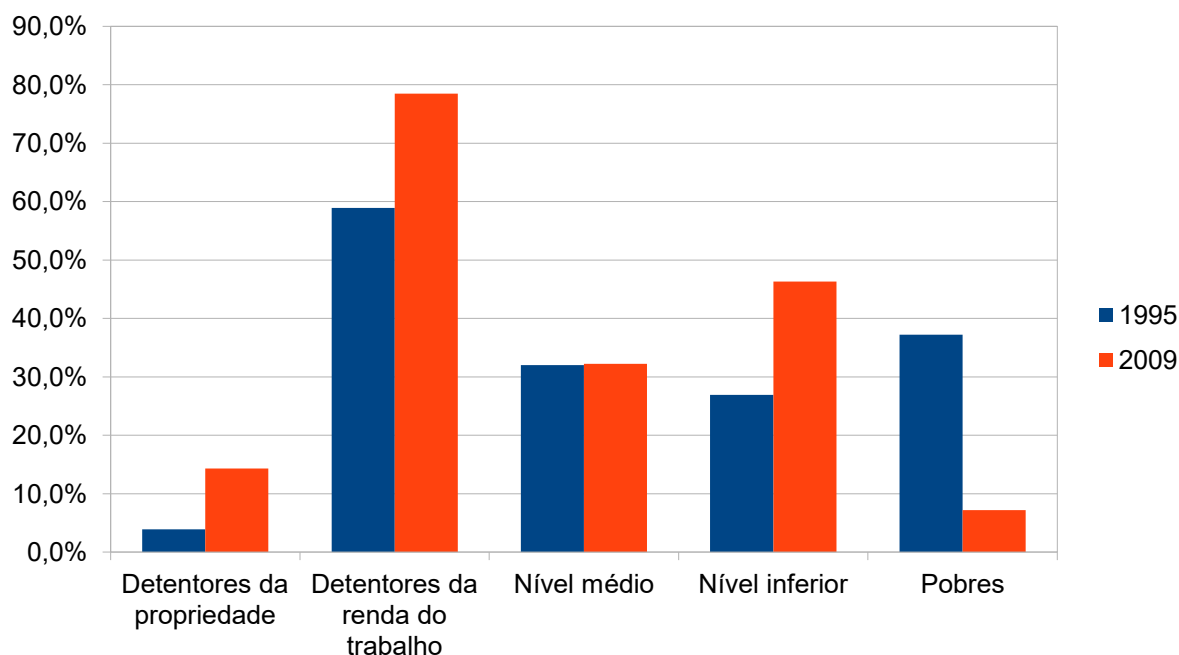
150 Todos os números e tabelas estão disponíveis em Pochman (2012), principalmente no capítulo 3 “Trabalho para as famílias.

econômico cujos excedentes impulsionavam o aquecimento do mercado e o bendito consumo familiar – defendiam a (hoje) insensata posição de que a sociedade brasileira poderia estar em transição para uma estrutura social semelhante a alguns países desenvolvidos, nos quais as classes médias representam uma gorda parcela. Defendia-se que se tratava de uma nova classe, um apêndice da classe trabalhadora incorporada ao escalão intermediário da sociedade brasileira. Ela possuiria experiências sociais, educacionais e de trabalho diferente das demais que a tornaria singular, um subproduto das transformações das economias do sul global que antecederam a crise de 2008.<sup>151</sup> Souza (2012) a definiria como um conjunto bastante heterogêneo entre trabalhadores e pequenos comerciantes que trabalham duro em dois turnos ou mais visando o crescimento pessoal. Ele pode ser alcançado tanto por meio dos recursos diretos quanto por sua reinversão em capital cultural adquirido em horas de estudo em faculdades privadas ou públicas. Esse esforço está orientado pela internalização de uma ética para o trabalho fornecida pelo exemplo familiar e/ou pela influência das novas agremiações neopentecostais. Esquivando-se da complexidade de definir classe não só pela renda, como também por variáveis sociais e culturais, podemos simplesmente recorrer aos trabalhos críticos de Pochmann (2012), Braga (2012) e Antunes (2018) para demonstrar que a chamada “nova classe média” constituiu apenas uma fração da classe trabalhadora que, pelas circunstâncias da economia nacional, puderam desfrutar de uma elevação no poder de consumo. Pochmann (2012) é brutal nessa desconstrução: embora tenha havido uma recuperação da geração de empregos perdida nos anos 90, mais de 90% concentrou-se na faixa salarial de até 1,5 salário mínimo. A concentração de renda não sofreu grandes abalos, porque a classe alta aumentou sua participação de maneira significativa (de 3,9% em 1995 para 14,3% em 2009), ao mesmo tempo em que a fração mais baixa da classe trabalhadora também (26,9% a 46,3%) com a absorção de um amplo contingente saído da extrema pobreza (37,2% a 7,2%) (Pochmann, 2012, p. 21).

Gráfico 13 – Estratificação da população economicamente ativa entre 1995 e 2009

---

151 Para uma interpretação nesse sentido ver por exemplo Neri (2012) e Souza (2012).



Fonte: Pochmann (2012, p. 21)

Gisele não é um caso isolado. Sua trajetória política se assemelha com a de outras mulheres trabalhadoras que faziam parte da massa de eleitores do PT entre 2002 e 2014. Por isso, antes de entrarmos no campo das pautas morais e de costumes, precisamos aprofundar as razões econômicas desse desalinhamento. Um dos motivos desse abandono é a incapacidade do partido em oferecer respostas claras à crise econômica que terminou com um período de bonança econômica impulsionado pela era Lula. Isso resultou da combinação entre a estabilidade macroeconômica alcançada ainda nos anos 90 (controle da inflação, manutenção do superavit primário e câmbio flutuante) com políticas focalizadas de investimento e consumo ajudada por um cenário externo favorável<sup>152</sup> (Carvalho, 2018). Essa mudança é operada após a demissão de Antonio Palocci do ministério da Fazenda e pode ser resumida nos seguintes eixos: melhora na distribuição de renda em políticas focalizadas como Bolsa Família e, principalmente, pelo aumento real do salário mínimo; facilidade de acesso ao crédito, tanto pela

---

152 Um dos objetivos de Carvalho (2018) consiste em oferecer uma explicação mais elaborada e menos parcial do chamado “milagrinho brasileiro” (2006-2010). Ela deplora tanto a visão liberal, para o qual esse período de crescimento é resultado inercial das políticas macroeconômicas dos anos 90, quanto a interpretação petista que depositou sua fé no programa de governo e atacou a classe financista e a oposição pela crise que se sucedeu. Ao mesmo tempo, também descarta que os excedentes vindos do boom das commodities (minérios, soja, petróleo etc.) dê conta de resolver essa equação. Como se verá, a explicação da crise também envolve múltiplos fatores: mudança do cenário externo, reorientação da política econômica e fiscal.

expansão do crédito livre para consumo (crédito consignado, por exemplo), como aquele vinculado às políticas de habitação e crédito rural; investimentos em infraestrutura por meio do PAC (Política de Aceleração do Crescimento) que teve efeito multiplicador sobre a economia privada (idem, 2018). Esses três pilares quando em conjunto com uma economia em capacidade ociosa – fatores de produção subutilizados e mão de obra disponível – provocaram um ciclo virtuoso: a expansão dos investimentos ajudou a impulsionar a expansão da demanda. O setor público também ganhou com as divisas obtidas por impostos.

Ainda segundo Carvalho (2018), apesar desse modelo carregar contradições fundamentais<sup>153</sup>, o problema mesmo residiu na guinada brusca da política econômica, que ficou marcada pela pressão da indústria personificada aqui pela Fiesp (Federação das indústrias do estado de São Paulo). O governo reduziu a taxa de juros e spreads bancários; promoveu a desvalorização cambial visando ampliar as exportações; manteve artificialmente baixos preços de itens essenciais como combustíveis, energia elétrica e tarifas de transportes; aumento da liberação de crédito subsidiado via BNDES; as famosas desonerações tributárias sobre a folha de pagamentos com o claro objetivo de estimular a criação de novos empregos; por fim, a redução do investimento público direto apostando na iniciativa privada. Trocou-se uma política expansionista (crescimento de gastos e investimentos públicos) e monetária contracionista (juros altos) por uma política fiscal contracionista (cortes de gastos e investimentos públicos) e monetária expansionista (juros baixos).

Essas iniciativas mostraram-se sem efeito, quando não desastrosas. Em uma economia em franca desaceleração, os incentivos ao setor privado serviram para repor perdas em vez de garantir mais investimento e contratação de novos trabalhadores. Certamente em um cenário de incertezas o empresariado preferiu se resguardar ou até mesmo investir no mercado financeiro em detrimento do setor produtivo. Ao mesmo tempo, houve um aumento substancial

---

153 Primeiro, o desequilíbrio entre estrutura produtiva interna e ambiente externo, em outras palavras, A valorização do real implicou num incentivo às importações, encarecimento e conseqüente desvalorização da indústria nacional. Segundo, a inflação do setor de serviços em razão de sua posição privilegiada: não sofrer muita concorrência externa e poder elevar seus preços sem grande prejuízo. Por ser um setor de mão de obra intensiva, isto é, grande parte do seu valor se deve ao custo do trabalho, o aumento dos salários implica em inflação dos serviços. Inicialmente a inflação desse setor não se expandiu para o restante da economia em razão do dólar baixo. O ciclo de alta das commodities permitiram a entrada de divisas e a manutenção de uma inflação controlada. Quando esse cenário se reverteu, a inflação se descontrolou. Por fim, a concentração de renda no topo da pirâmide social. Houve menos concentração dos salários na base, porém a alta concentração de recursos no topo fez com que os mais ricos não distribuíssem sua riqueza. No meio, quem perdeu foi a classe média (que na prática é uma classe trabalhadora com um pouco mais de condições).

da dívida pública em função da depreciação do real e do aumento da inflação, bem como pela redução da arrecadação devido às isenções tributárias (idem, 2018).

O aspecto mais importante a ser retido é que no ínterim dessas transformações vingou o discurso ortodoxo liberal de que o aumento do endividamento e a estagnação econômica foram resultados de uma política “neodesenvolvimentista” de ganância desenfreada e falta de zelo pela política fiscal. Ora, o exposto por Carvalho (2018) trata exatamente do contrário, tanto que chama a “nova matriz econômica” de Dilma de “Agenda Fiesp”, um corolário que reduziu investimentos públicos diretos e aplicou uma série de benefícios fiscais indiretos ao setor produtivo. A crise que se seguiu é resultado não de um aprofundamento do modelo lulista, mas de uma mudança de quase 180 graus na sua direção. Como prova da vitória dessa narrativa, vimos por parte do governo Dilma 2014 a adoção de um ajuste fiscal agressivo proposto pelo novo ministro da Fazenda Joaquim Lévi. Esse ajuste consistiu em cortes vultosos no PAC; aumento de alíquotas de PIS/COFINS e da CIDE; redução da desoneração da folha de pagamentos; aumento do IPI; fim da política de preços administrados, com a progressiva elevação das tarifas de energia, transporte e combustível; elevação da taxa básica de juros. Mais uma vez, os efeitos impediram uma reação da economia. Pelo contrário, houve queda nos investimentos privados, elevação do desemprego, queda do salário mínimo e poder de compra do trabalhador, retração do consumo das famílias e aumento do déficit público (Carvalho, 2018). Como se não bastasse, o governo Temer assume após o impeachment defendendo um ajuste ainda mais profundo, baseando-se na suposição de que seus antecessores não o realizaram na medida correta. Como aponta corretamente Carvalho (2018), entre os setores empresariais e liberais, de modo geral, predominava a visão de que a Constituição de 1988 previa direitos demais que oneravam o Estado e impediam uma modernização do setor produtivo e o aumento da competitividade internacional. Na prática, a “Ponte para o Futuro” de Temer sinalizava para reformas previdenciárias e trabalhista, bem como a implantação do famoso Teto de Gastos que impede o investimento público em limites pré-fixados.

Em resumo, quando a crise se aprofundou, disseminou-se no senso comum a percepção de que os governos petistas gastaram demais. Foram incompetentes na gestão dos recursos públicos e incapazes de sustentar uma política de crescimento econômica duradoura. A crise moral e ética do Petrolão revelado pela operação Lava Jato foi de fundamental importância para fechar essa equação. Ao ver os próceres petistas praticando tráfico de influência, recebimento de propinas, formação de caixa dois e outros esquemas fraudulentos não foi difícil juntar no imaginário as duas coisas: a crise econômica também é resultado dos

desvios de verbas. Um Estado “limpo” tem muito mais a gastar (Singer, 2018, p. 119/120). É uma explicação bem simplória, afinal de contas mal se sabe o montante desviado ou mesmo até que ponto a prática de esquemas de corrupção afeta a produtividade do setor público. Porém essa explicação rendeu e foi tema recorrente da campanha moralista de Jair Bolsonaro em 2018.<sup>154</sup>

Pinheiro-Machado (2019) chama a atenção para a armadilha na qual o PT se meteu. O partido atacou historicamente o tema da corrupção como um desvio ético praticado de acordo com a apropriação capitalista do Estado pelas grandes e pequenas corporações. Isso vai ao encontro das transformações neoliberais do Estado e na sua captura pelos grandes interesses privados. Porém, ao se ver enredado em um esquema de corrupção em grandes proporções (Mensalão e Petrolão) preferiu adotar uma postura antagônica: classificou os descontentes de golpistas, minimizando o tema, transformado agora em questão moral e individual pela direita. O problema é que a classe pobre sente na pele os seus efeitos. Pelo menos é assim que identifica uma correlação entre a ausência de serviços públicos na periferia e os desvios milionários praticados pela elite política. O Estado é visto como “inimigo”. Ou reduto das elites econômicas e políticas que se locupletam desses recursos. Quando o sistema político pareceu ruir envolvendo os três principais partidos brasileiros – PT, PSDB e PMDB – sobrou apenas Bolsonaro “para contar história”.

#### 3.4.2 - Gisele e a disposição “familista” cristã

Quando esse “desalinhamento” se completa, temos a frustração pela ascensão de classe barrada. Como vimos, a Era Lula foi pródiga em expandir o consumo dos mais pobres, favorecendo a expansão das classes mais baixas, principalmente a passagem de um contingente expressivo da classe trabalhadora para a condição de baixa classe média (Singer, 2018, p. 82). Entretanto, como se observou, a trajetória de Gisele se desloca do petismo apenas no ano de 2018, durante as discussões eleitorais. Portanto, mesmo que a crise e suas razões econômicas

---

154 "O que está em jogo não é a democracia, não. O que está em jogo é a perpetuação dessa máquina podre que nos temos aí, que vive da corrupção, para tirar de vocês o atendimento médico, a educação, a segurança. É uma máquina podre que sobrevive, se retroalimenta da desgraça, da corrupção. O que está em jogo é a corrupção, são os grupos que não querem sair de lá porque vivem disso, vivem mamando nas tetas do estado", finalizou." G1. "Bolsonaro defende combate à corrupção e diz que se eleito não vai trocar cargos por apoio". 27 out.2018. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/27/bolsonaro-defende-combate-a-corrupcao-e-diz-que-se-eleito-nao-vai-trocar-cargos-por-apoio.ghtml>. Acesso em 05 jul.2022.

sejam sentidas e postas na equação, Gisele tem outras razões adicionais para se apegar a Bolsonaro. Isso porque a crise explica o aumento de votos entre os segmentos mais pobres da população, porém estamos falando de eleitores que podem trocar de candidatos sem pestanejar: muitos desses devem votar em Lula em 2022. Do mesmo modo, a escalada da crise no governo Bolsonaro não retirou o entusiasmo de Gisele. Como continuar explicando a preferência não apenas eleitoral, mas o ativismo da entrevistada? Acredito que a principal disposição a ser analisada é a ideia motriz de família derivada da sua própria trajetória familiar e de uma moral cristã bastante arraigada.

Gisele faz parte da notável transição religiosa brasileira liderada pelo crescimento evangélico na periferia das grandes cidades, especialmente a partir de 1980. O censo desse ano apontou que 6,6% da população brasileira declarou-se evangélica. Em 2010 eram 22,2%, cerca de 42 milhões de adeptos para uma população de 190 milhões (Teixeira, 2013). É fácil imaginar que muitos desses vieram do mundo católico. Essa denominação viu um decréscimo vertiginoso a partir dos anos 1970: caiu de 91,8% para 64,6% da população (só pra se ter uma ideia, entre 1872 a 1970 a queda foi de 99,7% para apenas 91,8%...) (Camurça, 2013). Apesar disso, o Brasil ainda é a nação com maior número de católicos no globo à frente do México, Filipinas, e EUA. Por outro lado, já somos a quarta maior nação evangélica, perdendo apenas para EUA, Nigéria e China. (Teixeira, 2013)

Aponta-se que entre os motivos para o fortalecimento das igrejas evangélicas estão a) periferação das igrejas pentecostais, muito mais ágeis e flexíveis do que a centralizada e rígida igreja católica b) a customização dessas igrejas feitas de acordo com o gosto dos fiéis c) sua simbiose com os meios de comunicação mais avançados (Camurça, 2013). Gisele possui um perfil típico entre os pentecostais: mulheres (55,6%), com mais de 27 anos, renda familiar menor que um salário mínimo (63,3%), ensino médio completo (25,5%), pardo (48,9%). Na prática, a “nação” pentecostal é mais feminina, mais velha, mais pobre e “menos branca” do que a média nacional (Mariz e Gracino Jr, 2013). Também é curioso que Gisele faça parte do estado com maior crescimento evangélico do país: 78,4%, muito acima da média nacional de 62% (Camurça, 2013). No entanto, o dado mais interessante é que Gisele não se afirma crente de nenhuma igreja em específico. Ela faz parte dos 4,8% de não determinados, isto é, o crente que se identifica com a fé evangélica, porém não cria vínculos permanentes com uma instituição específica. A trajetória desse fiel é marcada pelo “trânsito” e pela “experimentação” entre as várias opções oferecidas pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. Essas igrejas travam uma disputa dentro de um “mercado” evangélico cada vez mais competitivo e midiático. Sinal

disso é a queda de participação da Igreja Universal para outras instituições que imitam suas práticas (Igreja Mundial do pastor Valdomiro, Internacional de RR Soares etc.). Por fim, deve-se apontar que esse fiel pode estar em busca de um objetivo específico oferecido pela igreja: ela portanto surge como opção de resolução de problemas mais do que um locus de construção de laços estáveis de sociabilidade e pertencimento comunitário. (Camurça, 2013).

A orientação política conservadora dos fiéis pentecostais aparece não apenas como resultado de uma convergência entre essa doutrina política e social e os ensinamentos morais de fundo teológico da bíblia. Há um trabalho histórico de articulação política que assume diferentes configurações a depender das circunstâncias. No Brasil, podemos remontar à aliança anticomunista que deu sustentação ao golpe de 1964 (Motta, 2020).

O conservadorismo presente na nova direita brasileira é similar ao do neoconservadorismo norte-americano (Lacerda, 2018). Novamente, isso não ocorre por um fortuito “encontro de almas”. Antes disso, lideranças políticas e ideológicas de ambas as correntes se articulam em uma aliança internacional anticomunista. De maneira ainda mais simples, podemos pensar num processo de influência dos padrões ideológicos, estratégicos e programáticos atravessando o oceano e ancorando no Brasil. O neoconservadorismo é uma corrente política e ideológica que se caracterizou pela aliança entre uma base social de direita cristã, *think tanks* liberais, intelectuais da nova direita americana e alas conservadoras do partido republicano (Brown, 2006; Norris, 1996). Promoveu uma reorientação da política norte americana influenciando na formação de uma agenda pública que contemplava quatro matrizes discursivas: o punitivismo, por meio da adoção de penas e castigos mais duros, baseada na concepção de que a desordem social é um problema moral individual; no “familismo”, isto é, a defesa de uma ordem familiar assentada nos gêneros biológicos naturais e na observância de padrões morais consonantes com os ensinamentos cristãos; no neoliberalismo que prevê, por um lado, a redução do papel do Estado no custeamento dos serviços sociais e na regulação da economia, e por outro, a responsabilização do indivíduo e da família; e o combate ao comunismo, o inimigo externo que representa a amálgama de todos os princípios divergentes (Lacerda, 2018).

No Brasil, observa-se uma forte correlação entre os pentecostais na política e a defesa dos princípios “familistas”. Não por acaso, a atuação desse grupo no Brasil incide sobre as mesmas pautas citadas por Gisele: a luta contra o aborto e contra a ideologia de gênero. Nos dois casos, observa-se uma forte reação à atuação progressista dos então governos petistas de Lula e Dilma. No primeiro caso, a bancada evangélica desenvolveu o Estatuto do Nascituro que

criminalizava aborto mesmo em caso de estupro, e definia direitos do feto próximos de humanos nascidos como contra ofensiva à criação, pelo poder executivo, de uma comissão para revisar a legislação sobre o tema e de notas técnicas do ministério da saúde garantindo uma atuação humanizada nos casos autorizados. Em 2007 o ministro da saúde deu declarações no sentido de descriminalizar o aborto (Lacerda, 2018, p. 73 a 77). Já o combate à ideologia de gênero nas escolas dentro do programa Escola Sem Partido foi uma reação ao Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH) que previa a distribuição de material para debater questões de gênero nas escolas, logo apelidado de “kit gay” pelos opositores. Ao mesmo tempo, a regulamentação do casamento homoafetivo pelo poder judiciário gerou revolta nos parlamentares conservadores por invadir as competências legislativas (Lacerda, 2018, p. 77 a 80). Em todo caso, ambas as questões são vistas como formas da política estatal em invadir o campo doméstico familiar e impor uma relativização de conceitos que são naturais e imutáveis. Apesar da “ideologia de gênero” ter seus princípios formulados dentro da igreja católica, o pentecostalismo abraçou o seu combate que também passou a ser compreendido como uma das frentes do anticomunismo. Isso alcançou notoriedade na América Latina, sobretudo no Brasil e Peru:

“As organizações contra a chamada ideologia de gênero se posicionam contra qualquer arranjo que não seja dentro da família natural, que permita relações entre pessoas do mesmo sexo (ou o sexo fora da procriação), que tire as mulheres do seu foco principal de cuidado com seus filhos e marido, que questione que a divisão de papéis os sexos não seja derivada da natureza, que discuta a legalidade do aborto (Fillod, 2014:322; Garbagnoli, 2014:259; O’leary, 1997:207). Segundo O’Leary (1997:97-116), essa ideologia é baseada em uma interpretação neo-marxista da história desenvolvida em 1970, radicalizada em 1990 por Judith Butler (2010 [1990]), mas ainda mais opressiva, aparecendo sob o disfarce de um discurso de libertação e igualdade” (Lacerda, 2018, p. 86)

Embora Gisele tenha participado da construção de alternativas políticas vinculadas ao PT, é nítido o desconforto à época com pautas feministas, principalmente, a partir de uma leitura retrospectiva feita por ela:

“Porque esse partido, tem uma ideologia que costumo dizer, uma ideologia de inferno, porque usa a questão das causas sociais como fachada. Mas o que tá por trás é muito criminoso. **Criminoso como a legalização do aborto, legalização das drogas, é o meu ponto de vista. Sempre fui contra o aborto. Nunca votei no PT por conta dessa área. E nunca tinha atentado que eles defendiam tudo isso. A questão do feminismo.** [pergunto se sempre foi contra essas pautas] **Sempre fui, não sei porque eu era petista! Eu acho que eu era petista, por ser partido dos trabalhadores, e porque Lula era pobre, veio do Nordeste, e pela questão de lutar pela classe das pessoas com deficiência.** Hoje eu faria tudo o contrário. Hoje eu tô pronta pra isso, me envolver nessas questões sociais, mas não só pelas pessoas com deficiência. Hoje eu estou mais envolvida com o idoso. Mas a gente não defende só as bandeiras do idoso, os cuidados com o idoso, o respeito com as crianças, pessoas com deficiência...então é um respeito com todos. Acaba não sendo uma luta só de classes [provavelmente querendo dizer que não é uma luta corporativa], mas de direito pra todos.”

O problema da crise moral das famílias, vista por Gisele, é também um enquadramento possibilitado por suas condições objetivas de classe, raça e gênero. Como se sabe, o trabalho doméstico seja ele remunerado ou não é associado às mulheres. Cabe a elas limpar a casa, lavar roupas, preparar os alimentos, cuidar das crianças e dos idosos etc. Já os homens se encarregam de prover o sustento da família trabalhando fora de casa e, principalmente, exercendo atividades intelectuais. Temos então que as teorias que abordam o casamento sobre o prisma do patriarcado defendem que a exploração capitalista dos trabalhadores se efetivou quando esses trabalhadores – homens, sempre bom frisar – foram liberados do trabalho doméstico fornecido pelas mulheres por meio de um contrato sexual. A divisão sexual do trabalho impõe uma dura carga de trabalho que não se esgota antes ou após o término dessa relação. Mulheres mais jovens despendem mais tempo cuidando da casa ou dos mais velhos, por exemplo. Mulheres divorciadas ainda carregam a maternagem como atividade principal, ou então a conciliam com o trabalho remunerado fora de casa. De qualquer maneira, sob todos os aspectos, as mulheres gastam mais tempo com tarefas familiares do que os homens, pois levam consigo essa pressão social fundamentada em papéis de gênero historicamente constituídos e perpetuados<sup>155</sup> (Biroli, 2018, cap. 1). Entretanto, as condições impostas por essa divisão não afetam as mulheres da mesma forma. Mulheres mais pobres e negras ganham menos e se dedicam mais aos afazeres domésticos.<sup>156</sup> Na prática, a modernização das relações de trabalho no Brasil nas últimas décadas com a ampliação da educação para mulheres tendo como consequência uma relativa melhora na sua colocação no mercado de trabalho gerou uma dupla

---

155 “Falar de divisão sexual do trabalho é tocar no que vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. E, claro, nas consequências dessas classificações. As hierarquias de gênero, classe e raça não são explicáveis sem que se leve em conta essa divisão, que produz, ao mesmo tempo, identidades, vantagens e desvantagens. Muitas das percepções sobre quem somos no mundo, o que representamos para as pessoas próximas e o nosso papel na sociedade estão relacionadas à divisão sexual do trabalho. Nela se definem, também, dificuldades cotidianas que vão conformando trajetórias, possibilidades diferenciadas na vida de mulheres e homens. Trata-se de questão sensível, ainda, porque confere a todas as mulheres uma posição semelhante (a elas são atribuídas tarefas de que os homens são liberados) e porque as distingue dos outros atores (elas são diferentemente marcadas e oneradas pela divisão de tarefas e responsabilidades segundo os recursos que detêm para “driblar” o tempo e a energia que tais tarefas requerem).” (Biroli, 2018, p. 21)

156 “A divisão sexual do trabalho incide sobre mulheres e homens em conjunto com sua posição de classe e com o racismo estrutural. Não é possível, assim, pressupor que os privilégios estão sempre entre os homens, e as desvantagens e as formas mais acentuadas de exploração, entre as mulheres. Como afirmou Heleieth Saffioti, “se as mulheres da classe dominante nunca puderam dominar os homens de sua classe, puderam, por outro lado, dispor concreta e livremente da força de trabalho de homens e mulheres da classe dominada”. Quando se observa a distribuição, na população, do trabalho precarizado, as mulheres negras estão na posição de maior desvantagem. Elas são 39% das pessoas que exercem esse tipo de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), pelas mulheres brancas (27%) e, por fim, pelos homens brancos (20,6%). Se acrescentarmos a esses dados o fato de que 98% das pessoas que exercem trabalho doméstico remunerado são mulheres e que, entre estas, muitas estão inseridas em relações precarizadas de trabalho, teremos um dos eixos em que a divisão sexual do trabalho se funde com as hierarquias entre mulheres, permitindo padrões cruzados de exploração.” (Biroli, 2018, p. 22)

exploração das mulheres negras e pobres. As mulheres com maior rendimento puderam contar com o trabalho remunerado e mal pago de trabalhadoras domésticas, cuidadoras e babás. Obviamente que essa “privatização” das tarefas domésticas não foi permitida às trabalhadoras da base da pirâmide que ainda são obrigadas a cumprir o terceiro turno de trabalho ou contar com a ajuda de uma precária rede de apoio formada por parentes próximos, agregados ou vizinhos.

Não é estranho imaginar, portanto, que Gisele se ocupe do “cuidado” sob uma perspectiva familista. Enquanto que para Marta a desestruturação dos laços familiares aparece como uma consequência de forças ideológicas e políticas, para Gisele esse é um fato concreto que ela vivenciou em sua vida: primeiro, se ocupando, ainda muito jovem, dos cuidados com a mãe enferma; segundo, assumindo responsabilidades de sustentar parte da família após a partida da sua mãe, já que o pai sempre fora ausente em sua criação; terceiro, acompanhar um longo, complexo e traumático processo de tratamento de seu então esposo; quarto, trabalhar, enfim, como cuidadora de idosos, profissão que exerce com afinco. O discurso “familista” se utiliza da ideia de família idealizada como solução moral para problemas sociais complexos que estraçalham os laços familiares como a dependência química e a violência doméstica e urbana. Pensar o lar como ambiente seguro e a “rua” como ambiente perigoso não advém só de uma perspectiva puramente religiosa, mas da própria experiência de mulheres de classe trabalhadora para as quais, mesmo em situação de vulnerabilidade, encontram mais acolhimento e conforto entre os seus do que entre a opressão do mercado e os perigos da vida pública. Como aponta de maneira precisa Biroli:

“A ideia de que o trabalho remunerado libertaria as mulheres foi vista por feministas negras e provenientes das classes trabalhadoras como uma idealização fincada na experiência de mulheres brancas, com acesso a carreiras profissionais capazes de oferecer um grau relativamente elevado de autonomia e remuneração. O trabalho assalariado “para as mulheres da classe trabalhadora que ganham muitas vezes menos do que o salário mínimo e recebem poucos benefícios, quando os recebem, significa a continuidade da exploração de classe”. Como lembra Patricia Hill Collins, há algo bastante evidente que precisa ser levado em conta na construção da crítica feminista: muitas mulheres negras desempenham trabalho alienante não remunerado – como o trabalho doméstico infundável das avós e das mães solteiras – e remunerado – como o trabalho doméstico assalariado, o trabalho de limpeza em estabelecimentos comerciais e de passar roupas em lavanderias. O acesso a esse tipo de trabalho não assume, assim, cotidiana e historicamente, o mesmo sentido que o acesso ao trabalho pelas mulheres brancas que puderam trilhar carreiras profissionais. Nessas circunstâncias, a família pode funcionar como um dos poucos mecanismos de suporte para as pessoas. Nela, “apesar do sexismo”, seria possível a experiência da dignidade e do valor próprio, “uma humanização que não é experienciada no mundo exterior, onde confrontamos todas as formas de opressão”. Daí a crítica de que a “desvalorização da vida familiar na discussão feminista muitas vezes reflete a natureza de classe do movimento”, deixando de fora essa dimensão das relações. Por outro lado, ainda que a maioria das mulheres não tenha emprego satisfatório, tomar

parte da esfera pública por meio da inserção no mundo do trabalho, em vez de permanecer na rotina de isolamento e trabalho doméstico repetitivo, é considerado um bem por muitas delas” (Biroli, 2018, p. 36 e 37)

A questão é que, apesar de o arranjo familiar burguês ser uma realidade para apenas uma parcela bem remunerada e historicamente privilegiada da sociedade brasileira, ele se impôs como um modelo a ser seguido por todas as famílias (Biroli, 2018, cap. 3). Como vimos, esse tipo de arranjo promove um conjunto de controles do homem sobre as mulheres, sejam eles instituídos como práticas sociais ou consolidados por meio de códigos jurídicos. Fato é que nos últimos decênios acompanhamos fortes transformações familiares decorrentes da transição demográfica, novas representações que flexibilizam os papéis de gênero e a extensão de direitos individuais e de gênero. Houve a redução da taxa de fertilidade de 6 filhos nascidos entre os anos 1960 para menos de 2 em 2010. A principal explicação continua sendo a maior preocupação das mulheres com o mercado de trabalho e a diminuição do tempo que se pretende gastar com tarefas domésticas e o cuidado com filhos. As mulheres estão casando e tendo filhos em idade mais avançada do que décadas atrás. A conquista de direitos individuais e uma progressiva individuação dos atores familiares tem flexibilizado os arranjos familiares. O número de divórcios aumentou; também aumentou o número de casais sem filhos e famílias de uma única pessoa em contrapartida da diminuição de casais com filhos. (Biroli, 2018, p. 120 e 121). Também é importante salientar as alterações no código civil que acompanham a progressiva liberação da mulher da imposição das atividades familiares e de sua dependência dos maridos. Exemplo disso é o Estatuto da Mulher Casada de 1962 que permite que a esposa compartilhe a condução da família com o marido e que possa assinar legalmente documentos que dizem respeito sobre sua própria vida (antes a mulher deveria ter autorização legal do marido para trabalhar, por exemplo) e a Lei do Divórcio de 1977 que permitia que a mulher entrasse em um novo casamento obtendo os mesmos direitos do anterior. (Biroli, 2018, p. 121).

Essas mudanças, somadas à lógica neoliberal de precarização do trabalho e privatização dos serviços de saúde e seguridade, contribuíram para o que Biroli (2018) chama de “crise do cuidado sistêmico”. Os serviços de maternagem, cuidado com idosos e demais entes familiares vulneráveis, bem como a manutenção e organização do ambiente doméstico tornaram-se um desafio imenso para aquelas famílias que não podem pagar. Mais ainda, para as esposas e mulheres da família que são sobrecarregadas com essas tarefas, já que existe uma identificação social que lhes imputa esse tipo de trabalho. Novamente, a divisão sexual do trabalho responsabiliza as mulheres pelo trabalho doméstico, ao mesmo tempo em que as necessidades da maior parte das famílias também exige que elas trabalhem fora de casa para

obter totalmente ou parcialmente o sustento de casa. Esse tipo de problema recebe a atenção de duas agendas antagônicas. A agenda feminista progressista focada nas diferenças materiais entre as famílias propõe uma abordagem que implemente políticas públicas e crie um esforço de coletivização dos trabalhos de cuidado<sup>157</sup>. Ao mesmo tempo, compreende que os efeitos práticos da família – promoção da segurança de seus membros, esforço de primeira socialização, geração de vínculos afetivos – não depende de um modelo exclusivo de família, podendo ser operado em diversos arranjos possíveis. O esforço político deve promover o bem-estar dos indivíduos que compõe a família, garantindo seus direitos individuais. Em contrapartida, a agenda conservadora identifica que os problemas sociais foram gerados pelo abandono de um arranjo familiar em específico e pela retirada do poder e da autonomia da autoridade familiar. O “familismo”, portanto, defende que a família seja composta pelo casal heterossexual dedicado à criação de filhos; à predominância da liderança paterna na condução dos assuntos materiais e organizacionais; no aumento de poder privativo no âmbito doméstico e redução da interferência do Estado e da comunidade sobre a criação dos filhos; diminuição do poder individual dos seus membros, atrelados que estão à reprodução das relações contíguas a uma família<sup>158</sup>.

### 3.4.3 – O que podemos aprender com Gisele

Gisele participa de um segmento sub-representado entre os eleitores e apoiadores de Bolsonaro. Como vimos, seu eleitorado se concentra sobretudo entre as camadas mais ricas, escolarizadas e brancas da população. Também existe um apoio maior nas regiões Sul e Sudeste do país. Gisele é o oposto de tudo isso: nascida e criada entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, teve uma vida bastante humilde, tendo que trabalhar muito cedo para se sustentar após a partida da mãe. Vimos também que sua trajetória profissional de “viração” assemelha-se a de muitos brasileiros: trabalhou como costureira, babá, assistente administrativa e atualmente como cuidadora de idosos.

Entretanto, ao analisarmos suas experiências de vida percebemos o desenvolvimento de disposições derivadas das condições de gênero, classe e raça que ajudam a explicar a virada em seu ativismo político. Ao mesmo tempo, percebemos que essa

---

157 Biroli (2018) lembra das propostas de coletivização desses serviços no período pós-revolucionário russo tendo como porta-voz e ideóloga Alexandra Kollontai. Ver capítulo 3, Biroli (2018)

158 Exemplo disso é o avanço de uma agenda pró-vida ou antiaborto que luta para restringir os casos legais de aborto visto como parte essencial da atividade materna dentro de uma família.

caracterização também ajuda a compreender a penetração do bolsonarismo nas classes trabalhadoras e no público feminino. Mais especificamente, estamos falando de uma gramática bem conhecida, um dos pilares do bolsonarismo: a moral cristã religiosa pró-família. A base dessa racionalização, no caso de Gisele, é o que chamei de disposição do “cuidado”. Ela ocupou-se muito cedo da mãe adoentada; posteriormente trabalhou como babá em casa de família; dedicou-se a cuidar integralmente da saúde do seu então esposo que sofria de uma grave doença crônica; e, por fim, assumiu um trabalho como cuidadora de idosos. Percebe-se que o papel das tarefas domésticas é uma atividade essencial não apenas para a sobrevivência financeira de Gisele, mas também formadora de uma disposição que leva para outras esferas, incluindo a política. Em outros termos, esse traço de personalidade tão marcante em nossas conversas é percebido por Gisele como um aspecto invariável do seu modo de julgar posições e de agir politicamente. Importante salientar que as disposições não aparecem aqui apenas como formas de pensar e agir objetivas incorporadas pelo sujeito sem passar pela reflexão. Nós só podemos ter acesso observando as atitudes práticas de Gisele – seu envolvimento nas pautas pró-família e na formação de cuidadoras – e principalmente pela verbalização da ativista quando se vê incitada a compreender sua conversão político-partidária. Nesse momento, parece que ela se vê confrontada por duas opções. Uma delas consistiria em acreditar que houve uma profunda mudança na sua visão de mundo, nas ideias em que acredita serem as mais justas e no afastamento das relações que fizeram parte de sua vida até aquele momento. A outra versão, “vitoriosa”, sustenta que existe um cerne coerente de ideias e práticas que permaneceu estável que foi confrontado com mudanças sociais e políticas profundas que serviram para desestabilizar o afeto que Gisele tinha pelo PT. É como se dissesse “não fui eu quem mudou, foram os outros”. Nesse jogo de rotulações – liberal, conservador, pró-família, povo etc – ela foi encontrando a sua turma com base nas convicções que formara ao longo de uma década. E o novo repertório se encaixou melhor com as disposições que desenvolvera ao longo do seu processo de socialização.

Porém, como fora enunciado anteriormente, os traços observados nessa trajetória de vida não são absolutamente singulares, extraordinários, *sui generis*. Existem semelhanças com outras mulheres ativistas que ajudam a alimentar a gramática *familista*. Nessa seção nós mostramos que existe uma forte divisão social do trabalho de gênero que fundamenta essa pressão das atividades domésticas sobre as mulheres. Não é estranho imaginar que Gisele fosse sobrecarregada com esse tipo de atividade desde cedo, inclusive centralizando os cuidados de saúde da mãe. De família pobre, teve que trabalhar muito cedo. E um dos primeiros empregos

foi “em casa de família”, expressão comum entre as classes populares que significa trabalhar como empregada doméstica – cuidar dos filhos da família, cozinhar, lavar roupas, passar, fazer faxina. E Gisele se ocupou disso em um modelo de trabalho bastante comum após a expansão urbana das grandes cidades do Nordeste do país: ainda muito jovem se mudou para a casa dos patrões em outra cidade, situação que comumente costuma ser fonte de violências e privações, além de constituir uma modalidade de trabalho informal, precarizado e mal pago. Ao contrário de Marta, a gramática *familista* é vivida como realidade cotidiana e embrutecedora por Gisele. Marta também teve que contar com sua perseverança para lidar com as dificuldades familiares – sobretudo manter a família como mãe solo. Mas como profissional qualificada, vinda de família com boas condições, o trabalho doméstico certamente foi partilhado com outras mulheres – trabalhadoras domésticas - que eram pagas para isso. O apego sincero que Gisele demonstra por seus familiares – irmã, a mãe falecida, fonte de reserva moral, o ex-esposo que foi a grande inspiração para sua entrada na política... - mostra que a vida pública – política e trabalho – são extensões do seu porto seguro, daquilo que construiu para si como espaço de afeto e proteção, obviamente a vida familiar privada. A defesa dos arranjos familiares tradicionais, a proteção da infância, a luta contra o aborto e a defesa da maternagem como prática que representa as mulheres são as formas encontradas de proteger essa esfera familiar.

As transformações políticas, sociais e econômicas da última década, simbolizadas pela crise econômica brasileira e pelo intenso descrédito do PT, somadas à ascensão de elaborações discursivas e conteúdos conservadores nas editoras, meios de comunicação, principalmente, nos meios digitais, proporcionou o desenvolvimento de um novo *enquadramento* ideológico dentro do qual Gisele pôde se identificar. E em tal situação, *enquadrar-se* é também *enquadrar* o outro, ou compreender que se faz parte de uma necessária antinomia sem a qual nenhuma das partes faria sentido se isolada. Assim, marcar-se como conservadora, bolsonarista ou pró-família é uma reação às mutações – pelo menos é assim que Gisele interpreta – do Partido dos Trabalhadores e dos governos Lula e Dilma. Primeiro, a guinada econômica em direção ao ajuste fiscal que dilapidou a imagem de partido dos pobres (inflação alta, perda real do salário mínimo, aumento do desemprego, diminuição da capacidade de consumo das famílias etc.). Segundo, a crise moral que se abateu sobre o partido com a sedimentação de escândalos sucessivos – mensalão, operação Lava Jato, petrolão. Em conjunto, esses dois fenômenos contribuíram para gerar uma sensação de que a perda da qualidade de vida da população mais pobre estava vinculada aos desmandos cometidos pelo partido no governo. Por fim, a crescente identificação do partido entre aqueles que defendem as chamadas

pautas identitárias ou pós-materiais (traduzindo o que nos importa aqui: pautas feministas e de direitos da população LGBTQI+), isto é, o aprofundamento de uma das tendências do partido desde sua fundação. O feminismo tornou-se um vilão, já que questiona os arranjos familiares tradicionais, a divisão do trabalho de gênero e as imposições sobre o corpo feminino (restrições sexuais e, principalmente, a obrigação de maternagem e restrições do direito ao aborto). Assim como Marta, Gisele encontrou um campo fecundo para a difusão e apreensão de ideias conservadoras. Porém, ao contrário de Marta, a aquisição e reprodução de repertórios de contestação não é algo novo. Pelo contrário, ela já estava habituada a “ir para a rua” e participar de campanhas políticas. Participar de uma rede de ativistas não é algo novo; assim como parece fazer parte de uma necessidade de avivar e pôr em marcha suas convicções políticas.

#### 4. Considerações finais

“Quanto mais eu conheço os inimigos de Bolsonaro, mais bolsonarista eu me torno”.  
(Dep. Federal Otoni de Paula em discurso à Câmara dos Deputados, 2021)<sup>159</sup>

O bolsonarismo sobreviveu ao governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Entendemos por bolsonarismo um conjunto de atores (partidários ou societários) organizados em rede que, não apenas apóiam o ex-presidente, mas veiculam posições políticas sobre certos temas morais e sociais. Por ser uma força política em movimento e em constante mutação, bem como por ser abraçada por sujeitos com perfis sociais distintos, elencar *quais* temas compõem uma definição mínima do bolsonarismo é uma tarefa sem fim. Talvez apenas o culto ao seu líder máximo e a rejeição a tudo que venha da esquerda e do PT – quase uma sinonímia. Bem mais fácil é citar uma batelada dessas posições, por exemplo: contra o aborto; defesa de arranjos familiares heteronormativos e tradicionais; criminalização da posse e uso de drogas; flexibilização do porte de armas; recrudescimento das políticas de segurança; políticas punitivistas e de encarceramento; defesa dos valores do agro e da expansão das fronteiras agroextrativistas; negação de direitos de reparação a minorias sociais historicamente marginalizados (negros, povos tradicionais, mulheres, etc.); negação da ampliação de direitos de gênero, sobretudo os da população LGBT; defesa de valores de livre-mercado, incluindo redução de impostos; relativização de direitos trabalhistas; política internacional crítica ao

---

<sup>159</sup> BBC BRASIL. “O que é ser bolsonarista?”. 11 ago. 2022. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490534>. Acesso em 23 ago.2025.

processo de globalização e ao terceiro mundismo; entre outros. Esses pontos – e seus discursos associados, tais como o familismo, punitivismo, meritocracia e empreendedorismo – aparecem nas rede bolsonaristas, sendo central ou não para a mobilização de atores específicos. Mais difícil é compreender exatamente o *porquê* desses atores específicos adotarem esse tipo de posicionamento e se habilitarem a trabalhar politicamente para isso. É especificamente esse ponto que essa tese que se encerra visou iluminar. Isto é, ativistas específicos com perfis sociais igualmente específicos, com trajetórias de vida singulares – embora enraizadas no coletivo – se conectam com experiências sociais que levam a adoção de ideias que se vinculam ao bolsonarismo.

No capítulo dois me concentrei em distinguir pelo menos quatro grande abordagens sobre a formação e filiação de ideias sociais e porque a análise de *disposições sociais* é a mais relevante para esse propósito de pesquisa. A abordagem *ideológica* costuma se concentrar naquilo que unifica e se torna coerente: a formação de uma visão de mundo que emerge de uma base material e histórica compartilhada por um grupo social e que atua diretamente no plano político. Já a análise de *frames* mira em um ponto específico, a tomada de posição racionalmente e estrategicamente orientada por ocasião de um confronto político estabelecido. A análise *disposicional* não eliminará essas contribuições, porém aborda o problema pelo viés da formação de um dispositivo cognitivo e prático incorporado diretamente pelo sujeito em seu processo de socialização em campos sociais estruturados tais como a família, escola, trabalho, campo político. Essa lenta condensação permite que essas *disposições* de pensar e agir sejam duradouras e estáveis, agindo na percepção de eventos sociais e na orientação de estratégias. E a tomada de posição política é ativada por circunstâncias e contingências que desafiam esses ativistas em questão. Ao mesmo tempo que existem forças sociais que atuam coletivamente, o aparelho único que constitui a vida individual demonstra que cada trajetória implica em formas diferentes de apreciação, adaptação, formação e de tomada de decisão. Essa abordagem, portanto, mostra-se mais flexível e adaptada as injunções particulares do que as teorias sobre *ideologias*; ao mesmo tempo que conserva uma predisposição psicológica e social profunda pré-reflexiva que não se resume à orientação estratégica e racional dos *frames*.

Foi com isso em mente que analisei a trajetória social de duas ativistas bolsonaristas com base em entrevistas biográficas semi-estruturadas observando a socialização no campo familiar, escolar e político (societal).

As duas entrevistadas têm pouco em comum. Apesar de serem duas mulheres, não compartilham da mesma condição de gênero. Marta enfrentou o deasfio da maternagem solo

após o falecimento do seu esposo; já Gisele não é mãe até o momento dessa pesquisa – apesar de também ter passado pela experiência de perder o seu companheiro, embora em outras circunstâncias. Porém, as condições de enfrentamento desses problemas distanciam as duas ativistas. Marta vem de uma família de classe média bem estruturada que lhe possibilitou atravessar esse deserto “sozinha”. O “homo clausus” (Elias, 2004) não aparece aqui somente como uma impossibilidade teórica, mas como o avesso da prática que esconde as relações sociais que possibilitaram o desenvolvimento de certos privilégios: o apoio familiar na criação das crianças, muito embora não tenhamos um arranjo familiar tradicional; forças materiais de classe que proporcionaram à Marta uma boa educação e, como consequência, a obtenção de empregos com maior rendimento e estabilidade (servidora pública federal concursada e professora universitária); o acúmulo de capital cultural em suas três formas (incorporada, material e simbólica) que lhe permite angariar distinção no grupo político do qual participa. Já Gisele teve que “se virar” desde muito cedo em empregos instáveis, precários e mal pagos como é comum entre os filhos da classe trabalhadora. Após a morte da mãe, trabalhou como babá em casas de família; foi costureira em façções de roupas; funcionária comissionada; e cuidadora de idosos. A ausência de competências vinculadas à educação formal – e uma menor quantidade de capital cultural, por consequência - dá a Gisele uma predisposição à política da prática que foi adquirida ainda em tenra idade por influência familiar, de amigos e, sobretudo, do ex-companheiro. A tabela abaixo resume as principais características socioeconômicas das duas.

Tabela 8 – Perfil socioeconômico de Marta e Gisele

	<b>Marta</b>	<b>Gisele</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	Feminino
<b>Idade</b>	60 anos	45 anos
<b>Classe / renda</b>	Classe média / Classe média alta	Classe baixa
<b>Cor / Raça</b>	Branca	Parda / Negra
<b>Escolaridade</b>	Ensino superior	Ensino médio
<b>Ocupação</b>	Servidora pública federal e professora universitária (iniciativa privada) aposentada	Cuidadora (já trabalhou como costureira, babá, servidora pública)

A percepção de Marta de como enfrentou os “perrengues” sozinha se refletiu numa disposição para pensar e agir que será dilatada em seu posicionamento político. Digo que ela desenvolveu uma disposição *individualista* ou *meritocrática* que está profundamente conectado com o ideal liberal autoritário do bolsonarismo. Isto é, compreende-se que existe uma situação de relativa igualdade de iniciativa e capacidade entre os sujeitos de modo que as desigualdades materiais observadas a *posteriori* sejam moralmente normalizadas. Desse modo, rejeita-se quando o Estado ou a sociedade age para reduzir as disparidades causadas por mecanismos simbólicos de discriminação e segregação sociais, afinal de contas, ele não será visto como uma tentativa de reequilibrar o “jogo”, mas o seu contrário, a tomada do Estado por segmentos “privilegiados” (mulheres, negros, população LGBT, povos indígenas, trabalhadores pobres etc.) que criam políticas públicas injustas e desfavoráveis à igualdade formal. Daí a grita contra as ações afirmativas, por exemplo. Sua formação na área de administração de empresas e seu trabalho na iniciativa privada também responde por sua adaptação ao capitalismo como sistema de validação de recursos e competências. A política e o Estado não são responsáveis por intervir, já que a livre iniciativa é a condição natural para isso. Entretanto, observa-se que essa disposição de Marta funcionou no plano pessoal, estando adormecida no campo político. Isso porque Marta argumentou que necessitava se dedicar somente aos estudos, trabalho e família. A aposentadoria constitui uma virada de contexto favorável para sua tomada de posição política. Ela passa a atuar em grupos no WhatsApp e a tomar posicionamentos que se harmonizam com os perfis com que interage nas redes sociais (Twitter, youtube etc.). Para completar, esse contexto pessoal é atropelado pelos eventos que tumultuam o ambiente político. A crise e suas incertezas motivam Marta a se engajar ativamente em um grupo da capital.

Tabela 9 – Disposições e tomadas de posição de Marta

<b>Substância</b>	<b>Contexto desfavorável</b>	<b>Contexto favorável</b>	<b>Ativação</b>	<b>Natureza da mudança disposicional</b>
Disposições políticas (individualismo)	Plano pessoal → dedicação ao trabalho e a família	Mudanças no plano pessoal → aposentadoria e tempo livre		Associação/atualização → disposições e frames de interpretação política
^^ 	^ 	^ 	Redes sociais +	Transferência de um campo a

 	 V	 V	Amigos	outro → ética de trabalho e ativismo político
Campo da escolaridade + Campo do Trabalho	Plano político e social → hegemonia da esquerda e constituição social	Mudanças no plano político e social → mobilizações e ascensão da <i>nova direita</i>		Acomodação → expressão no plano do ativismo político e submersão no pessoal (pessoas que se espantam com sua posição política)

Já Gisele desenvolve outras disposições. Existem outras forças sociais dada sua condição de classe. Denominei isso de disposição de *cuidado* que por sua vez se conecta a um discurso *familista*, possivelmente uma das matrizes discursivas centrais do bolsonarismo. Compreende-se que a política deve se voltar para o atendimento assistencial aos mais pobres e vulneráveis – crianças, idosos, pessoas com deficiência, pobres. Esse tema se adapta facilmente a qualquer matriz ideológica, seja de esquerda ou direita. Não é de se estranhar, portanto, que Gisele tenha militado pelo PT anteriormente, fortemente influenciada pelas políticas de inclusão social do partido. Há, no entanto, uma confluência perversa (Dagnino, Olvera e Panfichi, 2006) desse discurso entre dois projetos. Por um lado, ele pode significar uma expansão de um projeto democrático pós-ditadura que pluraliza as demandas sociais e as compreende como resultado de desigualdades promovidas pela exclusão política e social históricas no país. Por outro, alinha-se a um projeto autoritário e conservador – e talvez neoliberal – que enxerga na crise de valores morais, tendo como materialização imediata a desagregação dos arranjos familiares tidos como tradicionais, a falência da questão social. O primeiro está em acordo com as políticas progressistas e de esquerda. O segundo, com a agenda conservadora e autoritária de direita. Seja por influência de sua formação familiar, seja por influência religiosa, já que é frequentadora de igreja pentecostal, Gisele adotou uma abordagem *familista* diante dessa questão, que a aproximou do projeto conservador do bolsonarismo. A “politização” dessa *disposição* ocorre de maneira diferente da que fora observada no caso de Marta. Lá, houve um processo tardio de entrada no campo político. Aqui, Gisele acompanha de perto a política institucional desde mais nova, participando de campanhas políticas pró-esquerda, e após um intervalo afastada da política para cuidar do marido, ela retorna dessa vez próxima de movimentos de direita. As redes sociais também foram um mecanismo importante

para isso. Entretanto, a investigação de Gisele pelo STF que resulta em uma intimação da PF tornou-se um evento detonador de sua motivação em participar mais ativamente da construção de um movimento político. Também contribuem como um contexto favorável para reativação dessa atividade a imensa frustração com a crise econômica – vista como a somatória de políticas econômicas equivocadas do governo Dilma e os esquemas de corrupção intensamente midiáticos - que penalizaram os mais pobres.

Tabela 10 – Disposições e tomadas de posição de Gisele

<b>Substância</b>	<b>Contexto desfavorável</b>	<b>Contexto favorável</b>	<b>Ativação</b>	<b>Natureza da mudança disposicional</b>
Disposições políticas (cuidado)	Plano pessoal → dedicação ao marido doente + visão pró-esquerda	Plano pessoal → tempo livre + desapego ao campo da esquerda		Transferência → Disposição de cuidado que se transfere do plano prático pessoal ao político
^^    Vv			Redes sociais + Perseguição política do STF e PF	Atualização → conservação das práticas como ativista (apenas transferiu o grupo no qual atua)
Campo da família + Campo da política	Plano político → hegemonia da esquerda	Plano político → crise dos governos de esquerda		

As conclusões dessa pesquisa obviamente não deveriam servir – e nem se tem essa pretensão - como um esboço de um projeto amplo de mapeamento de comportamentos políticos singulares e suas causas. Isso porque seria necessário, como diria Bourdieu (1996), representar a configuração das forças de cada campo, bem como suas dinâmicas em interação com as atitudes de atores individuais que contribuem não apenas para a atualização do campo como de si mesmos; ou quem sabe um desafio imaginativo de um Proust, *Em busca do tempo perdido*, ou de Sartre em biografia inacabada sobre o Proust: ambos imersos na ficção de se descrever e

avaliar os menores e variados aspectos de uma vida em profundidade, conexões sociais, motivações, atitudes e hábitos, pensamentos, alterações de rota...em resumo, a representação exata e totalizante de uma vida humana (Dosse, 2009). São tarefas impossíveis: a quantidade de dados sobre determinados campos sociais e sobre uma vida em sua totalidade são imensuráveis, ainda mais quando se pensa em buscar correlações entre eles. Também seria uma atividade estéril, afinal de contas os motivos específicos de uma pesquisa biográfica exigiria uma definição de objeto que reduziria *por supuesto* o recorte dos dados. O que se tentou nessa pesquisa foi mostrar que existem motivações profundas enraizadas durante o processo de socialização que encabeçam certas visões políticas. Quando afetadas por eventos e circunstâncias materiais, simbólicas e institucionais, são capazes de mobilizar politicamente e gerar novas formas de ação. Se o cerne dessa abordagem estiver correto, significa que as novas formas de ação política, os sujeitos alçados a condição de novos atores políticos, bem como certas matrizes discursivas, não são espetáculos passageiros a depender de condições institucionais favoráveis. Eles vieram à tona em um processo de lenta transformação da cultura, da política e da sociedade brasileira. Talvez o recado nesse momento seja para ficarmos atentos a possíveis formas de expressão política que emergem dessas novas experiências sociais. E isso exige mais pesquisa.

## Referências

- ABRANCHES, Sérgio. **Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia dos Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária**. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. **O voto do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n° 76, p. 49-86, out.2009.
- ALONSO, A. A política das ruas. **Novos Estudos Cebrap**, p.49-58, jun.2017.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BECKER, Howard. História de vida e mosaico científico. *In*: BECKER, Howard (org.). **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994. p 101-117.
- BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em contra-reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BERLANZA, Lucas. **Guia bibliográfico da nova direita: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro**. Resistência Cultural: São Luís, 2017.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Vol 1. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras: A ilusão biográfica. *In*: BORDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996. p 53-74.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema do ensino**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

- BRAGA, Ruy. *A rebeldia do precariado*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; SPINK, Peter. **Reforma do Estado e administração pública gerencial**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BROWN, Wendy. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and DeDemocratization. *Political Theory*, v.34, n.6, p 690-714, dec.2006.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução em França**. Brasília: UnB, 1982.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. *In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p 63-89.
- CARTER, Elisabeth. Right-wing extremism/radicalism: reconstructing the concept. *Journal of Political Ideologies*, v.23, n.2, p.157-182, mar.2018.
- CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo: Todavia, 2018.
- CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci**. Campinas: Vide Editorial, 2016.
- CARVALHO, Rejane. **Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.
- CASIMIRO, F. H. C. **A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- CASTELS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Zahar: Rio de Janeiro, 2018.
- CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas**. São Paulo, 2009.
- CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas**. São Paulo, 2014.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios**. São Paulo, 2019.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, v. 23, n. 2, p 40-74, maio/ago.2018.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia da USP**, v.62, n. 3, p.530-557, nov.2019.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, n.1, v.1, p. 91-120, fev.2020.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Revista Ilha**, Florianópolis, v.23, n.1, p. 73-96, jan.2021a.

CESARINO, Letícia. A desinformação como método: Bolsonaro e o novo regime de verdade na pandemia. **Jacobin**, São Paulo, fev.2021b. Disponível em <https://jacobin.com.br/2021/02/a-desinformacao-como-metodo-bolsonaro-e-o-novo-regime-de-verdade-na-pandemia/>. Acesso em: 13.set.2025.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, v. 18, n. 72, p. 24-42, mar.2016.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *In*: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015. p 115-145.

CODATO, Adriano. O conceito de ideologia no marxismo clássico: uma revisão e um modelo de aplicação. **Política e Sociedade**, v. 15, n 32, p. 311-331, jan/abr. 2016.

DAGNINO, Evelina; OLVERA, Alberto; PANFICHI, Aldo. Para uma leitura da disputa pela construção democrática na América Latina. *In*: DAGNINO, Evelina; OLVERA, Alberto; PANFICHI, Aldo (org.). **Disputa pela construção democrática na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p 13-93.

DAL PAI, Raphael Almeida. Reflexões sobre a teologia do livre mercado: democracia e livre mercado segundo o Instituto Ludwig von Mises Brasil. *In*: PATSCHIKI, Lucas; SMANIOTTO, Marcos Alexandre; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (org.). **Tempos conservadores:** estudos críticos sobre as direitas. Goiânia: Edições Gárgula, 2016. p 194-219.

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora. *In*: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 225-248.
- DELLA PORTA, Donatella. Life stories. *In*: DELLA PORTA, Donatella (org.). **Methodological practices in social movement research**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 262-268.
- DOSSE, François. **Desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- DUNKER, Christian. Crítica psicanalítica do populismo no Brasil: massa, grupo e classe. *In*: HOFFMAN, Christian; BIRMAN, Joel (org.): **Psicanálise e política**: uma nova leitura do populismo. São Paulo: Instituto Language/ Université Paris Diderot, 2018.
- DUNKER, Christian. Sob o governo dos homens falo. Entrevista concedida a Paulo Ferrareze Filho e Juan Manuel Dominguez. **Le Monde Diplomatique**. São Paulo, 31 jul.2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/sob-o-governo-dos-homens-falo/>. Acesso em: 11 set.2019.
- ECO, Umberto. **O pêndulo de Foucault**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FERRAROTTI, Franco. **Sobre a ciência da incerteza**: o método biográfico na investigação em ciências sociais. Luanda: Edições Pedagogo, 2013.
- FIGUEIREDO, Marcus. **A decisão do voto**: democracia e racionalidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.
- FISHER, Mark. **Capitalist realism**: is there no alternative?. Winchester/Washington: Zero Books, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas Vol 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920 – 1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GAMBLE, Andrew. Economic libertarianism. *In*: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc (org.) **The Oxford handbook of political ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 405 – 421.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2002.

- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- GOERTZEL, Ted. **The conspiracy theory pyramid scheme**. In: USCINSKI, Joseph (org.). *Conspiracy theories & the people who believe them*. New York: Oxford University Press, 2019. p. 226 – 242.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol I: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol II: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol III: Maquiavel, notas sobre Estado e política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.
- GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. London and New York: Routledge, 1993.
- GROS, Denise. Institutos Liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n 54, fev. 2004.
- GURZA LAVALLE, Adrián. Sem pena nem glória: o debate sobre a sociedade civil nos anos 1990. **Novos Estudos CEBRAP**, n 66, p. 91-109, jul.2003.
- HARTMAN, Andrew. **A war for the soul of America: a history of the culture wars**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Boitempo: São Paulo, 2016.
- HAWLEY, George. **Making sense of the Alt-Right**. New York: Columbia University Press, 2017.
- HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- HOPPE, Hans-Hermann. **Democracia: O Deus que falhou**. São Paulo: LVM, 2014.
- HUME, David. **Ensaio político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HUNTER, James. **Culture Wars: the struggle to control the family, art, education, law and politics in America**. New York: Basic Books, 1992.

KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. *In*: VELASCO e CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org). **Direita, volver!**: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2015. p 49-75.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Caderno Pagu**, v. 3, p. 117-141, 1994.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Mercado das Letras, Campinas, 2001.

LACERDA, M. B. **Neoconservadorismo de periferia**: articulação familista, primitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. A cultura dos indivíduos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção de fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LENIN, Vladímir Ilitch. **Estado e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LENIN, Vladímir Ilitch. O que fazer? Questões candentes de nosso movimento. São Paulo: Boitempo, 2020.

LEOPOLD, David. Marxism and Ideology: From Marx to Althusser. *In*: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman; STEARS, Marc. **The Oxford Handbook of Political Ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 30-37.

LEVITSKY, Steven; ROBERTS, Kenneth. **The resurgence of the Latin American left**. The John Hopkins University Press, 2011.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LILLA, Mark. **A mente naufragada**: sobre o espírito conservador. Rio de Janeiro: Record, 2018.

- LINDEKILDE, Lasse. Discourse and frame analysis: in-depth analysis of qualitative data in social movement research. *In*: DELLA PORTA, Donatella (org.). **Methodological practices in social movement research**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p 195-227.
- MAHONEY, James; SCHENSUL, Daniel. Historical context and path dependence. *In*: GOODIN, Robert; TILLY, Charles. **The Oxford handbook of contextual political analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 454-471.
- MAISTRE, Joseph de. **Consideraciones sobre Francia**. Madrid: Ediciones Rialp, 1955.
- MALINI, Fábio. Lovers com mais força que haters nas eleições presidenciais de 2018. Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura, UFES, 2018.
- MANDEL, Ernest. **El fascismo**. Madrid: Ediciones Akal, 1987.
- MANN, Thomas. **A montanha mágica**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MIGUEL, Luís Felipe. A reemergência da direita brasileira. *In*: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 16-26.
- MISES BRASIL podcast #81 - Rodrigo Marinho. [Entrevistador] Bruno Garschagen. [Entrevistado] Rodrigo Marinho. Instituto Mises, 19 julho.2013. *Podcast*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=277>. Acesso em 17 out.2019.
- MISES BRASIL podcast #94 - Cibele Bastos. [Entrevistador] Bruno Garschagen. [Entrevistada] Cibele Bastos. Instituto Mises Brasil, 18 out.2013. *Podcast*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=291>. Acesso em: 17 out.2019.
- MISES BRASIL podcast #99 - Raduan Melo. [Entrevistador] Bruno Garschagen. [Entrevistado] Raduan Melo. Instituto Mises Brasil, 22 nov.2013. *Podcast*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=296>. Acesso em: 17 out.2019.
- MISES BRASIL podcast #218 - Rodrigo Marinho. [Entrevistador] Bruno Garschagen. [Entrevistado] Rodrigo Marinho Instituto Mises Brasil, 13 abril.2016. *Podcast*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=430>. Acesso em: 01 nov.2019.

- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Niterói: Eduff, 2020.
- MUDDE, Cas. **Populist radical right parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- NAGLE, Angela. **Kill all normies: online culture wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Winchester: Zero Books, 2017.
- NERI, Marcelo. **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo: Saraiva Uni, 2012.
- NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- NOBRE, Marcos. **Ponto final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: Todavia, 2020.
- NOBRE, Marcos. **Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2022.
- NORRIS, Pippa. Conservatism in Disarray?. **The Brown Journal of World Affairs**. v. 3, p. 163-69, 1996.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ORTELLADO, Pablo. Guerras culturais no Brasil. **Le Monde Diplomatique**, n. 89, dez. 2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/guerras-culturais-no-brasil/>. Acesso em 14 out.2019.
- ORTELLADO, Pablo; GALLEGU, Esther. Nova Direita nas ruas? uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Cadernos Fundação Perseu Abramo**, n. 11, ano 7, 2016.
- ORTELLADO, Pablo; GALLEGU, Esther; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma da previdência. **Revista Em Debate**, v. 9, n. 2, p. 35-45, ago. 2017.
- ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Gráficos mostram polarização política nas redes sociais no Brasil. **Revista Galileu**, 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/graficos-mostram-polarizacao-politica-nas-redes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 14.ou.2019.

- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- O'SULLIVAN, Noel. Conservatism. *In*: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc (org.) **The Oxford handbook of political ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 293-311.
- PARENTE, Josênio. **A fé e a razão na política**: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000.
- PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico**: o espaço não popperiano do raciocínio. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PATSCHIKI, L. Os litores de nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.
- PATSCHIKI, Lucas. A burguesia dependente-associada e a crise: o Instituto Millenium em suas análises sobre 2008. *In*: PATSCHIKI, Lucas; SMANIOTTO, Marcos Alexandre; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (org.). **Tempos conservadores**: estudos críticos sobre as direitas. Goiânia: Edições Gárgula, 2016. p. 97-121.
- PETERS, Gabriel. **Percursos nas teorias das práticas sociais**: Anthony Giddes e Pierre Bourdieu. São Paulo: Anablume, 2015.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lúcia Mury. Da esperança ao ódio: juventude, política, pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU Ideias**, n. 278, v. 16, p. 1-13, 2018.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019.
- POCHMANN, Márcio. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.
- RADNITZ, Scott. Why the powerful (in weak states) prefer conspiracy theories. *In*: USCINSKI, Joseph (org.). **Conspiracy theories & the people who believe them**. New York: Oxford University Press, 2019. p. 347-359.
- RAZZO, Francisco. **A imaginação totalitária**: os perigos da política como esperança. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

- ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. *In*: VELASCO e CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2015. p 261-279.
- ROCHA, Camila. Passando o bastão: a nova geração de liberais brasileiros. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 02 out.2017a. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/71327#quotation>. Acesso em: 06 nov.2019.
- ROCHA, Camila. Think tanks ultraliberais e a nova direita brasileira. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 124, nov.2017b.
- ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”**: o liberalismo e a nova direita no Brasil. *Todavia*: São Paulo, 2021.
- RODRIGUES, Silvia Viana. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ROTHBARD, Murray. **A ética da liberdade**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SILVEIRA, L. Fabricação de ideias, produção de consenso: Estudo de caso do Instituto Millenium. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e História – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.
- SINGER, André. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). Companhia das Letras: São Paulo, 2018.
- SLOBODIAN, Quinn. **Globalists**: the end of empire and the birth of neoliberalism. Cambridge/London: Harvard University Press, 2018.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**. Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.
- STEPAN, Alfred (org.). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. Lisboa: Actual, 2013.
- STREECK, Wolfgang.. **How will capitalism end?** Essays on a failing system. London/New York: Verso, 2016.
- TARROW, Sidney. **O poder em movimento**. São Paulo: Vozes, 2009.

- TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política e Sociedade**, v.13, n.28, p. 35-62, set/dez. 2014.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- TEIXEIRA, Faustino. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p 17-37.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TIBA, Içami. **Família de alta performance: conceitos contemporâneos na educação**. São Paulo: Integrare, 2009.
- TIBA, Içami. **Educar para formar vencedores: a nova família brasileira**. São Paulo: Integrare, 2010.
- TROTSKY, León. **La lucha contra el fascismo**. Madrid: Fundacion Frederico Engels, 2004.
- USCINSKI, Joseph. **Conspiracy theories: a primer**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2020.
- VASQUES, Martim. **A tirania dos especialistas: desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- VIRACASACAS podcast #86 - Escola Sem Partido (dos outros). [Entrevistadores] Felipe Abal, Gabriel Divã e Carapanã. [Entrevistado] Diogo Salles. Viracasacas, 06 nov.2018. *Podcast*. Disponível em: <https://viracasacas.com/2018/11/06/86-escola-sem-partido-dos-outros/>. Acesso em: 09 nov.2019.
- VIRACASACAS podcast #127 - Como chegamos até aqui? [Entrevistadores] Felipe Abal, Gabriel Divã e Carapanã. [Entrevistada] Rosana Pinheiro-Machado. Viracasacas, 27 ago.2019. *Podcast*. Disponível em: <https://viracasacas.com/2019/08/27/127-como-chegamos-aqui-com-rosana-pinheiro-machado/>. Acesso em: 08 nov.2019.
- VON BEYME, Klaus. Right-wing extremism in post-war Europe. **West European Politics**, v.11, n.2, p. 1-18, 1988.